

Lívia Eliana de Britto Rios

A função do Manto do Reconhecimento na obra como *sinthome*
em Arthur Bispo do Rosario

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Psicologia – Área de Concentração em Estudos Psicanalíticos.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ana Cecília Carvalho

Belo Horizonte

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais

2007

Dissertação defendida e _____, em ____ de _____ de 2007 pela banca examinadora constituída pelos professores:

Prof^ª. Dr^ª. Ana Cecília Carvalho - Orientadora

Prof^ª. Dr^ª. Jacqueline de Oliveira Moreira

Prof. Dr. Oswaldo França Neto

Belo Horizonte

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais

2007

Aos meus pais, José de Castro Britto e

Martha Machado de Britto, dedico este trabalho.

Meu pai, devo-lhe a busca constante de crescimento

focada na luz do seu amor de *estrela-guia*.

Minha mãe, devo-lhe buscar manter os pés na luz do caminho,

na tentativa de alcançar a *estrela-guia* paterna que, então, fiz minha.

Meus agradecimentos

À professora e psicanalista Ana Cecília Carvalho, outra *estrela-guia* da minha vida, comprometida com a *práxis* da psicanálise e com a vivência da mesma posição ética de Freud. Sem a sua postura firme, sua confiança, sua determinação e a sua generosidade eu não teria chegado até aqui.

Ao professor Eduardo Dias Gontijo, também compromissado com a vivência da ética, que me permitiu continuar trabalhando no *atelier* da arte e da docência do saber de Freud.

Ao Antônio Saraiva Rios, pela ajuda e pelas orientações preciosas que me permitiram continuar na busca deste sonho ainda vívido dentro de mim e que agora se realiza.

Ao Menelick de Carvalho Neto, pela sua ajuda inestimável que me permitiu concluir mais esta etapa da minha formação profissional.

Ao José Amílcar de Queiroz Machado minha admiração pelo seu respaldo para a consecução do sonho do Curso de Mestrado em Psicanálise do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais.

Ao professor Cornelis Johannes van Stralen, Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, por sua presença solícita sempre que se fez necessária.

Aos professores do Curso de Pós-Graduação de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais Antônio Márcio Ribeiro Teixeira, Cassandra Pereira França, Jéferson Machado Pinto, Jésus Santiago, Lucia Castello Branco, Maria Teresa de Melo Carvalho, Oswaldo França Neto e Paulo César de Carvalho Ribeiro, aos quais devo muito e grande parte da minha formação em Psicanálise.

À Elizabete Maria de Amorim Felicíssimo, responsável pela Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, pelo acompanhamento de toda a minha trajetória no Curso de Mestrado em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais.

Aos meus irmãos Luiz Edmundo Machado de Britto, Leda Elizabeth de Britto, Maria Emília de Britto Pimenta, Marco Antônio Machado de Britto e Leila Terezinha Machado de Britto, pelo apoio e carinho que sempre me dispensaram.

Ao meu cunhado João Pimenta Freire Filho, por seu carinho e pela sua presença sempre acolhedora.

Aos meus sobrinhos e afilhados Renata Machado de Britto Pimenta e Marcelo Mauro Lobo Pereira Barbosa, João Pimenta Freire Neto e Talita Moraes Jorge, e agora a pequena Luiza Moraes Pimenta, pedaços do meu coração.

Às minhas sobrinhas Sabrina Pinheiro de Britto e Flávia Pinheiro de Britto, pela ternura e pelo sorriso lindo e acolhedor de ambas.

À vovó Augusta Dias de Miranda e Genuína de Queiroz Machado, minha madrinha Nonoca, pessoas presentes e significativas em todos os momentos importantes da minha vida.

Aos filhos de um *sonho de amor* Tatiana Machado de Britto Rios, Izabella Machado de Britto Rios e Rodrigo Machado de Britto Rios, pelos momentos em que precisei afastar-me de vocês para a consecução deste outro *sonho de amor* sublimado.

A Adriana Renna de Vitta, Anamaria Batista Nogueira, Anderson Nazareno Matos, Avilmar Rocha Maia, Denise da Silva Barbosa, Juliana Bressanelli, Liliane Camargos, Magali Milene Silva, Marisa Decat de Moura, Sílvia Grebler Myssior e Sueli Rodrigues Burgarelli, colegas do Curso de Mestrado em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais, pelo seu acolhimento, pela sua amizade e pelo seu carinho infinito.

A todos os meus analisandos que me permitem a busca de aperfeiçoamento no *saber fazer* da *práxis* psicanalítica.

Sumário

Introdução	9
Capítulo 1 – Dados biográficos de Arthur Bispo do Rosario	25
Capítulo 2 – Construções teórico-clínicas psicanalíticas necessárias à elaboração da noção lacaniana de <i>sinthome</i>	71
2.1. Elaboraões freudianas para a criação da noção lacaniana de <i>sinthome</i>	72
2.2. Desenvolvimento do pensamento lacaniano que acompanha a estruturação da noção de <i>sinthome</i>	98
Capítulo 3 – A importância do Nome-do-Pai e a conseqüente generalização dos Nomes-do-Pai	111
3.1. Nomações dos três registros como Nomes-do-Pai	126
3.1.1. Nomação do Simbólico como sintoma	128
3.1.2. Nomação do Real como angústia	131
3.1.3. Nomação do Imaginário como inibição	134
Capítulo 4 – Revisão do conceito de sintoma na teoria de Jacques Lacan	139
Capítulo 5 – Principais mudanças na clínica psicanalítica lacaniana	149
Capítulo 6 – A clínica da suplência e a construção da noção de <i>sinthome</i>	163
Capítulo 7 – A obra como <i>sinthome</i> em Arthur Bispo do Rosario	195
Capítulo 8 – A função do Manto do Reconhecimento na obra como <i>sinthome</i> em Arthur Bispo do Rosario	214
Considerações finais	240
Referências bibliográficas	259

Resumo

Nesta dissertação sobre a obra como *sinthome* em Arthur Bispo do Rosario tentaremos mostrar como a construção do Manto do Reconhecimento parece ter funcionado como um ego *construído* pelas suas mãos de artífice, na tentativa da unificação precária no Real da sua fragmentação interna psicótica. Esse manto, como um pavês narcísico, um mecanismo de defesa de um ego *realizado*, permitiu a sua proteção no que Bispo do Rosario chamava de “passagem para o novo mundo”. Bispo do Rosario tentava, assim, circunscrever o gozo no Outro e, ao mesmo tempo, participar de sua fruição, ao se apresentar *paramentado* como o Cristo da Redenção, na sua apresentação ao Todo Poderoso, no Dia do Juízo Final.

Para esta pesquisa, foram utilizadas principalmente as construções lacanianas julgadas importantes. Ao se revisitar Freud, sempre que se fez necessário, buscou-se, a partir de uma possível articulação entre os dois autores, uma fundamentação teórica psicanalítica consistente para a compreensão do enigma da compulsividade de Arthur Bispo do Rosario na reconstrução do mundo em séries intermináveis de objetos. Examinaremos também a sua procrastinação da solução da morte, como um modo de lidar com o vazio do Real, para sustentação, mesmo que precária, da sua vida. Pôde-se perceber, ainda, a importância da obra como *sinthome*, na função de suplência, desde que necessidade vital na psicose. Foi discutida a extensão da aplicação da noção laciana de *sinthome*, em suplência, segundo outras *nomeações*, além da orquestrada pela função paterna, na construção e na sustentação subjetivas e na tentativa do estabelecimento de um possível laço social.

Abstract

In this dissertation on the oeuvre of Arthur Bispo do Rosario, we have considered his artistic productions as a *sinthome* and intent to demonstrate how his creation of a Recognition Mantle seems to have functioned as an ego that was manufactured by this handcrafter, in an attempt to organize his internal psychotic fragmentation in the Real Register. This Mantle, like a narcissistic *pavês* (shield), an effective defense mechanism of the ego, permitted the Bispo do Rosario to feel protected on the “passageway to the new world”. In this manner, the Bispo tried to circumscribe the Other’s *juissance* while also taking pleasure in dressing up as Christ the Redeemer, in his representation of the Almighty on the Final Judgment Day.

Research was based on fundamental Lacanian theoretical concepts. Freudian theory was also reviewed, permitting cross-reference between these two authors on consistent psychoanalytical theoretical grounds, in an effort to better comprehend the mysterious compulsion of Bispo do Rosario who strove to reproduce the world in an unending series of objects. We shall also examine the way he procrastinated the death solution, so dealing with the void in the Real Register and, as such, devising a manner to precariously sustain his own life. One can perceive the importance of his oeuvre as a *sinthome*, in the substitute function, a vital necessity in psychosis. The possibility of applying the Lacanian notion of *sinthome*, in substitution, is herein discussed according to other nominations that advance beyond the paternal function, editing and sustaining subjectivity and also, attempting to establish social bonds.

Introdução

A presente dissertação visa a dar continuidade à monografia defendida e aprovada, em 2003, no Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, intitulada *A metapsicologia da sublimação*: principais aportes para a teoria e a clínica psicanalíticas, na qual foi feito o rastreamento das construções teóricas de Sigmund Freud, Melanie Klein, Jacques Lacan e Jean Laplanche sobre o tema da sublimação.

No trabalho de pesquisa que, então, pôde ser desenvolvido, tornaram-se perceptíveis as aproximações e os afastamentos em relação às construções teóricas dos autores, a partir de suas clínicas, explanações que, muitas vezes, tangenciaram-se e permitiram o questionamento da possível existência de uma série etiológica que fundamentasse o processo de criação, como a que Freud estipulou para a formação sintomática. Freud é explícito ao falar que os sintomas neuróticos são resultado de um conflito e da formação de compromisso inconsciente entre a pulsão sexual e os interesses do eu. O sintoma neurótico mostra-se resistente à sua erradicação, pois é apoiado pelas partes em conflito, e, ao mesmo tempo, como derivado de mecanismos inconscientes do recalçamento, foge à possibilidade do controle consciente pelo sujeito que dele padece. Freud lembra ainda que a libido insatisfeita, ao ser repelida pela realidade, poderá regredir a pontos de fixação que ocorreram no desenvolvimento libidinal, a partir dos traumas da experiência infantil, que passam, então, a possuir um valor semelhante à constituição sexual herdada na série etiológica, quando a libido buscará outras vias de satisfação.¹ É exatamente nessa confluência de fatores determinantes na série etiológica que poderá ser postada a possibilidade da criação, em qualquer sujeito. Freud explicitara,

¹ FREUD, Os caminhos da formação dos sintomas, p. 420.

inicialmente, a sublimação como possibilidade alternativa ao recalçamento.² Contudo, no decorrer da sua obra, ele trabalhou a sublimação junto ao recalçamento, já percebido como o mecanismo primordial responsável pela estruturação do aparelho psíquico. Em 1905, por exemplo, ele se referiu à formação reativa como uma subvariedade da sublimação, e a outros possíveis mecanismos de defesa da estrutura neurótica, pois a sublimação decorreria dos conflitos presentes nos sintomas.³ Assim, diz claramente que “a análise caracterológica de pessoas altamente dotadas, sobretudo as de disposição artísticas, revela uma mescla, em diferentes proporções, de eficiência, perversão e neurose.”⁴ Na sua tentativa de sistematizar a possibilidade da criação, Freud sempre se referiu à importância das fantasias incestuosas presentes na neurose, quando um verdadeiro artista tenta abrandar a origem incestuosa e proscrita dos seus devaneios na obra de arte.⁵ Contudo ele nada explicitou quanto à possibilidade da criação na psicose. Na carta 69 a Fliess, em 1897, Freud havia dito que na psicose mais profunda, a lembrança inconsciente não vem à tona, não sendo revelado o segredo das experiências da infância nem mesmo no delírio mais confuso.⁶ Freud, nessa carta, fala também não acreditar mais na sua “neurótica”, a primeira teoria das neuroses que, então, vinha desenvolvendo. Não haveria necessariamente um pai sedutor na origem da histeria, numa realidade material, e nas *Conferências introdutórias sobre psicanálise*, em 1916-7, mais uma vez ratifica o peso das fantasias no mundo psíquico, pois “no mundo das neuroses, a realidade psíquica é a realidade decisiva.”⁷ A partir daí, volta seu olhar para as psiconeuroses e para a importância das fantasias na estruturação de um psiquismo, quando também considera a possibilidade de criação como algo decorrente dos conflitos ligados aos sintomas e à depuração das fantasias da sua origem libidinal incestuosa.

² Cf. FREUD, Os instintos e suas vicissitudes, p. 147.

³ Cf. FREUD, *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, p. 166.

⁴ FREUD, *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, p. 224.

⁵ FREUD, Os caminhos da formação dos sintomas, p. 439.

⁶ FREUD, Carta 69, p. 280.

⁷ FREUD, Os caminhos da formação dos sintomas, p. 430.

Klein, retomando a noção freudiana da série etiológica na formação dos sintomas,⁸ realça a possibilidade de séries complementares atuando na formação do sintoma e na sublimação. Assim, a psicanalista esboça uma comunicação entre os dois processos — o da formação sintomática e o da criação —, ao ressaltar a importância da força do recalçamento pelas vivências edípicas precoces, a força exercida pela fixação das fantasias e pelos fatores constitucionais, quando, então, na esteira de Freud, lembra ainda a importância do talento de um artista na sua possibilidade de criação.⁹ Ao trabalhar os estados maníaco-depressivos, Klein mostrou que as tentativas de restaurar o objeto amado acontecem em estado de depressão e unidas com o desespero, pois o eu duvida de sua capacidade para efetuar tal restauração. Para a autora, essas tentativas são os fatores determinantes em toda sublimação e no desenvolvimento do eu.¹⁰ Apesar de a construção metapsicológica kleiniana aproximar-se do objeto de estudo desta dissertação — a criação artística na psicose —, e ter nos deixado contribuições relevantes, ela não forneceu o material necessário à compreensão do que buscávamos. O estudo empreendido sobre a sublimação nos autores pesquisados, naquela monografia, não foi suficiente para explicar a necessidade da criação compulsiva, por exemplo, em um psicótico como a que se apresentou em Arthur Bispo do Rosario, diagnosticado como um esquizofrênico-paranóide.

Bispo do Rosario, em seus dados biográficos, deixou claro que o significado da sua vida era a reconstrução do mundo em séries de objetos, para mostrá-las a um Deus criador, porém, ignorante de tudo o que povoa o planeta. Aquilo que, porventura, não fosse construído pelas suas mãos de artífice e mostrado a esse Deus Todo Poderoso, no Dia do Juízo Final, seria excluído na reconstrução do novo mundo.

⁸ FREUD, Os caminhos da formação dos sintomas, p. 423-4.

⁹ KLEIN, Análisis infantil, p. 91.

¹⁰ KLEIN, Contribución a la psicogénisis de los estados maníaco depresivos, p. 261.

Há, então, um enigma a ser desvendado na experiência da compulsão da criação num psicótico, como aconteceu com Arthur Bispo do Rosario, na confecção de suas séries infundáveis, organizadas segundo uma lógica singular, e do seu Manto do Reconhecimento, que funcionou como uma verdadeira peça-chave, pelo valor diferenciado no centro de toda a sua obra. Essa obra era composta por cerca de mil peças, contendo também alguns fardões, como verdadeiras peças do seu enxoval na viagem para o além.

Nesta dissertação, procuraremos esclarecer a função dessa obra para o sujeito psicótico que foi Arthur Bispo do Rosario. Para isso, lançamos mão da contribuição teórica lacaniana contida, sobretudo, nas suas formulações mais tardias. Contudo, em *O seminário, o livro 7: a ética da psicanálise*, principal marco teórico lacaniano utilizado na monografia trabalhada em 2003, embora não tenham sido encontradas coordenadas satisfatórias, ao se visar a sustentação teórica possível de se compreender a possibilidade da criação na psicose, vimos que, mesmo assim, Lacan conseguiu ali trabalhar algumas definições importantes, principalmente, a partir de Freud e Klein. Essas definições foram articuladas com outras construções elaboradas no decorrer do seu ensino e mostraram-se necessárias à consecução do objeto de estudo desta dissertação. Tentou-se, assim, responder ao enigma da compulsão de criação de Arthur Bispo do Rosario, na reconstrução de um outro mundo de perfeição, segundo a sua lógica particular, e a necessidade da confecção do Manto do Reconhecimento com o qual Bispo do Rosario se representaria diante de um Deus Todo Poderoso, no dia do Juízo Final. Arthur Bispo do Rosario considerava-se um Jesus Cristo, porém especial, desde que marcado com uma cruz iluminada nas suas costas. Contudo, a sua *passagem* para o novo mundo sempre foi adiada, numa procrastinação, como Schreber na sua cópula com Deus, ao visar à criação de uma raça especial de homens.

A formulação lacaniana dos objetos *a* foi decisiva para o que se buscava. Eles foram teorizados, por Lacan, em circularidade, sem uma visada desenvolvimentista, e trabalhados

em *O seminário, livro 10*: a angústia, como objetos oral, anal, fálico, invocante e escópico. A teoria do objeto *a*, no último ensino de Lacan, ultrapassa a idéia da castração como sendo a mortificação do gozo e vem mostrar que, no âmbito do parcial, o que se apresenta é uma vivificação do gozo. Em *O seminário, livro 10*: a angústia, o termo “castração” é substituído pelo termo “separação”. Lacan vai dizer que, quando descobre o objeto *a*, ele toca no sintoma de Freud que é interpretar o gozo a partir do Pai, isto é, interpretar a satisfação pulsional a partir da lei paterna. Lacan conclui *O seminário, livro 10*: a angústia, com a pluralização dos Nomes-do-Pai, pois não haveria um único agente capaz de reassimilar as diversas experiências de gozo que o sujeito teria ao longo da sua história libidinal. A castração estaria, assim, relacionada a esta figura de um agente, que, de alguma forma, agiria sobre o sujeito. Em *O seminário, livro 11*: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, Lacan desenvolve, como linha mestra, a teoria da separação e da alienação, como dois mecanismos essenciais na constituição do sujeito. A função do objeto *a* torna-se um absoluto, pois não implica uma relação com um objeto específico, e, como uma *função generalizada*, transcende à triangulação edípica e à sincronicidade temporal. Assim, os objetos órgãos *a* estariam presentes desde as origens da construção subjetiva e seriam formados pelos mecanismos da alienação e separação erógenas do Outro primordial, como peças destacadas, a partir de um corte passível de ser ou não ressignificado pela função paterna. Essa formulação lacaniana tornou-se decisiva para a compreensão da criação de maneira geral, inclusive na psicose. Os objetos órgãos *a* formados, quando da separação e alienação do Outro primordial, ressignificados ou não pela lei paterna, tornam-se passíveis de despertar a angústia, ao se presentificarem no espaço e no atemporal do inconsciente, desde que se mostrem ligados à série etiológica de um sujeito. Nesse sentido, a criação, na neurose, poderia ser postada em substituição aos pequenos *a*, como objetos causa do desejo, sustentados pelas fantasias e pelos devaneios que surgem como resultado dos sintomas neuróticos, como verdadeiros anteparos

defensivos à invasão do desejo incestuoso. Na psicose, haveria a possibilidade de a criação servir também como suplência compulsiva, inicialmente no delírio inventado, mais precisamente na construção da metáfora delirante, sempre tendo como referência algo que atenda ao gozo das origens. Tendo como substância de sustentação o conteúdo da metáfora construída, a criação da obra será colocada na posição dos objetos órgãos *a* e permitirá ao indivíduo um posicionamento no mundo na sua possível construção subjetiva, mesmo que precária. É esse o *saber inventado* psicótico que permitirá, então, a partir da compulsividade visível “na depressão e no desespero” lembrados por Klein, um possível afastamento do sujeito do Outro primordial, num movimento de embelezá-lo e de buscar agradá-lo, como Klein explicitaria, mas que, ao mesmo tempo, como Lacan nos mostra, ratificando Freud em Schreber, tenta afastá-lo de todas as formas, para não se misturar com ele.

Junto à criação do objeto órgão *a*, a outra resposta a um dos maiores questionamentos feitos, em 2003, e nos anos subsequentes à consecução da monografia do Curso de Especialização, foi encontrada, por fim, em *O seminário, livro 22: RSI*, já na topologia do último ensino lacaniano. Jacques Lacan conseguiu mostrar algo que se aproxima da articulação de uma série complementar, não num plano cartesiano, mas em três dimensões, pouco antes de construir a noção de *sinthome*. Ele conseguiu esclarecer por intermédio desta *chave*, numa construção teórico-clínica inovadora, grande parte das questões levantadas sobre a possibilidade da existência de uma possível série complementar que alicerçaria o ato da criação em conjunção com a formação sintomática, em qualquer estrutura clínica. Em *O seminário, livro 22: RSI*, Lacan parte da tese de que o sujeito é determinado pelo estreitamento dos pontos triplos dos cruzamentos do nó da topologia do seu último ensino.¹¹

Lacan ainda falou em um triplo, mas o acréscimo de um quarto elo — o *sinthome* — aconteceu no *Seminário* seguinte, dedicado a Joyce. Em *O seminário, livro 23: Joyce, o sinthome*, Lacan

¹¹ LACAN, *O seminário, livro 22: RSI*, p. 50, lição do dia 18/03/1975. (Mimeografado).

não usou uma vez sequer a palavra sublimação e, na sua construção, prescindiu por completo do que poderiam ser chamados traços paranóides do artista: seus sentimentos de perseguição, seu gosto por processos, seu caráter execrável,¹² quando forjou o neologismo *sinthome*, para se referir a Joyce, que é uma maneira antiga de se escrever o que posteriormente passou a ser escrito *symptôme*, na língua francesa. Lacan percebeu que havia uma confluência ou uma identificação do escritor ao seu sintoma e à sua obra, na busca de se fazer como um nome e de construir um *ego* em uma função reparadora, um verdadeiro *ego* ortopédico na função de remendo, uma maneira de *savoir faire avec le sinthome à partir du symptôme*. É o saber lidar com o sintoma, saber desembaraçá-lo, saber manipulá-lo, é o *saber fazer* com a própria imagem.¹³ Joyce conseguiu a sua estabilização, por meio da sua construção subjetiva, em suplência à falência da função paterna, pois o pai de Joyce delegou a educação do filho aos padres jesuítas. O que seria a função paterna permaneceu apenas no rastro da sonoridade da voz paterna, que se fez presente nas histórias e nas canções cantadas para o filho pequeno, em gaélico, língua abafada pelo inglês na Irlanda, pátria de James Joyce. A sonoridade da voz paterna parece ter servido como solo para a obra joyceana, pois nela os fonemas prevalecem, em detrimento do sentido das palavras, que são tratadas literalmente como coisas, no estatuto de letras. O Outro primordial ainda se acercou de Joyce, na literalização de sua escritura, mas Joyce não se desestabilizou, apesar de apresentar sinais de uma estrutura clínica psicótica. Assim, no rastro da possível *père version*, segundo Lacan, Joyce, por meio de sua escritura, construiu a sua subjetividade e seu nome, em substituição à *demissão de fato* da função paterna. Nessa linha de raciocínio, Lacan, a partir do estudo de Joyce e em resposta aos alunos da Universidade de Yale, falou que explicar a literatura pelo *sinthoma* lhe pareceria mais

¹² Cf. CHORNE, Una clínica de las suplencias: renovación del problema de la transmisión de la psicosis, *Estudios psicoanalíticos – Locura: clínica y suplencia* (2): 78.

¹³ Cf. LACAN, *O seminário, livro 24: L'insu que sait de l'une bévue s'aile à mourre*, p. 8, lição do dia 06/11/1976. (Mimeografado).

apropriado que explicá-la pelo inconsciente. Há algo na experiência literária de Joyce que foge à articulação de sentido da cadeia de significantes do inconsciente, pois a sua criação se liga ao vazio parasitado por um Real de gozo num *saber fazer* sem sentido, o que fica evidente quando Joyce usa de forma paradoxal a própria literatura para demonstrar tal possibilidade. O escritor no seu *saber fazer* autista, no entanto, conseguiu criar um laço social, pois sua obra tornou-se objeto de estudo por várias gerações de universitários, como Joyce havia previsto. Dessa forma, Joyce conseguiu um *ego consolidado*, segundo as palavras de Soler, em substituição à ausência do eu como a instância que, na segunda tópica freudiana, é sustentada pelo Édipo e pela apropriação de uma herança fantasmática na construção subjetiva do neurótico. Joyce conseguiu manter-se estabilizado, dar sentido à sua vida, construir sua subjetividade e estabelecer o laço social a que se propôs.

A construção da noção de *sinthome* por Lacan colocou-se, assim, como uma das alternativas além das possibilidades formuladas por Freud em 1916-7, nas suas *Conferências introdutórias sobre psicanálise*, explicitamente na “Conferência XXIII: Os caminhos da formação dos sintomas”, na qual trabalha a série complementar na formação sintomática e na possibilidade de a libido insatisfeita encontrar outros desvios para se aplicar na criação, dependendo inclusive da magnitude das forças pulsionais envolvidas no conflito do qual se originou o sintoma.

Na articulação teórica, a partir das contribuições lacanianas, tornou-se possível retomar a questão inicial que levou à pesquisa da sobreposição do sintoma e do ato criativo e da existência de uma possível série complementar que os alicerçasse, seja na neurose, seja na perversão ou na psicose, e da possibilidade do *criacionismo* do *sinthome*, a partir do sintoma, ao revelar a essência da singularidade em uma determinada construção subjetiva. A maneira assumida para fazê-lo, porém, poderá mostrar ainda a sobrederminação inconsciente na escolha do *sinthome* e na sua execução, conforme Lacan nos fala também sobre Joyce. Joyce

não sabia que fazia o *sinthome*. Ele o simulava, mas “estava disso inconsciente”. Assim, o artista é um puro artífice, é um homem do *saber fazer*.¹⁴ Haverá a força da determinação inconsciente seja no modo, numa possível *père version*, seja no material empregado, seja no sentido de vida buscada na construção de uma determinada subjetividade, seja no laço social a ser perseguido. Contudo, a letra de gozo do sintoma aproxima-se do sintoma somático freudiano e se coloca fora da influência do Inconsciente, mostrando-se, da mesma forma, no *sinthome*. Assim, a noção de *sinthome* ultrapassa aquilo que dependerá da determinação do Inconsciente. Conforme as palavras de Lacan, a função da arte poderá mesmo atingir o sintoma.¹⁵ Há, porém, uma ruptura entre os dois processos — o da formação sintomática e a do *sinthome* —, pois, embora possam apresentar partes inconscientes, mostram-se sob uma lógica diferente, na possibilidade da construção e da sustentação subjetivas na tentativa de cercear a força do pulsional, o que não será conseguido inteiramente. É o que Lacan chamou reiteradamente de “gozo”, quando do final do seu ensino, que não dependerá necessariamente da presença de fantasias incestuosas decorrentes do desejo sexual infantil indestrutível interdito. Freud deixara claro, no entanto, na “Conferência XXIII”, ao trabalhar a série complementar, que a libido insatisfeita poderá regredir a um tipo de auto-erotismo difuso, do tipo que proporcionava a pulsão sexual nas primeiras excitações. Em lugar de uma modificação no mundo externo, essas satisfações substituem-na por uma modificação no próprio corpo do indivíduo,¹⁶ que parece identificar-se ao que Lacan chama de sintoma gozo, quando, ao final do seu ensino, o corpo é tomado como a estrutura prevalente.¹⁷ Lacan chamará *sinthome* à tentativa de circunscrição desse sintoma gozo, na articulação do nó dos registros presentes na construção topológica que possa representar a estrutura de um

¹⁴ Cf. LACAN, *O seminário, livro 23: Joyce, o sinthome*, p. 159, lição do dia 09/03/1976. (Mimeografado).

¹⁵ LACAN, *O seminário, livro 23: Joyce, o sinthome*, p. 35, lição do dia 09/12/1975. (Mimeografado).

¹⁶ FREUD, *Os caminhos da formação dos sintomas*, p. 428.

¹⁷ Cf. LACAN, *O seminário, livro 24: L'insu que sait de l'une bévüe s'aile à mourre*, p. 38-9, lição do dia 21/12/1976. (Mimeografado).

determinado sujeito, a partir do sintoma. No entanto, haverá sempre uma *quota* de gozo que permanecerá aplicável ou não na criação e/ou na satisfação sexual direta. Freud também diria, em 1930, em *O mal-estar na civilização*, que há algo na natureza da própria pulsão sexual que nos nega satisfação completa e nos incita a outros caminhos.¹⁸

Ao resenhar o conteúdo do que foi expresso até aqui, vale lembrar uma fala de Gérard Pommier, que é pertinente para o estudo realizado: “A pulsão de morte é, assim, o primeiro encontro que o amor nos designa quando nascemos, e apenas o sintoma ou o ato criativo podem nos permitir prorrogar o que esse encontro tem de mortal.”¹⁹ Pommier ressalta, no entanto, que existe uma diferença fundamental entre a atividade da obra e a passividade do sintoma. O sintoma é sentido como um corpo estranho, enquanto a obra de arte pode ser assinada. Embora ambos apresentem suas especificidades, sabe-se, agora, o *porquê* da existência do entrecruzamento do processo de criação e do sintomático nas posições que um sujeito possa vir a ocupar segundo a determinação da sua estrutura clínica. Essas noções são importantes para o estudo aqui desenvolvido, ao se revisitar as construções psicanalíticas de Freud e Lacan no que concerne à possível construção subjetiva por meio da obra.

Assim, no presente trabalho, é realizada a pesquisa teórico-conceitual comparativa das contribuições julgadas pertinentes, em Freud e Lacan, em relação à sobreposição dos processos sintomático e criativo, principalmente no que concerne à psicose. Em Lacan, focalizaremos a topologia do seu último ensino, a partir do que formulou sobre a obra como *sinthome* em Joyce.

Será mostrada, nesta dissertação, que a noção de *sinthome*, referida ao Manto do Reconhecimento de Bispo do Rosario, ao ser avaliada em relação à psicose — considerada como um “sintoma puro” —,²⁰ funciona na posição de suplência do mesmo modo que o *como*

¹⁸ Cf. FREUD, *O mal-estar na civilização*, p. 126.

¹⁹ POMMIER, *O desenlace de uma análise*, p. 192.

²⁰ SKRIABINE, La clínica del nudo borromeano, *Estudios psicoanalíticos – Locura: clínica y suplencia* (2): 93.

se presente na metáfora delirante de Bispo — considerado como um “sintoma contingente”.²¹ Nesse sentido, a sua construção está ligada de forma privilegiada àquela de um *ego idéico em reparação* que busca manter a consistência subjetiva, mesmo que de forma precária, conforme uma possível representação, em nó, da estrutura clínica de Bispo do Rosario, que também ilustra este trabalho.

Serão trabalhadas duas definições de Lacan que, superpostas, mostram a importância das fases pré-genitais, segundo Lacan, na construção da noção de *sinthome*, sob a luz da qual, se trabalhará aqui a obra como *sinthome* em Arthur Bispo do Rosario. A primeira é a definição de sublimação, no que Lacan chama de sua *fórmula mais geral*, do *Seminário 7*, como a tentativa de se elevar o objeto à dignidade de *das Ding*,²² uma reconstrução que ele fez, identificável a um trabalho em *filigrana*, a partir de um estudo de sublimação de Klein, em 1923, e do estudo da mesma autora sobre a criação nos estados maníaco-depressivos, texto de 1934. A segunda definição é a de sintoma que se encontra no capítulo 9, em *O seminário, livro 10: a angústia*²³. Ali, Lacan lembra o gozo presente no sintoma que se torna, então, um ato que se sustenta narcisicamente sempre em direção a *das Ding*. Ainda em *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*, Lacan reporta-se a Freud no “Projeto para uma psicologia científica” e à noção de *das Ding*, como um vazio primordial. É em função desse fora-do-significado e de uma relação patética a ele que o sujeito conserva sua distância e constitui-se num mundo de relação, de afeto primário, anterior mesmo ao recalçamento originário.²⁴ Lacan lembra, assim, que o processo criativo, ao nascer a partir desse vazio primordial, nasce nas pulsões pré-genitais articuladas, portanto no gozo auto-erótico, mais cedo do que o momento em que se dá a divisão entre as instâncias psíquicas, isto é, antes de o eu ter nascido. É, por isso, que o presente estudo procura focalizar a importância da confecção do Manto do

²¹ SKRIABINE, La clínica del nudo borromeano, *Estudios psicoanalíticos – Locura: clínica y suplencia* (2): 93.

²² Cf. LACAN, *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*, p. 140. (Grifo nosso).

²³ Cf. LACAN, *O seminário, livro 10: a angústia*, p. 140.

²⁴ LACAN, *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*, p. 71.

Reconhecimento por Arthur Bispo do Rosario como um *ego ortopédico*, na tentativa de uma unificação subjetiva no Real. Trata-se de uma típica construção subjetiva do psicótico, que não conseguiu alcançar a formação do eu como foi expressa em *O ego e o id*, texto freudiano de 1923.²⁵ O Manto de Reconhecimento funcionaria também como a possível defesa do *ego realizado*, como um envoltório protetor, um pavês²⁶ na relação de Bispo do Rosario com *das Ding*, a Coisa freudiana, seu Deus feminizado, na tentativa de estabelecer um laço com o Outro primordial, porém, conservando-o a certa distância, para se sustentar precariamente como sujeito. O Manto do Reconhecimento, como uma produção de grande beleza na sua obra bruta, um verdadeiro envelope narcísico, é confeccionado sobre um material de textura vermelho-amarronzada de cor semelhante àquela da pele escura de Bispo do Rosario, como que em *metonímia*. A explanação de Freud sobre a existência de um primeiro *eu-corporal* como uma projeção da superfície da sua pele, será articulada ao que foi retrabalhado por Lacan em várias passagens dos seus últimos seminários sobre o fato de que é no saco da pele do corpo que se encontra pré-figurado o eu.²⁷

Ao se retrabalhar os conceitos pertinentes no estudo sobre a obra como *sinthome* em Arthur Bispo do Rosario e, nela, a função representada pelo Manto do Reconhecimento, nós os mostraremos sob novos ângulos, a partir de aspectos importantes de um caso de psicose, em que se percebe um delírio místico, como o de Daniel Paul Schreber, trabalhado a partir das suas *Memórias* por Freud, e a obra como *sinthome*, tal como trabalhado por Lacan, em James Joyce.

Na esteira de Luís Alfredo Garcia-Roza, acredita-se que, neste trabalho de pesquisa, será válido privilegiar, no seu desenvolvimento, a *liberdade imaginativa* sem, no entanto,

²⁵ Cf. FREUD, *O ego e o id*, p. 48-9.

²⁶ A palavra pavês foi tomada do Salmo 91, da Bíblia Sagrada, quando a palavra de Deus, como verdade, é referida como a um abrigo seguro para o crente. Essa articulação será desenvolvida em capítulo específico sobre “A função do Manto do Reconhecimento na obra como *sinthome* em Arthur Bispo do Rosario”, mais adiante.

²⁷ LACAN, *O seminário, livro 22*: RSI, p. 12, lição do dia 17/12/1974. (Mimeografado).

fugir à busca de uma articulação com o caráter rigoroso e restritivo da teoria, pois “produzir conceitos é inventar, é violentar o dado ultrapassando-o”.²⁸ Para tanto, a presente dissertação apresenta a seguinte organização:

No primeiro capítulo, são apresentados os dados biográficos de Arthur Bispo do Rosario, tendo como principal referência de consulta o levantamento realizado pela jornalista Luciana Hidalgo e relatado no livro *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, da Editora Rocco. A decisão por esse livro é devida à riqueza das fontes utilizadas por Hidalgo, desde os dados que constam no registro do batistério de Arthur Bispo do Rosario, na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Saúde, em Japaratuba, no Sergipe, até aqueles obtidos nos registros das seguintes instituições: Colônia Juliano Moreira, Centro de Documentação da Marinha, Confederação Brasileira de Pugilismo, *Light*, Polícia Civil do Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, Biblioteca da PUC-RJ, Tribunal Regional Eleitoral, Delegacia Regional do Trabalho, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Museu do Inconsciente, Centro de Documentação da Rede Globo e o Arquivo do Jornal do Brasil. Hidalgo entrevistou alguns membros da família Leone, que acolheu Bispo do Rosario, em Botafogo, e o médico Avany Bonfim, da Clínica Pediátrica, onde Bispo morou e trabalhou até a sua remoção definitiva para a Colônia Juliano Moreira. Entre outros, foram também ouvidos e completaram a lista: Hugo Denizart, Rosângela Maria Magalhães Gomy, Frederico Moraes, Heimar Saldanha Camarinha, Fernando Gabeira, José Castello e Carla Guagliardi. Outros dados foram tomados da pesquisa e do texto de Antonio Quinet, contidos no livro: *Teoria e Clínica da Psicose*, da Forense Universitária.

No capítulo 2, buscou-se o desenvolvimento das principais construções teórico-clínicas freudianas necessárias à elaboração da noção lacaniana de *sinthome*, embora Freud

²⁸ GARCIA-ROZA, *Introdução à metapsicologia freudiana*, p. 11.

não possui uma teoria sistematizada da criação, como ele reconhece, em 1930.²⁹ Em Lacan, tentou-se uma resenha do que foi julgado pertinente, tomando-se como referência o estudo de partes do seu texto que extrapolam o que ele elaborou para Joyce. Há que se lembrar, nesse sentido, que a clínica da suplência é a clínica do *um a um*, conforme a série complementar que domina cada subjetividade, mesmo ao se considerar uma determinada estrutura clínica.

No capítulo 3, foi revisitada a importância do Nome-do-Pai e a conseqüente generalização dos Nomes-do-Pai, segundo a clínica psicanalítica lacaniana. As nomações dos três registros RSI, como Nomes-do-Pai, foram retomadas na busca da estruturação teórica da pluralidade abarcada pelo conflito fecundo ligado à função paterna e às suas possíveis conseqüências. Há, assim, a extrapolação da visada de um pai encarnado, pois há uma significação múltipla na função paterna que poderá ser aplicável a cada construção subjetiva.

No capítulo 4, buscou-se trabalhar a revisão do conceito de sintoma na teoria de Jacques Lacan, para se tentar a sua articulação com a visão freudiana sobre o conceito de sintoma. Privilegiou-se a visada da satisfação pulsional do tempo auto-erótico das primeiras formulações freudianas para mostrar como essas noções se aproximam do sintoma gozo do último ensino de Lacan.

No capítulo 5, foram comentadas as principais mudanças na clínica psicanalítica lacaniana, que ultrapassa as categorias explicitadas na clínica freudiana, ao se aplicar também às condutas concernentes a cada estrutura clínica. A prevalência do “estruturalismo” Simbólico, referente à cadeia de significantes, quando o Inconsciente é percebido como o discurso do Outro, cede lugar à percepção do corpo como estrutura. Mesmo sendo o homem habitado pela linguagem que o atravessa, o significante não consegue apreender o gozo do sintoma, quando sempre sobra um resto irredutível à simbolização, o absoluto objeto *a*.

²⁹ FREUD, *O mal-estar na civilização*, p. 98.

No capítulo 6, foram tratados os adendos que formaram a clínica da suplência, desde seus primórdios, no mecanismo do *como se* já introduzido em *O seminário, livro 3*: as psicoses, e a construção da noção de *sinthome*, principalmente na psicose. Lembramos, ali, que Lacan estendeu a clínica da suplência da psicose à neurose, pois a loucura passou a ser o modelo do princípio de qualquer construção subjetiva e não como um *déficit* de uma aparente normalidade ou da estrutura clínica neurótica. Foram tratados os casos de Joyce e de Bispo do Rosario, como exemplos da psicose. Foi comentada, a título de exemplo, a construção da metáfora fóbica e do *sinthome* na sustentação subjetiva de Hans/Herbert Graf, como suplências à ineficiência da função paterna e como o *saber fazer*, no rastro de uma *père version*, foi decorrente de seus conflitos internos. Contudo, é perceptível a ruptura no *sinthome* em relação ao que foi expresso na metáfora fóbica, segundo uma outra lógica que se faz visível no *saber fazer*. Na conclusão do capítulo, foi realizada a sinopse das ferramentas da clínica psicanalítica lacaniana, a partir de uma súmula construída por Pierre Skriabine.

No capítulo 7, pôde-se, então, trabalhar a obra como *sinthome* em Arthur Bispo do Rosario, numa articulação com a fórmula geral da definição lacaniana da tentativa de se elevar à dignidade de *das Ding* os objetos do cotidiano de um hospício, na vertente de *letter a litter*, em um movimento inverso ao realizado por Joyce. O escritor irlandês, na sua escritura de decomposição da língua inglesa, como o redentor de “uma raça incriada”, buscou levar a língua inglesa, de *letter a litter*, quando os significantes chegaram a ser tratados literalmente como coisas, na prevalência da lalação da sonoridade da voz humana. Em Bispo, pelo contrário, a preocupação em “passar a limpo” os “rascunhos disponíveis”, leva-o a significantizar os restos do Real e do lixo de um manicômio, em séries de objetos heteróclitos, criando *assemblages* ou “vitrines”, conforme suas palavras, fardões, estandartes e panôs. Observou-se, como mote da sua construção compulsiva, a força da fragmentação visível na esquizofrenia-paranóide, ao atender à voz de Maria Santíssima, a figura feminina idealizada,

das Ding, seu Deus transexual. No pugilista Bispo do Rosario, o empuxo-à-mulher não se fez tão evidente como em Schreber. Em Bispo do Rosario, essa sexualidade feminina “escorre pela sua pele” constantemente limpa e hidratada com óleo, mantendo a “ação brilhosa” de dois metros de altura e se presentifica, no Real, em metonímia da sua pele, na beleza do Manto do Reconhecimento, um envelope narcísico, dentro do qual Bispo se mostra e se esconde, como dentro de uma capa, num movimento subreptício de empuxo-à-mulher disfarçado por detrás de uma máscara de grande beleza.

No capítulo 8, focalizou-se “A função do Manto do Reconhecimento na obra como *sinthome* em Arthur Bispo do Rosario”, na posição de um *ego realizado*, na tentativa delirante e unificadora da sua fragmentação interna, a partir da sua estrutura clínica. O manto foi usado também como um pavês, para impedir a invasão de um Deus que vocifera e que, na paranóia, é essencialmente perseguidor, de maneira diversa ao que foi explicitado no Salmo 91, quando para o crente, a palavra do Nome-do-Pai glorificado, é protetora e se posta como um verdadeiro escudo. O significado da vida de Bispo do Rosario foi servir a esse Deus ignorante de tudo que existe no mundo. Bispo, numa mistura flagrante com o Outro primordial, torna-se também Deus Pai Criador, além de ser o Cristo da Redenção, com uma cruz incrustada na carne das suas costas, sob a sua pele, no rastro da sua imagem delirantemente fabricada.

Nas “Considerações finais”, tentou-se mostrar a aplicabilidade da psicanálise na clínica da suplência na psicose, a partir do que o próprio Bispo permitiu ser apreendido na obra como *sinthome*, na psicose. Percebeu-se como a *nomeação para*, no Real, a partir de um projeto demandado pela mãe ou da força de um patronímico, poderá funcionar como possível suplência à elisão do pacto edípico, fornecendo um sentido para a vida de um sujeito. O estudo do caso “Arthur Bispo do Rosario” revelou-se paradigmático para se constatar a importância da obra como *sinthome* na psicose. Esse *sinthome* permitiu-lhe viver até a idade de 80 anos de idade, em condições, muitas vezes, impróprias à própria manutenção da vida.

Capítulo I

Dados biográficos de Arthur Bispo do Rosario

Confesso que até agora é difícil entender como Bispo foi capaz de erguer um império de formas e cores amarrado à rotina do asilo.

Luciana Hidalgo, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 9.

Arthur Bispo do Rosario nasceu em Japarutuba, uma pequena cidade do interior, a 54 quilômetros de Aracaju, capital de Sergipe. A data de nascimento é incerta e os únicos dados confiáveis referem-se ao ano de 1909 e ao provável mês do seu nascimento, inferido a partir dos dados do batistério registrado em livro próprio, na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Saúde, em Japarutuba. Os nomes dos seus pais aparecem explícitos no documento:

Aos 5 de outubro baptisei solemnemente Arthur, aos 3 mezes, legítimo de Claudino Bispo do Rosario e Blandina Francisca de Jesus.

Foram padrinhos Maximiniano Ribeiro dos Santos e Candida dos Prazeres.³⁰

Se, presumivelmente, Bispo do Rosario nasceu no mês de julho de 1909, a data de nascimento que consta no registro da Marinha é de 14 de maio de 1909 e a que consta no registro da *Light* é de 16 de março de 1911. Portanto, na última data, há desacordo inclusive quanto ao ano do seu nascimento. Seus dados biográficos revelam também outro desencontro, bastante sintomático: o *nome do pai*. Bispo do Rosario contrapõe o nome Adriano a Claudino na ficha de entrada na Escola de Aprendizes de Marinheiros, em Aracaju. O nome *Adriano Bispo do Rosario* aparece ainda na ficha de admissão de Bispo como empregado da *Light* e em um dos seus *panôs*, seguido do ofício de “carpinteiro”. “Sob medida para um homem que se identificava com Jesus e adotava São José, um carpinteiro de profissão, como pai,”³¹ diria Hidalgo. Posteriormente, os nomes de seus pais — Claudino Bispo do Rosario e Blandina Francisca de Jesus — foram apagados por Bispo dos seus dados biográficos: “Um dia eu simplesmente apareci no mundo”, segundo palavras de Bispo a diferentes pessoas e em diversos momentos da sua vida.

³⁰ Cf. HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 34.

³¹ HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 148.

Bispo do Rosario compôs uma biografia bastante peculiar, que foi desenvolvendo à medida que ia estruturando seu delírio místico. Assim, a fixação em São José foi uma de suas verdades.

Na casa onde morou em Botafogo, na Rua São Clemente, 301, seu terceiro “emprego” como “pau para toda obra” da família Leone, Bispo trabalhou sem aceitar remuneração, tendo como pagamento teto, comida e acolhimento. Bispo do Rosario se incluía na trindade que era formada por *Deus Pai* — o advogado patriarca José Maria Leone —, *Jesus Cristo* — o advogado filho Humberto Leone —, e ele, na posição de *São José*.

Bispo, posteriormente, passou a afirmar que, desde a infância, ouvia vozes de *São José*, o pai, e da *Virgem Maria*, a mãe, e que ele, Bispo do Rosario, era o próprio *Jesus*, configurando finalmente o triângulo familiar bíblico, mantido durante toda a sua vida, ao permitir que ele vivesse num mundo à parte dos locais onde realmente habitou. Possuía, porém, suas raízes fincadas em Japaratuba, no interior de Sergipe, sua terra natal, colonizada sob forte influência da Missão Católica, sintagma de um de seus *panôs*: “Missão Católica de Japaratuba”. O catolicismo, vivido na infância, influenciou toda a sua obra, os seus bordados, as suas crenças e os seus valores, e parte dos objetos por ele construídos.

O folclore era anterior a Arthur Bispo do Rosario. Nascido nessa vila cravada por sentenças seculares, ele gravaria de alguma forma a diversidade de bordados, fardões e tecidos das datas festivas. Um dia, designado “rei dos reis” por seres luminosos, ele teceria o próprio manto, vermelho, salpicado de bordados, se faria coroar e protagonizaria a própria vida sacra.³²

Passou cerca de cinquenta anos internado, produzindo uma obra com quase mil peças, entre períodos prolongados de jejum e noites de atividade intensa, atendendo a uma voz que lhe impunha fazer tarefas na reconstrução do mundo para apresentá-lo ao Deus Todo-Poderoso no dia do Juízo Final. Segundo Hidalgo, “Ele tinha o dom da criação, um deus absoluto no cubículo, esmerado na gênese do universo. Um universo constituído de

³² HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 39.

miniaturas.”³³ Em entrevista a Hugo Denizart, Bispo do Rosario diria: “Eu escuto uma voz e é essa voz que me obriga a fazer tudo isso.”³⁴

Bispo prestou serviços à Marinha dos 15 aos 23 anos, na função de sinaleiro. Viajou pelo litoral brasileiro em caça-torpedeiros, destróieres e couraçados. Um dos esportes praticados e valorizados na Marinha, na época, era o boxe, ao qual Bispo se entregou de corpo e alma, tendo vencido adversários robustos e violentos. Mais tarde, o que aprendeu nos ringues lhe valeu uma posição de *xerife* ou *faxina* na Colônia Juliano Moreira, onde passou grande parte de sua vida, vindo a ocupar uma posição de destaque e respeito entre os funcionários e os outros internos. Pelo regulamento da Colônia, os funcionários não podiam bater nos pacientes, mas, como eles nem sempre conseguiam conter aqueles mais excitados, acabavam usando outros métodos criados informalmente. A função do *xerife* era, além de reprimir os agitados, ajudar também nas demais tarefas necessárias, ao auxiliar enfermos e ao colocar ordem na casa. Bispo do Rosario se impôs e criou um estilo próprio para *sedar* os mais agressivos: ao invés da luva de boxe, enrolava na mão uma toalha molhada entrelaçada entre os dedos e improvisava um soco inglês.

O traquejo de pugilista assegurou-lhe um espaço confortável no altar dos funcionários. Ocupava posição privilegiada na hierarquia do pavilhão, tomava café com os guardas, freqüentava o círculo do poder no núcleo Ulisses Viana. Era como um deles. Afinal, tantos serviços prestados incluíam compensações. Bispo podia ficar acordado até as dez horas da noite jogando conversa fora, enquanto os outros internos obedeciam ao toque de recolher, quatro horas antes. [...] Todo santo dia, às dezoito horas, o ritual fazia a Colônia vibrar ao som do hino da Virgem. Embalava, dava um tom suntuoso ao hospício e anunciava o desfêcho de mais um dia no quartel-general da “loucura”.³⁵

A vida na Marinha se fez presente também como uma referência em toda a sua obra. Aos 15 anos de idade, em 23 de fevereiro de 1925, foi levado à Escola de Aprendizes de Marinheiro, pelas mãos do pai, em Aracaju. Em um ano, de aprendiz foi a grumete e, em

³³ HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 89.

³⁴ DENIZART, *O prisioneiro da passagem: Arthur Bispo do Rosario*, filme. Cf. HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 142.

³⁵ HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 23.

1926, desembarcou no Porto do Rio de Janeiro. Bispo era, então, o número 15148 do Quartel Central do Corpo de Marinheiros Nacionais Villegaigon. Sua conduta na Marinha apresentou altos e baixos, entre comportamentos considerados exemplares e faltas. Punido e preso em agosto de 1929, permaneceu oito dias numa solitária. Morava a bordo dos navios e, ao ancorar, nunca desembarcava nas cidades. De grumete passou a sinaleiro e as bandeiras passaram a ocupar um lugar significativo na sua vida, não só na Marinha, mas também em sua arte.

Com uma bandeirola em cada mão, Bispo emitia sinais diferentes. Cada posição significava uma letra ou um número. E assim ficava estabelecido o diálogo no mar. O maestro Arthur Bispo do Rosario dirigia o espetáculo, chegando ao posto de sinaleiro-chefe. Comunicava-se com esquadras em alto-mar e, na embarcação, ficava no passadiço junto com os oficiais, sob ordens estritas. [...] O sinaleiro deveria conhecer bem as bandeiras nacionais de guerra e mercante dos estados marítimos. Uma infinidade de cores e emblemas das nações pelo mundo.³⁶

Serviu na Marinha de 1925 a 1933 e, no diário de sua imaginação, viajou pelo mundo, apesar dos registros não mencionarem viagens além do litoral brasileiro, em embarcações típicas dos anos 20 e 30: Dom Floriano, destróier Pará, tender Belmonte, CT (Caçatorpedeiro) Piauí, encouraçado São Paulo e CT Rio Grande do Norte, muitos deles reproduzidos em suas miniaturas. Desse tempo, Bispo confeccionou um álbum de retalhos com papéis azuis costurados num papelão branco no qual aparecem os nomes e as funções dos marinheiros a bordo do destróier Pará. Há uma inscrição curiosa de um sinaleiro, que serviu à Marinha no intervalo de duas guerras mundiais.

SUSPENDA IMEDIATAMENTE
SIRVIR DE COMBOI NA COSTA BRASILEIRA
NAVIO QUE TRAZE RESTOS MORTAES
DOS SOLDADOS MORTOS NA GUERRA

³⁶ HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 76-77.

Em 1929, o jovem sinaleiro Arthur Bispo do Rosario solicitou a sua carteira de identidade, e o Gabinete de Identificação da Armada o registrou sob o número 15191. Ele deixou a digital do polegar direito impressa na ficha e posou para duas fotos 3x4, de frente e de perfil, metido no uniforme branco de marinheiro. Apesar do posto de destaque que conquistou, em 8 de junho de 1933, no Boletim do Ministério da Marinha, sob o título “Exclusão de praça” foi publicado o ato de exclusão de Arthur Bispo do Rosario, de acordo com o art. 41. O referido artigo impunha a pena de exclusão de serviço da Armada, por incapacidade moral, àquele marinheiro que cometesse qualquer ato infamante, a juízo do Ministro da Marinha.

Anos depois, Bispo deu o seu depoimento sobre a sua exclusão:

Quando eu era da Marinha, eu era pugilista, levei muita pancada. Hoje eu me sinto. Resolvi cair fora porque os oficiais não gostavam de marinheiro no jornal. Me prendiam quando eu tinha lutas marcadas com empresário. Aí eu caí fora.³⁷

Ao sair da Marinha tentou profissionalizar-se como boxeador.³⁸ Bispo reproduziu entre os objetos que construiu um ringue de boxe e um saco de pancadas, objetos significativos dos dias no pugilismo. Segundo as palavras de Hidalgo: “O ex-pugilista inscreveria sinais de uma fama perdida no tempo, bordados num minúsculo saco de pancada: TREINA A PUNHO SACO AREIA DE BOXE”³⁹.

Seis meses depois de deixar a Marinha, em dezembro de 1933, Bispo foi admitido como empregado pela Viação Excelsior, firma subsidiária da *Light*. Era o responsável pela higienização dos ônibus da Empresa. Na época, ele passou a morar na Praça XV de Novembro, número 34, e trabalhava na garagem dos ônibus, no Largo dos Leões, na Rua Voluntários da Pátria, o ponto final da linha Mauá — Largo dos Leões. Nesta função, passava madrugadas, dias úteis, domingos e feriados, empenhado na lavagem dos ônibus. Pelo seu

³⁷ Cf. HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 79.

³⁸ QUINET, *Teoria e Clínica da Psicose*, p. 225.

³⁹ HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 79.

bom desempenho, foi promovido a vulcanizador — o borracheiro dos coletivos. A Viação Excelsior, inovadora no ramo de coletivos urbanos, com soluções diferentes de tudo o que era então conhecido, atendia a várias partes do Rio, com linhas diversas. Foi ali que se criou a função de trocador e colocou-se em circulação carros cinzentos muito baixos, elegantes e cômodos, que facilitavam o embarque e desembarque de senhoras, principalmente. É também de iniciativa da Viação Excelsior o uso dos ônibus de dois andares, o Imperial, batizado popularmente como “chope duplo”. Era da responsabilidade de Bispo do Rosario cuidar dos carros da próspera Empresa. Em 2 de agosto de 1935, Bispo sofreu o primeiro acidente, sem maiores conseqüências: uma contusão na perna esquerda. Algum tempo depois, na madrugada de 24 de janeiro de 1936, Bispo caiu do ônibus 162 e teve parte do pé direito esmagada, cuja seqüela o fez mancar pelo resto da sua vida. O acidente foi registrado em documento próprio e assinado por três testemunhas, tendo Bispo do Rosario admitido casualidade como fator gerador do acontecido. Um ano depois, Bispo foi despedido por recusar-se a cumprir ordem de um encarregado e, além disso, por ameaçá-lo. Em 16 de agosto de 1937, Bispo do Rosario conheceu o advogado Humberto Leone, que o defendeu na causa trabalhista devida ao acidente, conseguindo a indenização justa pela perda física sofrida. Foi nessa época que Humberto Leone o acolheu no casarão da sua família, em Botafogo. Bispo, ao recusar-se a receber salário na casa dos Leone, trabalhou tendo como pagamento o teto — um quarto e um banheiro particular no fundo do quintal da casa —, as refeições e o acolhimento da família, formada pelo Dr. José Maria e D. Auta e seus nove filhos: Humberto, Ericinha, Valquíria, Iolanda, Evangelina, Belenita, Maria José, Olinto e Celina. A maior parte dos nomes bordados no interior do Manto de Reconhecimento é composta por nomes femininos e, entre estes nomes, o número dos nomes das mulheres da família Leone é significativo.

Na noite de 22 de dezembro de 1938, no fundo do quintal da casa dos Leone, Bispo relata que recebeu a ordem para se *apresentar*, como Jesus Cristo, aos padres da Igreja da

Candelária, no centro do Rio de Janeiro. Antes de sair do casarão, interpelado por Humberto Leone, disse apenas que ia se *apresentar* na Igreja da Candelária. Iniciou assim a sua peregrinação, durante dois dias, escoltado por *anjos em nuvens especiais e atendendo a uma voz imperiosa do além*. Esta peregrinação foi relatada, em minúcias, muitos anos mais tarde, em um dos seus estandartes, tendo sido então o próprio Bispo do Rosario quem fez a sua escritura, em bordados.

22 DEZEMBRO 1938 – MEIA NOITE ACOMPANHADO POR – 7 – ANJOS EM NUVES ESPECIAS
 FORMA ESTEIRA – MIM DEIXARAM NA CASA NOS FUNDO MURRADO RUA SÃO
 CLEMENTE – 301 – BOTAFOGO ENTRE AS RUAS DAS PALMEIRAS E MATRIZ EU COM
 LANÇA NAS MÃO NESTA NUVES ESPÍRITO MALISIMO NÃO PENETRARA AS 11 HORAS
 ANTES DE IR AO CENTRO DA CIDADE NA RUA PRIMEIRO DE MARÇO – PRAÇA – 15 – EU
 FIZ ORAÇÃO DO CLEDO NO CORREDOR PERTO DA PORTA – VEIO MIM HUMBERTO
 MAGALHAES LEONI – ADVOGADO MESTRE PARA ONDE EU IA PERGUNTOU EU VOU MIM
 APRESENTAR – NA IGREJA DA CANDELÁRIA ESTA FOI MINHA RESPOSTA EU ABRIR A
 PORTA LADO LESTE UM JARDIM VARAS CORES AO 7 – METROS DE FRENTE UM PORTÃO
 DE – 2 METROS DE ALTURA DE FERRO LADO ESQUERDA COM SEUS GRADEADO TODAS
 DE PONTA LANÇA UM METRO E VINTE ALTURA – 10 – ESPAÇOS – UMA POLEGADA
 SOBRE UMA PILATRA DE 60 – CITIMETROS DE CIMENTO PISO DE LADO ESQUERDA – 70 –
 LARGURA ATÉ PORTÃO EU FIQUEI NA CALÇADA ESPERANDO NO PONTO DE PARADA –
 FICA ENFRENTE NUMERO 301 – BONDE – JARDIM LEBLO TOMEI ESTA CONDUÇÃO JA NO
 FIM DESTA RUA AOS 10 – MINUTOS FEZ CURVA PARA LADO ESQUERDA – SEQUE
 VIAGEM PELA PRAIA DE BOTAFOGO RUA SENADOR VERGUEIRO EM SUA VELOCIDADE
 NORMAL VAI PELO CENTRO – QUASE NO FIM UM PEQUENO QUARTERÃO FAZ CURVA
 PARA DIREITA NESTA RUA DE ESQUINA OBSERVO UMA EMBAIXADA – CURVA A
 ESQUERDA ENTRA NA PRAIA DO FLAMENGO LOGO OBSERVEI QUE É OS FUNDOS DO
 PALACIO DO CATETE – SEDE DE SUA EXCELENCIA PRESIDENTE – ESTADOS UNIDOS DO
 BRAZIL – UM PORTÃO DE FERRO LARGO COM SUAS GRADES DE PONTA DE LANÇAS
 SOBRE PILATRAS DE PEDRA AOS 2 – METROS DE ALTURA PODE SER MAIS – 100
 DISTANCIA UM SOLDADO EXERCITO DE SINTILNELA COM SEU FUZIL NA COSTA SUA
 BANDLEIRA AFRENTE COURO PROXIMO GURITA JARDIM ...

Naquele Natal, ao som dos sinos da Igreja da Candelária, Bispo do Rosario fez a sua entrada de reconhecimento em um templo católico. Então, ele anunciou aos padres: “Vim julgar os vivos e os mortos.” Bispo acreditava que havia uma cruz luminosa nas costas, marca

inconteste de ser ele o predestinado de Deus, como seu único Filho, e que os padres veriam esse sinal de luz, dando-lhe o seu lugar de destaque na Igreja.

Enviado ao Hospital Nacional dos Alienados, na Praia Vermelha, no Rio de Janeiro, no dia 24 de dezembro de 1938, aos 27 anos, como indigente, sem documentos, Bispo do Rosario ganhou uma nova morada, não no catolicismo, marca de suas origens, mas num lugar histórico, na então Capital do País. O manicômio, batizado inicialmente como Hospício Dom Pedro II, foi o primeiro asilo oficial do Brasil, tendo sido criado por decreto do Imperador Dom Pedro II, em 1841, e colocado em funcionamento em 1852.

No dia seguinte, Humberto Leone, ao estranhar a conduta e a ausência demorada de Bispo do Rosario e conhecedor da sua devoção, resolveu procurá-lo na Igreja de São José, na Rua Primeiro de Março. Os padres confirmaram a presença de um sujeito com o biótipo de Bispo, que havia se apresentado na Igreja falando ser São José. Bispo, no entanto, nunca se referiu ao fato de haver estado na Igreja de São José, nem verbalmente nem em seus bordados. Ele acabou também por substituir, na sua fala, a Candelária pelo Mosteiro de São Bento, depois de haver registrado, em letras bordadas, a sua passagem pela Igreja da Candelária. Bispo chegou a afirmar que foi reconhecido pelos frades no Mosteiro, pela cruz luminosa, presente em suas costas, que o teriam encaminhado ao Hospital da Praia Vermelha, de onde julgaria os vivos e os mortos e regeria o seu próprio reino. Quando Humberto o encontrou, já no Hospital Pedro II, Bispo estava no chão desenhando, dizendo coisas sem sentido, e não o reconheceu.

Passadas as festas natalinas e as comemorações do *reveillon*, no ano seguinte, no dia 25 de janeiro, Bispo foi transferido para a Colônia Juliano Moreira, em Jacarepaguá. Ali, Arthur Bispo do Rosario ganhou uma ficha carimbada, sob o número 01662. Entre os poucos dados que foram colocados na ficha, foi explicitada a condição social de indigência e o diagnóstico psiquiátrico de esquizofrenia-paranóide. Após a triagem, Bispo foi alojado no Pavilhão 11 do

Núcleo Ulisses Viana, onde eram trancafiados os doentes agressivos e perigosos. No quarto-forte de Bispo, existia apenas um colchonete sobre o chão. O vaso sanitário era um buraco no chão todo sujo de fezes. A comida era servida em bandejas pelos funcionários. “O aprisionamento era lei naqueles tempos em que não havia tranquilizantes para driblar os nervos.”⁴⁰

Cerca de dez anos depois da noite de 22 de dezembro de 1938, entre idas e vindas, — que envolveram o casarão dos Leone, em Botafogo, as casas das novas famílias constituídas pelos filhos do velho casal Leone, o próprio escritório de advocacia de Humberto Leone, a clínica de pediatria de um genro da família e o Hospital da Praia Vermelha —, em abril de 1948, Bispo do Rosario foi removido definitivamente para a Colônia Juliano Moreira, onde permaneceu até morrer.

Em 1964, após um dos surtos que o acometeram, foi internado novamente num quarto-forte para loucos furiosos, no Pavilhão Ulisses Viana, da Colônia. Bispo permanecia trancafiado, recusava comida e passava com copos de água com açúcar durante semanas, quando dizia: “Vou secar para virar santo.”

Em pouco tempo, após sua internação, os funcionários do Manicômio viram em Bispo do Rosario um poderoso aliado na função de segurar os agressivos na tentativa de contê-los.

Na Colônia, Bispo do Rosario fez jus ao lema que identificava a política explicitada na entrada do Hospital: *Praxis omnia vincit*. Foi o interno que mais se enquadrava nessa máxima, ao atender a uma voz do além que o obrigava a trabalhar dia e noite, a jejuar e a só descansar aos sábados. Se o “Trabalho tudo vence”, o sentido da existência de Bispo do Rosario, como interno na loucura de um manicômio, passou a depender da reprodução compulsiva de todas as coisas que existiam no mundo, em miniaturas, para apresentá-las ao Todo-Poderoso, no dia do Juízo Final. A responsabilidade de Bispo do Rosario tornava-se maior a cada dia, pois o

⁴⁰ HIDALGO, Arthur *Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 22.

que não fosse reproduzido fielmente não apareceria no novo mundo idealizado: “Um mundo só de ouro, prata e bronze, só de planícies, sem doença mental, violência nem sofrimento.”⁴¹

Da mesma forma que Bispo se acostumou a deter os agressivos, ele também aprendeu a pedir ajuda para se conter. Um dos sinais da sua transformação era uma pergunta solta no ar, que era feita independente do contexto em que a conversa estava se desenrolando: “O senhor não está vendo nada aqui em cima da minha cabeça? [...] Eu trago um deus comigo. Deus está peneirando aqui em cima, está querendo falar comigo. [...] Me prende porque eu estou me transformando em rei. Me prende que eu vou entrar em guerra.”⁴²

Foi nesse quarto-forte que Bispo do Rosario, assombrado pela obsessão de ser um enviado de Deus, ficou responsável pela reconstrução do universo em miniaturas.

Uma verdadeira escansão em sua vida ocorrerá no dia em que, internado na Colônia Juliano Moreira, terá uma alucinação auditiva decisiva. Em sua atividade de “faxina”, Bispo enrolava uma toalha na mão e batia para valer nos internos que se rebelavam. De uma feita bateu tanto que foi punido, indo parar numa solitária. É nessa época, provavelmente em 1967, que Frederico de Moraes situa o desvelamento da missão de Bispo, quando este ouviu uma voz que lhe disse: “Está na hora de você reconstruir o mundo.” Podemos situar aí o momento desencadeante de sua criação como sintoma, [...].⁴³

O fio azul dos uniformes desfiados, do seu e o dos outros internos, é uma constante nos seus bordados, bem como os outros recursos que tinha em mãos, como lençóis, cobertores da Colônia e outros objetos, restos e rascunhos do hospício passados a limpo e transformados em *panôs*, estandartes e miniaturas.

A arte de Bispo nascia embutida de sacrifício. Os dedos ligeiramente emperrados se lançavam numa impressionante técnica inventada pelo artesão. Na falta de material, Bispo desfiava o próprio uniforme azul da Colônia Juliano Moreira. Desfazia a veste, aproveitava fio por fio e começava a tecer a teia que abrigaria os lotes do novo mundo.⁴⁴

⁴¹ HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 48.

⁴² HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 25.

⁴³ QUINET, *Teoria e Clínica da Psicose*, p. 226.

⁴⁴ HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 26.

O azul destaca-se nos trabalhados bordados cujos temas são navios, bandeiras e muitas, muitas palavras. Nomes de países que povoam as suas viagens imaginárias, num ideal de conagração dos povos, mulheres belas e virgens, de medidas perfeitas, idealizadas, funcionários da Colônia, ex-colegas, vários registros de idéias e imagens, de acordo com suas vivências, povoam toda a sua obra.

Segundo A. Quinet,

Essa tarefa de “reconstrução” teve método e seguiu as seguintes etapas, de acordo com Frederico de Moraes: em primeiro lugar veio o texto, em seguida os objetos mumificados, depois as “*assemblages*” ou vitrines, os cetros das Misses e por fim as embarcações. Ao longo dessas etapas, Bispo reuniu objetos esparsos, enigmáticos para nós, que ele colecionava como parte do mundo.⁴⁵

Pela posição conquistada dentro do Hospital, Bispo podia ficar conversando até mais tarde, enquanto os outros internos eram obrigados a cumprir o toque de recolher às dezoito horas, ao som da Ave Maria, no alto-falante da Colônia. Às seis horas e meia da manhã, todos despertavam e às sete horas e trinta minutos, os funcionários apresentavam os pacientes mais graves aos médicos. Um almoço farto era servido. Mais tarde, um lanche rápido e antes do pôr-do-sol, o jantar. Antes do toque de recolher, os funcionários serviam nos pavilhões leite e, nos dias quentes, um suco. Mesmo assim, Bispo do Rosario comia pouco. Caso alguém não pegasse a bandeja para ele, ele costumava buscá-la e ia comer longe, mas sempre pouco. Buscou sempre o isolamento. As colheres eram distribuídas aos internos em épocas determinadas do ano. Muitas vezes eles as perdiam, ou jogavam fora. Alguns as transformavam em ferramentas úteis para as fugas em massa. Bispo recolhia também essas sobras, junto a congas, chinelos e uniformes, que eram utilizados em sua obra.

O prontuário de Bispo do Rosario na Colônia Juliano Moreira guarda um mistério: ele é um filho sem pai e sem mãe. Bispo, sempre que pôde, esquivou-se de informar dados de sua origem. Bispo nasceu e foi criado sob a pressão do catolicismo e o seu patronímico, de origem

⁴⁵ QUINET, *Teoria e Clínica da Psicose*, p. 226.

paterna, é composto por dois substantivos ligados à Igreja Católica. “Bispo” é o padre que recebeu a plenitude do sacramento da Ordem da Igreja Católica Apostólica Romana e que exerce o governo espiritual de uma diocese.⁴⁶ “Rosário” é uma enfiada de 165 contas, correspondentes ao número de 15 dezenas de ave-marias e 15 padre-nossos para serem rezadas como prática religiosa.⁴⁷ Em nossa cultura, “do Rosário” refere-se a nome feminino, em analogia à mãe de Jesus Cristo e à oração que ela teria ensinado, em aparição, a ser feita pelos cristãos, em seu próprio nome: a Ave-Maria. O patronímico “Bispo do Rosario” parece ancorar o seu destino místico,⁴⁸ podendo propiciar elementos significativos para a sua construção delirante. Segundo Hidalgo, “Bispo contrariava a roda da fortuna e contava a história do aparecimento no mundo pelos braços da Virgem Maria. Ela era a matriarca do coração, uma santa invisível que lhe dava forma e conteúdo. Ele a ouvia e respeitava, e a chamava de mãe.”⁴⁹

Em seus surtos, Bispo do Rosario andava de um lado para outro da cela, passando a mão na cabeça, reclamando da insuportável pressão e falando frases desconexas, sobre reis e rainhas do outro mundo, e ainda se distinguia: “Eu sou o rei dos reis.”

Compensado, buscava desvios para compensar a monotonia da Colônia: “Era um dos privilegiados munidos de autorização médica para circular dentro da Colônia, benefício que ele aproveitava nos hiatos da vida de exilado.”⁵⁰ Aproveitava essa licença especial não só para ir à cata de material para a sua obra, mas também para visitar os funcionários da Colônia e as suas famílias. Chegava inclusive a executar serviços gerais nas casas dos funcionários sempre que era solicitado. Segundo a política importada da Europa, pelo próprio médico que deu seu nome à Colônia — Juliano Moreira —, a convivência entre funcionários e doentes era

⁴⁶ FERREIRA, *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, p. 262.

⁴⁷ FERREIRA, *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, p. 1522.

⁴⁸ Cf. CASTELLO BRANCO, *Em nome do Pai, em nome do Filho*, p. 134.

⁴⁹ HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 33.

⁵⁰ HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 27.

importante para a recuperação mental dos internos. Por outro lado, quando à margem da vida na Colônia, Bispo ilhava-se num pedaço de cela e se esforçava para construir um outro mundo mais palatável, no qual ele era o rei. Na realidade do cotidiano do manicômio, fora do abrigo da sua cela e do mundo confortável da casa dos funcionários, Bispo sofria com as injunções de uma medicina que lutava contra as doenças mentais por meio das armas elétricas e das armas cirúrgicas — embora Bispo tenha conseguido se safar da lobotomia que invalidou e matou muitos dos seus colegas. No que diz respeito às armas químicas, Bispo foi obrigado, muitas vezes, a entrar no jogo químico, apesar dos seus efeitos colaterais, como a síndrome de Parkinson, cujas manifestações Bispo repudiava veementemente por dificultar o seu trabalho de arteção no uso das suas mãos ágeis. Quanto a isso, Hidalgo relata:

No cabo de guerra entre a psiquiatria e as correntes humanistas, essas armas da psicofarmacologia acabariam taxadas de camisas-de-força químicas. Para Bispo, isso tudo era a morte.

Ele saiu de fininho ao perceber que as novas drogas lhe minavam a capacidade de trabalho. Afinal, não podia parar. A missão de reconstrução do mundo em miniaturas era maior que tudo. E, mais uma vez, o respeito adquirido como *xerife* de pavilhão lhe possibilitava exercer o papel de autêntico fora-da-lei. Segurava a onda alucinógena e recusava medicações sempre que podia.⁵¹

A Colônia Juliano Moreira, fundada em 1920, estava aberta à importação de quaisquer modismos que vigoravam na Europa. Em 1938, a terapia do choque elétrico tornou-se a moda e Bispo, muitas vezes, foi submetido a ela. Havia pelo menos um instrumento de choque em cada pavilhão da Colônia, para dar conta da demanda de dominar instintos e emoções e de castigar internos que porventura agredissem funcionários.

Em 1936, Egas Moniz, em Portugal, inventou a lobotomia. Recebeu o Prêmio Nobel de Medicina, em 1949, e, em 1952, ganhou uma unidade médica com o seu nome na Colônia Juliano Moreira — a Clínica Psicocirúrgica Egas Moniz. Em relação à nova importação da Europa, Hidalgo relata algumas palavras que revelam o espírito que, durante algum tempo, imperou na Colônia: “É lindo, muito chique! – Exclamou o guarda B.G., orgulhoso da

⁵¹ HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 49.

aparelhagem sofisticada, ao entrar pela primeira vez no centro médico.”⁵² Essa medida e as outras que então passaram a vigorar, acabaram por transformar a Colônia em um hospital de insegurança máxima. O guarda C. J., em boletim extra-oficial, depois de desativado o Egas Moniz, diria: “De dez pacientes operados, pelo menos um morria.”⁵³

Guardas cortavam um dobrado no pavilhão 10 do Ulisses Viana. O *bolo* era um salão com às vezes cinquenta pacientes embolados, jogados no chão sujo sem colchão, cobertor, lençol ou roupa. O ponto nevrálgico delimitava a fronteira entre o inferno coletivo e o templo de Bispo.⁵⁴

Além das armas oficiais, há o relato de outras soluções internas, conforme a pesquisa realizada pela jornalista Luciana Hidalgo:

Uma saída de emergência era unir os internos com amarrados de porquinhos, ou seja, mãos e pés unidos pelas mesmas cordas. Prontos para o abate. Outra solução viabilizada na marra era a injeção de *tereba*. O preparado caseiro era aplicado nas nádegas ou pernas dos pacientes. Uma inusitada mistura de leite, álcool e sal que provocava picos febris e inflamação localizada. Efeito em cadeia. Uma fila de gente abatida.⁵⁵

Bispo, cada vez mais, foi levado a isolar-se no seu canto. O respeito adquirido como *xerife* ou *faxina* permitiu-lhe permanecer, muitas vezes, como um fora-da-lei da lei que imperava dentro do hospício. Recusava os medicamentos sempre que podia; a única ordem a que obedecia, não vinha dos médicos e dos funcionários da Colônia, mas vinha de cima, do outro mundo, de Deus Todo Poderoso. Bispo do Rosario relatava, porém, que a voz que ouvia era feminina. Como ele não recebia visitas, podia ficar mais quieto no seu canto. Quando se mostrava para familiares dos pacientes que protegia, era para receber alguma coisa em troca do trabalho que executava como *xerife*. Bispo aprendeu principalmente a se proteger num mundo em que a homossexualidade acontecia muitas vezes na marra e era a lei do mais forte. O pagamento das famílias vinha em forma de encomendas, muitas vezes de cigarros e de café

⁵² HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 47.

⁵³ Cf. HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 47.

⁵⁴ HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 112.

⁵⁵ HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 86-7.

que eram utilizados no escambo, dentro da própria Colônia, no intuito de conseguir material para a construção da sua obra. Os funcionários também se empenhavam na compra de linhas e encomendas de Bispo do Rosario no comércio de Jacarepaguá.

Sempre que era possível Bispo do Rosario retornava à casa dos Leone, após driblar a burocracia da Colônia Juliano Moreira. No centro da família, quando havia platéia, mostrava a luz luminosa que lhe marcava as costas e falava de sua missão de reconstrução de um novo mundo. Como todos da família conheciam os melindres de Bispo e sabiam de cor as respostas às perguntas que ele sempre fazia no seu delírio de onipotência mística, o jogo entre Bispo e a família Leone se perpetuava. Um dia, no entanto, aconteceu o fim do reinado de Bispo na casa de Humberto. Um dos primos dos filhos de Humberto Leone negou que estivesse vendo qualquer cruz nas costas de Bispo. As crianças presentes na ocasião riram de Bispo que, a partir daí, foi refugiar-se no escritório de advocacia de Humberto, na Avenida Rio Branco, na sala 808, no 8º andar. Neste local, Bispo morou quase um ano, ao ocupar uma sala desativada, “alienado e perseguido pelas vozes que não conseguia exorcizar”, segundo sua biógrafa, Luciana Hidalgo. Não saía dali para nada. Não abria janela, pouco ouvia e nada falava.⁵⁶ Negava-se ao convite de voltar a residir na casa de Humberto. Permaneceu na Avenida Rio Branco até o dia em que Humberto o flagrou, com o olhar absorto, diante de uma janela aberta do seu escritório. Receoso do que poderia acontecer, Humberto Leone criou uma história em que Bispo desempenhava um importante papel. E, então, de bom grado, ele foi novamente encaminhado ao Hospital Pedro II da Praia Vermelha. Este acontecimento está registrado na folha número 375 do livro 12206 da Polícia Civil do Rio de Janeiro, sob o título: “Remoção de dementes” A descrição do fato aconteceu na noite de 27 de janeiro de 1948, feita por um policial de 5º DP, atual 3º DP, na Rua Santa Luzia, no Centro do Rio:

⁵⁶ Cf. HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 58.

Foram removidas para o Hospital Pedro II, todas por apresentarem sintomas visíveis de alienação mental, as seguintes pessoas: [...] Arthur Bispo, brasileiro, preto, 36 anos, removido da Av. Rio Branco, 183, 8º andar, sala 808 (guia 13 e atestado firmado pelo Dr. David Madeira); [...].⁵⁷

Embora tenham sido várias as passagens de Bispo pelo Hospital Pedro II, a sua remoção definitiva para a Colônia Juliano Moreira acabou por impedi-lo de trabalhar com maiores recursos. Em 1946, a psiquiatra Nise da Silveira fundou no Hospital Pedro II a Seção de Terapêutica Ocupacional e Reabilitação. Nise da Silveira foi uma psiquiatra que morou no asilo da Praia Vermelha. Nos anos 30, foi presa como subversiva e, ao voltar à ativa nos anos 40, recusou-se a aplicar nos internos a terapia pelo choque e a lobotomia. Ela acreditava na terapia por intermédio da pintura, do desenho e de outras formas de expressão.

Contudo, em 1940, há uma ordem médica muito precisa no prontuário de Bispo do Hospital Pedro II, ao explicitar a necessidade da sua remoção definitiva para a Colônia.

Peço transferência para a Colônia Juliano Moreira. Trata-se de doente crônico, calmo, não se rejustifica sua permanência na seção, em face de seus delírios de grandeza incentivarem conflitos com outros doentes. Outrossim, o paciente não suporta ver doentes agitados. (...) com uma certa liberdade, passa muito bem.⁵⁸

Assim, é decidido o seu afastamento da possibilidade de ser assistido pela Dr^a. Nise da Silveira, no Hospital Pedro II, e de ter sido um dos integrantes do movimento dos artistas do Engenho de Dentro, que acabou por se transformar no Museu das Imagens do Inconsciente, do País.

A despeito disso, Bispo do Rosario, no entanto, comporia sozinho toda a sua obra, com recursos, muitas vezes, criados diretamente, por suas mãos, e sem a ajuda de papel, de tinta ou de carvão próprio para a execução da sua obra.

⁵⁷ Cf. HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 59.

⁵⁸ Cf. HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 60.

Em um dos retornos à casa dos Leone, ele soube que o patriarca José Maria Leone havia morrido em 1950 e que Humberto Leone, viúvo, casara-se em segundas núpcias. Bispo se afeiçoou à segunda esposa de Humberto, Belinha, cujo nome consta na parte interna do Manto de Reconhecimento. Durante a época da campanha de Humberto, quando este se candidatou a um cargo político, Bispo o escoltava no corpo-a-corpo ou então carregava as faixas de propaganda do candidato, nas costas, por todo o Rio de Janeiro, sem aceitar nenhuma forma de pagamento, nem mesmo dinheiro para a condução. Da casa de Humberto e Belinha, Bispo costumava ir para o escritório do Humberto, um local seguro para se refugiar. Às vezes, visitava D.Auta, ou ia à casa da querida Zezé, onde parava no meio de qualquer cômodo e começava a benzê-lo, sem motivo aparente, a não ser em decorrência das suas próprias motivações internas. Um dia, Bispo vestiu o Manto de Reconhecimento e resolveu abençoar a Capela do Colégio Zacharias no Catete, próximo à casa de Zezé. Repetia à exaustão a frase: “Esta Igreja está benta, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.” Os padres, que conheciam Humberto, logo o localizaram, e Bispo novamente foi levado para o escritório de advocacia de Humberto.

Em 1962, Humberto pediu ajuda ao cunhado, o pediatra Avany Bonfim, casado com sua irmã Valquíria, pensando na possibilidade de Bispo trabalhar na Clínica Pediátrica Amiu, em Botafogo, da qual Avany era um dos sócios. Bispo trabalhou na Clínica como vigia, marceneiro e pedreiro, durante muitos anos, tendo como pagamento teto, comida e alguns trocados necessários para comprar o material para sua obra. Inicialmente, Bispo ocupou um quarto dos fundos da Clínica. Depois de um tempo, no entanto, pediu ao Dr. Avany para ocupar um sótão desativado com cerca de cento e cinqüenta metros quadrados, de difícil acesso, onde trabalhou por um bom tempo, bem protegido e à luz de velas. Com o consentimento do patrão, Bispo puxou um ponto de luz e colocou uma lâmpada de alta voltagem para substituir as velas. Além da necessidade de mais espaço, Bispo se sentia

incomodado com o barulho e os modos das enfermeiras e optou por um lugar escondido. No entanto, comportava-se bem com as crianças, de quem gostava muito. Segundo suas palavras: “Minha mãe, a Virgem Maria, diz que é bom para mim ficar em lugar com muitas crianças.” Paladino da honra e dos modos recatados, era ferrenho na crítica aos funcionários; condenava as suas almas e as das enfermeiras que os namoravam. A maior implicância de Bispo era com as mulheres que riam e falavam alto.

Dr. Avany Bonfim, há muito tempo intrigado com o que poderia estar acontecendo, aproveitou uma das saídas de Bispo e resolveu subir ao sótão. O médico ficou impressionado com o que, então, pôde presenciar.

No salão comprimiam-se os mais diversos tipos de bordado, navios e carros de madeira, brinquedos artesanais. [...] Dr. Bonfim tropeçou em caixotes enormes e fechados. Abriu um por um e em todos encontrou o mesmo e estranho arsenal prateado. [...] Bispo reaproveitava o metal das latas, cortando-o em lâminas, e cada peça encerrava um segredo mórbido. Dr. Bonfim não conteve o arrepio ao ver o seu nome gravado num daqueles laminados, seguido da data de nascimento e de uma cruz que indicava o provável dia do falecimento do médico. [...] Estavam lá, devidamente registrados, os atestados de óbito [...]. Um completo fichário de metal reunia todos, sem exceção, em miniaturas de lápides precoces.⁵⁹

Mais tarde, o Dr. Bonfim resolveu visitar Bispo oficialmente no sótão, no mundo que estava construindo à parte da vida da Clínica. Sem possibilidade de se esquivar, Bispo desconcertado convidou o médico para entrar. Indagado sobre as lápides e as datas nelas registradas, Bispo falou ser a Virgem que falava sobre o que ali estava inscrito. Na sua visita, o Dr. Bonfim parou diante de dois mantos de diferentes estilos confeccionados com igual zelo. Um reunia motivos religiosos: rosários, cruzes velas e crucifixos bordados. Sobre esse manto Bispo falou para o médico: “Este é para eu usar quando me apresentar a Nossa Senhora, para quando chegar ao Reino dos Céus.” O outro manto apresentava-se com uma

⁵⁹ HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 73.

aglomeração de nomes inscritos, inclusive o do próprio médico. “Esse é para quando eu me transformar e traz os nomes das pessoas que eu vou proteger na outra vida.”⁶⁰

A série em madeira, iniciada na casa e no escritório de Humberto Leone, continuou sendo construída e aperfeiçoada na Clínica de Botafogo. Para tanto, Bispo recolhia cabos de vassoura, ripas de madeira, trabalhava carrinhos e ia confeccionando a série sobre a Marinha, que havia sido iniciada com uma embarcação, enfeite do bolo no aniversário do sogro de Zezé Leone, José Domingues, comandante do *Lloyd Brasileiro*. Na época, a embarcação construída por Bispo causou grande sensação pela sua beleza e pela riqueza na fabricação dos seus adornos, tudo feito com o maior cuidado em atenção ao sogro da Zezé, companheiro de longos papos sobre a Marinha Brasileira. Na série dos veleiros aparecem mastros, escadas, arrastões, bóias, botes salva-vidas, bandeiras.

A anarquia de símbolos num dos enormes veleiros revelava o *chiaroscuro* de sua alma. Manobras do mar e do espírito. Bispo carregou esta embarcação de emblemas marinhos misturados a signos religiosos. Bandeirolas caíam dos mastros ao lado de amuletos: uma fita de Nosso Senhor do Bonfim e um Cristo crucificado. Uma bandeira do Brasil bordada à mão ficava próxima a uma flâmula do Congresso Eucarístico Internacional do Rio. Na base do veleiro, fragmentos de frases bordados:

CONVEIS DE MADEIRA DESSE NAVIO ESCOLA
 PAU DE PICAR PEIXE REDE UM MASTRO PEQUENO
 IÇADO VAIVÉM ESCADA DE QUEBRAR PEITO⁶¹

Mesmo sendo um empregado diligente, Bispo acabou por criar problemas na Clínica Pediátrica de Botafogo. Passou a exigir veementemente do Dr. Bonfim que as enfermeiras fossem despedidas. Alegava que “elas não eram virgens, eram umas perdidas e não podiam cuidar das crianças.” Para evitar maiores tumultos, os médicos da clínica se reuniram e chamaram o Dr. Amin, médico da Colônia Juliano Moreira, que reconduziu Bispo ao Hospital. Bispo, então, aos 50 anos de idade, em meados de 1960, pôde fazer um balanço do

⁶⁰ HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 74.

⁶¹ HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 75-6.

montante da sua obra, pois foram necessários dois caminhões grandes para o transporte do que conseguira fazer, até então, para a reconstrução do mundo.

Logo após o retorno de Bispo à Colônia, o Pavilhão 11 do Núcleo Ulisses Viana, seu posto costumeiro, entrou em reforma para receber os internos do Presídio Heitor Carrilho, situado no centro do Rio de Janeiro. Assim, presidiários com doenças mentais — psicopatas e criminosos — passaram a conviver com a população da Colônia. Na mudança para o Pavilhão 10, Bispo do Rosario tratou de garantir um dos quartos-fortes, para sua nova morada junto às suas peças. Continuava a trabalhar incessantemente. Quando sentia a sua *transformação*, buscava sempre a reclusão.

Hidalgo ressalta que, apesar de toda a medicação ministrada para a contenção dos excessos eróticos, a homossexualidade era a lei do Núcleo Ulisses Viana. Bispo do Rosario, no entanto, procurava ficar à margem desse rio revolto: “Quando sentia energias de outra dimensão, minando-lhe o senso, parava, jejuava, desaparecia. Calado, amordaçado por anjos, trancava-se no quarto, evitava a luz do dia e chegava a ficar aposentado da rotina do manicômio durante meses.”⁶²

Bispo dizia ser o significado de sua vida construir miniaturas, pois elas é que permitiriam a sua *transformação*, ao representarem todo o material existente na terra dos homens no dia de sua partida para a outra vida: “Minha missão é essa, conseguir isso que eu tenho, para num dia próximo eu representar a existência da Terra.” Enquanto outros doentes aceleravam as respectivas mortes em instantes de lucidez e desespero, por afogamento, por enforcamento na mangueira perto do Bloco Médico ou por envenenamento, ao conseguirem formicida no comércio ilegal da Colônia, Bispo, por intermédio da sua obra, sempre adiava a sua *passagem*, segundo a expressão por ele usada ao referir-se à sua morte, ao nunca dar por concluída a sua tarefa de reconstrução do mundo. Como um faraó, construía cada milímetro

⁶² HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 88.

da existência terrena em miniaturas que carregaria junto a seu corpo após a sua morte. “Só que, naquela pirâmide, Bispo era o único escravo. Apenas ele trabalhava na construção, a serviço dos anjos.”⁶³

Com o respeito conseguido entre os funcionários e guardas do Hospital, Bispo conseguiria também salvar do monte de lixo único, formado pelos funcionários responsáveis pela limpeza promovida nos pavilhões, todas as coisas que poderiam interessar-lhe. O material que iria para a fogueira, à revelia dos legítimos donos dos pertences, era aquele acumulado debaixo das camas dos internos, seu único armário pessoal possível. Os funcionários da Colônia Juliano Moreira, sem qualquer cerimônia, passavam a vassoura por sob as camas dos internos e jogavam fora quaisquer restos de pertences pessoais daqueles que, porventura, ainda quisessem resgatar ou construir algum tipo de referência ligada à sua realidade subjetiva. Bispo conseguiu dessa forma, além de buscar objetos abandonados em qualquer canto do Hospital, colecionar pentes, ferramentas, chapéus, pipas, capacetes, rodas, bolas, canecas e até dentaduras, numa espécie de inventário da Colônia Juliano Moreira. Muitos desses objetos foram pregados num compensado de madeira escorado por ripas e cabos de vassoura, compondo as séries da sua obra, em *assemblages*, segundo a sua sensibilidade. Um ferro de passar roupa surge numa *assemblage* rodeado por objetos de metais, um relógio de madeira e patins infantis. Bispo criou *assemblages* com embalagens do desodorante Avanço, detergente Veja, amaciante Mon Bijou, cerveja Brahma. Os sabonetes foram distribuídos e catalogados dentro de uma merendeira e em vários potes de plástico, conforme os seus nomes: Palmolive, Cinta Azul, Gessy, Lux. Bispo chegava a trabalhar durante mais de doze horas seguidas, sem descansar a visão e as mãos, com as costas arqueadas na construção compulsiva daquilo em que estava empenhado e que dava sentido à sua vida.

⁶³ HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 91.

Bispo do Rosario misturou figuras do candomblé àquelas das crenças católicas, em um ecumenismo evidente. Rompeu, no entanto, os antigos laços construídos de estreita amizade com um dos funcionários da Colônia, Miguel de Paula, o Miguel Bolacha, e a sua esposa Iolanda. Durante muito tempo, Bispo ajudou na construção da residência do casal e cuidou da horta. Almoçava e jantava com o casal e, sempre que possível, fazia seus discursos místicos. Retornava pela manhã e, assim, acompanhou o crescimento dos filhos do casal, nas décadas de 50 e 60, tendo chegado a construir carrinhos de madeira para as crianças brincarem. Por ocasião do término da construção da casa, na época de São João, Bispo reprovou categoricamente a fogueira na preparação daquilo que o casal quis realizar para os festejos juninos: “Em casa de cristão não se faz fogueira, isso é o fogo do diabo.”

Hidalgo ressalta:

A tradição das bandeirolas e fogueiras atravessou séculos. Em Japaratuba, a festa junina, ao lado da festa de Reis, tornou-se a celebração mais popular. Bispo deu de ombros para o folclore bíblico, trancou a sete chaves memórias sergipanas. Viu a cara do diabo e não quis conversa.⁶⁴

Outro bom amigo de Bispo foi o funcionário Joel, que ia a Madureira comprar linha, corda e, do comércio de Jacarepaguá, trazia vidros de óleo para Bispo passar pelo corpo, após o asseio com uma toalha molhada. Bispo não gostava do chuveiro, mas cultivava o corpo sempre *brilhoso*, segundo sua fala. Outro amigo foi o guarda G.T., que na época dos jejuns de Bispo, roubava as frutas dos outros internos para salvá-lo da inanição.

Hidalgo descreve assim a produção de Bispo:

Bispo construía objetos em madeira ou papelão e dava-lhes as formas desejadas. Depois os cobria inteiros, com os fios desfiados dos uniformes e lençóis, ou, mais tarde, comprados pelos amigos. Agulha e linha deram o tom e o compasso de dezenas de obras assinadas por Bispo. Um dos tabuleiros de xadrez de sua coleção é quadriculado, em azul e branco, com cavalos, torres, bispos, peões, rei e rainha revestidos por linhas e com os devidos nomes bordados. Ele criava os objetos e os explicava. Fazia uma torre de xadrez, por exemplo, e bordava: torre. Também salpicava tudo com numerações diversas.⁶⁵

⁶⁴ HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 99.

⁶⁵ HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 101-2.

Nas revistas *Manchete* e *O Cruzeiro*, e nos jornais, entre as reportagens veiculadas, Bispo sempre focalizava os concursos, os retratos das misses e as notícias sobre elas. Ieda Maria Vargas — a brasileira que conquistou, em 1963, o título de Miss Universo —, era a sua preferida por ter sido considerada a mais perfeita nas medidas e na beleza. A imagem das moças puras e belas sempre o seduziu. Uma das séries da sua obra foi a das *misses*. Em homenagem a elas — as mulheres perfeitas e idealizadas —, Bispo do Rosario transformou, em faixas, os pedaços de pano roto do manicômio, numa réplica daquelas que as *misses* usavam sobre o colo, e os outros restos disponíveis transformou em cetros de rainha, sempre envoltos em fios azuis. A faixa dedicada ao Brasil, em flagrante mistura, relata:

ILHA DAS ENXADAS ILHA FISCAL OBSERVATÓRIO
 ILHA DE PAQUETÁ ILHA DO GOVERNADOR
 ILHA ARSENAL DA MARINHA PONTAPORÃ
 FROTEIRA PARAGUAY ILHA DO LAGE
 PALACIO DA ALVORADA NITEROY RIO DE JANEIRO
 MINAS GERAIS SÃO PAULO PARANÁ
 SANTA CATARINA RIO GRANDE DO SUL...

Bispo chegou a contar ao guarda T.R. o sonho que teve em uma noite: “Sonhei que uma rainha caminhava, linda e pura, pelo teto do meu quarto.”⁶⁶

Para Bispo, os concursos de *misses* representavam a união dos povos. Além das reportagens sobre as *misses*, Bispo também gostava de ler a coluna que ensinava os truques do xadrez, as notícias sobre Éder Jofre, o brasileiro campeão mundial de boxe, e a coluna de Ibrahim Sued com as fotos das moças cultas, belas e *chiques* da sociedade do Rio de Janeiro. Era esta a abertura para o mundo que Bispo se permitia, pois, no dia-a-dia da Colônia, ele preferia mesmo era a reclusão no seu mundo particular. Assim, não acompanhava os outros internos nos jogos, nas danças, nos cultos religiosos e não participava de quaisquer outros eventos da Colônia.

⁶⁶ HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 104.

O galpão construído em frente à cela de Bispo era palco das festas juninas, das danças de carnaval, das comemorações do *reveillon* pelos internos, pelos funcionários e por suas famílias. Esses dias eram registrados, em fotografias, por José Januário, funcionário da Colônia e fotógrafo nas horas vagas. José Januário não perdia negócio. O preço das fotografias dependia das possibilidades financeiras do freguês. Como o escambo era uma constante na Colônia, esse tipo de transação também era aceito por ele. Bispo, mesmo à parte, observava tudo e, ao interpelar Januário, acabou por contratar os seus serviços. Queria ser fotografado vestido com o Manto de Reconhecimento. Satisfeito com o resultado das fotografias, fez questão de pagar Januário com dinheiro e, a partir daí, permitiu-lhe a entrada no seu mundo, para apreciar tudo o que já conseguira construir. As pessoas, de maneira geral, eram impedidas de entrar na sua cela. Só conseguiam fazê-lo, aqueles que diziam reconhecer a cor da aura de Bispo do Rosario e, implicitamente, a sua posição de ser alguém especial aqui no mundo terreno. Esta era a senha obrigatória para a entrada no labirinto lúdico das miniaturas réplicas do mundo.

A idade e os jejuns, no entanto, acabaram por minar a saúde daquele homem que fora parrudo e forte. As goteiras do Pavilhão 10 do Núcleo Ulisses Viana, ao formarem poças de água na câmara escura onde Bispo vivia, acabaram por causar umidade constante e mofo, junto à poeira acumulada, além dos cupins que já mostravam a sua atividade no tipo de madeira que Bispo conseguia utilizar no seu artesanato. Bispo tratou de fazer capas de proteção para a sua obra, costurando os sacos de plástico do leite Mimo e quaisquer outras embalagens de plástico que conseguia ajuntar. A partir daí, para apreciar as miniaturas, *assemblages* e estandartes, o espectador era obrigado a levantar as capas plásticas que cobriam tudo.

Hidalgo relata os resultados dos exames realizados em 27 de outubro de 1976, estando Bispo com 67 anos de idade. Há perdas significativas em seu estado físico:

Tipo astênico. Pele limpa; apresenta dispnéia constante.

Coração: sons normais, com modificações de sinais de arteriosclerose. Mesmo após exercício, não ouvi murmúrios.

Pulso: regular, dilatado, artérias ligeiramente infiltradas, com pressão 140/80, indicando arteriosclerose generalizada.

Pulmão: sons distantes, indicando enfisema pulmonar avançado.

E o exame psíquico acrescentou:

Doente parcialmente orientado em todas as esferas. Apesar de poder nos ajudar muito em serviços internos e supervisionar doentes, ajudar na administração etc., este doente está apenas em contato muito superficial com a realidade. Ele tem delírios místicos e de grandeza, se crê um enviado de Deus e pessoa ‘muito especial’. Perguntou se eu conseguia ver através dele, as suas especialidades. Se crê ‘o médico dos médicos’ etc. Ele se nega a responder perguntas, baseado em seus privilégios especiais. As perguntas que ele responde são completamente delirantes, tangenciais, circunstanciais, irrelevantes. Diz que trabalha quando tem vontade. Por outro lado, ele é capaz de chefiar a equipe de trabalhadores e sente o problema pungente de falta de cigarros para recompensar os seus ajudantes.⁶⁷

A prescrição médica explicitou um comprimido de Haldol, duas vezes ao dia, para controlar os delírios, e uma cápsula de Filinasma, duas vezes ao dia, para aplacar as crises de dispnéia. Bispo aceitou o último medicamento, de bom grado, pois a dificuldade respiratória dificultava-lhe a vida. Todos os outros, sempre que possível, recusaria, pelos efeitos colaterais que já conhecia:

Bispo evitava a letargia de sentidos. Estava sempre alerta e mantinha a química à distância. Os médicos recebiam os remédios de praxe, mas ele renunciava à medicina, segurava as *transformações*, exorcizava os fantasmas no *tête-à-tête* com os céus e ia em frente.⁶⁸

Os exames repetidos em 1977 e 1978 incluíam o mesmo tripé curativo: Haldol, Filinasma e praxiterapia. A última prescrição foi adotada por Bispo do Rosario, não como terapia, mas como uma necessidade vital na sua sustentação pessoal. Em uma de suas falas, mesmo que em muitas ocasiões tenha se recusado a responder as perguntas médicas sobre sua

⁶⁷ HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario*: o senhor do labirinto, p. 115.

⁶⁸ HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario*: o senhor do labirinto, p. 117.

vida, em obediência a uma “luz” e aos “poderes divinos”, disse: “O louco é um homem vivo guiado por um morto.”⁶⁹ E ainda: “Os doentes mentais são como beija-flores: nunca pousam, ficam a dois metros do chão.”⁷⁰

A década de 1980, após o golpe militar de 1964, trouxe o fim da repressão, e com ele, a queda da censura da imprensa, o final do estado de sítio intelectual e a anistia aos exilados políticos do País. Tal abertura permitiu que o jornalista Samuel Wainer Filho atravessasse os portões da Colônia Juliano Moreira, ao buscar contrastar a euforia nacional de então com a qualidade de vida em um hospício. O descalabro do que conseguiu documentar foi levado ao ar no programa *Fantástico* da TV Globo, em 18 de maio de 1980. Segundo Hidalgo,

A Colônia era apresentada como “cidade de rejeitados”, em cenas e revelações bárbaras. O retrato do manicômio, esquecido pela anistia e pelas comissões dos direitos humanos, era de um inferno nos trópicos. [...] A câmera rastreava pavilhões imundos, com infiltrações, paredes descascadas e pichadas. Os refletores iluminavam os olhos tristes dos pacientes na fila do refeitório, comendo como bichos, acuados. [...] Samuel Wainer Filho denunciou que os internos eram recolhidos em quartos-fortes, recebiam altas doses de neurolépticos e eletrochoques de funcionários como castigo, e não por prescrição médica. Uma fábrica de horrores, esquecida ali há cinquenta e seis anos, descrita pelo jornalista sem eufemismo. [...] Um caminho sem volta, de lá só se sai morto.⁷¹

Além desta denúncia que deflagrou mudanças bem-vindas a partir de 1980, o reino encantado de Bispo do Rosario foi descoberto e revelado ao mundo pelo jornalista, com a devida licença do autor. Os estandartes, as *assemblages*, os veleiros, as faixas das *misses* e vários outros objetos foram focalizados ao lado de Bispo, então, um senhor já grisalho, circunspecto, de poucas palavras, ao se mostrar numa respiração ofegante. Diante da faixa com a inscrição “Miss Afeganistão”, Bispo falou de forma entrecortada: “Leio jornal todo dia, anoto tudo, a ação dos países, separo em papéis e faço a faixa, escrevo os dizeres. Sei que a Rússia invadiu as fronteiras desse país. Eu também sinto da mesma forma.”⁷²

⁶⁹ Cf. HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 44.

⁷⁰ Cf. HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 44.

⁷¹ HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 121-2.

⁷² HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 122.

A reportagem, carregada de emoção, mostrou uma estatística que sensibilizou toda a nação brasileira. A Colônia comportava 3007 internos; dos 749 funcionários, 706 estavam lotados na parte administrativa e não junto aos internos, e existiam apenas 20 médicos para cuidar dos doentes.

O Presidente da República, General João Figueiredo, determinou ao Ministro da Saúde, Waldir Arcoverde, a abertura de uma investigação oficial para apurar as denúncias. A comissão responsável pela apuração das denúncias, apesar das inúmeras arbitrariedades constatadas, descobriu que o núcleo Rodrigues Caldas, o primeiro fundado na Colônia, conseguira funcionar de forma satisfatória sob a direção de um psiquiatra de apenas 30 anos. O Dr. Heimar Saldanha Camarinha tentara neutralizar o círculo perverso de convivência entre funcionários e internos, em que funcionários puniam e internos se amotinavam e provocavam novas reprimendas. O jovem psiquiatra foi então indicado para assumir a direção da Colônia Juliano Moreira, na tentativa da possível humanização da vida dos pacientes. Era o fim dos quartos-fortes, das solitárias, da sala dos *bolos*, e dos eletrochoques. Os pacientes, de maneira geral, puderam circular pela Colônia e não apenas aqueles que possuíam licença especial para fazê-lo, como Bispo do Rosario. Uma das faixas bordadas por Bispo registra a mudança ocorrida: “PASSAGEM PARA TODOS”.

O prédio do Hospital de Tisiologia, reformado e transformado em Pronto Socorro — com o nome de Jurandir Manfredini — passou a atender não só à população da Colônia, mas também à população de Jacarepaguá e arredores, tendo sido adequadamente equipado para atender ao aumento da demanda. Um novo ônibus inaugurou a linha Madureira-Colônia-Madureira, servindo à comunidade, além do atendimento à população do Hospital. Muitos doentes partiram do Hospital e foram cuidar das suas próprias vidas. Bispo do Rosario, no entanto, mesmo vendo abertas as portas para a liberdade, não sabia como desfrutá-la. Apesar de se referir sempre à sua morte, ele nunca percebia como concluída a sua tarefa de

inventariar o mundo, segundo a ordem divina recebida, para apresentá-la a um Deus implacável. Assim, presa das imperiosas ordens do além, Bispo permaneceu na Colônia Juliano Moreira e, com o consentimento da nova direção do hospital, aproveitou o espaço dos quartos deixados vazios no Pavilhão 10 do Núcleo Ulisses Viana, para acomodar os objetos que já construía e que continuava construindo. Aquilo que porventura não fosse fielmente reproduzido por suas mãos, não teria presença no novo mundo. Era grande a sua responsabilidade na reconstrução de um mundo o mais fiel possível ao que existia e sem nenhuma omissão que pudesse causar qualquer tipo de prejuízo futuro. Para a manutenção do tesouro já existente, Bispo cuidava da faxina dos quartos que ocupava, passava querosene nas peças de madeira para evitar cupins, limpava com esmero as latrinas sujas. Na realidade, tentava transformar os cômodos fétidos em locais asseados, habitáveis e confortáveis para continuar o seu trabalho. Segundo Hidalgo, esse “mundo desafiava o limite da arquitetura local e virava uma galeria de arte reservada. Com os anos e a fama de Arthur Bispo do Rosario, o lar, épico lar, seria a maior atração do hospício retificado.”⁷³

Em 1980, com a abertura do manicômio, o psicanalista Hugo Denizart, à frente de um Programa de Pesquisa desenvolvido junto ao Ministério da Saúde, entrou no manicômio para documentá-lo em fotos, filmes e entrevistas registradas. Foi realizada uma série de fotos de pacientes perfilados na hora do almoço, mas o profissional não conseguiu entrar e fotografar o interior do refeitório, enjoado com o cheiro que existia no local. Para flagrar cenas da rotina dos pavilhões, precisava fazer malabarismos para evitar pisar nas fezes espalhadas por todo o chão. Descobriu banheiros desativados no Rodrigues Caldas, que se tornaram local para encontros amorosos e relata que nunca mais conseguiu se esquecer da imagem de sujeira que era o pano de fundo do sexo no hospício.

⁷³ HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 125.

Quanto à primeira entrevista que tentou realizar com Arthur Bispo do Rosario, nada conseguiu. Ao optar pela sinceridade e dizer-lhe, no visor da porta, que não via nenhuma luz especial ao seu redor, foi impedido por Bispo de entrar no quarto e filmar a sua obra. Depois de várias tentativas frustradas, resolveu falar a cor da aura que via em Bispo e só assim conseguiu material para o seu trabalho. Sempre que voltou para falar com Bispo, após o cumprimento do ritual da entrada, tinha a impressão que as coisas mudavam de lugar. Bispo sempre o recebia sentado, bordando e imerso nos seus pensamentos.

Hugo Denizart registrou o que pôde ver e ouvir num filme, “O prisioneiro da passagem – Arthur Bispo do Rosario”, em 16 mm, editado em 1982. Há uma entrevista com Bispo, absoluto no seu universo, vestido com o Manto de Reconhecimento, e que, em previsões apocalípticas, mostra abundante material para pesquisa:

Segundo foi determinado, ele vai suspender a terra com a ajuda de dois mestres, e, com um tremor de terra arrasar o mundo, sabe? Aí não haverá mais trevas, abismos. Tudo será plano na terra. [...] Tudo plano, que a terra é grande e dá muito bem para o povo morar, residir. No meu reino tudo será feito de ouro e prata, brilhante, você pode conhecer. [...] Ah, não, o único que vai mandar sou eu. Mais nada. Ta escrito isso. As eleições é só uma, do Criador, sabe? Esse negócio de votação, de partido, é um só. Ta escrito. Eu botei tudo ali, boto plantado, pra mostrar que existe isso na terra. A lei é essa, o partido é só um, do Criador.⁷⁴

Bispo fala da sua missão de rei num mundo de vida e glória. Relata o seu reconhecimento no dia 22 de dezembro pela família da Rua São Clemente, em Botafogo; a sua apresentação no Mosteiro São Bento, no dia 24 de dezembro, ao ser reconhecido pelos frades que, em seguida, o mandaram para o hospício para julgar os vivos e os mortos. Dentro da sua santidade lhe foi permitido um quarto-forte, pois a casa forte pertence a Cristo. A sua transferência para a Colônia, foi para a construção das miniaturas. Acrescenta que deve estar

⁷⁴ DENIZART, *O prisioneiro da passagem – Arthur Bispo do Rosario*, filme. Cf. HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 135.

pronto dentro de cinco ou seis meses com ação e resplendor dos pés à cabeça, a fim de se apresentar no mundo. São suas palavras:

Segundo a reza do clero, os vivos e os mortos, o louco é um homem vivo guiado por um espírito morto. É o bastante, ser mandado pelo Criador, onipotente. [...] São mortos, imortais. Igualmente à minha representação. Quando eu cheguei lá no Engenho de Dentro, na Praia Vermelha, os doentes que eram bons espiritualmente me acompanharam. E eu disse: por que é que vocês me acompanham? Porque o senhor é Jesus, é Jesus. Mas por que, vocês escutam a voz? Escuto a voz dizendo que o senhor é Jesus. Então é o bastante. [...].⁷⁵

As miniaturas na representação de tudo o que existe é o que permitirá a sua transformação. Quanto a ele próprio, Bispo acrescenta:

Vou me apresentar corporalmente. Minha ação corporal é esse brilho que eu botei. [...] Com a idade de seis anos eu já começava a ser guiado por minha mãe e meu pai. Eu já sabia. [...] É, Maria Santíssima. Ela escutava a voz: guia teu filho, Maria. Ela também escutava a voz. São José também, meu pai protetor, também escutava a voz para chegar junto a ela, pra me proteger. Era nós três.⁷⁶

Denizart pergunta sobre a possibilidade de Bispo desobedecer às vozes. Bispo responde:

Se eu desobedecer, me pega, me enrola lá em cima, em sonho assim, eu caio no chão, ele me suspende, eu fico descontrolado, eu vou ficando torto, qualquer coisa me pega em sonho e faz de bola, bola, bola. [...] Eu tenho uma ação brilhosa, de um metro e meio, que eu já tive umas duas ou três vezes transformando. E fico assim de ouro, prata e brilhante, assim no comprido, na cabeça. [...] Pouco, porque eu vou me deitar e fico escutando a voz: você fez isso, já fez aquilo. E assim eu passo as noites, né? [...] Lá na Praia Vermelha eu só dormia aos sábados, no sábado eu descansava. Trabalhava o dia todinho, vigiava os cubículos. Os funcionários iam descansar, deitavam, e eu ficava olhando os cubículos, de um lado a outro, de um lado a outro. No sábado eu descansava um pouquinho porque no sábado eu gosto de tranquilidade.⁷⁷

Bispo bordou num *panô* a planta baixa da Colônia que o acolheu durante 50 anos.

⁷⁵ DENIZART, *O prisioneiro da passagem* — Arthur Bispo do Rosario, filme. Cf. HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 138.

⁷⁶ DENIZART, *O prisioneiro da passagem* — Arthur Bispo do Rosario, filme. Cf. HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 139-140.

⁷⁷ DENIZART, *O prisioneiro da passagem* — Arthur Bispo do Rosario, filme. Cf. HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 140-2.

... CENTRAL DO BRAZIL 10 MILMETROS SEJA 10 KILOMETROS EXISTE NUCLEO ULISSE PAVILHAO EGA MUNIZ TERRENO MAIS ALTO LADO SUL E 2 BONITA CASA RESIDENCIAL DIRETOR GERAL VEM BLOCO MEDICO UMA PONTE DISCUAMENTO DAS AGUAS FLAVIAES VINDO OBSERVA ALGUNS LUGARAS VARIOS TIPOS HABITACÕES DOS EMPREGADOS VEM PAVILHÃO ADIBE JABU MENINOS CONFRONTA-SE MORADIA TEM UM POSTO DO EXERCITO COMMUNICAO TELEGRAFIA PELA FRENTE ATRAVESSA ARESITENTE ESTRADA FAZ VIA NUCLOS PAVILHAOES A TODOS RADICADA NESTA GRANDIOSA COLONIA BEM COMO OS ONIBUS DA EMPRESA PARTICULAR DE AVIAÇÃO ST-MARIA LINHA TAQUARA DIARIAMENTE DAS-05-HORAS MANHA ULTIMA CONDUÇÃO-11-DA NOITE NOS DOMINGOS AS QUINTA FEIRA E PARA DOENTES MENTAES PROPORCIONA MOMENTOS AGRADAVEIS E DE ALEGRIA SEUS VISITANTES DE ONDE VEM ESTAS... VISITAS DO ESTADO DA GUANABARA DO CENTRO CIDADA DOS BARROS SUL GAVEA IPANEMA LEBLON LEMOS COPACABANA...⁷⁸

Bispo também bordou no *panô*, onde registrou a sua *via-crúcis*, naquele longínquo 22 de dezembro de 1938, véspera de sua entrada no Hospício da Praia Vermelha, a figura de um homem com o nome CLOVES, em destaque no peito, circundado por uma bolsa e, fora dela, uma anatomia singular que circunda o envoltório:

... ESPINHA DORSAL ESTATURA MEDIANA DESSE ESQUEMA – TEM O CARÁTE – BUSTO – FISCO – CORPO – ALMA – E CIRCULATORIO DO SER HUMANO CABELOS PENDÕES E SEGURANÇA – 7 – SETE OUVIDOS ORELHAS TRAQUEIA PELE FACE QUEIXO DENTES ...⁷⁹

Abaixo do homem CLOVES, Bispo registrou a sua necessidade urgente:

EU PRECISO DESTAS
PALAVRAS – ESCRITA⁸⁰

A arte de Bispo, grande parte engendrada em três dimensões, retrata também a sua origem rural, as atividades de um engenho de açúcar de Japaratuba. Há a reprodução de uma cerca de bambu e de arame, o carrinho de mão com pedras, o curral, cavalos com sela, estribos e pelegos, vacas malhadas com sino, carros de boi e outros objetos de fazenda. O

⁷⁸ Cf. HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 150.

⁷⁹ Cf. QUINET, *Teoria e Clínica da Psicose*, p. 223.

⁸⁰ Cf. QUINET, *Teoria e Clínica da Psicose*, p. 223.

coreto que ficava no centro da Praça de Japarutuba, em frente à Igreja, é reproduzido com a seguinte inscrição, possivelmente a partir de cenas que o marcaram na infância:

ORADOR RELIGIOSO O POLÍTICO
COMISSÃO JULGADORA ⁸¹

Em contradição ao explicitado a Hugo Denizart — de que no novo mundo não haveria eleição, pois ele seria o único que iria mandar —, ⁸² Bispo faz placas de madeiras cobertas com papel azul para assegurar as eleições no novo mundo:

VOTE PARA DEPUTADO FEDERAL PARTIDO
ALIANÇA LIBERAL ESTADO DA BAHIA FULANO BRASIL
VOTE PARA PRESIDENTE DO BRASIL PARTIDO
REPUBLICANO FULANO ELEITORADOS
VOTE PARA PRESIDENTE PARTIDO SOCIALISTA
FULANO PORTUGAL ⁸³

Em 1981, as novas pesquisas revelaram que 50% dos internos tinham mais de 50 anos de idade, 18% menos de 40 anos, 60% não eram visitados e 22% não apresentavam qualquer tipo de problema psiquiátrico que demandasse internação. O balanço revelou que a grande maioria era constituída por pacientes desvalidos e sem famílias que pudessem sustentá-los. A apregoada teoria da segregação em colônias, de que os doentes ali se recuperariam, mostrou-se um fracasso. A necessidade da internação era de cunho social e não visava a cura de quem quer que fosse. Assim, o manicômio Juliano Moreira abriu-se para o mundo, mas se fechou para novas internações. O objetivo premente da Colônia tornou-se, naquele momento, a ressocialização dos internos, para mandá-los de volta para casa. Em conformidade com esse objetivo, equipes interdisciplinares foram recebidas pela Colônia: novos médicos, psicólogos,

⁸¹ Cf. HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 152.

⁸² Cf. HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 135.

⁸³ Cf. HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 152.

assistentes sociais e terapeutas ocupacionais foram contratados para a recuperação dos internos.

Com esse objetivo, a nova avaliação de Bispo, então com 72 anos de idade, explicitou:

Profissão: artesão

Remuneração: não

Apresentação: razoável

Desorientação: não

Delírio, alucinação e alienação mental: sim

Agressividade: não

Necessidade de cuidados de enfermagem: não

Capacidade de trabalho: sim

Necessidade de hospitalização: sim

Hospital ideal: hospital-noite

Praxiterapia: paciente já tem intensa atividade ⁸⁴

Segundo Hidalgo, a análise do paciente continha ainda a seguinte observação: “Não tem família, não recebe visitas. Pessoa com dom artístico muito aguçado, que diz estar aguardando e construindo os instrumentos do homem para uma nova era.” ⁸⁵

Havia possibilidade de alta psiquiátrica, clínica e jurídica, mas não havia possibilidade de alta social. Bispo instalou-se, então, no grande espaço que conquistou. Há muito vivia num mundo à parte da rotina do hospício. O seu reino era outro e não sairia dele por nada. A sua obra, sempre inacabada, continuaria ainda por um bom tempo.

Um programa de ressocialização liderado pela Coordenação de Reabilitação e Integração Social – CRIS, foi implementado na Colônia Juliano Moreira e os internos passaram a ter o seu trabalho remunerado, em três etapas. Assim, eles chegaram a receber de meio a dois salários-referência para manter limpos jardins, enfermarias, copas e quartos, além das atividades desenvolvidas em oficina com vime, na colchoaria, na lavanderia e em serviços

⁸⁴ Cf. HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 127.

⁸⁵ Cf. HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 127.

de secretaria. O convênio com o Mobral investiu na alfabetização dos analfabetos e a Associação dos Alcoólicos Anônimos começou a assistir os dependentes do álcool. O pavilhão Mário Pinotti foi equipado para receber os hóspedes especiais em um primeiro alojamento misto da Colônia. Pertenciam ao CRIS os internos com alta psiquiátrica em preparação para o reingresso na sociedade. Aconteceram namoros, noivados e casamentos. Uma área vizinha, anteriormente ocupada pelo Exército, foi adaptada para transformar-se na primeira vila de ex-pacientes da Colônia Juliano Moreira. Bispo estranhou a revolução dos costumes e, mais uma vez, retraiu-se no seu mundo à parte.

Na leva das transformações de 1981, a psicanálise chegou ao manicômio. Durante muitos anos, os internos sem possibilidade de se expressarem pela palavra, foram convidados a falar.

A estagiária de psicologia Rosangela Maria Magalhães Gomy, de 24 anos, estudante da Gama Filho e interessada no trabalho com psicóticos, foi designada para trabalhar no Pavilhão 10 do Núcleo Ulisses Viana. A antiga sala do *bolo* foi improvisada em um consultório. Com o passar do tempo, os internos começaram a perceber que a sessão de análise coletiva era um benefício adquirido. Começaram a falar das suas vontades, das suas revoltas e dos seus medos. Os internos abriam o coração com os estagiários, pela manhã, mas, à tarde, muitos funcionários ainda aplicavam a velha terapia da Colônia. As mudanças que efetivamente aconteceram dentro do manicômio não acompanharam, par e passo, a entrada da psicanálise. Bispo do Rosario, vizinho ao novo centro de psicanálise, assistia a tudo de longe. Rosangela Maria, no entanto, procurou Bispo no seu canto. Conseguiu entrar no seu quarto, mesmo recusando-se a falar a cor da aura de Bispo do Rosario, porque lhe falou claramente não ver nada. Um dia, Bispo, rendido, permitiu que Rosangela entrasse na cela e na sua vida. A partir daí, a estagiária teve passe livre, não só para entrar no mundo das miniaturas, mas também para tocá-las, sob as capas de plástico que as protegiam. Para Rosangela, Bispo contou da sua

missão mística. Como um enviado de Deus deveria reconstruir o mundo, em miniaturas, para apresentar-se junto a elas no dia do Juízo Final. Traçou o perfil de homem onipotente, que era bom em tudo, um ser especial, o melhor pugilista, o melhor *xerife*, o verdadeiro Jesus, o filho de Deus. Rosangela ouvia com atenção, mas sempre buscava encontrar instantes de realidade no discurso de Bispo, com perguntas sobre sua família, sua cidade natal, sobre seu passado. Sempre que o assunto não lhe convinha, Bispo tentava voltar ao delírio místico ou encerrava a conversa despedindo-se da estagiária. O tempo máximo de duração das entrevistas, no início, foi de 15 a 20 minutos.

Com o passar do tempo, Bispo bordou em uma faixa:

ROSANGALA MARIA
DIRETORA DE TUDO
EU TENHO ⁸⁶

Então, passou a fazer um mundo duplo, em miniatura: “Essa é para você, essa é para a passagem.” ⁸⁷

Rosangela aceitou navios de madeira, colheres de pau, sabonetes e o próprio travesseiro de Bispo. Bispo recusou o convite de Rosangela para participar do trabalho em grupo, pois a queria só para si: “Eu sou uma pessoa divina, não posso me misturar. Eu sou Bispo de Jesus. E você é Rosangela de Jesus.” ⁸⁸

Bispo desconheceu reiteradamente o fato de Rosangela ser casada e mãe de uma criança. Ele só ouvia dela o que lhe convinha. Para ele Rosangela era a mulher idealizada, virgem e pura. Reclamava da calça jeans e dos modos da moça: “Mulher tem que vestir saia e meia, não pode falar palavrão, nem gíria e tem que ser virgem.” ⁸⁹ “Uma mulher não acena

⁸⁶ Cf. HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 162.

⁸⁷ Cf. HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 162.

⁸⁸ Cf. HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 162.

⁸⁹ Cf. HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 162.

com a mão. Um comportamento assim não é bonito para uma mulher. Quando você não puder vir diretamente a mim, simplesmente me olhe. Nunca acene com a mão, porque é feio.”⁹⁰

Aberto ao amor de transferência, aos 72 anos de idade, Bispo aguardava a chegada da estagiária de psicologia, reparava-lhe nas roupas, nos modos, nas manias. Ele começou a cuidar mais da sua aparência. E, ao considerar-se mestre no xadrez, resolveu fazer um jogo para a estagiária, presenteá-la e ensiná-la a jogar. Quando a moça conseguiu aprender a jogar satisfatoriamente e ameaçou derrotá-lo, foi um Deus nos acuda. Bispo, peremptoriamente, deu por encerrado o jogo de xadrez entre os dois: “Jogo não foi feito pra mulher, é melhor você não jogar mais. Mulher não foi feita para isso. Para ela estão reservadas atividades mais sublimes.”⁹¹

Para Rosangela, Bispo conseguiu falar do *bolo*, das injeções que causavam inflamações nos internos como forma de punição dos enfermeiros, dos choques, da prisão nos quartos-fortes. Esperava a estagiária com impaciência, consultando os relógios das pessoas ao redor. Chegou a construir um relógio no qual marcava horas fictícias. Ao atender a seu pedido, Rosangela passou a vir à Colônia, duas vezes por semana. Conseguiu que ele lhe falasse da vida na Marinha, porém, Bispo sempre acabava se enveredando para o discurso místico. Rosangela chegou a presenciar um dos períodos em que Bispo não comia, ficava lento, calado, abatido e só se referia à sua preparação para a *passagem*. Passados uns dias, no entanto, ao entrar no quarto de Bispo, a estagiária percebeu cheiro de laranja. Ela lhe falou que não era necessária a greve de fome para atrair sua atenção. Na sessão seguinte, Bispo, arrependido, ofereceu laranja para a estagiária.

Ao chegar ao término do seu estágio, Rosangela comunicou a Bispo do Rosario que seria substituída por outra pessoa também estudante de psicologia. Bispo, a princípio, falou da sua vontade de comparecer à cerimônia da formatura da estagiária. Depois desistiu da idéia,

⁹⁰ Cf. HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 163.

⁹¹ Cf. HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 164.

mesmo tendo Rosangela se prontificado a encomendar roupa e condução para ele. Ele se achava velho e cansado demais para ir à sua festa.

As entrevistas começaram a se espaçar, ao objetivar a conclusão do processo de atendimento. Foram dias difíceis que antecederam à separação. Bispo falou para Rosangela que iria pedir ao diretor da Colônia para mantê-la junto a si. Ele não aceitaria a substituição de Rosangela por outra pessoa.

Em uma das últimas entrevistas, Bispo mostrou a Rosangela a cadeira de rodas de madeira com correntes que ele construía, para acorrentar a estagiária e para puxá-la para junto de si. O diálogo entre os dois foi mais uma preparação para a despedida:

“Senta, eu quero te acorrentar.”

“Não posso sentar, não sou um objeto seu, como as suas miniaturas. Sou uma pessoa e não estou aqui para acorrentá-lo nem para ser acorrentada. Pelo contrário, estou aqui para livrá-lo das correntes.”⁹²

Rosangela, no entanto, assentou-se e esperou. De repente, a cadeira se moveu. Bispo usava a corrente para aproximar e afastar Rosangela de si mesmo, como se ela e a cadeira se transformassem num *ioiô*. Depois de um tempo, Bispo falou para a estagiária: “Tudo bem, pode ir.”⁹³

As sessões foram sendo desenvolvidas até a separação ser elaborada, em parte, por Bispo. Bispo ou se retraía, ou recebia a estagiária com facas na mão. Repetia ininterruptamente que precisava amolar a faca. No penúltimo dia de atendimento, Bispo levou Rosangela até um quarto que mantinha constantemente fechado. Era um segredo só seu que ele agora revelava para a moça. Quando a moça entrou, Bispo fechou a porta. Foram momentos de muita tensão. Rosangela se dirigiu a Bispo do Rosario, ao se manter próxima da porta fechada: “Podemos falar de tudo, mas você não pode me fazer nenhum mal.” Bispo, no

⁹² Cf. HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 166.

⁹³ Cf. HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 166.

entanto, insistiu: “Veste a camisola que eu visto o Manto. Vamos representar *Romeu e Julieta*.”⁹⁴

Rosangela conseguiu enxergar o quarto que havia sido arrumado para ela. Havia uma cama de ferro coberta com um véu branco sobre o qual foram presas fitas coloridas. Sobre o colchão estavam colocados a camisola, que Rosangela deveria vestir, e o Manto de Reconhecimento de Arthur Bispo do Rosario. Ao lado da cama havia um baú com roupas íntimas femininas.

Rosangela dirigiu-se a Bispo: “Mas você sabe como termina a peça *Romeu e Julieta*? Eles morrem...”

Ao que ele respondeu: “Claro que conheço. Mas não quero viver o final. Isso é só uma representação. Você nunca foi ao teatro?”⁹⁵

Depois de um tempo, Bispo falou: “Tudo bem, nós não vamos mais representar.”

Na sessão seguinte, a última, mais uma vez Bispo levou Rosangela até ao cenário da peça *Romeu e Julieta*. Rosangela chegou até a soleira da porta, olhou mais uma vez e seguiu até a porta de saída. Despediram-se.

Bispo manteve esse quarto limpo e fechado, durante o resto de sua vida, enquanto dormia no chão úmido, numa cama improvisada, no quarto ao lado. A cama deste cenário de amor foi transformada, depois de certo tempo, em *cama-nave* para transportar Bispo na *passagem* para a morte, para o outro mundo.

Em 7 de março de 1983, após a partida da estagiária, Bispo do Rosario deu entrada no Hospital Jurandir Manfredini, o Pronto Socorro da Colônia. Estava há dez dias sem se alimentar, para se preparar para a *passagem*. Conforme relatório médico, o paciente, já com perceptíveis insuficiências respiratória e cardíaca, apresentava pressão alta, debilidade física e idéias delirantes de cunho místico. A internação necessária à sua recuperação foi de quinze

⁹⁴ Cf. HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 167.

⁹⁵ Cf. HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 168.

dias. Durante a internação, Rosângela, ao visitá-lo, pediu-lhe para que comesse e esperasse o momento da sua *passagem*. E reiterou-lhe: “Já lhe falei que vou, porque tenho outros trabalhos, outras pessoas para ajudar.”⁹⁶

Bispo, recuperado, voltou para o seu pavilhão e o seu trabalho. A estagiária nunca mais retornou à Colônia, nem mesmo nos dias de festa. Bispo a chamou de ingrata, sempre a procurou e, ao constatar sua ausência insuportável, mais do que nunca precisou empenhar-se na sua obra. O xerife agora era L.P., um interno que conquistara o território que fora de Bispo, na lei da força e da marra. Ele se transformou no guardião de Bispo e do seu mundo de miniaturas.

Em 1985, a revista *Isto É* escalou o repórter José Castello para fazer uma reportagem sobre Bispo do Rosario. Castello, aprovado no teste da aura, acompanhou Bispo pelas vielas do seu reino. Uma cela guardava os mantos e os fardões. Um deles era verde com insígnias, estrelas coloridas e símbolos dourados e um outro com muitos bordados na frente e trazia no avesso vários nomes como o do médico Avany Bonfim. Era o Manto do Reconhecimento. Cada cela, conquistada como território por Bispo, guardava os materiais segundo uma classificação muito particular: matéria prima para construção, ícones de sua infância na roça, salão das *misses*. Numa outra cela, Bispo dormia sobre o chão frio, ao lado de revistas, jornais, porta-retratos com páginas arrancadas do *Cruzeiro* e uma *Bíblia*.

No dia 31 de julho de 1985, a *Isto É* publica a reportagem de Castello sobre Bispo: “Noé moderno, Bispo acredita que sua missão na Terra é reproduzir tudo o que existe. O que lhe escapar será exterminado no dia do Juízo Final.”⁹⁷

No mesmo ano, Fernando Gabeira quis conhecer a obra de Bispo do Rosario. Após identificar a sua aura, fez da sua experiência um vídeo exibido na TV Bandeirante. Diante da câmera, Bispo mais uma vez posou com o Manto do Reconhecimento. Gabeira empunhou um

⁹⁶ Cf. HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 173.

⁹⁷ Cf. HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 176.

estandarte bordado, mostrou um enorme veleiro e observou: “Uma das obras, talvez a mais importante, é a Arca de Noé, um barco que ele construiu pacientemente com papelão e pano, e que se destinava à salvação do mundo.”⁹⁸

A conversa de Bispo com Gabeira revela a escravidão de Bispo e a forma como ele compreende a sua *passagem*:

Eu não tenho noção de nada, eu não tenho tino. Tudo é de acordo com o que ele manda que eu faça. Faça isso, faça aquilo. Sou obrigado a fazer. Obrigado porque eu fui escravo, né? Quando eu me tranquei aqui para fazer isso, sem sair, eu sei que era mesmo um escravo porque de acordo com a pessoa que me conhecia.⁹⁹

Bispo explica como será a sua morte, retornando aos sete anjos presentes na revelação da sua missão:

O fim? É que na minha transformação quando for permitida assim a minha subida, vêm os mesmos sete anjos, com poderes e glórias [...] Eu vou fazer uma amarração para o braço, aqui, as tiras, e com os pés... E vêm os anjos e me leva em cima, a certa altura, e diz: pai, arrasaram o mundo em fogo. As nuvens, os anjos, os santos, as quatro partes do mundo, as nuvens se transformará em fogo, em floresta e mar, e terra, nada mais.¹⁰⁰

Bispo, agora muito conhecido, continuava na sua eterna labuta: a confecção das séries ao depender da matéria prima que conseguia, de uma forma ou de outra. A artista plástica Carla Guagliardi, após uma de suas visitas, percebeu que objetos levados para a alimentação do próprio Bispo foram transformados em arte. As maçãs e o mel, com os quais o presenteou, foram transformados em *natureza morta* indo incorporar uma *assemblage*. As *assemblages*, que ele chamava de vitrines, mostravam objetos organizados segundo uma ordem própria, a sua própria singularidade: galochas, congas, ou apenas objetos de metal, uma série de calçados juntando tênis, chinelo, sandálias femininas, Havaianas; outra série só com bolsas, as

⁹⁸ Cf. HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 176.

⁹⁹ Cf. HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 177.

¹⁰⁰ Cf. HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 177.

antigas capangas dos internos, sacolas de plástico, *pochete* infantil e uma bolsa de viagem da *Varig*. Há outras séries somente com pentes, canecas, talheres, rodos, vassouras, botões, toalhas coloridas, um pote plástico só com dentaduras com o nome pintado de Rosângela Maria, que também apareceu em boa parte destas obras.

O passe livre da estagiária aparece na frase: “ROSANGELA MARIA PODE ENTRAR NO QUINTAL”.¹⁰¹

Com o passar dos anos, em decorrência da perda progressiva de visão, Bispo passou a bordar menos e a escrever mais. Os símbolos recorrentes do seu universo foram as bandeirolas de festa junina, a bandeira do Brasil, e os signos religiosos. Entre os últimos destacam-se uma oração a Jesus Cristo talhada em madeira, uma reprodução da Santa Ceia, medalhinhas da Virgem Maria, imagens de santos, cruzeiros e crucifixos.

Ele jogava num mesmo caldeirão conhecidos anônimos e ilustres desconhecidos. Visitas ganhavam registros na sua torre de babel, ao lado de mulheres como Janete Clair, Margareth Tratcher, Martina Navratilova. Algumas acompanhavam o destino que Bispo insistia em imprimir. A roqueira alemã Nina Hagen, por exemplo, virava, a certa altura, Nina Maria de Jesus. Todas iam parar na vala comum das eleitas: uma “urna feminina” compartimentava as mocinhas inscritas no universo de Arthur Bispo do Rosario.¹⁰²

Objetos do cotidiano foram fixados num mosaico de pedaços de panos de cor verde, azul, branca, laranja e vermelho, na mistura que lhe era costumeira:

PORTA-SEIOS PARA MOÇA MARCA DE MILLUS
 BRILHANTINA PERFUMADA PASSAR NOS CABELOS
 PASTA DENTAL MOLHA A ESCOVA ÁGUA BOTA UM POUCO DE CREME
 UM PEDAÇO DE TAUBA 20 PREGOS PARA PEGAR LADRÕES 5 CENTÍMETROS ABAIXO DO
 CHÃO
 CALÇADO SONHO EXTRA FINO 37 MULHER
 ABRIDOR TAMPA GARRAFA COCA-COLA FANTA CRUSH SODA ÁGUA

¹⁰¹ Cf. HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 179.

¹⁰² HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 181.

BUTÕES PRETOS PARA BRAGUILHA ¹⁰³

Há a interessante construção de um muro numerado com pedaços de vidro afixados em uma massa no seu topo e a explicação, como uma verdadeira receita visual:

434 – COMO - É QUE EU - DEVO FAZER UM
MURO NO FUNDO DA - MINHA - CASA ¹⁰⁴

Além disso, objetos descritos, seguidos de numerações, constam num fichário de madeira. Era uma tentativa compulsiva de resgate de um mundo que acabaria e que ele, no tempo que lhe fosse permitido viver, tentaria representar. O nome dos eleitos foi fichado também em papelão. Bispo explicitaria, ainda, as coordenadas do julgamento final:

UNIVERSO – ESPIRÍTAS DESTE QUADRO
NO PRIMEIRO DIA DE JUÍZO SEUS CORPOS
DEVE ESTAR PRONTO ESPERANDO A MINHA
PASSAGEM EM REVISTA – ACLMAR NOME
JESUS – IMEDIATAMENTE SOBE PARA REINO
ESTE CONE FICA TREIS DIAS A MEU LADA
DIREITA – PARA TODOS CHAMAR MEU NOME
JESUS – FILHO DO HOMEM – ESTE DIA
O JULGAMENTO E RÁPIDO – PRIMEIRO SUBIR
MEU REINO SÃO AS VIRGENS
VEM EM CARDUME A MIM ¹⁰⁵

Em uma das visitas de Maria Amélia Mattei, organizadora da mostra no MAM – Museu de Arte Moderna, Bispo do Rosario, ao atender o seu pedido e lhe mostrar o seu transporte para a passagem – a *cama-nave*, acrescentou: “Quando eu subir, os céus se abrirão e vai começar a contagem do mundo. Vou nessa nave, com esse manto e essas miniaturas que representam a existência. Vou me apresentar”. ¹⁰⁶

¹⁰³ Cf. HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 181.

¹⁰⁴ Cf. HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 182.

¹⁰⁵ Cf. HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 182.

¹⁰⁶ Cf. HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 185.

E profetizava: “A hora está chegando, Amélia, porque os concursos de *misses* estão acabando e os circos também. São peças muito importantes no mundo, universais, que unem os povos.”¹⁰⁷ Quanto à sua posição de Cristo Redentor: “A minha morte se fará notar no mundo inteiro,”¹⁰⁸ Segundo outras palavras, Bispo do Rosario valorizava, mesmo assim, o lugar, onde habitava:

... EU VOU DEIXA
ESTE GLOBO ESPLENDO...¹⁰⁹

No dia 5 de julho de 1989, presumivelmente, oitenta anos após o mês e o ano do seu nascimento — se for tomada em consideração o registrado em seu batistério —, Bispo do Rosario deu entrada no Bloco Médico da Colônia emagrecido pelos jejuns, com taquicardia, febre e dispnéia. A sua *passagem*, num leito de hospital, se deu às dezenove horas, em decorrência de infarto do miocárdio e arteriosclerose. Bispo do Rosario foi sepultado no cemitério de Jacarepaguá.

Hidalgo, então, acrescenta: “A despedida de Bispo foi breve e entoada por vizinhos de agruras. Partia o homem que driblara cinqüenta anos de manicômio para embarcar numa nave rumo ao reino dos céus. Uma vez no alto seria *reconhecido*.”¹¹⁰

Segundo palavras de Arthur Bispo do Rosario à assistente social da Colônia Juliano Moreira, Conceição Robaina, ele só rendia homenagem àquela revista que publicara a *sua biografia*, que, então, ele tratara de bordar em letras maiúsculas, em um dos seus estandartes, para que todos pudessem vê-la e conhecê-la.¹¹¹ Bispo se referia a um anúncio de uma coleção de livros veiculado pela revista *Veja* da edição de 26 de março de 1986:

¹⁰⁷ Cf. HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 185.

¹⁰⁸ Cf. HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 185.

¹⁰⁹ Cf. HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 187.

¹¹⁰ HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 190. (Grifo no texto).

¹¹¹ Cf. HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 190.

UMA OBRA TÃO IMPORTANTE QUE LEVOU 1986 ANOS PARA SER ESCRITA DOCUMENTADA E FOTOGRAFADA POR HOMENS QUE DEDICAM SUAS VIDAS À PESQUISA E AO ESTUDO DA PASSAGEM DO FILHO DE MARIA SANTÍSSIMA NA TERRA E REALIZADA POR ARTISTA QUE DERAM O SEU TALENTO PARA QUE ELA SE TORNASSE A MAIS RICA E BELA MENSAGEM SOBRE O REI DOS REIS A MAIOR OBRA SOBRE A HISTÓRIA DE JESUS CONTADA EM FASCÍCULOS RICAMENTE ILUSTRADOS QUE SERÃO ENCADERNADOS E GRAVADOS EM OURO...

A jornalista Luciana Hidalgo, responsável pela biografia de Bispo que serviu como principal referência para a presente resenha, depois de visitar Japaratinga, de entrar em contato com os registros do batistério de Arthur Bispo do Rosario, de consultar os registros da Marinha, da *Light*, do Hospital Pedro II, da Colônia Juliano Moreira, entre outros, e depois de entrevistar o maior número possível das pessoas com as quais Bispo conviveu, escreveu no Prefácio do seu livro “Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto”, não saber como ele conseguiu, em condições tão adversas, construir um império de cores e formas.¹¹²

É na tentativa de responder à indagação da profissional e às perguntas passíveis de serem feitas na busca de compreender a obra de Bispo do Rosario, que tentaremos articular as construções teórico-clínicas psicanalíticas que, porventura, possam explicitar a necessidade vital da criação de um sujeito, a ponto de chegar a desfilar seu uniforme azul de interno de um manicômio, na falta de material compatível, para escrever, em bordados, com os fios azuis desfiados e sublimados como na química, na essência da sua singularidade, a sua própria escritura, porém, noutra posição, “realizando” a sua luz azul “esplendorosa”, que ele visualizava e à qual sempre se referia como sua aura, desde que participe da família divina.

Outra indagação a ser feita se refere à necessidade da construção do Manto do Reconhecimento que o próprio Bispo mostra, em várias passagens, ser o seu representante não só para Deus Todo Poderoso na *passagem*, mas também para ser fotografado e para encenar, quando vestido com ele, a peça *Romeu e Julieta* na vivência sexual (im) possível com a figura

¹¹² HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 9.

feminina — a estagiária de psicologia por quem ele conseguiu estabelecer um vínculo no amor de transferência, numa relação idealizada.

Ainda, cabe a pergunta, por que a escolha exatamente desta peça de Shakespeare, para ser encenada na despedida da estagiária, com o Manto do Reconhecimento colocado sobre a cama junto à camisola que Rosangela deveria vestir — ao lado de um baú repleto de roupas femininas íntimas —, *figurino e palco* para a representação da peça *Romeu e Julieta*?

E, finalmente, por que foi exatamente essa cama, a do desencontro amoroso entre Bispo e Rosangela, na representação de uma peça de encontro amoroso apenas na morte, que foi transformada, posteriormente, em *cama-nave*, para acolher Bispo do Rosario *vestido* com o Manto do Reconhecimento na *passagem*, para se apresentar ao Todo Poderoso no dia do Juízo Final?

Ao partir da premissa de que a psicanálise, de alguma forma, poderá ajudar na compreensão e nas possíveis respostas às questões aqui explicitadas, tentaremos trabalhar as elaborações teóricas pertinentes de Freud e de Lacan, principalmente, na tentativa de se chegar à compreensão da importância da obra como *sinthome* na vida de Bispo do Rosario, e nesta, qual o papel desempenhado pelo Manto do Reconhecimento.

O Manto do Reconhecimento foi a única peça da qual Bispo nunca se separou, quando permitiu que todas as outras peças participassem das exposições, após conversar sobre elas e prescrever-lhes as formas de conduta adequada noutro ambiente que não o familiar, aquele da sua cela, como se fossem peças vivas e suas filhas. Nas fotografias de Bispo, às quais tivemos acesso, ele se mostra, na maior parte das vezes, vestido com o Manto do Reconhecimento. O Manto do Reconhecimento foi o vínculo mais próximo e pessoal, construído e constantemente retomado no seu caminho para a morte que, no entanto, foi sempre adiada, permitindo-lhe viver, mesmo dentro de um sentido delirante, até a idade de 80 anos, em um manicômio.

Capítulo 2

Construções teórico-clínicas psicanalíticas necessárias à elaboração da noção lacaniana de *sinthome*

E o ser do homem não apenas não pode ser compreendido sem a loucura, como não seria o ser do homem se não trouxesse em si a loucura como limite de sua liberdade.

Jacques Lacan, Formulações sobre a causalidade psíquica, p. 177.

2.1 Elaborações freudianas para a criação da noção lacaniana de *sinthome*

Neste capítulo, serão retomadas na obra freudiana aquelas construções que podem, de alguma forma, mostrar sua relevância para a construção da noção lacaniana de *sinthome*. Serão focalizadas as experiências vivenciadas com o Outro primordial, pois Lacan vai trabalhá-las no estudo sobre a capacidade de criação *ex nihilo*, não só no estudo da sublimação, focalizado em *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*, mas também à medida que avança em seu ensino. Há sempre referência à proximidade ou ao afastamento desse Outro primordial, chamado *das Ding*, por Freud, importante para a construção lacaniana da noção de *sinthome* e da criação do objeto absoluto *a*, objeto causa do desejo, sustentado pela fantasia na neurose, e de objeto órgão *a*, não velado pela interdição da lei paterna, que se presentifica na psicose.

Freud, em 1895, no texto “Projeto para uma psicologia científica”, refere-se à importância da presença de uma pessoa experiente, chamada por Lacan de a Coisa freudiana, numa referência ao Outro primordial — *das Ding* —, ao falar da *ação específica*, que “só pode ser promovida de determinadas maneiras”, por “*ajuda alheia*” no sentido de sedar o estímulo interno da fome, da sede, do mal-estar do desamparo inicial da criança por meio da alteração no mundo externo (fornecimento de víveres, aproximação do objeto sexual), tendo “como resultado uma propensão à descarga, uma *urgência*, que é liberada pela via motora.” Freud complementa que “essa via de descarga adquire, assim, a importantíssima função secundária da *comunicação*, sendo o desamparo inicial dos seres humanos a fonte primordial de todos os motivos morais.”¹¹³ Essa fala de Freud é o prenúncio da criação da teoria das pulsões, sobretudo das pulsões sexuais,¹¹⁴ pois chama a atenção para o fato de que “é assim que surge no interior do sistema o impulso que sustenta toda a atividade psíquica. Conhecemos essa

¹¹³ Cf. FREUD, Projeto para uma psicologia científica, p. 336. (Grifo no texto).

¹¹⁴ Cf. a nota de rodapé (3), p. 335, do Projeto para uma psicologia científica: “essa é uma das raras aparições da palavra “*Trieb*” nas primeiras obras de Freud.”

força como vontade — o derivado das *pulsões*.”¹¹⁵ Os estímulos endógenos “se originam nas células do corpo e criam as grandes necessidades: fome, respiração e sexualidade”,¹¹⁶ como verdadeiras reações pré-formadas, e, ao receberem a intervenção da pessoa experiente, serão sedados em relação à pressão inicial das necessidades vitais, segundo o princípio da inércia que, para Freud, regula o funcionamento do aparelho neurônico. A formulação sobre esse princípio de inércia reaparece posteriormente na obra freudiana, pois a vida caminha para a morte¹¹⁷ e a pertinência dessa idéia permitirá a comparação entre o sintoma e o ato criativo, *de forma disjuntiva*, em muitos momentos da pena de Freud.

A possibilidade da criação, como resultante do conflito interno da formação sintomática, quando a libido insatisfeita, repelida pela realidade, procura outras vias para se satisfazer, aparece de forma explícita na “Conferência XXIII: Os caminhos da formação dos sintomas”,¹¹⁸ sobre os modos pelos quais o sintoma possa vir a tomar nesse percurso: do sintoma somático das neuroses atuais, sem um mecanismo psíquico fantasmático na sua formação,¹¹⁹ ao sintoma decorrente da regressão a um auto-erotismo difuso,¹²⁰ e ao sintoma

¹¹⁵ FREUD, Projeto para uma psicologia científica, p. 335. (Grifo no texto).

¹¹⁶ Cf. a nota de rodapé (3) da p. 316, do Projeto para uma psicologia científica: “Esses estímulos endógenos são os precursores das pulsões”. Nesse sentido, pode-se subentender que essa é a “teoria do apoio” das pulsões sexuais sobre as pulsões de autoconservação.

¹¹⁷ Cf. FREUD, *Além do princípio do prazer*, p. 56.

¹¹⁸ Cf. FREUD, Os caminhos da formação dos sintomas, p. 420.

¹¹⁹ Cf. FREUD, Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada ‘neurose de angústia’, p. 105-6. [A neurose de angústia e a neurastenia são consideradas por Freud, desde o início da sua obra, neuroses atuais. Elas possuem etiologia sexual, mas são resultantes do momento presente e não dos conflitos infantis passíveis de transformarem a libido somática em libido psíquica. Caracterizam-se pelo acúmulo da excitação sexual e os sintomas aparecem sem a mediação psíquica como acontece na etiologia das psiconeuroses. Nas psiconeuroses, há o deslocamento e a condensação das representações de coisas e de palavras e a expressão, a transformação em angústia ou a supressão dos afetos. A neurose de angústia seria decorrente da ausência da descarga da satisfação sexual e a neurastenia decorreria da presença da satisfação sexual, conseguida, porém, de forma inadequada como, por exemplo, por meio da masturbação. Freud nunca abandonou a visão de que as neuroses atuais estariam no domínio da química decorrente da intoxicação por produtos do metabolismo sexual. Em “Sobre o narcisismo, uma introdução”, em 1914, Freud introduz a hipocondria, como a terceira neurose atual, e vai fazê-la corresponder às parafrenias ou neuroses narcísicas (esquizofrenia e paranóia). Freud tentou mostrar, ainda, a existência de uma provável correspondência entre os sintomas da neurose de angústia e os da neurastenia e os das psiconeuroses, quando os sintomas das neuroses atuais poderão tornar-se a pré-condição para o aparecimento dos sintomas das psiconeuroses histérica e obsessiva pela estase da libido. A concepção freudiana da neurose atual corresponde à concepção moderna de sintomas psicossomáticos. Cf. LAPLANCHE & PONTALIS, *Dicionário da psicanálise*, p. 382-384].

¹²⁰ Cf. FREUD, Os caminhos da formação dos sintomas, p. 428.

no qual se presentifica uma formação de compromisso, entre o desejo incestuoso indestrutível e a sua interdição pelo categórico kantiano explicitado por Freud, em 1923, em *O ego e o id*.

121

Freud, ainda, em 1895, no “Projeto”, faz uma associação entre a experiência de satisfação e a de dor com esse Outro primordial e o ato da criação. No texto, Freud fala do desenvolvimento do pensamento da criança em torno do vazio vivenciado pelo desencontro na realidade do que foi buscado, na tentativa de repetir a primeira *experiência de satisfação*. Há uma busca de reconstrução dos movimentos no psiquismo incipiente, que poderiam propiciar o reencontro da experiência primeira de satisfação com o objeto primordial, o que nunca mais será conseguido. Esse objeto da primeira experiência de satisfação estará, assim, para sempre perdido. Nesse sentido, a busca do encontro posterior com o *objeto sexual* será sempre a tentativa mítica do reencontro com esse objeto primordial que propiciou a *experiência de satisfação* da sedação da mucosa gástrica e dos outros cuidados necessários à manutenção da vida em decorrência do desamparo inicial da criança.

Freud lembra ser o resultado da experiência de satisfação a facilitação entre as duas imagens mnêmicas de objetos. Dessa forma, quando surge um novo estado de urgência ou de desejo, a catexia reativa as duas lembranças. O desejo nasce da falta que colocará todo o aparelho psíquico em marcha. Assim, é a tentativa de reencontro com esse ser primordial que será a força motriz do trabalho psíquico: “É provável que a imagem mnêmica do objeto seja a primeira a ser afetada pela *ativação do desejo*.”¹²² A ativação do desejo produz algo idêntico a uma percepção, como uma alucinação. Freud complementa: “Quando uma ação reflexa é

¹²¹ FREUD, *O ego e id*, p. 49. “O superego, contudo, não é simplesmente um resíduo das primitivas escolhas objetais do id; ele também representa uma formação reativa enérgica contra essas escolhas. A sua relação com o ego não se exaure com o preceito: ‘Você *deveria ser* assim (como o seu pai)’. Ela também compreende a proibição: ‘Você *não pode ser* assim (como o seu pai), isto é, você não pode fazer tudo o que ele faz; certas coisas são prerrogativas dele.’ ” (Grifos no texto).

¹²² FREUD, Projeto para uma psicologia científica, p. 337. (Grifo no texto).

introduzida em seguida a esta, a conseqüência inevitável é o desapontamento.”¹²³ Além da alucinação, na tentativa de repetir a experiência de satisfação, o desenvolvimento da capacidade do eu de julgar é que permitirá a comparação da percepção que é passível de corresponder ao estado de desejo. Do mesmo modo, há o desenvolvimento da capacidade de pensar, na tentativa de aproximação da satisfação buscada ou do afastamento necessário ao que poderá propiciar o desapontamento. Para Freud:

Assim, *julgar* é um processo Ψ que só se torna possível graças à inibição pelo ego e que é evocado pela dessemelhança entre a catexia de desejo de uma lembrança e a catexia perceptual que lhe seja semelhante. Daí se deduz que a coincidência entre essas duas catexias se converte num sinal biológico para pôr fim ao processo de pensamento e permitir que se inicie a descarga. Quando as duas catexias não coincidem, surge o ímpeto para a atividade do pensamento, que voltará a ser interrompida pela coincidência entre ambas.¹²⁴

Nesse sentido, Freud lembra ainda, no “Projeto”, a experiência da dor, quando uma quantidade excessiva de excitação rompe os dispositivos da tela protetora com um aumento de nível que é sentido como desprazer, uma propensão à descarga, que pode ser modificada em determinados sentidos, e uma facilitação entre esta última e uma imagem mnêmica do objeto que provoca a dor:

Além disso, não há dúvida de que a dor possui uma *qualidade* especial, que se faz sentir junto com o desprazer. Quando a imagem mnêmica do objeto (hostil) é renovadamente catexizada por qualquer razão — por nova percepção, digamos —, surge um estado que não é o da dor, mas que, apesar disso, tem certa semelhança com ela. Esse estado corresponde à experiência da dor.¹²⁵

Os resíduos dos dois tipos de experiências — de dor e de satisfação — são os afetos e os estados de desejo. Ambos os tipos de experiência envolvem um aumento de tensão produzido, no caso do afeto, pela liberação súbita e, no caso do desejo, por soma. Freud fala que ambos

¹²³ FREUD, Projeto para uma psicologia científica, p. 337.

¹²⁴ FREUD, Projeto para uma psicologia científica, p. 345.

¹²⁵ FREUD, Projeto para uma psicologia científica, p. 338. (Grifo no texto).

os estados revelam-se importantes para a passagem da quantidade em Ψ , pois deixam atrás de si motivações que se constituem no tipo compulsivo. O estado de desejo provoca uma atração positiva para o objeto desejado — atração de desejo primária —, ou por sua imagem mnêmica, e a experiência da dor leva à repulsa — defesa primária — que é o recalçamento, quando a imagem hostil é abandonada o mais depressa possível por sua catexia.¹²⁶ A seguir, Freud introduz a organização do eu que pode ser definido:

[...] como a totalidade das catexias Ψ existentes em determinado momento, nas quais cumpre diferenciar um componente permanente e outro mutável [...] e] que as facilitações entre os neurônios Ψ fazem parte dos domínios do ego, já que representam possibilidades, se o ego for alterado, de determinar a sua extensão nos momentos seguintes.¹²⁷

Freud, então, acrescenta que, se o eu existe,

[...] com o auxílio de um mecanismo que atrai sua *atenção* para a nova catexia iminente da imagem hostil, pode conseguir inibir a passagem | da quantidade | de uma imagem mnêmica para uma liberação de desprazer por meio de uma copiosa catexia colateral que pode ser reforçada de acordo com as necessidades.¹²⁸

Assim, a partir da realidade inaugural com essa pessoa experiente, que Lacan chamará de Outro primordial, a Coisa freudiana — *das Ding* — e da organização, mesmo incipiente, do eu, Freud liga a possibilidade de criação pelo eu à existência da dessemelhança entre o buscado pela catexia de desejo e o encontrado na realidade como catexia perceptual e, nesse sentido, pelas experiências de satisfação e de dor, que estruturarão as coordenadas de prazer e desprazer, presentificadas nas escolhas a serem feitas nos momentos posteriores da vida.

Encontra-se, no mesmo “Projeto”, além do ato do pensamento e da criação, que envolvem o aumento das catexias colaterais do eu, o processo de formação sintomática na primeira mentira histórica de Emma, na temporalidade do trauma, no *après coup* do

¹²⁶ Cf. FREUD, Projeto para uma psicologia científica, p. 340-341.

¹²⁷ FREUD, Projeto para uma psicologia científica, p. 340-341.

¹²⁸ FREUD, Projeto para uma psicologia científica, p. 342. (Grifo no texto).

inconsciente. Emma, aos 8 anos, esteve em uma confeitaria, por duas ocasiões, para comprar doces. Na primeira vez, foi tocada nos seus genitais, por sobre sua roupa, pelo proprietário que também riu para ela. Dessa primeira cena, ficaram inscrições no inconsciente, que se transformaram em reminiscências. Assim, o trauma aparece, num segundo momento, na lembrança da primeira cena que lhe vem à mente, em decorrência da ressignificação dessa lembrança, quando Emma, aos 12 anos, depara-se com os risos de outros dois vendedores. Ao sentir-se atraída sexualmente por um dos vendedores, em decorrência do seu desenvolvimento sexual, na atemporalidade do *après coup* do inconsciente, Emma retorna à cena vivenciada aos 8 anos de idade, e, então, consegue compreender o que foi vivenciado com o confeitiro. Para Freud, o trauma surge no momento da lembrança que acarreta a emergência do afeto da angústia junto à liberação da moção sexual frente ao homem que, na segunda cena, torna-se um objeto de atração sexual. Freud se refere à formação do sintoma, quando Emma acha-se dominada pela compulsão de não mais entrar em quaisquer outras lojas. A noção de gozo já se acha presente assim nesse texto inicial de Freud, pois Emma voltou uma segunda vez na confeitaria, quando ainda tinha 8 anos, para comprar doces, após ter sido tocada nos seus genitais. Freud, então, acrescenta que Emma, “agora se recrimina por ter ido a segunda vez; como se com isso tivesse querido provocar a investida do confeitiro novamente. De fato, seu estado de ‘consciência pesada e opressiva’ remonta a essa experiência.”¹²⁹

A falta de uma tela protetora,¹³⁰ que impediria o *après coup* do atemporal do inconsciente e a conseqüência de um excesso libidinal traumático voltado para o interior, aparecerá no “Projeto” e em momentos posteriores da obra freudiana. No texto de 1920, *Além do princípio do prazer*, Freud se refere ainda à necessidade da presença de um escudo protetor externo: “A *proteção* contra os estímulos é, para os organismos vivos, uma função quase mais

¹²⁹ FREUD, Projeto para uma psicologia científica, p. 369.

¹³⁰ FREUD, Projeto para uma psicologia científica, p. 338.

importante do que a recepção deles.”¹³¹ Essa realidade se mostra importante na necessidade da atividade de criação, não só na repetição das atividades que geram prazer, segundo as coordenadas do que foi vivenciado nas experiências de satisfação e de dor, mas, também, na compulsão à repetição na tentativa de simbolização das experiências traumáticas. Não há como o eu se proteger dos estímulos internos, das moções pulsionais na ausência da tela ou do escudo protetor interno, como o organismo se equipou para fazê-lo externamente, a partir, inclusive, da formação dos órgãos dos sentidos.

Freud, no texto do “Projeto”, embora trabalhe o início plausível da capacidade do pensamento e da formação de sintomas, não parece estabelecer uma relação explícita entre ambos os processos. Ele se refere aos mecanismos da condensação e do deslocamento pertencentes ao processo primário, no *après coup* do atemporal do inconsciente, na formação sintomática, e à possibilidade do desenvolvimento do pensamento e do eu, segundo também o processo secundário, a partir do vivenciado desde as primeiras experiências de satisfação e de dor. No texto, tornam-se claros, no entanto, os esboços da criação da teoria das pulsões, as de autoconservação e as sexuais, a importância da presença de uma pessoa experiente que decodifique as reações não específicas de gritos, choros e de manifestações emocionais da criança, pessoa essa envolvida com o despertar e com o cessar dos estímulos endógenos da criança, e, em consequência com a própria sexualidade da criança. As respostas da criança são inadequadas às exigências da situação de urgência, porque as excitações internas continuam a fluir, como fazem as pulsões, apesar das tentativas da criança de detê-las. A ação específica satisfatória é pressuposta, no texto, pela experiência de satisfação.¹³²

Nesse início de formalização teórica, na construção de um “Projeto para uma psicologia científica”, Freud, ao se referir à aproximação do objeto sexual como ação específica,¹³³

¹³¹ FREUD, *Além do princípio do prazer*, p. 43. (Grifo no texto).

¹³² Cf. LAPLANCHE & PONTALIS, *Vocabulário da Psicanálise*, p. 25-7.

¹³³ FREUD, *Projeto para uma psicologia científica*, p. 336.

parece apenas fazê-lo em relação à sexualidade adulta. Emma teria sido tocada nos seus genitais, pela primeira vez, na idade de 8 anos, tendo sofrido o trauma, a partir das suas reminiscências no *après coup* do atemporal do inconsciente, somente aos 12 anos de idade, possivelmente, no rastro do que possa ter vivenciado com a mãe ou com a “pessoa experiente” que cuidou de Emma.¹³⁴

Contudo, em os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, de 1905, texto que trata da sexualidade infantil, essa visada é revista por Freud, e há várias referências inclusive à possibilidade de sublimação e ao mecanismo subjacente ao processo de criação. No texto, o termo “sublimação” é citado inicialmente em relação à pulsão escópica, ligada ao interesse pelos genitais, em decorrência da progressiva ocultação do corpo advinda da civilização, e a conseqüente possibilidade de que essa pulsão parcial seja desviada para a arte. Ao referir-se ao trabalho intelectual enfatiza: “É possível que nada de importância ocorra no organismo sem fornecer seus componentes para a excitação da pulsão sexual.”¹³⁵

No item “Vias de influência recíproca”, Freud explicita o mecanismo subjacente à formação sintomática e à sublimação, ressaltando que as vias de ligação que levam à sexualidade, vindas de outras funções, devem também ser percorríveis na direção inversa. Conclui que as mesmas vias pelas quais as perturbações sexuais se propagam para as outras funções do corpo devem, também, prestar, na saúde, um outro importante serviço, já que por meio delas se daria a atração das forças pulsionais da sexualidade para outros alvos não-sexuais, ou seja, a sublimação da sexualidade.¹³⁶

No item “Sublimação”, Freud considera a formação reativa como uma subvariedade da sublimação, e acrescenta, em uma nota de rodapé de 1920, outra importante pulsão parcial,

¹³⁴ Essa articulação é devida a Antônio Franco Ribeiro da Silva na formação psicanalítica realizada, sob sua coordenação, no Círculo Psicanalítico de Minas Gerais, de 1990 a 1995. Antônio Ribeiro sempre voltava ao “Projeto”, para as devidas articulações com as construções posteriores de Freud.

¹³⁵ FREUD, *Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, p. 147.

¹³⁶ FREUD, *Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, p. 193.

ligada a traços de caráter, o erotismo uretral, relacionando-o com a ambição, além do erotismo anal ligado aos traços de caráter, como a obstinação, a parcimônia e o comportamento metódico.¹³⁷

Em 1907, no texto “Escritores criativos e devaneios”, Freud explicita o valor da obra como sublimação. Na sublimação, o artista, ao trabalhar de forma a depurar o desejo incestuoso e suas pulsões parciais, faz com que a forma final de sua obra suscite no espectador o mesmo fascínio e o estado de paixão que o levaram a engendrá-la.

Em 1908, em “Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna”, mostra ser a plasticidade da pulsão sexual a responsável pelo deslocamento dos objetivos sexuais, sem que haja restrição considerável da sua intensidade, permanecendo o objetivo não-sexual relacionado psiquicamente com o objetivo sexual original.¹³⁸ Ratifica que a sexualidade humana é formada por muitos constituintes, e que se apresenta mais vigorosamente desenvolvida no homem do que na maioria dos animais superiores, desde que ele superou a periodicidade de sua vida sexual. A pulsão sexual coloca à disposição da atividade civilizada uma extraordinária quantidade de energia pela sua capacidade de deslocar seus objetivos sem restringir consideravelmente a sua intensidade. Lembra, no entanto, que contrastando com essa motilidade, a pulsão sexual é passível também de fixar-se, tornando-se inútil para fins culturais, podendo degenerar-se até condições de franca anormalidade. Ressalta que a constituição inata de cada indivíduo é que definirá a porção da pulsão sexual destinada à sublimação e a que será utilizada diretamente. Acrescenta, porém, que os efeitos da experiência e das influências intelectuais sobre o aparelho psíquico conseguem provocar a sublimação de outra parcela da pulsão. Contudo, Freud é explícito quanto à impossibilidade de se ampliar indefinidamente esse processo de deslocamento, pois, para a grande maioria dos indivíduos, parece ser indispensável certa quantidade de satisfação sexual direta. Explicita, no

¹³⁷ FREUD, *Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, p. 224.

¹³⁸ FREUD, *Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna*, p. 193.

texto, a sublimação como disjuntiva à neurose: “A experiência nos ensina que existe para a imensa maioria das pessoas um limite além do qual suas constituições não podem atender às exigências da civilização. Aqueles que desejam ser mais nobres do que suas constituições lhes permitem, são vitimados pela neurose.”¹³⁹ No mesmo texto, afirma que o domínio da pulsão pela sublimação, defletindo as forças pulsionais sexuais do seu objetivo sexual para fins culturais mais elevados, só pode ser efetuado por uma minoria, e mesmo assim de forma intermitente, tornando-se muito difícil no período ardente e vigoroso da juventude.¹⁴⁰ Acrescenta que a relação entre a quantidade de sublimação possível e a quantidade de atividade sexual necessária varia muito de indivíduo para indivíduo e de profissão. Freud apresenta, nesse texto, a tese de que: “o comportamento sexual ativo de um ser humano freqüentemente *constitui o protótipo* de suas demais reações ante a vida.”¹⁴¹

Em 1909, nas *Cinco lições de psicanálise*, pronunciadas na Clark University, em Massachusetts, USA, explicita que o recalçamento automático é substituído por um julgamento, quando, então, o controle consciente do desejo é atingido. A sublimação aqui é uma das possibilidades oferecidas para a utilização do recalçado, após a condução de um processo analítico.

Na “Quarta lição”, Freud faz uma referência importante em relação à pulsão escópica e ao prazer que se pode usufruir dela. Do prazer ativo — o olhar — desenvolver-se-á mais tarde a sede de saber e, do passivo — o ser olhado, o se exhibir — o pendor para as representações artísticas e teatrais.¹⁴²

Na “Quinta lição”, Freud afirma que o homem, ao defrontar-se com as elevadas aspirações de nossa cultura e sob a pressão das mais íntimas repressões, busca manter uma vida de fantasia que lhe permita compensar as deficiências da realidade, engendrando

¹³⁹ FREUD, Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna, p. 197.

¹⁴⁰ FREUD, Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna, p. 198.

¹⁴¹ FREUD, Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna, p. 203. (Grifos no texto).

¹⁴² FREUD, *Cinco lições de psicanálise*, p. 41.

realizações de desejos. Nas fantasias, há muito da própria natureza constitucional da personalidade e muito dos sentimentos recalçados. Quando o homem não consegue transformar a realidade, seja pela oposição do mundo exterior, seja pela sua própria fraqueza, poderá desprender-se da realidade, recolhendo-se ao seu mundo de fantasia, no qual poderá gozar, por exemplo, num sintoma neurótico. Em condições favoráveis, Freud fala da possibilidade de o sujeito encontrar outro caminho, ao invés de se alhear da realidade definitivamente pela regressão ao período infantil: “Quando a pessoa inimizada com a realidade possui *dotes artísticos* (psicologicamente ainda enigmáticos) podem suas fantasias transmutar-se não em sintomas senão em criações artísticas; subtrai-se desse modo à neurose e reata as ligações com a realidade.”¹⁴³ Comenta ainda que, na realidade, as neuroses não têm um conteúdo psíquico específico, já que os neuróticos adoecem pelos mesmos complexos com que lutam os que possuem saúde perfeita: “Conforme as circunstâncias de *quantidade* e da proporção entre as forças em choque, será o resultado da luta a saúde, a neurose ou a sublimação compensadora.”¹⁴⁴

Nas *Cinco lições*, deixa clara a disjunção entre neurose e a produção artística ou outra produção sublimatória, também, na seguinte afirmação:

Quando com a revolta perpétua contra o mundo real faltam ou são insuficientes esses preciosos dons, é absolutamente inevitável que a libido, seguindo a origem da fantasia, chegue ao reavivamento dos desejos infantis, e com isso à neurose, representante, em nossos dias, do claustro aonde costumavam recolher-se todas as pessoas desiludidas da vida ou que se sentiam fracas demais para viver.¹⁴⁵

Quanto ao desejo inconsciente, Freud explicita que não há porque temer o seu desrecalcamento, pelas conseqüências desastrosas que ele possa acarretar para a civilização. O desejo se manifesta com muito mais força quando inconsciente do que quando consciente e, ao se tornar consciente, só poderá enfraquecer.

¹⁴³ FREUD, *Cinco lições de psicanálise*, p. 47. (Grifo no texto).

¹⁴⁴ FREUD, *Cinco lições de psicanálise*, p. 47. (Grifo no texto).

¹⁴⁵ FREUD, *Cinco lições de psicanálise*, p. 47.

Em primeiro lugar, o tratamento analítico, assim, coloca-se como o melhor substituto do recalçamento desfeito, sendo valioso para a utilização do retorno do recalçado em termos das aspirações da civilização, isto é, para a sublimação.

Em relação ao tratamento analítico, o recalçamento é, também, substituído pelo julgamento de condenação efetuado com recursos mentais superiores no analisando. Lembra que o processo de recalçamento foi decorrente da própria incompletude e imaturidade do psiquismo como único destino pulsional possível na infância e que a força e a maturidade atuais do indivíduo permitem-no hoje dominar aquilo que um dia lhe foi hostil. No entanto, ressalta que a extirpação radical dos desejos infantis não é absolutamente o fim ideal de um processo analítico. Em consequência dos recalçamentos, o neurótico perdeu muitas fontes de energia psíquica que lhe teriam sido de grande valor na formação do caráter e na luta pela vida. Lembra, ainda, que por meio da sublimação a energia dos desejos infantis não se anula, mas torna-se utilizável e substitui o alvo de algumas tendências por outro mais elevado, quando se permuta o fim sexual por outro mais distante e de maior valor social.

Como a terceira possibilidade do desenlace do tratamento psicanalítico, Freud salienta a importância da liberação da moção pulsional para a satisfação sexual direta, que se deve procurar alcançar na vida. Coloca, assim, o risco da grande tentação de uma sublimação contínua e cada vez mais intensa, ao buscarmos maiores frutos para a sociedade, em decorrência da própria plasticidade dos componentes sexuais: “E se o cerceamento da sexualidade for exagerado, trará consigo todos os danos duma exploração abusiva.”¹⁴⁶

No texto “Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância”, publicado em 1910, Freud, embora marque de forma inquestionável o quanto são problemáticas suas formulações teóricas sobre a sublimação, ora expõe, ora intui, ou deixa nas entrelinhas aspectos

¹⁴⁶ FREUD, *Cinco lições de psicanálise*, p. 50.

importantes sobre o processo sublimatório, permitindo a retomada e as elaborações teóricas a serem feitas por outros autores. De maneira geral, deixa antever o papel desempenhado pelas fantasias e fantasias sexuais no processo sublimatório; a importância do narcisismo em sua interface com a sublimação; a realidade da reconstrução do processo analítico como uma estrutura de ficção semelhante à da obra de arte; o traumatismo ocasionado pela sedução materna, inibindo e invertendo a sexualidade de Leonardo e ocasionando a fixação e o desvio de pulsões parciais para a sua atividade sublimatória; a irreversibilidade pulsional pela maior proximidade da atividade artística à área pulsional, ameaçando o eu, enquanto a atividade científica protegeria melhor do que a artística, por reduzir o arbitrário. Na realidade, a pulsão de saber (*Wissstrieb*) não pode ser englobada entre os componentes pulsionais elementares, nem ser exclusivamente subordinada à sexualidade. É uma pulsão decomponível: seus componentes englobam pulsões do eu e pulsões sexuais. Sua atividade corresponde à fusão da pulsão agressiva de domínio, com a pulsão de investigação e a pulsão sexual escópica. Em Leonardo, há um vínculo privilegiado do conhecimento — da pulsão de investigação e da pulsão sádica, que se fundem com a pulsão parcial escópica —, em detrimento da pulsão escópica utilizada na sua atividade pictórica. Assim, a maior parte das necessidades da pulsão sexual poderá sublimar-se, graças ao prematuro privilégio do apetite do saber sexual, em um esforço de saber universal, escapando assim ao recalçamento.

Nesse texto, Freud levanta duas hipóteses, a partir dos estudos psicanalíticos de neuróticos, que se tornam importantes na sua busca de estruturar a teoria da sublimação, a saber:

1. É provável que um instinto como aquele, de força excessiva, já estivesse ativo na primeira infância do indivíduo e que a sua supremacia fosse estabelecida por impressões ocorridas na vida da criança.

2. Esse instinto foi reforçado por aquilo que, originariamente, seriam forças sexuais instintivas, de modo que mais tarde poderia vir a substituir uma parcela da vida sexual do indivíduo.¹⁴⁷

Conceitua a sublimação, a seguir:

A observação da vida cotidiana das pessoas mostra-nos que a maioria conseguiu orientar uma boa parte das forças resultantes do instinto sexual para sua atividade profissional. O instinto sexual presta-se bem a isso, já que é dotado de uma capacidade de sublimação: isto é, tem a capacidade de substituir seu objetivo imediato por outros desprovidos de caráter sexual e que possam ser mais altamente valorizados.¹⁴⁸

Aqui Freud, possivelmente, usou pela primeira vez o termo *Verleugnen* — negar reconhecimento, recusar — como defesa patognomônica da estrutura perversa. Na obra pictórica, por excelência, é possível retratar a recusa da castração materna.¹⁴⁹

Freud fez afirmações, utilizando inclusive da biologia, para explicar a possibilidade do entrecruzamento de uma série complementar da sublimação e da formação sintomática:

No caso de Leonardo, tivemos de sustentar o ponto de vista de que o acaso de sua origem ilegítima e a ternura exagerada de sua mãe tiveram influência decisiva na formação de seu caráter e na sorte de seu destino, pois a repressão sexual que se estabeleceu depois dessa fase da sua infância levou-o a sublimar sua libido na ânsia de saber e estabelecer sua inatividade sexual para o resto da vida. Mas esta repressão após as primeiras satisfações eróticas da infância não tinha necessariamente de se estabelecer; em outra pessoa talvez não tivesse acontecido, ou talvez tivesse atingido proporções muito menores. Temos de reconhecer aqui uma margem de liberdade que não pode mais ser resolvida pela psicanálise. [...] Deixamos, portanto, estas duas características de Leonardo que não podem ser explicadas pela psicanálise: sua tendência muito especial para a repressão dos instintos e sua extraordinária capacidade para sublimar os instintos primitivos. Os instintos e suas transformações constituem o limite do que a psicanálise pode discernir; daí em diante cede lugar à investigação da biologia. Somos obrigados a procurar a fonte da tendência à repressão e a capacidade para a sublimação nos fundamentos orgânicos do caráter, sobre o qual se vem erigir posteriormente a estrutura mental.¹⁵⁰

¹⁴⁷ FREUD, Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância, p. 71-72.

¹⁴⁸ FREUD, Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância, p. 72.

¹⁴⁹ FREUD, Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância, p. 105.

¹⁵⁰ Cf. FREUD, Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância, p. 122-123. Freud mostra aqui os fundamentos orgânicos alicerçando o psíquico, como Lacan o fez no seu último ensino.

Torna-se importante lembrar, ainda, que nesse texto de 1910, Freud se refere ao sintoma da lentidão de Leonardo, que interferiu em sua vida e em seu trabalho e acabou por afastá-lo da pintura — mesmo tendo sido o pintor de Mona Lisa —, pois essa técnica lhe exigia trabalho rápido para enfrentar a secagem das tintas.

Ao contrário, é possível observar uma extraordinária profundidade e uma riqueza de possibilidades que vêm dificultar qualquer decisão final, ambições enormes, difíceis de satisfazer, e uma inibição na execução definitiva para a qual não encontramos justificativa, mesmo considerando que o artista nunca consegue realizar o seu ideal. A vagareza, que era conspícua no trabalho de Leonardo, apresenta-se como um sintoma dessa inibição e um prenúncio de seu subsequente desinteresse pela pintura.¹⁵¹

Pode-se afirmar que a obra de Leonardo parece colocar-se num *contínuo* — do retrato de Mona Lisa —, ao portar o sorriso materno incestuoso e traumático e *constantemente repetido* nas suas pinturas após o encontro com a Gioconda, até os últimos desenhos fragmentados e disruptivos do Dilúvio. A sua criação passaria, então, a funcionar em uma neogênese pulsional, como fonte e destino pulsionais ligadas à vida fantasmática, ao realimentar-se dos traumas sucessivos que a própria criação reacende e reproduz, em circularidade destrutiva e/ou mantenedora da vida. Percebe-se o atar-se e o desatar-se do pulsional em Leonardo, dependendo do seu complexo edípico, pela introdução tardia da figura paterna na sua vida, quando o seu destino já estava selado pela sedução materna precoce.¹⁵² Assim, Freud, ao trabalhar o sintoma da lentidão e do desinteresse de Leonardo pela pintura, deixa antever que a ausência e o desinteresse do pai pelo filho nos primeiros anos da vida de Leonardo, serviram de modelo para a conduta de Leonardo, por exemplo, visível no seu desinteresse pela pintura. Há a permanência de algo que ainda *resta* a partir do modelo do pai que, mais tarde, Lacan

¹⁵¹ FREUD, Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância, p. 63.

¹⁵² FREUD, Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância, p. 85.

vai chamar, na segunda clínica, de pai-sintoma: a *père version*, a versão para o pai, quando o pai-sintoma é quem opera a distinção entre os registros e a forma de gozo do sujeito.¹⁵³

Não há dúvida de que o artista criador se considera como o pai de sua obra. Para Leonardo, o reflexo de sua identificação com o pai foi prejudicial para a sua pintura. Criava a obra de arte e depois dela se desinteressava, *do mesmo modo que seu pai se desinteressava por ele*. O cuidado que seu pai demonstrou, mais tarde, em nada conseguiu alterar esta compulsão; porque a compulsão derivada das impressões dos primeiros anos de infância, e o que foi reprimido e se tornou inconsciente, não pode ser corrigido pelas experiências futuras.¹⁵⁴

Em 1912, em “Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor”, Freud mostra que o desenvolvimento complexo da sexualidade humana e a permanência de traços arcaicos subjacentes, acarretam, obrigatoriamente, a não-satisfação sexual completa, frente às exigências culturais. Há algo na natureza da própria pulsão sexual que é desfavorável à realização da satisfação completa. Justifica sua afirmação comentando sobre a longa e difícil história do desenvolvimento libidinal, com a irrupção bifásica da escolha de objeto e a interposição da barreira contra o incesto, quando a escolha objetual final da pulsão sexual nunca será o objeto original, mas apenas um sub-rogado do mesmo.¹⁵⁵ Além disso, a pulsão sexual é, originalmente, dividida em um grande número de componentes, alguns dos quais não podem integrar a pulsão sexual em sua forma final, mas têm de ser suprimidos ou destinados a outros empregos, em uma fase posterior. Assinala os componentes pulsionais coprófilos, que demonstraram ser incompatíveis com os padrões estéticos de cultura, provavelmente porque, em consequência de haveremos adotado a postura ereta, erguemos do chão nosso órgão do olfato. O mesmo se aplica a uma grande parte dos impulsos sádicos que constituem parte da vida erótica. As moções libidinais são difíceis de educar; assim sua

¹⁵³ Cf. MAZZUCA, SCHEJTMAN & ZLOTNIK, *Las dos clínicas de Lacan: introducción a la clínica de los nudos*, p. 128.

¹⁵⁴ FREUD, Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância, p. 111. (Grifo nosso).

¹⁵⁵ A construção lacaniana do objeto absoluto *a*, objeto causa do desejo, ligado à relação com a mãe, parece acercar-se do explicitado nessa fala de Freud.

educação ora consegue de mais, ora de menos.¹⁵⁶ O que a civilização pretende fazer da sexualidade parece inatingível, a não ser à custa de uma ponderável perda de prazer:

A própria incapacidade do instinto sexual de produzir satisfação completa, tão logo se submete às primeiras exigências da civilização, torna-se a fonte, no entanto, das mais nobres realizações culturais que são determinadas pela sublimação cada vez maior de seus componentes instintivos.¹⁵⁷

Em 1914, em “Sobre o narcisismo: uma introdução”, Freud mostra que o eu é também objeto de investimento libidinal e que a sublimação é realizada pela libido narcísica, pela mediação do eu que retira para si parte da libido objetal. Se há conflito, é tópico: entre o eu e a libido do objeto, e não mais entre pulsões do eu e pulsões sexuais. A formação de um ideal aumenta as exigências do eu, constituindo o fator mais poderoso a favor do recalçamento. E continua afirmando que a sublimação é uma saída, uma maneira pela qual essas exigências podem ser atendidas sem envolver recalçamento.¹⁵⁸

No mesmo ano, no texto “Os instintos e suas vicissitudes” inclui a sublimação, ao lado da reversão a seu oposto, do retorno em direção ao próprio eu do indivíduo e do recalçamento, como destinos da pulsão.¹⁵⁹

Em 1916/1917, na “Conferência XXII - Algumas idéias sobre o desenvolvimento e regressão – etiologia”, Freud ressalta como fundamental na sublimação a plasticidade das pulsões sexuais, no sentido de serem suscetíveis de se substituírem umas pelas outras, ou seja, de uma determinada pulsão poder tomar para si a intensidade de outra ou de outras. Este fato implica a possibilidade de ressarcimento da satisfação de uma moção pulsional por outra, quando a realidade frustra o inicialmente buscado e, assim, sucessivamente. A possibilidade de troca de objetos, na adoção de substitutos, segundo uma série, quando geralmente há algo

¹⁵⁶ FREUD, Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor, p. 171-173.

¹⁵⁷ FREUD, Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor, p. 172.

¹⁵⁸ FREUD, Sobre o narcisismo: uma introdução, p. 111-112.

¹⁵⁹ FREUD, Os instintos e suas vicissitudes, p. 147.

em comum que os possa unir, poderá atuar como preventivo da possibilidade de adoecer. Ratifica que há um limite à quantidade de libido não satisfeita que os seres humanos, em média, podem suportar e que, entre os objetivos sexuais e não-sexuais, são mantidas relações genéticas. Explicita que na sublimação os objetivos sociais são colocados acima dos objetivos sexuais, eminentemente egoístas, já que visam aos interesses próprios do indivíduo.¹⁶⁰

Em 1916-7, na “Conferência XXIII: Os caminhos da formação dos sintomas”, das suas *Conferências introdutórias sobre psicanálise*, ele faz uma articulação dos dois processos, o da formação sintomática e o da criação, ao trabalhar explicitamente a série complementar. Freud lembra que:

[...] os sintomas neuróticos são resultado de um conflito, e que este surge em virtude de um novo método de satisfazer a libido. As duas forças que entraram em luta encontram-se novamente no sintoma e se reconciliam, por assim dizer, através do acordo representado pelo sintoma formado. É por essa razão, também, que o sintoma é tão resistente: é apoiado por ambas as partes em luta. *Também sabemos que um dos componentes do conflito é a libido insatisfeita, que foi repelida pela realidade e agora deve procurar outras vias para satisfazer-se.*¹⁶¹

Freud fala, assim, da possibilidade de a libido encontrar outra fonte de satisfação na criação. Assim, em decorrência da intransigência da realidade, caso haja a impossibilidade de satisfação libidinal:

[...] a mesma libido, finalmente, será compelida a tomar o caminho da regressão e a tentar encontrar satisfação, seja em uma das organizações que já havia deixado para trás, seja em um dos objetos que havia anteriormente abandonado. A libido é induzida a tomar o caminho da regressão pela fixação que deixou após si nesses pontos do seu desenvolvimento.¹⁶²

Se a regressão não suscitar uma objeção por parte do eu, não surgirá neurose e sim a perversão, pois a libido conseguirá algum tipo de satisfação real, mesmo que não seja uma

¹⁶⁰ Cf. FREUD, Algumas idéias sobre desenvolvimento e regressão – etiologia, p. 403-404.

¹⁶¹ FREUD, Os caminhos da formação dos sintomas, p. 419-20. (Grifos nossos). Essa passagem da obra de Freud fornece sustentação à criação lacaniana da noção de *sinthome*, quando a criação é derivada dos conflitos internos decorrentes da formação e/ou da manutenção dos sintomas, com relevância para a regressão da libido a pontos, objetos ou modos de satisfação anteriores e não consegue uma realização sexual direta.

¹⁶² FREUD, Os caminhos da formação dos sintomas, p. 420.

satisfação normal. É na cunha da regressão da libido e da impossibilidade da sua satisfação real que surgirá o conflito, a partir do qual Freud fala da necessidade de que ela possa buscar outras possibilidades de satisfação. Os pontos de fixação da libido, no processo do seu desenvolvimento, são decorrentes do recalçamento por meio do qual o eu se protegeu das tendências incestuosas barradas pelo princípio da realidade: “A libido, por assim dizer, é interceptada e deve procurar escapar em alguma direção na qual, de acordo com as exigências do princípio do prazer possa encontrar uma descarga para suas catexias de energia.”¹⁶³

Freud lembra que a libido encontra as fixações necessárias para romper a força do recalçamento é nas atividades e nas experiências da sexualidade infantil, nas tendências parciais e nos objetos infantis abandonados. Para que isso aconteça, ele explicita que, todos os objetos e tendências e os seus derivados ainda são mantidos, com alguma intensidade, nas fantasias:

Como encontra a libido o caminho para chegar a esses pontos de fixação? Todos os objetos e tendências que a libido abandonou ainda não foram abandonados em todos os sentidos. Tais objetos e tendências, ou seus derivados, ainda são mantidos, com alguma intensidade, nas fantasias. Assim, a libido necessita retirar-se para as fantasias, a fim de encontrar aberto o caminho que conduz a todas as fixações reprimidas. [...] Partindo daquilo que, agora, são fantasias inconscientes, a libido movimenta-se para trás, até as origens dessas fantasias no inconsciente – aos seus próprios pontos de fixação.¹⁶⁴

Freud marca que esse é o mesmo mecanismo encontrado nos sonhos e que as idéias recalçadas, à quais são transferidas as catexias libidinais no processo de regressão, pertencem ao sistema inconsciente e estão sujeitas aos processos de condensação e de deslocamento do processo primário que ali impera. Em seguida, Freud faz a analogia da formação do sonho à da formação sintomática:

¹⁶³ FREUD, Os caminhos da formação dos sintomas, p. 420. Nesse sentido, a perversão se posta como um dos principais pilares para a criação da noção lacaniana de *sinthome*.

¹⁶⁴ FREUD, Os caminhos da formação dos sintomas, p. 436.

O sonho propriamente dito, que foi completado no inconsciente e que é a realização de uma fantasia inconsciente constituída de um desejo, enfrenta uma parcela de atividade (pré-) consciente que exerce o papel de censura e que, quando foi preservada, permite a formação do sonho manifesto em forma de um acordo.¹⁶⁵

A partir dessa analogia, passível de ser estendida à criação, ele acrescenta como uma das possíveis definições de sintoma:

[...] o sintoma emerge como um derivado múltiplas vezes distorcido da realização de desejo libidinal inconsciente, uma peça de ambigüidade engenhosamente escolhida, com dois significados em completa contradição mútua.¹⁶⁶

Freud aponta na formação dos sintomas a importância das experiências infantis que ocorreram numa época de desenvolvimento incompleto. As experiências vivenciadas por um psiquismo incipiente são capazes de efeitos traumáticos e, por essa razão, passam a possuir o peso de um fator constitucional. Assim, na equação etiológica da neurose,¹⁶⁷ a disposição devida à fixação da libido é decorrente desses dois componentes — constituição sexual e experiência infantil — que são adicionados a uma experiência casual traumática de um adulto. A importância da série etiológica se mostra em séries complementares em que são encontrados casos extremos, com a predominância de um dos fatores, até as mesmas relações entre os fatores considerados. É o conceito de série complementar o que permitirá situar cada estudo de caso em um ponto da série de acordo com a interação das partes que decorrem da constituição sexual, das fixações infantis e da força dos traumas ocorridos na vida adulta. Esse raciocínio é aplicável à configuração de uma determinada estrutura clínica, a partir da sua possibilidade de criação.

Além disso, Freud lembra a importância da magnitude das energias que pertencem à série etiológica, além da dinâmica desses processos mentais. Ressalta, ainda, aspectos

¹⁶⁵ FREUD, Os caminhos da formação dos sintomas, p. 421.

¹⁶⁶ FREUD, Os caminhos da formação dos sintomas, p. 419-20.

¹⁶⁷ FREUD, Os caminhos da formação dos sintomas, p. 423.

importantes, não só na formação de sintomas, mas na própria atividade criativa, e faz um paralelo entre os dois processos. Junto à análise qualitativa dos determinantes etiológicos, que permitirá uma visão dinâmica dos conflitos psíquicos, explicita a importância do fator quantitativo na série etiológica, numa valoração essencialmente econômica. Ele, então, fala que se pode supor ser a disposição das pulsões parciais, em todos os seres humanos, qualitativamente semelhante e que a variação é devida às condições quantitativas. Assim, importa saber que cota de libido não utilizada uma pessoa é capaz de manter em suspensão, e quanto desta parcela ela é capaz de desviar dos fins sexuais para a criação, por intermédio das fantasias. Freud lembra que: “As fantasias possuem realidade *psíquica*, em contraste com a realidade *material*, e gradualmente aprendemos a entender que, *no mundo das neuroses, a realidade psíquica é a realidade decisiva.*”¹⁶⁸

Ele fala da possibilidade da regressão da libido até ao auto-erotismo, como acontece na formação do sintoma somático:

Existe algo mais, além disso, que faz com os sintomas nos pareçam estranhos e incompreensíveis como meio de satisfação pulsional. Eles não se parecem absolutamente com nada de que tenhamos o hábito de normalmente auferir satisfação. Em geral, eles desprezam os objetos e, com isso, abandonam sua relação com a realidade externa. Podemos verificar que esta é uma conseqüência de se haver rejeitado o princípio da realidade e se haver retornado ao princípio de prazer. Também é, contudo um retorno a um tipo de auto-erotismo difuso, do tipo que proporcionava o instinto sexual nas primeiras satisfações. Em lugar de uma modificação no mundo externo, essas satisfações substituem-na por uma modificação no próprio corpo do indivíduo.¹⁶⁹

Freud também foi explícito ao se referir à ausência das fantasias na psicose, a partir dos seus estudos iniciais. Assim, na “Carta 69” a Fliess, de 21/09/1897, quando fala não acreditar mais na sua *neurótica*, Freud ratifica a importância das fantasias, pois no inconsciente não há indicações de realidade, de modo a não se distinguir entre a verdade e a ficção que é

¹⁶⁸ FREUD, Os caminhos da formação dos sintomas, p. 430. (Grifos no texto).

¹⁶⁹ FREUD, Os caminhos da formação dos sintomas, p. 428. Este tipo de sintoma, que é definido por Freud como um auto-erotismo difuso, aproxima-se do sintoma gozo de Lacan, quando o corpo é considerado como estrutura no seu último ensino.

catexizada com o afeto ¹⁷⁰. E acrescenta que “a reflexão de que, na psicose mais profunda, a lembrança inconsciente não vem à tona, não sendo, pois, revelado o segredo das experiências da infância nem mesmo no delírio mais confuso.” ¹⁷¹ Nessa fala de Freud, ainda nos seus estudos iniciais, pode-se perceber o reconhecimento da ausência de fantasias na psicose, em decorrência das possíveis falhas do processo de recalçamento. Talvez tenha sido esse um dos fatos que o tenha levado a não se debruçar sobre a possibilidade da criação na psicose, apesar de haver se aplicado ao estudo das “Memórias de Schreber”, apresentando contribuições importantes para o desenvolvimento da criação por intermédio da construção delirante na psicose e passível de revelar a história de vida do sujeito psicótico.

Freud lembra merecer a atenção o fato de que há um caminho que poderá conduzir um sujeito da fantasia de volta à realidade.

Um homem, que é um verdadeiro artista [...] sabe como dar forma a seus devaneios de modo tal que estes perdem aquilo que neles é excessivamente pessoal [...] Ademais, possui o misterioso poder de moldar determinado material até que se torne imagem fiel de sua fantasia; e sabe, principalmente, pôr em conexão uma tão vasta produção de prazer com essa representação de sua fantasia inconsciente, que, pelo menos no momento considerado, as repressões são sobrepujadas e suspensas. ¹⁷²

Em 1920, no texto *Além do princípio de prazer*, Freud introduz a pulsão de morte em oposição às pulsões de vida — que passam a englobar as pulsões sexuais e as do eu —, referindo a compulsão à repetição à pulsão de morte, exemplificada, inclusive, no que ele chama de “neurose de destino”.

Freud, em várias passagens do texto, refere-se a essa tentativa de o indivíduo se construir e reconstruir o mundo, para se estabilizar frente ao trauma. No *Fort-Da* (ir embora ali, no sentido de desaparecimento e retorno) do seu neto, “a criança não pode ter sentido a partida da mãe como algo agradável ou mesmo indiferente. Como, então, a repetição dessa

¹⁷⁰ FREUD, Carta 69, p. 280.

¹⁷¹ FREUD, Carta 69, p. 280.

¹⁷² FREUD, Os caminhos da formação dos sintomas, p. 439.

experiência aflitiva, enquanto jogo, harmonizava-se com o princípio de prazer?”¹⁷³ Freud articula outra brincadeira semelhante a essa, quando a criança, ainda, na possibilidade do manejo de poucos sons, para a sua comunicação com o ambiente, usa o espelho, para representar o aparecimento de si mesma no rastro do desaparecimento da mãe.¹⁷⁴

Freud se refere às representações artísticas, como na tragédia, por exemplo: “as mais penosas experiências [que], no entanto, podem ser sentidas como altamente prazerosas.”¹⁷⁵ Quanto às neuroses traumáticas e aos sonhos de angústia, ele comenta sobre a compulsão à repetição que sobrepuja o princípio de prazer,¹⁷⁶ na possível tentativa de elaborá-las pela simbolização.

Em 1923, em *O ego e o id*, Freud apresenta a segunda tópica necessária à compreensão dos fenômenos clínicos, quando o aparelho psíquico passa a ser representado pelas instâncias do isso, do eu e do supereu. A segunda tópica absorve a anterior, aquela explicitada inicialmente na “Carta 52”, de 06/12/1896, na primeira tentativa freudiana de construção do aparelho psíquico. Na referida carta, o aparelho psíquico é formado a partir dos signos de percepção, os quais, pelo recalçamento originário — com o mecanismo de contra-investimento —, e pelos recalçamentos posteriores vão configurando paulatinamente o inconsciente, o pré-consciente e o consciente. No que se refere ao aparelho psíquico reconstruído em *O ego e o id*, em 1923, na segunda tópica, Freud articula o ato criativo e o sintoma às duas classes de

¹⁷³ FREUD, *Além do princípio do prazer*, p. 27.

¹⁷⁴ Cf. FREUD, *Além do princípio do prazer*, p. 27, n.r. 1. Freud ali se refere à substituição do carretel pelo seu próprio neto, que se torna o representante da mãe, durante a sua ausência, e se coloca defronte ao espelho, brincando de esconder e aparecer. Quando da volta da figura materna, a criança vai recebê-la com as palavras: “Bebê o-o-o-ó!” Freud diz que as palavras da criança, a princípio, pareceram ininteligíveis, “contudo, logo se viu que, durante esse longo período de solidão, a criança havia encontrado um método de fazer desaparecer a *si própria*. Descobrira seu reflexo num espelho de corpo inteiro que não chegava inteiramente até o chão, de maneira que, agachando-se, podia fazer sua imagem no espelho ‘ir embora’ ”. (Grifo no texto). Se se pensar a relação da criança com a ausência da mãe, no jogo de espelho, possivelmente, a presente passagem freudiana, alicerça a construção do estádio do espelho lacaniano, não só como prematuração na formação do eu, conforme explicitado no texto de 1949, mas ainda no espelho, quando da introdução do pequeno *a*, no resto que cai da voz do pai de Joyce, presente na *père version* da lalação da obra de Joyce. Conferir também a referência de Lacan à presença ou à elisão do falo como órgão, por uma criancinha, em *O seminário 22*, p. 45, na lição do dia 11/03/1975, transcrita na p. 99, da presente dissertação. Cf. ainda na p. 184, a n.r. 333, desta dissertação.

¹⁷⁵ FREUD, *Além do princípio do prazer*, p. 27.

¹⁷⁶ FREUD, *Além do princípio do prazer*, p. 36.

pulsões, a de vida e de morte, que também se encontram presentes e em conflito nas três instâncias, e lembra que o aspecto interditor do supereu poderá se tornar uma cultura pura da pulsão de morte, ao exibir sua independência do eu e suas relações com o isso inconsciente.

Em 1924, no texto “A perda da realidade na neurose e na psicose”, Freud expõe uma fundamentação teórica de grande importância na compreensão do que Lacan passou a chamar de “saber inventado” na neurose e na psicose. Freud ressalta que, tanto na neurose quanto na psicose, a questão a ser colocada não é apenas a da perda da realidade, mas também a de um substituto para a realidade.¹⁷⁷ Na neurose, o eu suprime uma exigência pulsional, um fragmento do isso, para atender a uma exigência da realidade e, na psicose, o eu, a serviço do isso, suprime uma exigência da realidade. Freud lembra que, na neurose, o fator decisivo é a predominância da realidade, enquanto na psicose há uma clara predominância do isso. Na neurose, no entanto, mesmo com a presença da força de repulsão que instala o recalçamento do representante pulsional interdito, o conflito psíquico não é suprimido. A doença mostra-se como resultado dos processos que fornecem uma compensação à parte do isso danificada pela reação do eu ao recalçamento e ao retorno do recalçado que insiste em trazer à tona a representação pulsional recalçada: “A perda da realidade na neurose afeta exatamente aquele fragmento de realidade, cujas exigências resultaram na repressão instintual ocorrida.”¹⁷⁸ A neurose não repudia a realidade, ela apenas a adia e a substitui por outra mais favorável pela regressão a um passado que foi mais satisfatório e que propiciou a existência de um mundo de fantasia. Freud deixa claro que o neurótico não perde o contato com a realidade, mas a reconstrói fantasisticamente de acordo com o seu desejo. A realidade psíquica, na neurose, é estritamente vinculada ao Édipo, que funciona como suporte para a formação sintomática.

Na psicose, percebem-se também duas fases. A primeira fase é patológica em si própria e só pode conduzir à enfermidade, ao afastar o eu para longe da realidade recusada:

¹⁷⁷ FREUD, A perda da realidade na neurose e na psicose, p. 234.

¹⁷⁸ FREUD, A perda da realidade na neurose e na psicose, p. 229.

“Provavelmente na psicose o fragmento de realidade rejeitado constantemente se impõe à mente, tal como o instinto reprimido o faz na neurose [...]”¹⁷⁹ A segunda fase da psicose possui o caráter de reparação, mas não a expensas de uma restrição do isso como acontece na neurose, quando a satisfação libidinal é buscada por intermédio das fantasias, mas numa reconstrução delirante da realidade.¹⁸⁰

Na neurose, esse “saber inventado” se apresenta sob a forma das fantasias construídas a partir de uma combinação inconsciente e conforme determinadas tendências de coisas experimentadas e ouvidas. Como verdadeiros anteparos, essas tendências têm o sentido de tornar inacessível a lembrança da qual emergiram ou da qual poderiam emergir os sintomas a partir do retorno do recalçado.¹⁸¹ As fantasias, assim, são construídas por um processo de amálgama e de distorção análogo à decomposição de um corpo químico que está combinado com outro, no qual há uma fragmentação, quando as relações cronológicas são postas de lado. Assim, um fragmento da cena se junta depois a um fragmento da experiência auditiva e esta combinação resulta numa fantasia e o fragmento restante é ligado a outra fantasia, tornando-se impossível determinar a conexão original.¹⁸²

Em “Dostoievski e o parricídio”, texto de 1927, Freud mostra a marca visível do sofrimento que o autor se impingia, perceptível também na sua obra, quando o sintoma e criação são sobrepostos e/ou se sucedem numa circularidade louca e demoníaca. Dostoievski quanto mais jogava e perdia, mais produzia em quantidade e qualidade compatíveis com sua

¹⁷⁹ FREUD, A perda da realidade na neurose e na psicose, p. 232 (É o retorno do recusado ou do foracluído do Simbólico no Real, segundo Lacan a partir de Freud, como mecanismo patognomônico da psicose).

¹⁸⁰ Assim, esse *saber inventado* na psicose que Lacan percebe no caso *princeps* de sua tese de doutorado, o famoso caso *Aimée*, no seu delírio erotomaníaco, que o faz voltar-se para Freud e a psicanálise.

¹⁸¹ A noção de retorno do recalçado, como a fórmula padrão da neurose propriamente, encontra-se expressa no “Rascunho K”, de 1º/01/1896, quando Freud diz: “O estágio em que as idéias recalçadas retornam e em que, durante a luta entre elas e o ego formam-se novos sintomas, que são os da doença propriamente dita [...]”, p. 243, e no texto “Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa”, de 1896: “O período seguinte, o da doença, é caracterizado *pelo retorno das lembranças recalçadas* — isto é, pelo fracasso da defesa.”, p. 160. (Grifo no texto).

¹⁸² Cf. FREUD, “Rascunho M”, p. 272.

genialidade, culpa e necessidade de punição. Em seu texto, Freud torna visível o drama edípiano perpassando todo o sofrimento, a vida e a obra de Dostoievski.

No texto de 1930, *O mal-estar da civilização*, Freud reafirma o ato criativo como um caminho para se encontrar a felicidade e reconhece que não possui uma teoria consistente que possa explicar o processo da criação. Embora não esteja explícita na obra freudiana a confluência dos dois processos, o sintomático e o criativo, em um dos seus textos tardios “Análise terminável e interminável”, Freud diz textualmente que: “somente pela ação concorrente ou mutuamente oposta dos dois instintos primevos — Eros e o instinto de morte —, e nunca por um ou outro sozinho, podemos explicar a rica multiplicidade dos fenômenos da vida”¹⁸³, incluindo, possivelmente, nesta afirmação, o processo de criação que carregaria no seu bojo o conflito pulsional, do qual inclusive, poderia alimentar-se.

Até o *Esboço da psicanálise*, escrito em 1938, Freud não conseguiu sistematizar a teoria da sublimação. A sublimação, percebida como destino pulsional, não envolvendo o recalçamento, conforme explicitara em 1914, não se mostrou suficiente para explicar o processo de criação a partir, principalmente, dos conflitos internos como os perceptíveis em Leonardo e Dostoievski. A sublimação, segundo a definição freudiana de destino pulsional, subentende a capacidade de a libido substituir um objeto sexual por um objeto não-sexual, conotado de valores e ideais sociais, sem perder de forma considerável sua intensidade, envolvendo satisfação, mesmo não sendo satisfação sexual direta, quando são mantidas relações psíquicas entre os dois objetivos. A formação reativa — mecanismo de defesa do eu —, como uma subvariedade da sublimação, subentende, ao contrário, o contra-investimento das representações investidas pela moção pulsional original conflitante, num momento tardio de desenvolvimento libidinal e do eu, e o retorno do recalçado com o deslocamento libidinal à tendência oposta, mostrando um caráter de exagero obsessivo por ser a nova característica de

¹⁸³ FREUD, *Análise terminável e interminável*, p. 276.

natureza reacional a um conflito de longa duração. Além disso, Freud não conseguiu articular o processo de criação, de forma precisa, àquele da formação sintomática, como o fez Jacques Lacan, na construção da noção de *sinthome* como uma *chave* no entrecruzamento dos dois processos, a partir da intercessão de elementos da série etiológica, junto à topologia do seu último ensino, embora tenha intuído na sua obra muito da necessidade de criação no homem, como aquele que Lacan chamou de *parlêtre*. Contudo, as construções teórico-clínicas freudianas e as intuições presentes na fragmentação de seus textos permitiram a retomada por outros, e por Lacan, em particular, que continuaram a construção do saber psicanalítico.

2.2 Desenvolvimento do pensamento lacaniano que acompanha a estruturação da noção de *sinthome*

Em 1936, quando do começo do seu percurso clínico e teórico, na busca da teorização do Imaginário, Lacan realiza a primeira formulação do estágio do espelho, revista em 1949, quando é trabalhada a importância desse estágio — que se instala entre os 6 e os 18 meses de idade —, como formador da função do eu a partir da unificação de uma imagem fragmentada do corpo. Essa imagem se torna o resultado de uma unidade captada no domínio prematuro pelo ajuntamento das partes que compõem o corpo refletido no espelho, de forma perceptivelmente falaciosa, por não corresponder a uma construção do sujeito por intermédio de aquisições conseguidas por ele mesmo. Trata-se de uma criação de Lacan, que explica inclusive a rivalidade erotizada do homem com outro homem durante toda a vida, desde que um deles seja percebido, pelo rival, como alguém completo e passível de refletir e ratificar a própria fragmentação interna daquele que se posiciona como o que observa.¹⁸⁴

¹⁸⁴ Como já comentado, essa criação lacaniana, mesmo possuindo elementos do *Fort-Da* do neto de Freud, diante do espelho, é transformadora ao realçar a fragmentação do auto-erotismo das fases iniciais da manifestação libidinal, junto à aplicabilidade dos conhecimentos da etologia, conforme o próprio Lacan explicita. A etologia estuda os costumes, os usos e os caracteres humanos, mas ela se refere também ao tratado

No entanto, Lacan ainda se refere à importância do estágio do espelho, no final do seu ensino, quando sua atenção é voltada para o Real. Assim, na lição do dia 11/03/1975, em *O seminário, livro 22*: RSI, Lacan, ao falar que é o falo que dá corpo ao Imaginário, lembra ainda o estágio do espelho e o articula ao falo como pênis, no Real, já percebido como *objeto órgão*, quando a criança mostrada em um filme, por pudor, o elide ou à sua ausência, numa prematuração:

[...] que esse estágio do espelho consiste numa unidade captada, no ajuntamento, no domínio assumido do fato da imagem disto que esse corpo de prematuro, de descordenado até aí, parece ajuntado. Fazer disso um corpo, saber que o domina, o que não acontece [...], no mesmo grau, aos animais, que nascem maduros, não há essa alegria, do estágio do espelho, a que chamei jubilação. Pois bem, há realmente, um laço disso a algo que se fizer sensível nesse filme, por algo que, fosse um menininho ou uma menininha, insisto, tinha o mesmo valor: na forma de um gesto, a mão que passa pela frente, a elisão disto que fosse talvez um falo, ou talvez sua ausência. Um gesto claramente o retirava da imagem.¹⁸⁵

Quando da época do estruturalismo, Lacan introduz, em 1953, sua tese do inconsciente estruturado como linguagem, na tentativa de enunciar os elementos que compõem o discurso analítico, ao privilegiar o Simbólico. No entanto, a articulação da cadeia de significantes vai perdendo a sua preponderância à medida que Lacan avança e passa a considerar, no seu último ensino, a estrutura como ligada, não mais ao Simbólico, mas ao corpo no campo do gozo que se funda sobre a verdade do espaço numa dessimetria, da mesma forma que há uma dessimetria no Simbólico em relação ao significante e ao significado,¹⁸⁶ até a consideração definitiva da noção de pulsão.

Mais especificamente, em 1972, no *O seminário, livro 20*: mais ainda, Lacan mostrou ser o tema do gozo o centro em torno do qual gira a questão do Real na prática analítica, quando o sujeito *não é só efeito* do significante. Em 1953, no informe de Roma, Lacan, de

que faz a comparação dos hábitos dos animais e da sua acomodação às condições do ambiente. Cf. FERREIRA, *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, p. 733.

¹⁸⁵ LACAN, *O seminário, livro 22*: RSI, p. 45, lição do dia 11/03/1975. (Mimeografado).

¹⁸⁶ LACAN, *O seminário, livro 24*: *L'insu que sait de l'une bévue s'laile à mourre*, p. 38, lição do dia 21/12/1977. (Mimeografado). Cf. ainda FRANÇA NETO, Considerações matemáticas sobre o gozo na neurose e na psicose. *Agora*, II (2): 82.

forma retórica, já havia se referido ao enlaçamento dos três registros — Real, Simbólico e Imaginário.

O caminho que Lacan percorre e que o faz passar de uma axiomática do desejo, de uma apreensão do sujeito tendo como ponto de partida o Outro, na clínica das estruturas subjetivas — que acaba por desembocar numa clínica social, pois subentende um laço com o Outro —, a uma axiomática do gozo, por meio do sintoma e do *sinthome* que buscam circunscrever o gozo, numa clínica acéfala e autista, é o que o leva a pensar a palavra não tanto como veículo de comunicação que se dirige ao Outro, mas como veículo de gozo. Nesse sentido, o conceito de alíngua é um conceito do Simbólico desligado do Outro e referido ao Um do gozo, “y a d’l’ Un” — Yadlun —, que marca o último ensino de Lacan.

Lacan lembra que “o saber, ele é um enigma. Esse enigma nos é presentificado pelo inconsciente tal como se revelou pelo discurso analítico. Ele se enuncia assim — para o ser falante, o saber é o que se articula.”¹⁸⁷ Lacan equipara o inconsciente como “saber” a uma articulação significativa em que os significantes fazem cadeia entre si. Lembra que a linguagem serve para a comunicação que implica a referência. E acrescenta: “Só que, uma coisa é clara, a linguagem é apenas aquilo que o discurso científico elabora para dar conta do que eu chamo alíngua.”¹⁸⁸ “A linguagem está organizada, possui uma estrutura, seus elementos estão determinados por sua relação com outros. Alíngua, em troca, é pré-estrutural, é um conglomerado ou um enxame de uns.”¹⁸⁹

Mazzuca, Schejtman e Zlotnik comentam:

¹⁸⁷ LACAN, *O seminário, livro 20*: mais ainda, p. 188.

¹⁸⁸ LACAN, *O seminário, livro 20*: mais ainda, p. 188.

¹⁸⁹ MAZZUCA, SCHEJTMAN & ZLOTNIK, *Las dos clínicas de Lacan*: introducción a la clínica de los nudos, p. 143.

Resulta interessante essa noção de enxame, porque se opõe à noção de ordem, de legalidade que corresponderia ao Outro do código. [...] A linguagem e o inconsciente como saber ficam do lado do simbólico, é o inconsciente intérprete. *Alíngua*, do lado do real. Ambos precedem o sujeito.¹⁹⁰

Como a linguagem está organizada em uma estrutura segundo a qual os seus elementos estão determinados por sua relação uns com os outros, sem relação à identidade do referente, Teixeira lembra como é questionável explicar a psicose como uma disfunção da neurose:

[...] se a estrutura da neurose fornecia o esquema para se pensar o enquadramento da realidade e sua disfunção na psicose, no início do ensino de Lacan, esse dispositivo se desestabiliza completamente com o exame de seu fundamento. O esquema R era, como se sabe, a base do esquema I, sendo a psicose concebida, a partir da forclusão do significante do Nome-do-Pai, ao modo de uma perturbação estrutural desse efeito de enquadramento pelo discurso. A inspeção científica de sua base de linguagem termina, no entanto, por demonstrar que a própria realidade sucumbe aos efeitos de uma forclusão generalizada, à medida que a língua, como sistema puramente diferencial, não se encontra vinculada à identidade do referente.¹⁹¹

Além disso, Lacan explicita em *O seminário, livro 22: RSI*, que o conceito de letra não se confunde com o enxame de S1, nem com os significantes encadeados, pois é um elemento extraído do inconsciente. A letra é um elemento extraído da cadeia, tem sua identidade, é carregada de gozo que está infiltrado nela, ela se encontra fora do sentido, pois não representa um gozo ou outra coisa e é o resultado de uma passagem do Simbólico ao Real. No entanto, Mazzuca, Schejtman e Zlotnik questionam: como diferenciar alíngua da letra e, nesse sentido, como diferenciar o enxame de S1 desarticulados, presentes em alíngua, da letra como um elemento extraído também da cadeia, desarticulado e sem sentido?¹⁹²

A partir de 1974, quando o ensino de Lacan passou a alicerçar-se numa referência constante aos três registros e a uma particular atenção ao Real, após a superação da

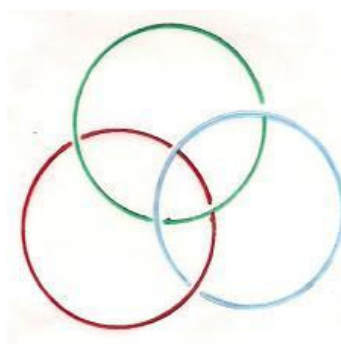
¹⁹⁰ MAZZUCA, SCHEJTMAN & ZLOTNIK, *Las dos clínicas de Lacan: introducción a la clínica de los nudos*, p. 143-4.

¹⁹¹ TEIXEIRA, Forclusão generalizada: como é possível não ser louco? *Curinga*, (14): 60-1.

¹⁹² MAZZUCA, SCHEJTMAN & ZLOTNIK, *Las dos clínicas de Lacan: introducción a la clínica de los nudos*, p. 144.

supremacia do Simbólico, a matemática tornou-se uma necessidade imprescindível ao seu trabalho: além dos matemas, o recurso à topologia, um dos ramos da geometria, passou a ocupar as pesquisas e os exercícios constantes de Lacan.

Segundo Roudinesco e Plon, apoiado na leitura da obra de Ludwig Wittgenstein — na última retomada lógica voltada para a análise da essência da loucura humana —, Lacan inventou simultaneamente o matema e a topologia dos nós. Por um lado, os matemas revelam um modelo de linguagem articulado com a lógica da ordem simbólica, e, por outro, os nós representam um modelo estrutural, fundamentado na topologia, quando Lacan passou a fazer um deslocamento visível do Simbólico para o Real.¹⁹³ Assim, o esforço de Lacan para trabalhar a loucura e a primazia do Real acabou por conduzi-lo ao estudo dos nós trançados construídos a partir do nó borromeano, brasão que remetia à ilustre família dos Borromeus. As armas desta família de Milão compunham-se de três anéis em forma de trevo, ao simbolizar uma tríplice aliança. Se um dos anéis se retirasse, os outros dois ficariam soltos, já que os elos se mantêm unidos dois a dois, sem haver interpenetração, e cada um dos anéis remetia ao poder de um dos três ramos desta família milanesa. Nenhum elo passa pelo vazio do outro e, mesmo assim, os elos se sustentam.



Os modelos topológicos, além da superação dos esquemas planimétricos ou cartesianos, permitem seu uso pela maior funcionalidade, ao juntar coisas diferentes, heteróclitas, e mantê-

¹⁹³ ROUDINESCO & PLON, *Dicionário de psicanálise*, p. 541.

las unidas, com uma melhor possibilidade, inclusive, para se pensar a clínica descrita exclusivamente segundo a experiência analítica, desvinculando-se do modelo psiquiátrico.¹⁹⁴

Assim, não recuar diante da loucura foi uma posição pessoal de Lacan cujo sintoma confesso é seu enfoque no Real, “é o máximo que se pode figurar, ao dizer que ao Imaginário e ao Simbólico, quer dizer, a coisas que são tão estranhas uma a outra, o Real, ele traz o elemento que pode fazê-los manterem-se juntos; é alguma coisa da qual posso dizer que o considero como sendo nada mais que meu sintoma.”¹⁹⁵ Nesse sentido, o interesse de Lacan, no seu último ensino, torna-se voltado para o Real do gozo, resto irreduzível do sintoma, que resiste à intervenção da psicanálise pelo desvelamento do sentido. Assim, Lacan buscou na topologia do nó borromeano inclusive a possibilidade de se pensar a estrutura fora de uma referência ao Outro do código, da lei de enquadramento pelo discurso, ao tentar uma reformulação da estrutura do Outro como condição da possibilidade da experiência analítica.

Os psicanalistas Alemán e Pereña explicitam:

Dessa maneira, a linguagem faz “buraco no real” e por sua vez o gozo se fixa ao Um do simbólico, sem dialetizar-se com o campo do Outro. Em consequência, já não será objetivo exclusivo da cura a operação sobre o simbólico em um processo de pacificação e de relativismo metafísico-narcisista. Trata-se de operar sobre o Um do gozo, e isto permite a pergunta inevitável pelo eventual surgimento do Outro, inclusive pela possibilidade de sua invenção por intermédio de um artifício. Por esse viés o sintoma irá aparecer como “nominação” do simbólico, e no caso concreto da topologia lacaniana, como o quarto anel que endoa o Real, o Simbólico e o Imaginário.¹⁹⁶

A topologia do nó borromeano — ao aplicar-se aos três registros do Real, do Simbólico e do Imaginário e ao ser construída em três dimensões —, permite a representação da essência da singularidade de cada estrutura psíquica e nesta inclui a possibilidade da explicitação do sintoma, do *sinthome*, do enxerto do Simbólico no Real, e quaisquer outras possibilidades

¹⁹⁴ CESAROTTO & LEITE, *Jacques Lacan: uma biografia intelectual*, p. 74-7.

¹⁹⁵ LACAN, *O seminário, livro 23: Joyce, o sinthome*, p. 182, lição do dia 13/04/1976. (Mimeografado).

¹⁹⁶ ALEMÁN & PEREÑA, *Presentación, Locura: clínica y suplencia*, (2): 10. (Tradução pessoal livre do espanhol).

representacionais de suplência, em dada construção subjetiva, no enodoamento dos três registros. O enodoamento por estrutura poderá desenodoar-se e, no nó, não há prevalência de qualquer registro sobre outro, senão suplência no enodoamento dos três registros, ao depender da construção de cada subjetividade, em um determinado momento de sua vida. Nesse sentido, o complexo de Édipo não é o ser superior de primeira ordem que explicaria ordens inferiores, pois a psicose seria a base, a partir da qual poderia ser construída cada subjetividade. O gozo é o limite da cadeia significante, pois ele poderá destruir o sujeito por falta de uma regulação natural que lhe coloque barreiras ou limites.

É, então, pelo trabalho da suplência, em qualquer estrutura clínica, que o gozo poderá ser circunscrito no enodoamento dos três registros: Real, Simbólico e Imaginário. A suplência não é algo dado e sim algo para ser inventado pelo sujeito. Assim, justificam-se todos os esforços de Lacan para romper as hierarquizações da prevalência, por exemplo, da suplência pelos Nomes-do-Pai na neurose. Ele tenta levar a psicanálise até os limites da suplência, do *saber fazer* com o próprio sintoma de cada um, na neurose, na perversão e na psicose. Há, no final do ensino lacaniano, a generalização da função de suplência como efeito correlativo do deslocamento do estatuto do Outro, do Um do significante, que já não é tomado como ponto de partida, mas no Um do gozo, pela via subtrativa, como premissa inicial de qualquer sujeito na construção de sua singularidade. É então pela suplência que o sujeito circunscreverá o gozo por meio do *saber fazer* com o seu sintoma e sua representação poderá ser feita no enodoamento do nó que possa representar de forma mais adequada a sua estrutura clínica.

Na prevalência do Simbólico, o Outro do significante é completado pelo Outro da Lei, no sentido em que há um Outro do Outro que impõe sua lei ao Outro. Na axiomática do gozo, o que fica como Outro no Outro, o que funda a alteridade do Outro é o objeto *a* como resto não simbolizável da Coisa. O Outro fica marcado com uma falta central que é a do gozo como significante. É neste lugar que Lacan introduz S (A) barrado, significante da falta no Outro,

significante diferente dos demais, significante sem o qual os demais não representariam nada, mas que só poderá ser concebido ele mesmo como sendo *extimo* em relação ao Outro. Assim, o Outro só poderá estar marcado por sua inconsistência pelo fato de que só um elemento heterogêneo poderá vir no lugar de sua falta, o objeto *a*.

O objeto *a* sendo irreduzível à simbolização, por não ser um componente da cadeia significante e corresponder à perda real do vivente quando da sua entrada na linguagem, presentifica-se tanto na neurose quanto na psicose. Dessa forma, mesmo tendo sido a clínica da suplência decorrente do não recuo de Lacan de pensar a loucura e de se aplicar, inicialmente, apenas ao trabalho da psicose como resposta à forclusão do Nome-do-Pai, em função da primazia do Real, ela pôde estender-se também à neurose.

Baas lembra que, mesmo quando o desejo do sujeito se trama na cadeia das identificações significantes e visa aos objetos empíricos (epitúmenos), ele sempre provém do que está além do plano das identificações e constitui verdadeiramente a outra face do desejo, o desejo de ser o desejo do Outro, a vontade do gozo impossível. É por isso que Baas ratifica:

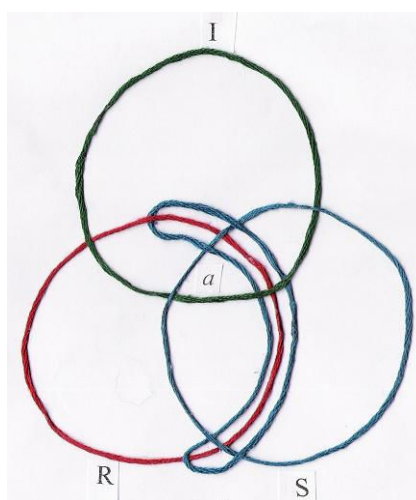
O objeto-causa-do-desejo, o *objeto a*, está assim sempre comprometido na cadeia das identificações significantes, mas ele mesmo não é um elemento desta cadeia; ele está, se se pode dizer, intimamente excluído na cadeia significante; ele é, como diz Lacan, “*extime*”. E é por isso que, na análise, o sujeito só pode confrontar-se com a verdade de sua própria divisão subjetiva com a condição de realizar este “ultrapassamento do plano da identificação”, de que fala Lacan, e do qual se imagina que o analisante pague com mais de uma renúncia, e mais do que com renúncia. Pois o divã é, sem dúvida, o altar de muitos sacrifícios!...¹⁹⁷

Em *O seminário 22: RSI*, Lacan explicita: “Se há um Outro Real, não está em nenhuma parte que no nó mesmo e é neste que não há Outro do Outro”, porque o objeto absoluto *a* desvincula-se do Outro primordial e torna-se o vazio do Real.¹⁹⁸ Lacan aponta nessa afirmação a existência do Um do gozo, a partir dos três registros: Real, Simbólico e Imaginário, que são fundamentalmente heterogêneos. Assim, é sobre esse enodoamento dos

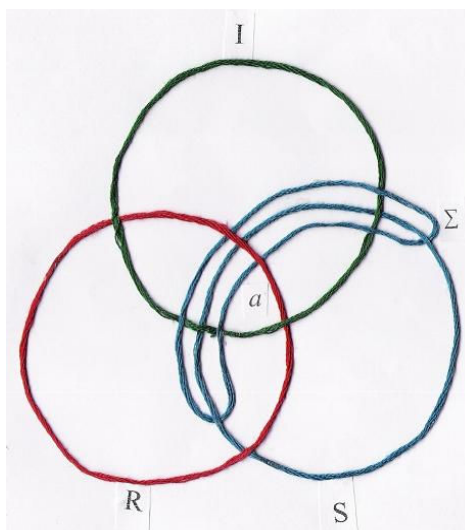
¹⁹⁷ BAAS, O sacrifício e a lei, p. 101.

¹⁹⁸ LACAN, *O seminário, livro 22: RSI*, p. 53, lição de 18/03/1975. (Mimeografado).

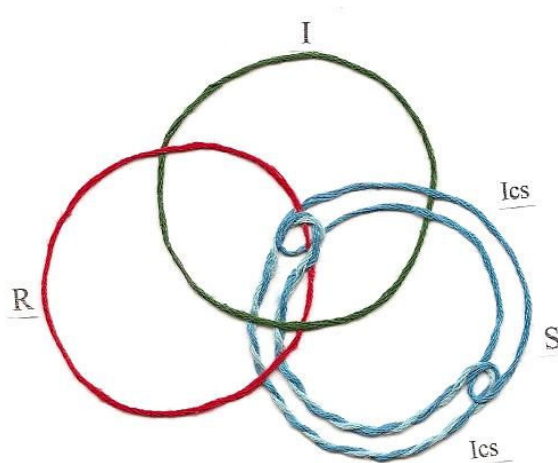
três registros que o ser falante se sustenta, em suplência, e é, ao mesmo tempo, prisioneiro de um gozo que se encontra aí presente. Torna-se necessária sempre uma medida comum que permita o enodoamento dos três registros heterogêneos. Lacan lembra que Freud, para manter sua construção teórica, viu-se obrigado a recorrer à construção do que ele chamou realidade psíquica, pois “no mundo das neuroses, a realidade psíquica é a realidade decisiva”, pela prevalência da importância fantasmática sobre a realidade material. A realidade psíquica, na topologia lacaniana, é referida como sendo o quarto elemento explícito que, ao enodoar os três registros RSI para não deixá-los à deriva, é chamado, por Lacan, a “primeira suplência”.



A realidade psíquica vai configurar o que Freud chamou de complexo de Édipo. No psiquismo humano, o complexo de Édipo realiza, na figuração do nó de quatro, aquilo que o enodoamento borromeano realiza implicitamente no nó de três, quando os três anéis se mantêm unidos sem a necessidade de um quarto elemento para a sua sustentação. Na resolução do complexo de Édipo, no sentido em que Lacan posteriormente dirá que se poderá prescindir do Nome-do-Pai depois de dele ter se servido como pai-sintoma, pode-se ou não desembocar no enodoamento com o quarto nó implícito. A presente representação gráfica ainda mostra o quarto anel explícito ao representar a prevalência do complexo edípico em uma dada construção subjetiva na neurose, o pai-sintoma, ou o sintoma como nomeação do simbólico.



Lacan explicita que o quarto termo poderá nascer de um corte do Simbólico, ao se clivar em símbolo e sintoma, e dar origem ao *sinthome*. Esta fala de Lacan poderá ser compreendida como: “Forjar um novo ser a partir de si mesmo [...]”¹⁹⁹. Talvez fosse interessante lembrar a referência de Freud à possibilidade de “um comportamento ‘normal’ ou ‘sadio’” se ele combina certas características de ambas as reações – se repudia a realidade tão pouco quanto uma neurose, mas depois se esforça, como faz uma psicose, por efetuar uma alteração dessa realidade.²⁰⁰ Pode-se perguntar se essa assertiva de Freud não poderia se aproximar da solução de enodoamento que se revela mínima, e o nó ser representado com o acréscimo de um quarto termo implícito, conservando o caráter borromeano do enodoamento.



¹⁹⁹ MANDIL, *Os efeitos da letra: Lacan leitor de Joyce*, p. 186.

²⁰⁰ Cf. FREUD, *A perda da realidade na neurose e na psicose*, p. 231.

Nele, mostram-se os três anéis do Real, do Simbólico e do Imaginário, sem interpenetração, sendo que o anel do Simbólico é representado pelo desdobramento num quarto implícito — do símbolo ou do Um do significante, ao portar, por um lado, a representação, e, por outro lado, o sintoma como suplência, com parte analisável e com a outra parte como letra do Real do gozo. A partir do sintoma, há a construção da suplência pelo *sinthome* numa solução ideal, pois o caráter borromeano do nó ficará mantido, mesmo se considerarmos a complexidade que configura o psiquismo de um determinado sujeito. Nessa representação topológica o *sinthome*, por representar uma ruptura do sintoma, numa outra lógica é representado em outro matiz — um azul mais claro sobre o azul mais escuro do braço do sintoma — e não corre direto, mas se apresenta a partir do sintoma, envolvendo partes do sintoma. O sintoma e o *sinthome* tocam o Inconsciente, da mesma forma que o símbolo está inserido no Inconsciente.

Lacan trabalha na topologia do seu último ensino, a clínica da suplência, voltando-se para o estudo da psicose. Ele toma Joyce como paradigma na sua forma de *saber fazer com o sintoma no sinthome*. Por meio dessa suplência, Joyce, ao se construir como escritor em substituição à demissão de fato do pai no exercício da função paterna, fez o seu próprio nome, e construiu um *ego*, pois o pai de Joyce delegou aos padres jesuítas a educação do filho.

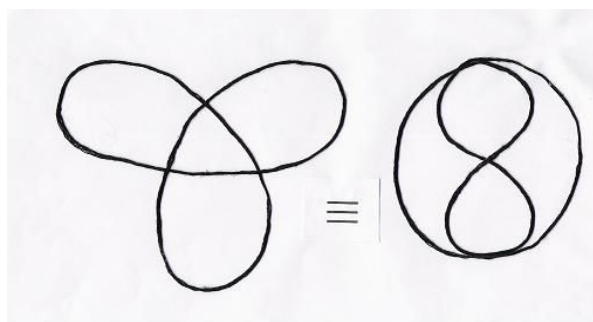
Não poderíamos conceber dessa forma o caso de Joyce? A saber, que seu desejo de ser artista que ocuparia todo mundo — o maior número possível, em todo caso — não seria exatamente o compensatório desse fato que, seu pai jamais foi para ele um pai. Que não somente ele não lhe ensinou coisa alguma, mas que ele negligenciou mais ou menos todas as coisas, salvo se descarregar disso sobre os bons padres jesuítas, a Igreja diplomática [...] o termo *diplomático* é tomado emprestado do próprio texto de Joyce.²⁰¹

Na psicose, o sujeito não consegue construir uma elucubração sob a vigência do brilho fálico, para lidar com o *objeto órgão a* formado pela alienação e pela separação erógenas. A

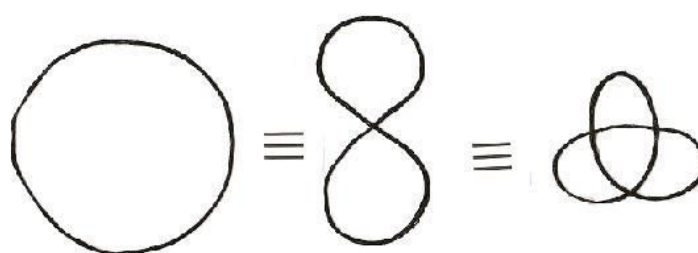
²⁰¹ LACAN, *O seminário, livro 23: Joyce, o sinthome*, lição do dia 10/02/1976, p. 127. (Grifo no texto mimeografado).

construção subjetiva na psicose será, então, anterior àquela formada pela elucubração sobre a relação entre a lei paterna e o desejo e que implica a entrada da função paterna para nomear o que é do âmbito da satisfação pulsional. Assim, na psicose, o *saber fazer* com o sintoma no *sinthome* torna-se uma necessidade vital, como será visto no estudo da obra como *sinthome* em Arthur Bispo do Rosario, pois será o próprio sujeito que inventará as suplências necessárias à reconstrução da realidade que rejeitou.

Entre as várias possibilidades da representação de uma estrutura psicótica, há a proposta lacaniana do falso trevo como representando a paranóia, que poderá também apresentar-se sob outras formas, em que a falta de sustentação subjetiva é prevalente.

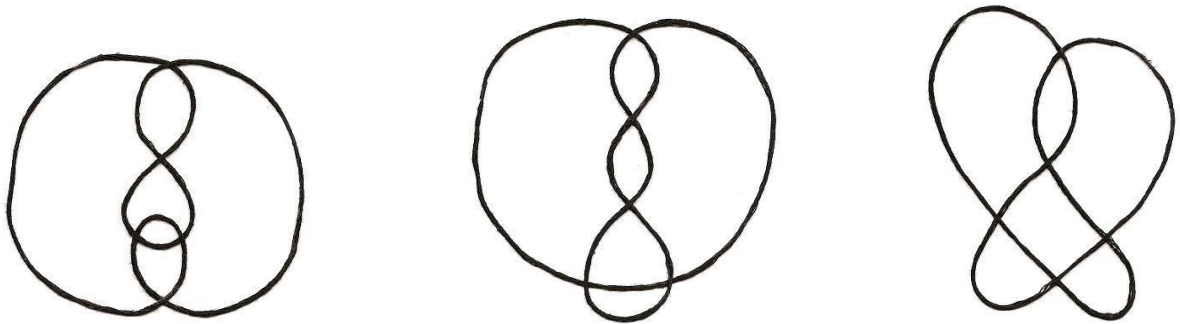


Na presente dissertação, a forma em oito, contida dentro de um círculo externo, será trabalhada na proposta de representação da estrutura clínica de Arthur Bispo do Rosario, sendo semelhante ao falso trevo da paranóia. Há que se lembrar que se trata do mesmo cordão que dá três voltas, revelando a fragilidade da estrutura psicótica que exigirá, então, suplências para a sua possível sustentação subjetiva. O falso trevo é ainda equivalente a um círculo ou a um oito sem sustentação por quaisquer suplências na representação de uma subjetividade:

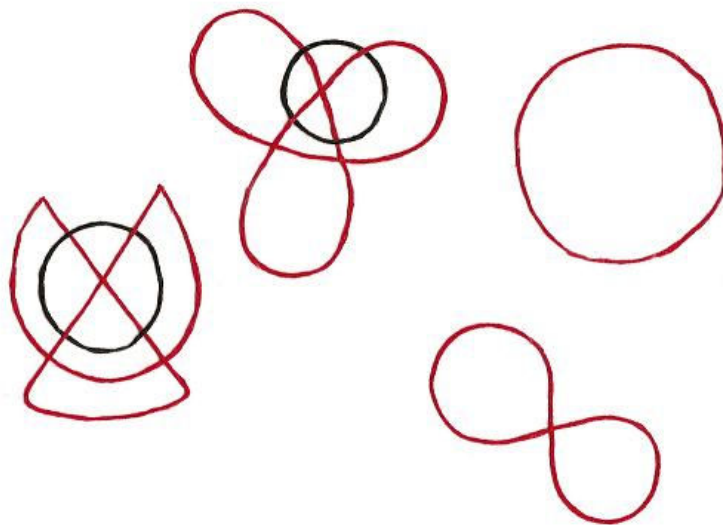


Há outras possibilidades de representação de nós sem suplência, a partir dos *Seminários* de Lacan. Entre elas, foram destacadas as seguintes formações topológicas:

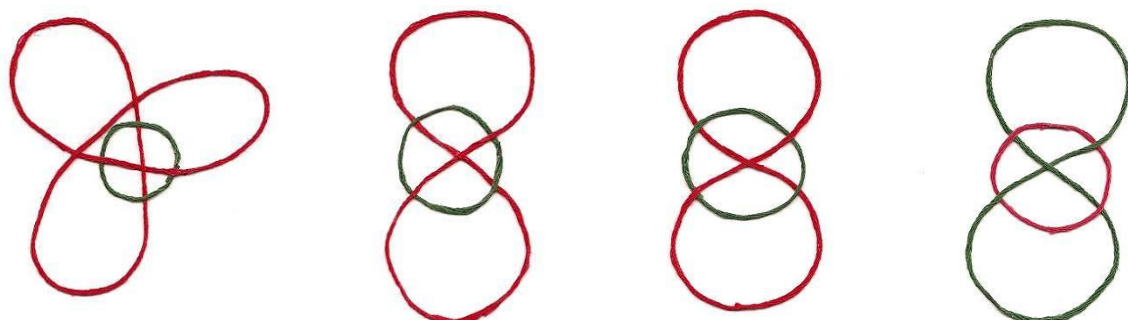
Propostas em *O seminário, livro 23, Joyce, o sinthome*, na lição do dia 18/11/1975:



Em *O seminário 23*, no dia 10/02/1976, Lacan mostrou a possibilidade de processos de suplência, na psicose, a partir da representação de um círculo e de um oito desenodado:



Na lição do dia 17/02/1976, são mostradas outras representações de formas de suplência, para a estrutura psicótica, a partir de um falso trevo e de um oito:



Capítulo 3

A importância do Nome-do-Pai e a conseqüente generalização dos Nomes-do-Pai

O totem paterno escava a vacuidade a partir da qual posso ver; seu nome suprimido me permite colonizar o mundo.

Gérard Pommier, *O desenlace de uma análise*, p. 79.

Ao estudar a noção de *sinthome*, em Lacan, para referendar o presente estudo sobre a função do Manto do Reconhecimento na obra como *sinthome* em Arthur Bispo do Rosario, torna-se necessário trabalhar as conseqüências da relação do *sinthome* com o sintoma. E, nesse sentido, também com a função paterna nos vários aspectos que esta função possa abarcar como *pai real*, *pai desejante*, *pai ideal* e *pai da lei* ou como *pai que se coloca no lugar da lei*.

A função paterna como elemento fundante na construção subjetiva, a partir de um vazio de significado, irá depender das antinomias das relações psíquicas do vivenciado com o pai real, quando a função paterna engloba o conflito fecundo do pai que deseja, mas do pai que também porta a lei, conforme o categórico kantiano expresso por Freud, em o texto *O ego e o id*, de 1923, conforme já mencionado anteriormente. O desempenho de *um pai* poderá facilitar o engendramento de uma subjetividade na neurose ou na estruturação de um sujeito psicótico que conseguirá ou não se sustentar, mesmo que de forma precária, por exemplo, ao portar a caricatura de uma *nominação para*²⁰² que, então, dará sentido a uma vida, no Real, como aconteceu com Bispo do Rosario, em relação ao significado dos seus patronímicos.

Para Lacan, a novidade trazida por Freud com seu inconsciente repousa no fato de que “é de um lugar diferente de toda e qualquer apreensão do sujeito que se revela um saber, visto que ele só se oferece naquilo que do sujeito é engano”.²⁰³ Então, há no saber do Inconsciente um furo que só é liberado a partir do engano do sujeito. Lacan demonstra que o modo da apresentação do Nome de Deus — “Eu sou aquele que sou”, é algo constitutivo de um ponto de furo, de buraco.²⁰⁴

Quanto à posição assumida pelo pai, Mandil lembra tratar-se de um “lugar mesmo daquele que ali se instala [... do] *non-sense* do nome revelado, esse sentido que se esvai em

²⁰² LACAN, *O seminário, livro 22*: RSI, p. 46, lição do dia 11/03/1975. (Mimeografado). Lacan se refere à palavra inglesa *Naming* que, de maneira diversa à comunicação, ata-se a algo do Real.

²⁰³ LACAN, *O engano do sujeito suposto saber*, p. 337.

²⁰⁴ LACAN, *O seminário, livro 22*: RSI, p. 64, lição do dia 15/04/1975. (Mimeografado).

seu próprio enunciado. [...]”²⁰⁵ “A própria noção de paternidade passa a ser avaliada a partir do que pode ser pensado como fuga na ordem de sentido.”²⁰⁶ Nesse sentido, o furo, o vazio simbólico, esta indeterminação no lugar de onde emana o Nome do Pai, implica uma negatividade do ser divino no próprio modo de apresentação do seu nome, no que a dimensão mística da diologia lacaniana leva a um caminho que conduz até um Deus para além das formas e do pensamento. No seu horizonte, nesta visão de Deus como furo, como uma hiância, há a união com aquilo que não se confunde, na essência, com aquele outro Deus dos filósofos, o fim último de todo saber. Nas palavras de Lacan, “o sujeito suposto saber, Deus, o próprio, para chamá-lo pelo nome que lhe deu Pascal, quando designamos precisamente, ao contrário dele, não o Deus de Abraão, Isaac ou Jacó, mas o Deus dos filósofos, ei-lo desalojado de sua latência em toda e qualquer teoria [...].” “Esse lugar de Deus-Pai é aquele que designei como Nome-do-Pai [...].”²⁰⁷

Lacan chama a atenção para a importância desse lugar vazio do pai,²⁰⁸ marcado por Freud, sem o qual a teoria psicanalítica se reduziria àquilo que a aproximaria de um delírio schreberiano, fato lembrado pelo próprio Freud no estudo que faz da loucura de Schreber. Há que se lembrar que esta referência ao delírio implica uma abrangência bem mais ampla do que a do delírio como uma produção patológica. Assim, para Lacan também haveria uma convergência entre o delírio como qualquer montagem de linguagem construída sobre um vazio, caso não houvesse uma referência ao lugar marcado pelo Pai, em Freud, ou pelos Nomes-do-Pai, em sua própria teoria.

A psicanálise, no entanto, longe de procurar a paz entre a palavra e a Coisa, ou uma correspondência exata entre o referente e a linguagem que o denota, constrói uma prática que deriva das experiências do ser falante com as discrepâncias, os equívocos, os impasses e as

²⁰⁵ MANDIL, *Os efeitos da letra*: Lacan leitor de Joyce, p. 79.

²⁰⁶ MANDIL, *Os efeitos da letra*: Lacan leitor de Joyce, p. 80.

²⁰⁷ LACAN, *O engano do sujeito suposto saber*, p. 338.

²⁰⁸ LACAN, *O engano do sujeito suposto saber*, p. 338.

impossibilidades de recobrir esse vazio, como tenta fazer o delírio verdadeiro que constrói uma tela de proteção para tamponar vazios de significação.

Nesse sentido, Teixeira, ao lembrar a não correspondência entre o significante e o referente, fala da forclusão generalizada na qual há a imersão do indivíduo até a construção da realidade psíquica, como Freud a explicita ao mostrar a existência do conflito na neurose ou na psicose pela oposição entre a exigência pulsional e a consideração da realidade pelo sujeito:

A inspeção científica de sua base de linguagem termina, no entanto, por demonstrar que a própria realidade sucumbe aos efeitos de uma forclusão generalizada, à medida que a língua, como sistema puramente diferencial não se encontra vinculada à identidade do referente. [...] como nos lembra J.-C. Milner, tanto as frases verdadeiras quanto as falsas ou absurdas admitem a mesma estrutura de língua.²⁰⁹

Ao se reportar ao texto freudiano de 1924, “A perda da realidade na neurose e na psicose”, Teixeira lembra que no sujeito psicótico há conflito quando é exigida dele uma consideração parcial da realidade que ele recusa: “Caberia então definir o que vem a ser a consideração parcial da realidade pelo sujeito psicótico, para entender em que sentido suas situações de conflito nos levam a pensar nessa parte da realidade como submetida a uma “forclusão local””.²¹⁰

A realidade na neurose ou no que Freud chama de “comportamento normal ou sadio”²¹¹ dependerá, então:

[...] da convenção normativa estabelecida pelo discurso. Só existe fato como fato do discurso, não havendo discurso que não seja do semblante. Não há discurso que não seja do semblante, posto que o discurso só permite referir a linguagem à realidade ao colocá-la sob o registro do significante mestre. É, aliás, por essa razão que Lacan denuncia a presença do mestre no horizonte do discurso ontológico, nele reconhecendo a referência ao ser como efeito de uma prescrição. O sujeito integrado na realidade é, na verdade um sujeito *sub judice*, mesmo se ele o ignora. Ele deve admitir, para se servir da linguagem, o

²⁰⁹ TEIXEIRA, Forclusão generalizada: como é possível não ser louco? *Curinga*, (14): 61.

²¹⁰ TEIXEIRA, Forclusão generalizada: como é possível não ser louco? *Curinga*, (14): 62.

²¹¹ Cf. FREUD, A perda da realidade na neurose e na psicose, p. 231.

gesto normativo suplementar que institui o laço, de outro modo ausente, entre o significante e o referente.

212

Teixeira ratifica que a realidade, para se constituir, dependerá da eleição arbitrária de um significante qualquer — que J.-C. Milner chama de *maître-mot* — e que a sua consistência lógica será sustentada pela arbitrariedade da escolha de uma norma que, por si mesma, não demonstra a sua razão de ser. “Trata-se de um princípio que deve ter inquestionavelmente razão, por ser a própria possibilidade de julgamento factual sobre a verdade e o erro.”²¹³

A tese de Teixeira, a partir da explicitação de Freud no texto de 1924, é a de que:

[...] a psicose revela localmente os efeitos da forclusão generalizada da linguagem sobre a realidade, no sentido de que o psicótico contesta esse princípio de ordenação discursiva do significante que não se explica. [...] A perda da realidade pelo psicótico resultaria então de sua recusa em aceitar a coesão arbitrária da realidade imposta pelo significante-mestre. Ela deriva de uma forclusão que incide não propriamente sobre o significante, posto que o significante-mestre seria, pelo menos em princípio, um significante qualquer, mas sobre a função de comando que lhe deveria ser atribuída.²¹⁴

Essa fala de Teixeira leva a pensar que as crises apresentadas por Bispo do Rosario revelam os efeitos da forclusão local da linguagem, pela falência da função normativa de um significante-mestre com o poder de ordenação de um discurso de semblante, quando o foracluído do Simbólico retorna no Real. Pode-se perguntar se a necessidade vital da construção do Manto do Reconhecimento representaria a tentativa de construir um S1/S2, como um monolito no Real, pelas suas mãos de artífice na sua obra como *sinthome*, e, nesse sentido, se a possibilidade da representação de Bispo como significante para outro significante decorre do fato da arbitrariedade do significante-mestre. Assim, o Manto do Reconhecimento funcionaria como suplência da ausência do significante-mestre passível da sustentação do discurso de semblante, ao permitir a Bispo uma sustentação delirante no Real, ainda que

²¹² TEIXEIRA, Forclusão generalizada: como é possível não ser louco? *Curinga* (14): 62.

²¹³ TEIXEIRA, Forclusão generalizada: como é possível não ser louco? *Curinga* (14): 62-3.

²¹⁴ TEIXEIRA, Forclusão generalizada: como é possível não ser louco? *Curinga* (14): 63.

precária, num universo a ser reconstruído pelo caos, por exemplo, de referências edípicas edificantes. Sua fala e sua escrita mostram-se substantivadas, sem a dialetização dada pela função paterna que também comanda e normatiza a dialética da ordenação do discurso de semblante. Quanto ao Nome-do-Pai como significante mestre, Mazzuca, Schejtman e Zlotnik lembram que “é o pior, no sentido de que não possui muitos matizes, muito refinamento, muita invenção; mas ao mesmo tempo é o melhor, porque é o mais simples, o mais eficaz.”²¹⁵ O Nome-do-Pai como representante de uma função paterna efetiva foi, então, substituído pela suplência da *nominação para* dos patronímicos de Bispo do Rosario, de forma plena e não dialetizável, que se colocam como suplência à *Verwerfung* de fato,²¹⁶ característica da psicose na clínica do Real. Houve falência na função paterna como portadora do “conflito fecundo” na heterogeneidade antinômica em que o pai representa, ao mesmo tempo, tanto a função superegógica como a instância ideal que promove o desejo. Nesse sentido, a função paterna é uma instância repressora cuja finalidade é assegurar o retorno do recalado e simultaneamente a transgressão, o que não aconteceu com Bispo do Rosario. A possível substituição dos patronímicos “Bispo do Rosario”, à carência da função paterna, alicerçou, então, todo o sentido delirante da sua existência e da sua obra como *sinthome*.

No reconhecimento da arbitrariedade do discurso de semblante diante do irrepresentável da força pulsional e, nesse sentido, da hiância do sujeito como *parlêtre*, a teoria psicanalítica inclui “uma falta, a ser encontrada em todos os níveis, inscrevendo-se aqui como indeterminação, ali como certeza, e a formar o nó do ininterpretável”²¹⁷, mas sem a garantia final de um saber inequívoco.²¹⁸ Esta é a posição que vai ao mesmo sentido da função

²¹⁵ MAZZUCA, SCHEJTMAN & ZLOTNIK, *Las dos clínicas de Lacan: introducción a la clínica de los nudos*, p. 117.

²¹⁶ LACAN, *o seminário, livro 23: Joyce, o sinthome*, p. 127, lição do dia 10/02/1976, (mimeografado), e ainda MAZZUCA, SCHEJTMAN & ZLOTNIK, *Las dos clínicas de Lacan: introducción a la clínica de los nudos*, p. 112.

²¹⁷ LACAN, *O engano do sujeito suposto saber*, p. 338.

²¹⁸ MANDIL, *Os efeitos da letra: Lacan leitor de Joyce*, p. 88.

paterna, no sentido de marcar o triunfo das forças do intelecto sobre as forças do sentido da natureza da ordem matriarcal.

De acordo com Mandil,

[...] poderemos entender que “marcar o lugar do Pai” significa traçar os limites de uma instância a partir da qual se torna possível dar lugar à formulação de “enunciados do impossível”, ou ainda, um lugar onde se produzem articulações significantes capazes de suportar o que Lacan identifica como “antinomias das relações psíquicas.”²¹⁹

Lacan, ao retomar Freud, introduz o Nome-do-Pai no “Discurso de Roma” e desenvolve o conceito entre *O seminário, livro 3: as psicoses* e *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. No *Seminário 5*, Lacan conclui a elaboração do conceito de metáfora paterna e constrói a sua fórmula. Foi grande a novidade da introdução do conceito de significante do Nome-do-Pai, quando Lacan faz do Pai um significante e de sua função uma função significante, a operação metafórica, uma operação lingüística. A metáfora paterna refere-se à maneira como a articulação entre significantes, que ocorre no registro do Simbólico, produz um efeito de significação cujo produto, o significado, se situa no registro do Imaginário. Isto é, a metáfora articula o Simbólico e o Imaginário. Como isso, no entanto, não ocorre em qualquer momento da sucessão destes registros, da cadeia de significantes, chama-se *ponto de basta*, especificamente, a esse momento no qual se produz essa articulação: quando o significante se introduz no Imaginário e faz uma produção de sentido, de significação. Há articulação de dois registros – significante e significado, Simbólico e Imaginário –, isto é, Nome-do-Pai no Simbólico e significação fálica no Imaginário.

A partir daí, Lacan passa a explicitar ser o inconsciente estruturado como uma linguagem. A condição do sujeito, na neurose ou na psicose, dependerá de algo que se desenrola no Outro ao substituir o significante do Desejo da Mãe, interpretá-lo e produzir a

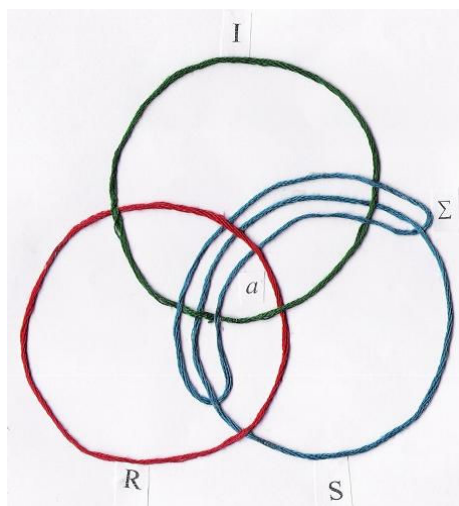
²¹⁹ MANDIL, *Os efeitos da letra: Lacan leitor de Joyce*, p. 90.

significação fálica por aquele sujeito determinado. Em termos de construção subjetiva, este processo implica um primeiro momento que determinará a saída da criança desse lugar de falo da mãe e representa a castração simbólica, inclusive a da própria mãe. A ausência no Outro do significante do Nome-do-Pai, não só acarreta uma falta no Simbólico, mas também determina a ausência da significação fálica no Imaginário. É o Esquema R da neurose, construído sobre o Esquema L precedente, quando a neurose é ainda o modelo de construção subjetiva em Lacan. No Esquema I da psicose, Lacan mostra as deformações do Esquema R, quando falta o Nome-do-Pai no Simbólico — $P0$ — e a significação fálica no Imaginário — $\phi0$.²²⁰

Quando se fala de metáfora paterna, que ela tem o poder de estabilização, subentende-se que a significação fálica não é uma significação determinada, não é nenhum significado concreto. O lugar da significação fálica pode estar ocupado por muitos significados. Há algo aí no sentido de mobilidade, que é o contrário à ordem de ferro que obtura, que é conseguida com as metáforas delirantes e seus significados plenos e não dialetizáveis. Assim, quando se tem uma estrutura, os elementos nela utilizados poderão ser materiais diversos e heterogêneos, mas que cumprirão uma função similar. A metáfora, como estrutura, poderá colocar em função elementos clássicos e o elemento clássico na nossa cultura, por excelência, é o Nome-do-Pai. A metáfora poderá utilizar também outros elementos raros, singulares de um sujeito e fazer-lhe cumprir essa função. Mesmo o Nome-do-Pai sendo um padrão em nossa cultura, a metáfora paterna poderá muito bem articular elementos que não pertençam nada mais que a um sujeito. Assim, o Nome-do-Pai *não* é usado, por todos, da mesma maneira. De nenhum modo se perde a singularidade de um sujeito na metáfora paterna.

O Nome-do-Pai também, em seu efeito de enodoamento, é uma suplência, como o sintoma é entendido em Lacan como suplência da relação sexual que não existe.

²²⁰ LACAN, De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose, p. 559 e 578.

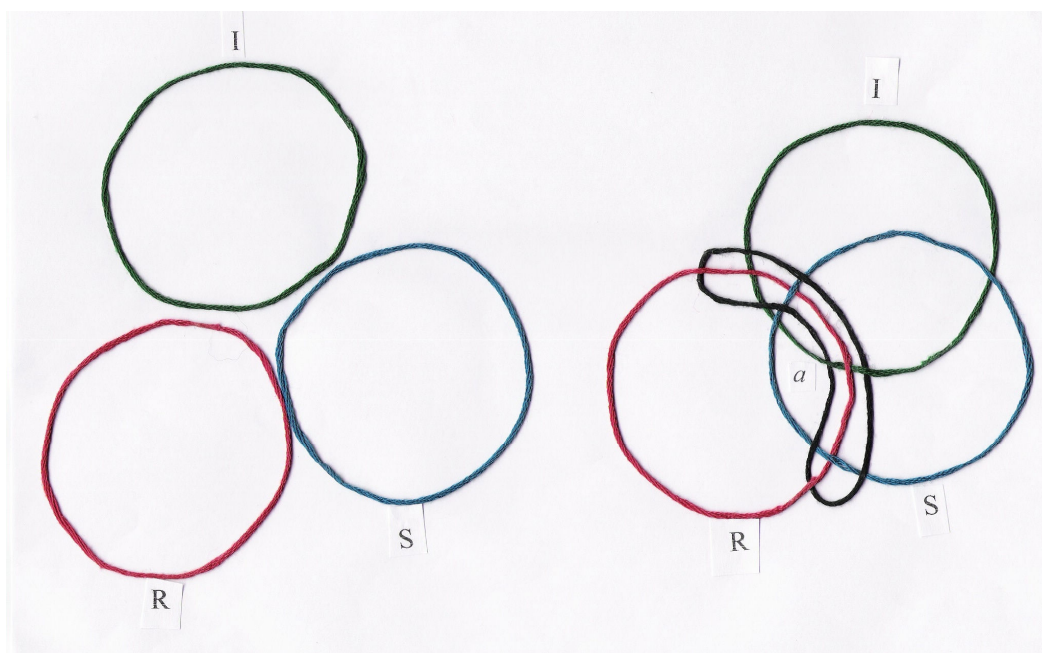


“Só há relação sexual na medida em que há sintoma. Quer dizer, onde, como eu o disse, é pelo sintoma que é suportado o outro sexo. [...] não é difícil sugerir que quando há equivalência é bem nisso que não há relação.”²²¹ Daí, a idéia de parceiro-sintoma, que também poderá funcionar como suplência, pois ocupa o lugar de sintoma do sujeito e o sintoma é uma das suplências possíveis. A mulher — objeto de desejo de um homem — poderá ser considerada seu *sinthoma*. “Se uma mulher é um *sinthoma* para todo homem, está completamente claro que há necessidade de encontrar um outro nome para o que é do homem para a mulher, pois justamente o *sinthoma* se caracteriza pela não-equivalência”²²². O pai mesmo tem um sintoma pelo fato de ele fazer de uma mulher a causa do seu desejo. Há aqui a articulação entre desejo e gozo. Essa colocação de Lacan explicita que o lugar de exceção já não é mais o significante do Nome-do-Pai, é o da função paterna que é igual ao pai sintoma. É nesse sentido que Lacan, na clínica do Real, já não reduz o pai a um significante, pois há algo da função paterna que não entra no significante, que foge ao campo que o significante integra: *nem toda função paterna é integrável ao Simbólico*. O pai, como alguém real, não está alheio à eficiência da operação metafórica. A função paterna tem assim funções heterogêneas,

²²¹ LACAN, *O seminário, livro 23: Joyce, o sinthome*, p. 141-2, lição do dia 17/02/1976. (Mimeografado).

²²² LACAN, *O seminário, livro 23: Joyce, o sinthome*, p. 142, lição do dia 17/02/1976. (Mimeografado).

antinômicas, num conflito fecundo, e não se reduz ao significante do Nome-do-Pai. A melhor representação topológica para a realidade psíquica será então:



Quando da época do estruturalismo, Lacan explicitou a função paterna em termos de significante e o Nome-do-Pai como assumindo a lei então eminentemente simbólica.

Em *O seminário, livro 3: as psicoses*, a função *ser pai* inclui, no seu final, o pai como portador do falo. É a função imaginária e o falo, como objeto imaginário, esboça-se ali como objeto de desejo. O pai portador do falo não é o pai representante da lei que atua na função de proibição, mas é o pai que sustenta a tríade imaginária da criança, da mãe e do falo. Lacan começou a desenvolver, em relação à fobia de Hans, já no *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*, o objeto fóbico como uma *metáfora suplente*, na sua função significante. Assim, já se torna claro que é o pai real, não o significante do Nome-do-Pai, o que ocupa a função de agente na operação da castração. No *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente* e no texto “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose”, Lacan mostra a importância da disjunção entre pai e o significante do Nome-do-Pai. Explicita as determinações positivas e as determinações negativas do pai e afirma que o pai legislador leva à psicose e que o desempenho do pai não é alheio à operação da metáfora paterna. A

Bejahung do significante do Nome-do-Pai ou a sua *Verwerfung* de fato dependem da posição do pai real em relação ao filho.

Na ocasião em que o significante do Nome-do-Pai é convocado ao lugar no qual ele nunca esteve, é quando se desencadeia a psicose em Schreber. Quando o pai real aparece na posição de invasão do lugar de significante do Nome-do-Pai, isto é, quando o pai é a lei, a consequência será a psicose. Ele só poderá cumprir a função de proibir, quando antes tornou alguma coisa possível. A função do pai, então, é unir o desejo à lei. A idéia do pai desejanste difere da idéia do pai da lei representada pelo Nome-do-Pai, presente na psicose, e do pai morto que se presentifica na neurose. Mesmo sendo a linguagem que determina a castração simbólica, este fato não implica que se prescindia da função do pai como seu agente, pois é o pai o transmissor da lei e, por intermédio da linguagem, é o pai que nomeia, é o pai como nome também mortificado pela linguagem: “Os Nomes-do-Pai, assim, devem ser pensados como uma pluralidade que rodeia uma função e não como um único significante, como um pai encarnado.”²²³ Entre os *O seminário 5* e *O seminário 10*, há um certo momento de eclipse em que o pai parece reduzir-se ao significante do Nome-do-Pai, quando a função do pai é considerada por Lacan muito próxima ao pai morto do mito freudiano.

Os psicanalistas do Instituto Clínico de Buenos Aires — Roberto Mazzuca, Fabián Schejtman e Manuel Zlotnik — lembram que, mesmo nesse intervalo de tempo, Lacan faz referências à posição ocupada pelos pais dos casos de Freud, a saber: o pai de Dora como impotente, o do Homem dos Ratos como transgressor, o de Hans como omissor ao não portar a lei no pacto edípico, etc., quando, então, o pai real e a sua função seguem ocupando a atenção de Lacan.²²⁴

²²³ Cf. MANDIL, *Os efeitos da letra: Lacan leitor de Joyce*, p. 203.

²²⁴ Cf. MAZZUCA, SCHEJTMAN & ZLOTNIK, *Las dos clínicas de Lacan: introducción a la clínica de los nudos*, p. 81.

No texto de 1960, “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano”, Lacan ratifica a idéia que reduzir a função do pai a um Nome-do-Pai é salientar o pai morto, especificidade da neurose, já que a verdadeira função do pai é a que o apresenta como o pai desejante, o pai que ama e não o pai como mestre e senhor do desejo do filho.

Em 1962-3, no *O seminário, livro 10: a angústia*, Lacan articula o desejo do pai ao objeto que o causa, o pequeno *a*.

No mito freudiano, o pai intervém, da maneira mais evidentemente mítica, como aquele cujo desejo invade, esmaga, impõe-se a todos os outros. Não haverá nisso uma evidente contradição [...] que, por intermédio dele, o que se efetua é [...] a normalização do desejo nos caminhos da lei? [...] Ao contrário do mito religioso, o pai [...] é o sujeito que foi longe o bastante na realização de seu desejo para reintegrá-lo em sua causa [...] no que há de irredutível na função do *a*.²²⁵

No *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*, Lacan introduz os quatro discursos e separa nitidamente o Édipo da castração, que fica colocada como efeito da linguagem, mas especificamente do significante quando está colocado em função do discurso do mestre. Neste discurso, qualquer significante poderá ser o agente da castração. Lacan, mesmo ao separar o Édipo da castração, recuperou a categoria em *O seminário, livro 4: a relação de objeto*, quando o pai real é o agente da castração. A linguagem, no entanto, é o que determina a castração, o que não significa prescindir-se da função do pai como seu transmissor.²²⁶

Segundo Lacan,

Aquilo de que se trata nos sintomas é da relação do sistema integral da linguagem, sistema das significações das relações inter-humanas como tais. A análise recorta muito exatamente essas observações, mostrando-nos até no detalhe seu alcance e sua presença. A ponta do que acabo de lhes dizer é de fato esta — toda relação analisável, isto é, interpretável simbolicamente, está sempre inscrita em uma

²²⁵ LACAN, *O seminário, livro 10: a angústia*, p. 365-6.

²²⁶ Cf. MAZZUCA, SCHEJTMAN & ZLOTNIK, *Las dos clínicas de Lacan: introducción a la clínica de los nudos*, p. 81-2.

relação a três. [...] por intermédio da realização edípiana. Isso quer dizer que toda relação a dois é sempre mais ou menos marcada pelo estilo do imaginário.²²⁷

Assim, o quarto nó na topologia lacaniana já não é mais apenas o significante Nome-do-Pai, pois o pai é um elemento palpável: *pai real*, *pai sintoma*, *pai exceção*. É o pai que nomeia: “O complexo de Édipo como tal é um sintoma. É enquanto que o Nome-do-Pai é também o pai do nome que tudo se sustenta, o que não torna menos necessário o sintoma”.²²⁸ Nesse sentido, pode-se dizer que a significação dada pela função paterna não possui nenhum significado concreto como aquele que a metáfora delirante porta, de forma visível, por exemplo, no estudo do caso de Schreber.

Pode-se pensar inclusive no que Lacan chama *nomeação para*, que, ao substituir o pai sintoma, poderá ser exercida pela própria mãe na relação imaginária, quando os resultados, no entanto, não serão os mesmos, pois a nomeação poderá funcionar, no social, de forma plena e não dialetizável, ao revelar uma significação rígida, sem a dialetização de um terceiro elemento introduzido para desfazer a relação dual imaginária. Nesse sentido, Mazzuca, Schejtman e Zlotnik reforçam a idéia de que, em Lacan, o desfiladeiro do significante pelo qual passa ao exercício o amor é o Nome-do-Pai e que, no momento atual, há uma perda na dimensão do amor:

Perda que provém [...] de que o Nome-do-Pai está substituído por outra coisa. Esta outra coisa é uma função social que Lacan caracteriza como *nomear para*. O *nomear para* é uma descrição, mas é também o nome que Lacan dá a essa função [...] que a alguém se lhe outorga, de uma maneira explícita e com uma validade social, uma tarefa, se lhe encomenda, se lhe designa um projeto — são todos os termos que vai utilizando [...].²²⁹

Assim, na neurose há uma generalização do Nome-do-Pai, quando se destaca a equivalência entre sintoma e pai sintoma, e, na psicose, há a presença de enodoamentos

²²⁷ LACAN, *Nomes-do-Pai*, p. 32.

²²⁸ LACAN, *O seminário, livro 23: Joyce, o sinthome*, p. 16-7, lição do dia 18/11/1975. (Mimeografado).

²²⁹ MAZZUCA, SCHEJTMAN & ZLOTNIK, *Las dos clínicas de Lacan: introducción a la clínica de los nudos*, p. 107. (Tradução pessoal livre do espanhol).

sistemáticos em suplência à demissão da função paterna e que funcionarão de maneira análoga à função de uma âncora ou de uma prumada.

Reiteradamente, Lacan afirma que o amor passa pelo desfiladeiro do significante do Nome-do-Pai e que todo o amor entre os dois sexos tem a ver com o Nome-do-Pai.

O nó borromeano não é senão a tradução disso, é que, como me foi lembrado ontem à noite, o amor e, ainda por cima, o amor que se pode qualificar de eterno, é que se refere à função do pai, que se endereça a ele, em nome de o pai ser portador da castração. É o que Freud ao menos avança em “Totem e tabu”, a saber, com referência à horda primitiva. É na medida em que os filhos são privados de mulher que eles amam o pai.²³⁰

O ponto de basta pode ser considerado como um nó pelo efeito da metáfora, pois ele articula registros. E o enodoamento refere-se ao fato de que os três registros – Real, Simbólico e Imaginário – estarem enodados, enlaçados e manterem-se juntos de alguma maneira. Assim, a noção de ponto de basta e a de enodoamento têm a ver com a articulação entre registros, a partir da função paterna como suplência, na neurose, ou segundo outra possibilidade, na psicose.

Segundo os psicanalistas Mazzuca, Schejtman e Zlotnik, a última clínica de Lacan, a clínica dos nós, não faz senão generalizar, diversificar e precisar algo que já existia desde o começo, no que se refere à possibilidade de enodoamento pela função paterna.²³¹ A clínica dos nós está fundamentada, assim, em uma generalização do conceito de foraclusão, pois há uma implicação na substituição do conceito geral de enodoamento: o ponto de basta ficará incluído como um caso particular. A generalização do conceito de foraclusão corre junto à generalização do conceito de Nome-do-Pai e conduz à generalização dos Nomes-do-Pai.

Mandil, baseando-se em Jacques-Alain Miller, propõe agregar ao nome próprio, outra dimensão além daquela que decorre do Nome-do-Pai. É o que pode ser denominado “nome de

²³⁰ LACAN, *O seminário, livro 23: Joyce, o sinthome*, p. 208, lição do dia 11/05/1976. (Mimeografado).

²³¹ Cf. MAZZUCA, SCHEJTMAN & ZLOTNIK, *Las dos clínicas de Lacan: introducción a la clínica de los nudos*, p. 19-20.

gozo”, um nome que não funcionaria como metáfora ao implicar a construção e a presença de um sujeito, mas que designa a verdade do seu modo de satisfação pulsional:

É por meio do gozo, por mais paradoxal que isso seja — pois pode envolver tanto o prazer quanto o sofrimento — que o sujeito se experimenta “vivo”: “o nome próprio da clínica não é o Nome-do-Pai. A descrição definida como o ‘Homem dos lobos’ não tem nada a ver com Serguei Petrov e tampouco com a função do Nome-do-Pai. É seu nome de gozo.”²³²

O autor lembra, então, que, nesse sentido, a atenção dada ao totem estaria implicada justamente no fato de encarnar, no imaginário religioso, a suposição de um sujeito não mortificado pela linguagem. Lembra que Freud, na sua obra, explicita alguns dos nomes dos casos estudados pelo gozo que o paciente revela: Homem dos *Lobos*, Homem dos *Ratos*. No caso de Bispo do Rosario os seus patronímicos carregam em si mesmos o gozo implícito no Cristo da Redenção especial, pois ele era o próprio Jesus Cristo, como falou várias vezes, porém, marcado nas costas com uma cruz de luz. Jesus Cristo carregou a cruz, na sua *via crúcis*, do local, em que foi condenado, até aquele onde foi crucificado. Bispo do Rosario, delirantemente, implantou a cruz de luz na sua própria carne, sob a sua pele, e se submeteu, a partir da revelação da sua missão na Terra, na noite do dia 22 de dezembro de 1938, a uma *via crúcis*, atendendo às ordens de um Outro absoluto com o qual se confundiu. Segundo palavras de Quinet,

Nesse futuro assintótico, após a apresentação o Outro divino, de tudo o que existe no mundo, é ele mesmo que se divinizará e se tornará o Outro. Quando voltar à Terra, diz ele: “o *único a mandar sou eu. Mais nada. Está escrito isso. As eleições são só uma: do Criador. De votações, de partidos, um só: de ordem do Criador. Mais nada.*”²³³

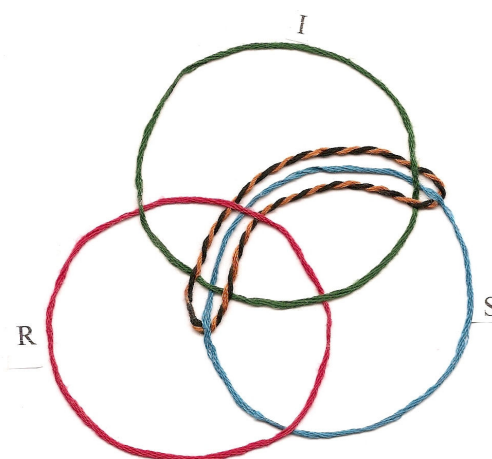
O Nome-do-Pai poderá ser *prescindido*, na neurose, ou *foraoluído*, na psicose, mas Lacan é claro ao afirmar que se pode *prescindir* do Nome-do-Pai com a condição de ter-se servido anteriormente dele, na construção subjetiva:

²³² MANDIL. *Os efeitos da letra*: Lacan leitor de Joyce, p. 205.

²³³ QUINET, *Teoria e Clínica da Psicose*, p. 234. (Grifos no texto).

A hipótese do inconsciente, Freud o sublinha, é alguma coisa que não pode se sustentar senão supondo o Nome-do-Pai. Supor o Nome-do-Pai, certamente é Deus. É nisso, que, a psicanálise, por ter êxito, prova que do Nome-do-Pai se pode também prescindir. Pode-se também prescindir dele com a condição de dele se servir ²³⁴

Nesse sentido, mesmo na neurose com o Nome-do-Pai fazendo a conexão entre os três registros, o sujeito se auto-engendra no *sinthome* em consequência do amor paterno e da sua lei flexível, dialetizável com o desejo e a interdição do incesto: “É muito certo que no estado atual das coisas, vocês são todos e cada um de vocês, tão inconsistentes quanto os seus pais, mas é justamente pelo fato de tanto estarem inteiramente suspensos neles que vocês estão no estado presente.” ²³⁵ É por isso que o *sinthome* de cada sujeito enovela-se no seu sintoma, porém, em ruptura, segundo outra lógica:



3.1. Nomações dos três registros como Nomes-do-Pai

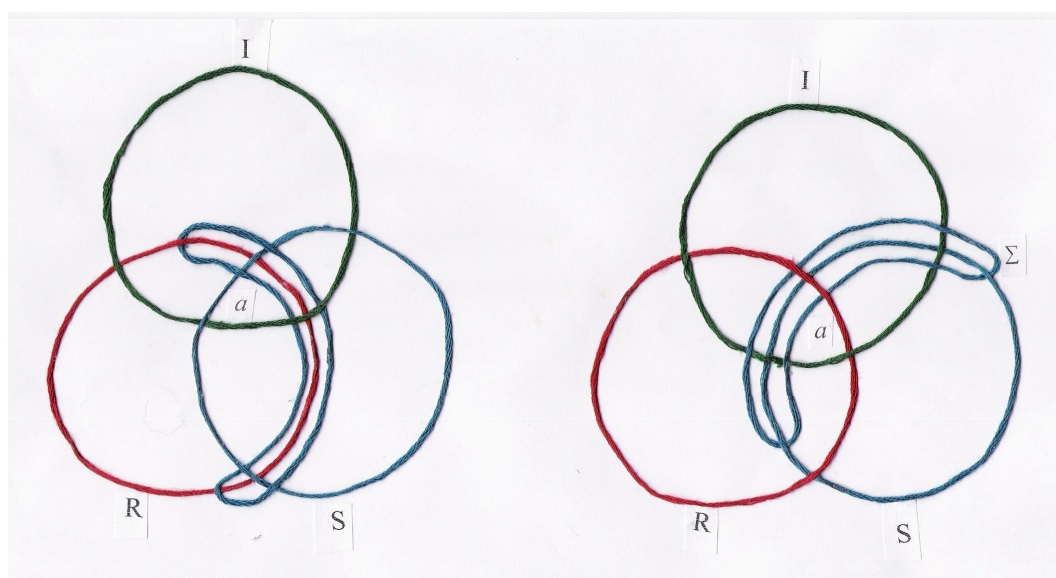
Para Lacan, a topologia do nó permite pensar a estrutura de um sujeito com o registro do Simbólico sem referência ao Outro como tesouro dos significantes, e o gozo se encontra atrelado no enodoamento ao configurar uma determinada singularidade, ou, então, a topologia

²³⁴ LACAN, *O seminário, livro 23*: Joyce, o *sinthome*, p. 188, lição do dia 13/04/1976. (Mimeografado).

²³⁵ LACAN, *O seminário, livro 22*: RSI, p. 32, lição do dia 11/02/1975. (Mimeografado).

permite pensar também a reformulação da estrutura do Outro Real como condição mesma da possibilidade da experiência analítica.

O complexo de Édipo realiza na figuração do nó de quatro — quando aparece um quarto anel como uma medida comum e explícita na articulação dos três registros RSI — o que o enodoamento borromeano realiza implicitamente no nó de três. É o que opera o quarto anel, na neurose, como complexo de Édipo para Freud (primeira figuração), os Nomes-do-Pai para Lacan (segunda figuração), mas também a referência “à sua função radical que é a de dar um nome às coisas, com todas as conseqüências que isto comporta, inclusive até o gozar.”²³⁶



O quarto anel, como quarto explícito, vem também reparar o desenodoamento no qual se designa a forclusão. O nó de quatro suplementa um dos três da sua função primeira, ao dar nome, ao configurar a nomenclatura. É efetivamente no dar nome, na nomenclatura, que reside a suplência, aquilo que responde a S(A) barrado no desfalecimento do Outro. Assim é como Lacan pôde propor as três formas do Nome-do-Pai, aquelas que nomeiam o Imaginário, o Simbólico e o Real, na identificação tripla de uma construção subjetiva.

A clínica da suplência, ao se servir do nó borromeano segundo a articulação dos três registros, revela que o ser falante se sustenta nestes três registros e que não é só o Simbólico

²³⁶ LACAN, *O seminário, livro 22: RSI*, p. 46, lição do dia 11/03/1975. (Mimeografado).

que tem o privilégio de alicerçar os Nomes-do-Pai, pois não é obrigatório que a nomeação esteja ligada exclusivamente ao buraco do Simbólico. RSI supõem uma equivalência e é nela que se há de buscar a questão do sentido. O que fizer sentido, então, irá se referir aos Nomes-do-Pai. Assim, Lacan reporta-se a Freud:

[...] em Freud isso gira em torno do Nome do Pai, isso não faz uso do Simbólico, do Imaginário, nem do Real, mas, no entanto, os implica. E o que quero lhes dizer, é que, não foi à toa que não falei *do* Nome do Pai, quando comecei, como imagino que alguns o sabem, já que repiso um bocado, falei *dos* Nomes do Pai. Pois bem, os Nomes do Pai é isso: o Simbólico, o Imaginário e o Real, naquilo que, pelo meu sentido com o peso que dei ainda há pouco, à palavra sentido, é isso os Nomes do Pai.²³⁷

Esse Outro Real, quando identificado com o Imaginário dará a identificação do histérico com o desejo do Outro; quando a identificação se der com o Simbólico do Outro Real o resultado será a identificação como *Einzigster Zug*, o traço unário; a identificação do Real com o Outro Real será o Nome-do-Pai da forma como Freud fala que a identificação tem a ver com o amor. Lacan ratifica, então, que há “três formas de Nomes do Pai, que são as que nomeiam como tais, o Imaginário, o Simbólico e o Real, pois é nesses nomes que está o nó.”²³⁸

No final de *O seminário, livro 22*: RSI, Lacan lembra ainda aquilo que serve aos Nomes-do-Pai, para que haja a nomeação de cada um dos registros RSI. Assim, a nomeação do Simbólico se passa efetivamente na forma de sintoma, a nomeação do Real se passa sob a forma da angústia e a nomeação do Imaginário como inibição.²³⁹

3.1.1. Nomeação do Simbólico como sintoma

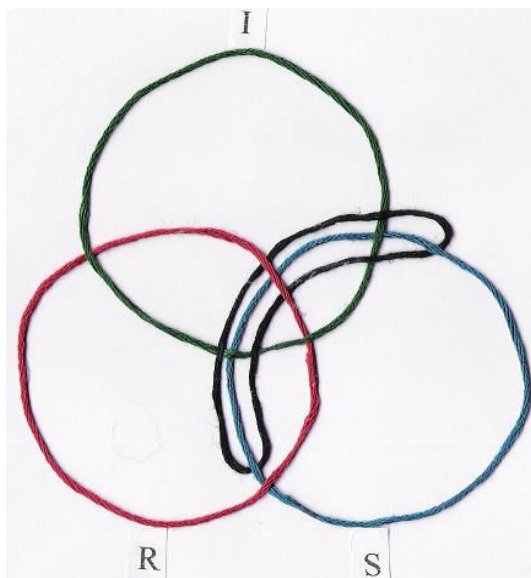
Na topologia do nó borromeano, no que foi desenvolvido a partir do *O seminário 22*: RSI, Lacan é explícito ao colocar o sintoma como o quarto anel na suplência à função do pai,

²³⁷ LACAN, *O seminário, livro 22*: RSI, p. 44, lição do dia 11/03/1975. (Grifos no texto mimeografado).

²³⁸ LACAN, *O seminário, livro 22*: RSI, p. 53, lição do dia 18/03/1975. (Mimeografado).

²³⁹ LACAN, *O seminário, livro 22*: RSI, p. 70, lição do dia 13/05/1975. (Mimeografado).

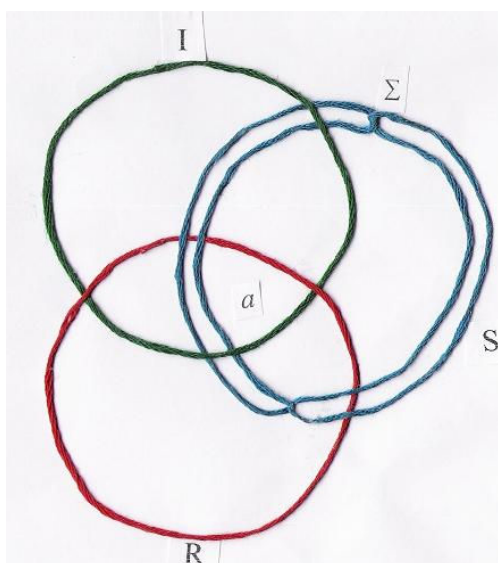
como um dos Nomes-do-Pai necessário ao encobrimento do desfalecimento estrutural do Outro na realização do enodoamento de RSI, pois o Outro está é no nó.



No entanto, a partir do *O seminário 23: Joyce, o sinthome*, Lacan renova o estatuto do Simbólico de tal forma que o Simbólico é substituído por um binário $S+\Sigma$, quando o quarto elemento é o que o sintoma realiza ao fazer o círculo com o inconsciente. Há, então, uma nova forma do Simbólico que poderá ser expressa no acoplamento de $S+\Sigma$. Este binário corresponde às duas vertentes do Simbólico no sentido em que um significante poderá emparelhar-se com outro, mais a letra de gozo na sua identidade. Em outras palavras, há duas funções suscetíveis de se aplicarem ao Um do significante, que é a função da representação e a função do sintoma. No sintoma, há ainda uma parte analisável e a letra de gozo que é a pulsão.

É porque o sujeito é o que um significante representa diante de um outro significante, que somos necessitados, pela sua insistência, a mostrar que é no sintoma que um desses dois significantes do Simbólico toma seu suporte. Nesse sentido pode-se dizer que na articulação do sintoma ao Símbolo não há, eu diria, senão um falso buraco. Se supomos a consistência, consistência de uma qualquer destas funções, Simbólico, Imaginário e Real, se supomos essa consistência como fazendo círculo, isso supõe

um buraco, mas no caso do Símbolo e do sintoma é de outra coisa que se trata; o que faz buraco é o conjunto, é o conjunto dobrado, um sobre o outro desses dois círculos.²⁴⁰



Estas seriam as duas dimensões do homem, sobre as quais Lacan fala em “O aturdido” que é a do *parlêtre*, a do discurso e a do isso. Sob um prisma, está o significante que se articula com outro significante, naquilo que poderá ser percebido na estrutura da linguagem, do inconsciente e do discurso naquilo em que ele é dialetizável e elaborável num *saber*, e, segundo outro prisma, está o que provém apenas de S1, da letra condensadora de gozo de *alíngua*, do não dialético, do sintoma não analisável, da pulsão.

Ao identificar-se com seu sintoma, o sujeito se constitui como resposta ao Real. O sintoma como Real é uma suplência. É o *saber fazer* na demonstração do Real. O sintoma é o que condensa gozo e sentido, tanto na neurose, como na psicose. Na psicose, no entanto, o efeito do sentido desaparece no sentido do gozado, que se encontra ajustado pelo Outro. Segundo Skriabine,

Se na neurose o sintoma como suplência vem complementar o inconsciente e realizar o suplemento necessário ao Outro desfalecente e testemunhar uma fixação do gozo, na psicose o sintoma como

²⁴⁰ LACAN, *O seminário, livro 23: Joyce, o sinthome*, p. 18, lição do dia 18/11/1975. (Mimeografado).

contingente circunscreve o gozo, indo separá-lo do Outro cuja falha aberta o havia feito precipitar-se nela, em uma recusa massiva do inconsciente.²⁴¹

A construção delirante, percebida como sintoma psicótico contingente, é o que leva o sujeito, na sua reconstrução, a dominar o gozo avassalador proveniente do Outro sem barra. O gozo que invade a cadeia significativa é, então, trabalhado para ser circunscrito num sintoma, na tentativa de condensá-lo mesmo que seja como uma escritura, como letra inalisável ao representar a recusa do inconsciente, num *saber fazer* que possa minimizar seu poder mortífero.

3.1.2. Nomenclatura do Real como angústia

É o que Melanie Klein trabalha ao introduzir Dick num mundo em que começa a exploração das diferenciações e também das equivalências, ao se tornar possível o deflagrar da cadeia significativa.²⁴² A alienação do Outro não havia ainda se produzido em Dick pela eleição da palavra. Ele, aos quatro anos de idade, vive num mundo real indiferenciado e não manifesta o afeto da angústia como as crianças neuróticas. Dick não contesta e não dirige nenhum apelo, não se percebe qualquer acesso à realidade humana, nenhum acesso ao Outro. Há apenas um esboço de imaginarização dos objetos do mundo exterior: Real, Simbólico e Imaginário não podem atuar juntos, pois lhes falta uma medida comum.

Segundo Lacan, todo o problema é o da função do sentido na conjunção do Simbólico e do Imaginário na construção da realidade. Para que essa conjunção se constitua vai depender da situação do sujeito no mundo Simbólico, do mundo da palavra. O mecanismo desta conjunção Lacan mostra no *O seminário, livro I*: os escritos técnicos de Freud, no experimento da física do buquê de flores invertido. Esta experiência de ótica mostra como

²⁴¹ SKRIABINE, La clínica del nudo borromeo, *Estudios Psicoanalíticos - Locura: clínica y suplencia*, (2): 93. (Tradução pessoal livre do espanhol).

²⁴² Cf. SKRIABINE, La clínica del nudo borromeo, *Estudios Psicoanalíticos - Locura: clínica y suplencia*, (2): 94.

podem ser reunidos objetos reais e objetos imaginários, a partir da presentificação do estágio do espelho: “a imagem do corpo, se a situamos no nosso esquema, é como o vaso imaginário que contém o buquê de flores. Aí está como nós podemos representar o sujeito anterior ao nascimento do eu, e o surgimento deste.”²⁴³ Para Dick, a conjunção entre as diversas formas – no Imaginário e no Real – dos objetos é o que não se produziu. O ramo de flores e o vaso não podem estar ao mesmo tempo no seu espaço vital, a não ser como equivalentes. Como Dick não está inserido no Simbólico, ele não faz a junção da linguagem ao Imaginário de forma a conseguir formar um sistema de equivalências, no qual os objetos possam se substituir uns pelos outros, segundo um processo de simbolização na cadeia significante. A alienação do Outro não se produziu pela eleição da palavra, como o conseguido pelo *Fort-Da* do neto de Freud, na oposição, a mais simples, de dois vocábulos. É o saber fazer na construção subjetiva ao se deparar com o vazio no qual é possível ser tramado o ato do artífice, conforme preconiza Lacan no *O seminário, livro 23: Joyce, o sinthome*, na duplicidade do Símbolo e do sintoma na sua parte analisável e na letra de gozo.

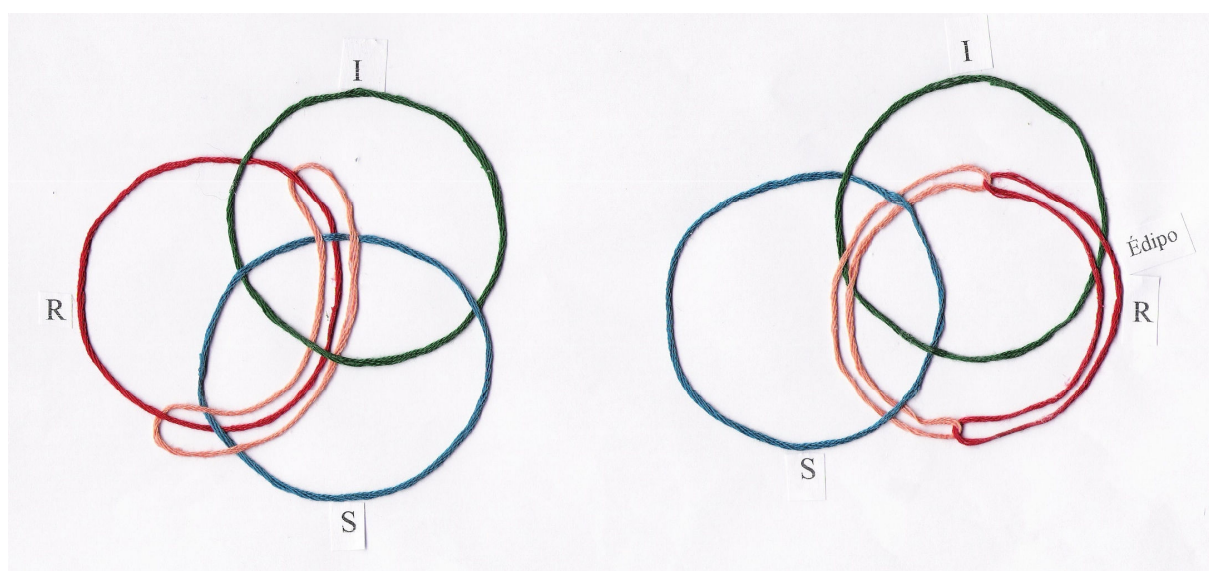
Dick dispunha apenas de uma simbolização petrificada por uma só e única identificação primária ao vazio e à obscuridade do corpo da mãe. Esta hiância é precisamente o que caracteriza o humano na estruturação própria de ser de sujeito a partir da angústia responsável pelo recalçamento, como Freud o explicita, na sua segunda teoria da angústia, no texto de 1926, “Inibições, sintomas e ansiedade”. Assim, Dick permaneceu fixado e petrificado sob o S1 primeiro da identificação primordial. O que não havia se produzido para ele foi a sua saída do S1 pelo recalçamento primário pela função paterna. Klein, ao percebê-lo, busca aceder ao inconsciente da criança e intervir em sua estrutura psíquica com uma interpretação por intermédio de um jogo no Real. A psicanalista trabalha, assim, para fazer nascer a angústia no menino, ao desatá-la pela interpretação e, nesse sentido, tenta elaborar este afeto de forma a

²⁴³ LACAN, *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*, p. 96.

permitir a Dick o desenvolvimento da simbolização. É pela angústia que se opera a alienação do Outro, isto é, a eleição da palavra. A angústia é estritamente correlativa a esse advento do sujeito no Outro, operação que põe em jogo o Outro como barrado e produz um resto, o objeto absoluto, o pequeno *a*. Klein introduz Dick no Simbólico a partir da seguinte intervenção lúdica no Real:

Tomei, então, um trem grande, coloquei-o junto a outro menor e os chamei “Trem Papai” e “Trem Dick”. Então, ele tomou em suas mãos o trem que eu havia chamado Dick, o fez rodar até a janela e disse: “Estação”. Expliquei-lhe: “A estação é a mamãe”. “Dick está entrando na mamãe”. Dick deixou então o trem, foi correndo até o espaço existente entre as portas que davam respectivamente para o exterior e para o interior do quarto e se escondeu nele dizendo: “Escuro”, e tornou a sair correndo. Ele repetiu esse movimento várias vezes. Então, expliquei-lhe: “Dentro da mamãe está escuro. Dick está dentro da mamãe e está escuro”. Ele tomou novamente o trem e logo correu outra vez ao lugar formado entre as portas. Enquanto eu lhe dizia que ele estava entrando no escuro dentro da mamãe, ele havia dito, duas vezes, em tom interrogativo: “Babá?” Então lhe respondi: “Sua babá vem logo”, quando ele as repetiu, utilizando as palavras corretamente, e retendo-as na sua mente.²⁴⁴

Por intermédio de um enxerto de simbolização edípica, Klein “dá literalmente nomes ao que, sem dúvida, participa do símbolo porque pode ser imediatamente nomeado, mas que, para esse sujeito, só era, até então, uma realidade [no sentido do Real] pura e simples.”²⁴⁵



²⁴⁴ KLEIN, La importancia de la formación de símbolos en el desarrollo del yo, p. 214. (Tradução pessoal livre do espanhol).

²⁴⁵ LACAN, *O seminário, livro I: os escritos técnicos de Freud*, p. 85.

Trata-se de outra forma do Nome-do-Pai como nominação do Real, ao visar a suplementar o anel do Real e realizar o enodoamento borromeano com o Simbólico e o Imaginário, por meio da angústia que, ao fazer suplência, abre um buraco no Real indiferenciado no qual até, então, viveu Dick. Há, então, a adjunção no anel do Real da simbolização edípica como nominação primeira.

A simbolização edípica, como quarto anel, funciona como uma costura simbólica sobre o Real, a partir da angústia, apreensão última de toda realidade. A angústia complementa o Real e faz uma medida comum entre RSI ao permitir um modo de defesa diante do impossível de suportar do Real. O advento do sujeito no Outro se torna então possível e, ao diferenciar-se, Dick pode formular uma demanda e produzir um S2. O enxerto simbólico fez suplência, pois a palavra foi introduzida no ponto preciso no qual este sujeito era acessível à intervenção e Dick acede à cadeia significativa. Há um efeito de esvaziamento, de separação de gozo. A *metáfora paterna* se assemelha à *metáfora delirante*, ao produzir a introdução do significante no significado, produzindo sentido e ocasionando a presença de angústia necessária à simbolização, mesmo que permaneça sempre um resto de gozo, de angústia na contra-simbolização.

3.1.3. Nominação do Imaginário como inibição

Para Gérard Pommier, é o lugar do pai imaginário que se torna o mais problemático, pois é nessa nominação que diferentes ideais desempenham uma função de paliativo.

Uma consistência ideal qualquer, religiosa, política, filosófica, psicanalítica, pode ter tal função. Estes idéias podem estar presentes na sociedade, mas também podem ser a ocasião de uma invenção delirante, sob a forma, por exemplo, de uma construção mística ou política, destinada a salvar a humanidade. Este ideal futuro tem esta particularidade de estar situado adiante do sujeito, num futuro que lhe permite existir e é nesta antecipação ideal que o nó paterno se comprime. Nesta perspectiva, o delírio é justo uma

tentativa de reconstrução, ele permite situar no futuro um sistema cuja realização ulterior permite viver no presente. ²⁴⁶

O autor lembra que, embora o neurótico não se encontre ao abrigo do fanatismo, a relação com o pai na neurose não é ideal como o é para o psicótico. Para o neurótico, o ideal acarreta a ocasião para a dúvida, para os conflitos que se tornam o suporte potencial da fantasia do assassinato. “A relação ao ideal permanece insuficiente para assegurar a coesão do grupo social dos neuróticos: a relação de rivalidade que os irmãos mantêm entre si deve se acrescentar ao laço paterno.” ²⁴⁷ Nesse sentido, o ideal na neurose, então, seria no sentido de liquidar qualquer diferença. Torna-se possível articular a fala de Pommier à rivalidade erotizada do estágio do espelho. Para o neurótico, no entanto, o ideal requer o laço social, pois a crença no semelhante tornou-se necessária à constituição do eu. Assim, para satisfazer o seu ideal, a partir da sua identificação subjetiva, o neurótico poderá apenas ocupar, na sua individualidade, uma determinada posição social: ser pai, desempenhar um cargo, casar-se ou ser amante de alguém. “Sua posição particular só se desvela quando o objetivo a que se destina é atingido. Se a longínqua migalha do imaginário que amarra e sustenta a existência é atingida, a tensão que ela propiciava se desfaz.” Pommier, então, sustenta que uma margem de fracasso, tanto na vida social ou familiar, torna-se necessária para garantir a existência de um neurótico. “Do mesmo modo, manter na margem do amor cortês a paixão que um homem experimenta por uma mulher idealizada, preserva-o, em última instância, do pior.” ²⁴⁸ O andar em círculo no neurótico permite-lhe a existência.

Pommier ressalta que, na psicose, a forclusão longe de acarretar o desaparecimento da noção de paternidade “eleva o pai até a posição de um ideal sem divisão e esmagador. A

²⁴⁶ POMMIER, *O desenlace de uma análise*, p. 211.

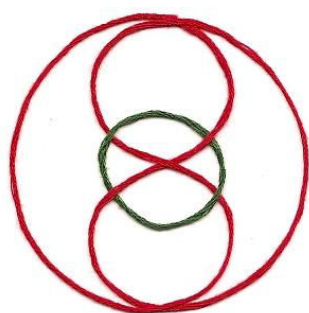
²⁴⁷ POMMIER, *O desenlace de uma análise*, p. 211.

²⁴⁸ POMMIER, *O desenlace de uma análise*, p. 213.

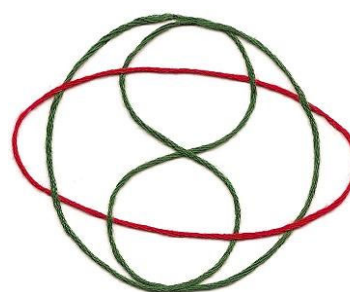
nodulação da questão paterna é deste modo possível na psicose [...], mas apenas na medida em que este ideal da paternidade for mantido Adiante, no futuro da existência do sujeito.”²⁴⁹

No que refere à criação e a sua relação com o ideal, o autor lembra ainda que: “O bastreamento dos nomes do pai pelo ideal não é a única solução a considerar. Existe um outro modo de nodulação que concerne diretamente à existência do sujeito.” Pommier lembra que, na criação, o autor, ao assinar a sua obra e inventar o seu próprio nome, assegura uma nodulação, que possui a particularidade de estar na retroação da produção e não adiante como é o caso do ideal. Ambas as soluções autorizam a existência de um sujeito, principalmente na psicose, pois há um ideal imaginário a ser perseguido, que dará sentido à vida, e há um nome a ser construído para ocupar o vazio deixado pela demissão paterna.²⁵⁰

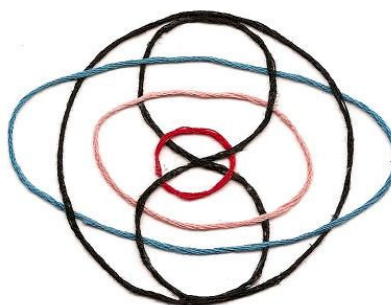
Ao se considerar essa fala de Pommier, pode-se lembrar que, em *O seminário, livro 23*: Joyce, o *sinthome*, no dia 17/02/1976, Lacan apresentou as seguintes propostas de estrutura psicótica da paranóia, com as suas respectivas suplências:



(Figura 57)



(Figura 61)



²⁴⁹ POMMIER, *O desenlace de uma análise*, p. 211. A palavra “Adiante” com maiúscula parece se referir à importância da solução assintótica na psicose, para o tratamento do vazio do Real.

²⁵⁰ Cf. POMMIER, *O desenlace de uma análise*, p. 213.

Esta última figura construída é o resultado da união das figuras 57 e 61, do *Seminário 23*: Joyce, o *sinthome*, e poderá representar, a princípio, o enodoamento de Arthur Bispo do Rosario. É conservado o oito, patognomônico do grude da estrutura esquizofrênica-paranóide, envolvido por uma volta e acrescido de três suplências. A primeira suplência será exercida pela construção da metáfora delirante mística como um sintoma, representada na cor azul, a partir da nominação do Imaginário; a segunda suplência é a criação da sua obra como *sinthome*, na cor rosa, e, como terceira suplência, na posição central, o Manto do Reconhecimento na cor vermelha, construído pelas suas mãos de artífice. Esta proposta de enodoamento será desenvolvida no “Capítulo 8”, “A função do Manto do Reconhecimento na obra como *sinthome* em Arthur Bispo do Rosario”, mostrando-se como um enovelado, pois o delírio místico fornecerá substância para a construção da obra como *sinthome* e para a confecção do Manto, embora Bispo apresente outras suplências necessárias à sua sustentação.

Pommier ratifica que o nome que assina a obra tem um futuro e que o autor sabe que o reconhecimento virá um dia, mesmo que seja após a sua morte. Ele acrescenta, ainda, que “o momento criativo, pseudonímico, funda uma origem, origem que não requer necessariamente a originalidade, uma vez que ela se lê num traço de estilo que pode ser quase impalpável, mas não afirma menos sua existência.”²⁵¹

Quanto à neurose, a estrutura essencial da inibição para agir se refere àquela em que o sujeito esbarra ao procurar atingir a perfeição de sua imagem ideal: “O que lhe conviria ser está separado dele, e é essa distância que seu ato procura encurtar. Essa separação ele não pode eliminar sem morrer. Não pode unir-se a si mesmo sem desaparecer, sem perder, com o motivo da ação, o centro distante de sua existência.”²⁵² Pommier lembra, então, que o neurótico, para agir, demanda essa imagem do duplo ideal, do semelhante, que se torna secretamente central em sua ação, ao ocupar para ele o lugar da criança espancada que lhe

²⁵¹ POMMIER, *O desenlace de uma análise*, p. 213.

²⁵² POMMIER, *O desenlace de uma análise*, p. 184.

permite progredir, afastado de si mesmo. O nascimento do narcisismo do eu, de um eu que permanece desigual ao lugar mítico em que fora esperado, esse eu ideal, sempre já perdido, continua sendo a perspectiva em que o sujeito desejará inscrever seu ser. O gêmeo do eu ideal é a imagem sonhada de um gozo carregado à frente, feita à proporção e, ao mesmo tempo, desproporcional. É sua inacessibilidade que torna essa imagem igual à morte: “Quem age procura igualá-la, e, ao se aproximar, deixa-a escapar, foge dela.”²⁵³ Assim, a solução de procrastinar poderá representar também uma sustentação possível na construção neurótica, embora não seja vital como o é na psicose.

O autor lembra que essa mecânica do narcisismo não é a mesma da fantasia, e, por isso mesmo, difere do sintoma que poderá — ao ser engenhosamente construído para evitar o resultado mortal narcísico — fornecer ao sujeito, de forma paradoxal, lastro para a sua sustentação narcísica e interromper a deriva do narcisismo para o nada. De toda forma, o lidar com o narcisismo, que se liga à inibição, foge muito do alcance da psicanálise e se liga mais ao acontecer das vicissitudes da vida amorosa de um sujeito.

No que se refere à inibição sintomática, por sua vez, não há necessidade de nenhuma intervenção específica, pois a escansão, ao libertar a fantasia do sintoma, impele o analisando a agir. Este momento, no entanto, poderá revelar-se perigoso para o analisando que, ao se dar satisfeito com suas realizações, manifestará uma resistência à análise, exatamente pelo narcisismo, que implica a realização exterior de algo que possa fugir à alçada da construção subjetiva de um saber de si e do mundo. É esse saber construído que permitirá ao analisando deixar para trás a sua imagem ideal, deparar-se com a impossibilidade da sua estrutura, a partir do gozo no Real sem possibilidade representacional, e abrir-se para a dor do existir.

²⁵³ POMMIER, *O desenlace de uma análise*, p. 184 -5.

Capítulo 4

Revisão do conceito de sintoma na teoria de Jacques Lacan

A base da função do desejo é, num estilo e numa forma que têm que ser precisados a cada vez, o objeto central a , na medida em que ele não é apenas separado, mas sempre elidido em outro lugar que não aquele em que sustenta o desejo, mas numa relação profunda com ele.

Jacques Lacan, *O seminário, livro 10: a angústia*, p. 276.

Com o objetivo de mostrar a importância da “consistência entre o sintoma e o inconsciente”,²⁵⁴ para a compreensão da relevância da obra como *sinthome* na psicose, desde que necessidade vital de sustentação subjetiva, torna-se relevante a revisão do conceito de sintoma, na obra lacaniana, até a sua derradeira definição na clínica do Real do gozo. Assim, a última definição de sintoma possui uma estreita relação da visão do corpo como a verdade da estrutura, no último ensino de Lacan. Nessa visão, o sintoma é definido como a maneira pela qual cada um goza do seu inconsciente, ultrapassando a visão de o sintoma ser percebido apenas como uma metáfora. Essa última definição de sintoma torna-se mais compreensível se for tomada como referência a compulsão de Bispo do Rosario em inventariar todos os objetos que existem no mundo, em séries definidas por uma razão particular, ao depender de um sentido preconizado pelo próprio Bispo do Rosario. Da mesma forma, o Manto do Reconhecimento, como um monolito, é colocado como o seu principal representante no Real, protegendo o seu ser como corpo ao “Todo Poderoso”, no dia do Juízo Final.

Lacan, no início do seu ensino, seguiu a via do deciframento freudiano, ao propor a formação do sintoma como uma articulação entre significantes, em particular da metáfora que funciona como ponto de basta entre o significante e o significado na produção de um sentido oculto para o sujeito. É a época do Lacan “estruturalista”, quando o inconsciente é percebido como resultado de uma estrutura de linguagem e o sintoma, desde que uma formação do inconsciente no qual o isso fala, encerrava uma mensagem a ser decifrada e desvelada na cura psicanalítica. O sintoma psicótico era concebido como um defeito do significante por aparecer fora da cadeia de significantes, no Real, pela ineficiência da metáfora paterna. A neurose era considerada o modelo de construção subjetiva como explicitado no *O seminário 3: as psicoses*, em 1955-56, e no texto, do mesmo biênio, “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose”.

²⁵⁴ LACAN, *O seminário, livro 22*: RSI, p. 37, lição do dia 18/02/1975. (Mimeografado).

Freud, apesar de haver descoberto a importância da defesa na etiologia de um sintoma neurótico, percebeu que o processo analítico, ao desvendar o sentido dos sintomas histéricos, não restabelecia, em muitos casos, a saúde dos pacientes. Havia um resto nos sintomas somáticos, aqueles das neuroses atuais, que tendia a permanecer e não respondia nem mesmo à efetividade de um processo analítico. Freud constatou que a pulsão necessariamente não era circunscrita pela possibilidade representacional em um sujeito:

Somente quando um caso é predominantemente traumático é que a análise alcançará sucesso em realizar aquilo que é tão *superlativamente* capaz de fazer; apenas então ela conseguirá, graças a ter fortalecido o ego do paciente, substituir por uma solução correta a decisão inadequada tomada na vida primitiva. Só em tais casos pode-se falar de uma análise que foi definitivamente terminada.²⁵⁵

Lacan, como leitor e estudioso da obra joyceana, buscou encontrar elementos para a renovação da própria teoria e da prática psicanalíticas. Ele também procurou rever a noção de sintoma, explicitamente no *O Seminário 22: RSI* e no *O Seminário 23: Joyce, o sinthome*. A partir desse estudo, em Lacan, a psicose é que passa a dar o modelo do núcleo do Real de todo sintoma. A definição do sintoma é revista, quando ele se torna definível pelo modo como cada um goza do seu Inconsciente. O sintoma pode não dizer nada a ninguém, ao revelar o gozo puro de uma escritura e, portanto, já não se define apenas por sua relação aos efeitos de significação, mesmo em relação a uma significação fora de toda dialética dada pelo Nome-do-Pai. Assim, há um deslizamento do sintoma como metáfora — que fixa o significado ao significante na relação do sujeito ao Outro —, ao sintoma na função de letra, que fixa o gozo sem a referência ao Outro do Outro como o tesouro dos significantes.

Em *O seminário, livro 22: RSI*, Lacan dirá que o sintoma é o efeito do Simbólico no Real, que é um acontecimento do corpo independente da estrutura clínica. O sintoma gozo é o que do Inconsciente faz ex-sistência (por fora de), porque ele se opõe à insistência significante

²⁵⁵ FREUD, *Análise terminável e interminável*, p. 252. (Grifo nosso).

simbólica. Lacan equipara o Simbólico com o Inconsciente, como o lugar em que o S1 e S2 fazem cadeia e produzem sentido. O sintoma gozo fica por fora dessa operatória simbólica. Há a extração de um elemento do inconsciente, do Simbólico para o Real, e a esse elemento desencadeado, sozinho, Lacan chama letra de gozo. A função precípua do sintoma gozo é traduzir o Inconsciente como letra. A letra tem identidade, ao passo que o significante só adquire valor em sua combinatória com outros, em sua diferença na relação com os outros significantes. *Ele é* em função da diferença. A letra é um elemento, então, subtraído do inconsciente, tomado dele, mas está fora dele. Não opera como os significantes em cadeia no inconsciente. A letra do sintoma não representa nada, à diferença do significante que, em sua concatenação, representa algo, e, em especial, ele representa o sujeito para outro significante. A letra do sintoma não é representante de um gozo traumático, não é um memorial de gozo. Ela é em si mesma o objeto de gozo. O significante, por sua vez, mortifica o gozo. Na letra encontramos o Real da linguagem. É um traço, uma marca. O termo lacaniano *letra* está mais próximo do que em Freud é a *satisfação da pulsão*. Em Freud, o que mais se aproxima desse resto indecifrável que Lacan chama de sintoma de gozo é o sintoma somático, aquele das neuroses atuais, no qual não há um mecanismo do tipo psíquico de substituição de uma representação por outra como a que se apresenta nas psiconeuroses, que são interpretáveis.

Segundo Freud, em 1905, no texto *Fragmento de um caso de histeria*, há uma causa somática, no início da doença, à qual vem agregar-se o psíquico, e o sintoma somático passa a ser considerado o núcleo do sintoma psiconeurótico. Há, pois uma vinculação do sintoma *gozo auto-erótico*, de Lacan, com aquilo que Freud chama, nessa época, de sintoma somático ao qual vem somar-se posteriormente uma fantasia e, entre ambos, aparece o ato masturbatório deflagrado e envolvido pelo anteparo das fantasias incestuosas do sexual infantil indestrutível.

Lacan, como leitor de Joyce, percebeu no *Work in Progress* um exemplo extremo do sintoma, quando o escritor apura o sintoma ao máximo, ao fazer existir o inconsciente fora do sentido, de forma paradoxal, porque o faz por meio da literatura, fora do símbolo, que é sempre condensador de sentido. É paradoxal, pois mesmo a mais pura poesia mescla o gozo da letra com o gozo do sentido, em todas as proporções possíveis.²⁵⁶

Enquanto a psicanálise utiliza o equívoco na interpretação, para dismantelar uma fixação sintomática do gozo, ao fazer aparecer por detrás do sintoma outro termo e assim conectar o Um do sintoma a uma cadeia na qual o gozo se metonimiza e toma outro sentido, Lacan percebeu que Joyce elaborou o equívoco no sintoma e fez, assim, ex-sistir o Inconsciente. Ele fez ex-sistir o Inconsciente, subtraindo a letra à cadeia do sentido, desconectando-a do Inconsciente como sentido na cadeia de significantes S1 – S2... e fixando nela o gozo. Joyce conseguiu abolir o sentido do símbolo que está sempre repleto de sentido, inclusive quando se mostra como Um, pois mesmo o sintoma na sua singularidade é uma ofensa ao sentido comum, conforme explicita Soler.²⁵⁷ O sentido comum é o bom sentido, o da sensatez, aquele que é o efeito do ajuste do gozo produzido pelo discurso do mestre, pelo senso comum e que não é conseguido pelo psicótico. O secreto da eleição do discurso é sempre o gozo e o secreto do sentido comum é o gozo ajustado segundo as leis comuns do discurso. Mesmo o sintoma neurótico objeta, em parte, ao sentido comum. Segundo Soler:

Lacan o tem dito mais de uma vez. O neurótico, em seu sintoma, está desabonado do sentido comum. Parcialmente desabonado do sentido comum, pois não é louco, Joyce, no dizer de Lacan, está desabonado do inconsciente. É um desabonado diligente e consciente de sê-lo. Em *Stephen Hero*, Joyce diz o que é para ele o inferno dos infernos [...]: o jovem Stephen — que não é senão o porta-voz de Joyce — fala por ele: “Estava decidido a lutar com todas as forças da alma e do corpo contra [...] a região [...] na qual tudo se encontra óbvio”²⁵⁸.

²⁵⁶ Cf. SOLER, El hijo necesario. *Estudios Psicoanalíticos - Locura: clínica y suplencia*, (2): 19.

²⁵⁷ Cf. SOLER, El hijo necesario. *Estudios Psicoanalíticos - Locura: clínica y suplencia*, (2): 20.

²⁵⁸ SOLER, El hijo necesario. *Estudios Psicoanalíticos - Locura: clínica y suplencia*, (2): 20-1.

No uso das epifanias, Joyce toma um objeto, uma cena, uma frase, os extrai do contexto onde possuem um sentido que é banal e os leva da escritura mínima de S1 – S2 ao isolamento do S1. Posteriormente, esse fragmento de discurso é utilizado em várias passagens de seu texto, como uma verdadeira letra de gozo, ao revelar algo inefável como um fenômeno elementar da psicose, mas que, em Joyce, funciona como uma técnica literária.

As epifanias da escritura joyceana, ao funcionarem como letra, em um momento fecundo de clareza e numa estrutura próxima ao fenômeno elementar de significação, em termos da definição de sua estrutura clínica, tornam-se uma experiência significativa, pois não se consegue saber o que possam significar. Elas seriam algo próximo às palavras sentidas como impostas na loucura.

O que interessa a Lacan é que o gozo de Joyce está mais próximo ao do matemático, em que há um curto-circuito do sentido, como na caligrafia. *Finnegan's Wake* é um despertar do sono do sentido. “Que Joyce tenha gozado por escrever *Finnegan's Wake*, isso se percebe. Que o tenha publicado é de causar perplexidade, na medida em que deixa toda a literatura com o flanco à mostra.”²⁵⁹ E Lacan complementa:

O incrível é que Joyce — que tinha o maior desprezo pela história, com efeito fútil, que ele qualifica de pesadelo, de pesadelo cujo caráter é descarregar sobre nós um palavrório a respeito do qual ele sublinha que nos faz tão mal — não tenha podido encontrar, enfim, senão esta solução: escrever *Finnegan's Wake*; ou seja, um sonho que como todo sonho, é um pesadelo, mesmo se ele é um pesadelo moderado. Com exceção, diz ele — e é assim que é feito *Finnegan's Wake* — que o sonhador não é aí nenhuma personagem particular, ele é o próprio sonho.²⁶⁰

Lacan ao definir sintoma como um acontecimento do corpo, não poderá, no entanto, estender esta definição ao sintoma de Joyce, pois para que um sintoma seja um acontecimento do corpo é preciso o nó, uma interseção entre o Simbólico e o Imaginário. É quando o Simbólico incide no corpo e acarreta uma relação entre o sintoma, como acontecimento do

²⁵⁹ LACAN, Joyce, o Sintoma, p. 566.

²⁶⁰ LACAN, *O seminário, livro 23: Joyce, o sinthome*, p. 170, lição do dia 16/03/1976. (Mimeografado).

corpo, e a pulsão. A pulsão torna-se, assim, a resultante da eficácia da linguagem sobre o corpo, ao mostrar a incidência do Simbólico no Imaginário, e, em consequência, na formação do sintoma:

[...] é preciso sustentar que o homem tem um corpo, isto é, que fala com seu corpo, ou, em outras palavras, que é falasser por natureza. Assim surgido como o cabeça da arte, ele ao mesmo tempo se desnatura, [...]. O problema é que esse é o seu natural: não admira que ele só o toque como sintoma. Joyce, o Sintoma [*Symptôme*], por seu artifício, leva as coisas a um ponto em que nos perguntamos se ele não é o Santo, o santo homem [*saint homme*] até não ter mais p. [...] Joyce não é um Santo. Ele joyza demais com o S.K.belo para isso, tem de sua arte orgulharte para dar e vender. [...] Só há Santo a não querer sê-lo, a se renunciar à santidade.²⁶¹

O desapego de Joyce em relação a seu corpo, leva-o a manter seu *sinthoma* no nível de consistência lógica. Sua obra entra no lugar do corpo — como *corpus textual* — e seu *ego* é a busca de laço social pelo reconhecimento de sua obra. Sobre isso esclarece Soler:

O incorporal de sua literatura é porque entre o Real e o Simbólico, trata-se de um gozo que não é gozo do corpo senão gozo da letra. Ter um corpo é fazer algo com ele, utilizá-lo, usá-lo. Na literatura de Joyce, se põe de manifesto, que ele não usa seu corpo.²⁶²

Nesse sentido, Sérgio Laia afirma que a leitura de Lacan da obra de Joyce se dá numa perspectiva diferente da preconizada por Freud em relação à formação sintomática, como retorno do recalcado pela solução de compromisso entre o desejo inconsciente e a censura. Em Joyce, o sintoma é diferente do símbolo, pois o símbolo se inscreve no campo do representável e é passível de interpretação. O sintoma, visível na escritura de Joyce, é portador de uma semântica que escapa àquele que o suporta, não funcionando do mesmo modo que as outras formações do inconsciente, como os sonhos, os esquecimentos e os atos

²⁶¹ LACAN, Joyce, o Sintoma, p. 562.

²⁶² SOLER, El hijo necesario. *Estudios Psicoanalíticos- Locura: clínica y suplencia*, (2): 25.

falhos. Ele comporta uma satisfação avessa à representação, um gozo que não deixa de insistir para além de toda decifração; o que se trama no sintoma é da ordem do Real.²⁶³

É necessário recordar a oposição que Lacan constrói com respeito ao objeto *a*, em *O seminário, livro 14*: a lógica do fantasma, entre a consistência lógica do objeto e a sua consistência corporal. A consistência lógica do objeto *a* é o que permite a inserção do objeto na lógica do significante. A consistência corporal do objeto *a* refere-se a um ou mais pedaços que se soltam do corpo, denominadas peças destacadas do corpo [*pièces détachées*] que se alojam no ponto denominado (-1), aí onde há o significante que falta no Outro. No sintoma, como acontecimento do corpo, ambos os tipos de objeto *a*, nas suas consistências corporal e lógica, estão sempre em jogo. Como em Joyce, o sintoma está livre do Imaginário, do corpo, não é *somatológico*, e sim *sintomatológico*, para evocar seu abandono do corpo. Por isso, Lacan, ao manter as três letras com que designa a estrutura subjetiva do nó borromeano, RSI, chama Joyce de *LOM*, em homofonia a *l'homme*.²⁶⁴

Em Joyce, Lacan encontra, então, o suporte para articular o Real de um lado e o Simbólico do outro, no gozo da materialidade da letra, com o registro do Simbólico na dimensão do litoral, num contraponto entre o significante e a letra, o traço, a rasura, mostrando a possibilidade da existência de um litoral que possa se colocar entre realidades heterogêneas no inconsciente.

Para Lacan “há consistência entre o sintoma e o Inconsciente [... e] o sintoma não é definível senão pelo modo como cada um goza do Inconsciente, na medida em que [é] o Inconsciente que o determina.”²⁶⁵ Como na psicanálise o sintoma não “cessa de não se escrever”, pode-se inferir que, por intermédio da linguagem e para além dos efeitos de

²⁶³ Cf. LAIA, *Os escritos fora de si*: Joyce, Lacan e a loucura, p. 154.

²⁶⁴ LACAN, Joyce, o Sintoma, p. 560.

²⁶⁵ LACAN, *O seminário, livro 22*: RSI, p. 37, lição do dia 18/02/1975. (Mimeografado).

sentido, é possível uma definição mais ampla do sintoma, não apenas como entidade clínica, mas como o modo particular pelo qual um sujeito atinge o gozo por meio de significantes.²⁶⁶

Mandil, ao reportar-se a Lacan, lembra que é preciso ter em mente que a própria renovação da noção de sintoma implica pensar o sintoma também como um nome próprio em condições de inscrever o que há de mais singular em um sujeito. Esta é uma definição ampla de sintoma, que transcende à abordagem clínica anterior, ao abarcar também o modo pelo qual um sujeito busca capturar, prender, agarrar o gozo. O sintoma, ao ganhar o estatuto de um nome próprio, ao ocupar o próprio lugar do Nome-do-Pai, como mais um dos seus nomes, passa a inscrever o que há de mais singular em um sujeito, pois uma das maiores conseqüências do Nome-do-Pai é o nomear, é o dar nome, é inscrever, é registrar o nome próprio do sujeito. Assim, o que há de mais singular em cada sujeito poderá ser representado pelo seu sintoma como algo fundamental para a sua consistência e passível de determinar inclusive o seu destino. Nesse sentido, é possível ser ratificada a hipótese pela qual o nome de Arthur Bispo do Rosario tenha desempenhado um papel importante na definição do seu destino místico, circunscrito na metáfora delirante de Filho Redentor de Deus Todo-Poderoso, que motiva toda a sua obra como *sinthome* e a confecção do seu *paramento* como Manto do Reconhecimento.

Lacan acrescenta que o sintoma gozo vem do Real, não sendo um produto do Simbólico, mas que ele põe a trabalhar o Inconsciente. Da mesma forma, o trabalho do Inconsciente será responsável pela redução desse sintoma gozo. Neste sentido, a obra compulsiva de Bispo do Rosario, em circularidade, provém da necessidade de sustentação subjetiva e será o principal meio pelo qual Bispo tentará circunscrever o gozo proveniente da exigência descabida do Outro absoluto, nas vozes que vociferam ordens, nos olhares que tudo vigiam, que o punem e que o escravizam, de forma invasiva, como objetos *a*, verdadeiros

²⁶⁶ Cf. MANDIL, *Os efeitos da letra*: Lacan leitor de Joyce, p. 201.

objetos-órgãos. O seu trabalho *sinthomático* será, então, *realizado* segundo a substância da metáfora delirante de redenção e o gozo poderá ser circunscrito continuamente em suas séries/peças avulsas, como verdadeiros objetos *a*, no rastro da nominação dos seus patronímicos. A vida de Bispo do Rosario passa a ter sentido e é mantida até a idade de 80 anos, mesmo de forma delirante e precária, e nos dá a visão da possibilidade do que a psicanálise poderá fazer na sustentação subjetiva de um sujeito que não tenha conseguido fazê-lo por outro meio.

Além do sintoma metáfora e do sintoma gozo, Mazzuca, Schejtman e Zlotnik comentam sobre a existência de um tipo de sintoma a ser concebido como uma cadeia significativa, que mostra uma articulação de significantes, mas que não responde à estrutura de uma metáfora.

²⁶⁷ Esta cadeia de significantes substantivados se colocaria na intercessão da zona de litoral do inconsciente, ao se considerar os terrenos heterogêneos do Simbólico e do Real. Parece ser algo que se aproxima do tipo de escrita substantivada, que se mostra bordada nos panôs de Bispo, mas que, no entanto, transporta um sentido. Há um sentido explicitado no mapa dos lugares percorridos por Bispo do Rosario, após a meia-noite de 22 de dezembro de 1938, ao atender as ordens dos sete anjos azuis, que desceram do céu em “nuvens especiais”, para ele se “apresentar” na Igreja da Candelária. Também o mapa da Colônia Juliano Moreira, relata o dia-a-dia dos locais e dos prédios que circundaram e foram o cenário de cerca de cinquenta anos de sua vida. A relação dos nomes da anatomia singular que circunda o personagem “Cloves”, envolvido por um envoltório, possivelmente, revela o que há de mais profundo no gozo das origens, quando parece carrear uma profunda angústia a ser extravasada na urgência da sua escritura: “Eu preciso destas palavras. Escrita”. Há ainda a relação carinhosamente bordada dos nomes das pessoas que ele deseja preservar junto a si, no mundo de perfeição, que seria reconstruído por ele, após a sua morte.

²⁶⁷ Cf. MAZZUCA, SCHEJTMAN & ZLOTNIK, *Las dos clínicas de Lacan: introducción a la clínica de los nudos*, p. 9.

Capítulo 5

Principais mudanças na clínica psicanalítica lacaniana

É na medida em que o *epos* trágico não deixa o espectador ignorar onde está o pólo do desejo, mostra que o acesso ao desejo necessita ultrapassar não apenas todo temor, mas toda piedade, que a voz do herói não treme diante de nada, e muito especialmente diante do bem do outro, é na medida em que tudo isso é experimentado no desenrolar temporal da história, que o sujeito fica conhecendo um pouco mais do que antes o mais profundo dele mesmo.

Jacques Lacan, *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*, p. 387.

Mazzuca, Schejtman e Zlotnik colocam como interrogação se há realmente em Lacan duas clínicas. Para esses autores é possível falar que há dois conceitos de sintoma e que um conceito é totalmente diferente do outro, mas que o segundo não invalida o primeiro, pois ambos são perceptíveis na prática clínica.²⁶⁸ Segundo a própria definição de Lacan, ambos os conceitos de sintoma se referem à forma pela qual cada sujeito goza do seu Inconsciente, pois é o próprio Inconsciente que irá determiná-lo, seja no sentido de sintoma metáfora, em que há mesmo assim um memorial de gozo, seja no sentido de sintoma de gozo, em que a letra de gozo, como veículo, carrega o gozo sem sentido. Os psicanalistas argentinos lembram que o termo clínica é plurisemântico e que, ele, em si mesmo, apresenta ambigüidades.

O termo clínica é equivalente a um saber que vai sendo elaborado a partir da própria prática clínica e existe antes mesmo da criação da psicanálise, quando se refere explicitamente à existência da clínica psiquiátrica. Pode-se, assim, depreender que há realmente duas clínicas, a clínica psiquiátrica e a clínica psicanalítica. Quando se diz clínica, alude-se à produção de categorias diferenciais. Na primeira clínica psiquiátrica, a terminologia aplicada refere-se à alienação mental e, na segunda, às enfermidades mentais.

Na linguagem psicanalítica, há referência às estruturas subjetivas, segundo a leitura que Lacan fez das estruturas freudianas: neurose, psicose e perversão, categorias clínicas diferenciadas, que se mantiveram presentes em todo o ensino de Lacan.

Mazzuca, Schejtman e Zlotnik marcam, no entanto, que há colegas de outras seções do Campo Freudiano que definem a primeira clínica lacaniana como uma clínica estruturalista e a segunda como clínica borromeana. A clínica estruturalista tem como essência a distinção e se funda na oposição. Aparentemente a oposição é tripartida: neurose, psicose e perversão, porém, sabe-se que há uma bipartição, quando neurose e perversão ficam do lado da *Bejahung* e a psicose do lado da *Verwerfung do Nome-do-Pai*, no Simbólico, ou da *Verwerfung de fato*

²⁶⁸ Cf. MAZZUCA, SCHEJTMAN & ZLOTNIK, *Las dos clínicas de Lacan: introducción a la clínica de los nudos*, p. 8.

quando a forclusão se refere à demissão paterna no Real. Em Lacan, a demissão paterna encontra-se expressa na referência a Joyce, a saber:

Será que não haveria aí alguma coisa como uma, eu diria, compensação dessa demissão paterna? Dessa *Verwerfung* de fato, no fato que Joyce tenha se sentido imperiosamente chamado, é a palavra que resulta de uma porção de coisas em seu próprio texto, no que ele escreveu; e que esteja aí o motor próprio pelo qual nele o nome próprio é alguma coisa que é estranha. [...] O nome que lhe é próprio, é isso que ele valoriza em detrimento do pai. É a esse nome que ele quis que fosse rendida a homenagem que ele próprio recusou a quem quer que fosse.²⁶⁹

Os psicanalistas do Instituto Clínico de Buenos Aires, ao trabalharem essa fala de Lacan, procuram explicitá-la da seguinte forma:

Trata-se de que o pai deixou vazia a função. Esta posição do pai é o que Lacan chama: renúncia do pai, que também tem sido traduzida como demissão. É aí a posição que se articula com o conceito de *Verwerfung*; mas como não recai em um significante, é chamada de *Verwerfung* de fato [*Verwerfung de hecho*]. É uma *Verwerfung* nos fatos.²⁷⁰

A clínica estruturalista se funda, assim, na oposição em relação à prevalência ou não do Nome-do-Pai em uma determinada estrutura clínica. É a clínica chamada descontínuísta, categorial e que implica a classificação do *sim* ou *não*.

A distinção em que se funda a clínica borromeana em relação à descontínuísta, refere-se à presença ou não de enodoamento, e, quando ele existe, a possibilidade de ele ser ou não borromeano. Há diferenciações na clínica borromeana, mas não há oposição no sentido estrutural de *sim* ou *não*, por isso ela foi chamada de gradualista ou elástica, ao estar fundada na teoria dos nós que implica uma generalização do conceito de forclusão do Nome-do-Pai.

Para os citados psicanalistas do Instituto Clínico de Buenos Aires, o termo clínica refere-se à experiência psicanalítica e à direção da cura, isto é, à prática analítica, a partir da

²⁶⁹ LACAN, *O seminário, livro 23: Joyce, o sinthome*, p. 127, lição do dia 10/02/1976. (Mimeografado).

²⁷⁰ MAZZUCA, SCHEJTMAN & ZLOTNIK, *Las dos clínicas de Lacan: introducción a la clínica de los nudos*, p. 112. (Tradução pessoal livre do espanhol).

própria revisão que Lacan foi fazendo do conceito de sintoma. Caso seja levada em conta a distinção da noção de sintoma, pode-se dizer que há duas clínicas, pois no ensino de Lacan podemos distinguir diferentes teorias da direção da cura ou duas estruturas diferentes da experiência analítica, cada uma definida em sua direção fundamentalmente pelo seu final, para aquilo que a experiência aponta e espera em relação à conclusão do processo.

Há, então, procedimentos distintos e adequados, dependendo do final que se tem em vista, ao envolver o uso de recursos e de ferramentas diferentes. Se se percebe o sintoma como metáfora, como estrutura de produção de sentido inconsciente, a interpretação será o recurso para produzir o significado que, desvelado, promoverá a cura como produção ou como revelação de uma verdade. Se se entende o sintoma como modalidade de gozo, a interpretação do significado já não será um recurso adequado. O trabalho analítico agora descansará sobre a metonímia, que escapa ao sentido e que responde mais à estrutura da escrita que à da leitura, ao tender à redução e à circunscrição do gozo que, de outra forma, poderá levar o sujeito à passagem ao ato.

Assim, o recurso ao Simbólico, ainda utilizado largamente pelos analistas, teria encontrado um ponto limite pelos adendos teóricos aferidos da clínica do Real do gozo do sintoma, pois mesmo na neurose há um irreduzível no sintoma gozo.

Lacan, no *O seminário 3: as psicoses*, explicita, por intermédio das estruturas freudianas da psicose, que o sujeito se define por sua relação com o significante. A elaboração delirante não difere, em sua estrutura, do próprio pensamento do neurótico. Todos nós deliramos, em última instância, na medida em que não tenhamos mais alojamento, como sujeitos, na cadeia significante. O delírio do psicótico é uma autoterapia que fracassa, pois mesmo que possa manter o sujeito na busca de significação em suspenso, para estabilizar seu ser no sentido, não é ainda uma defesa compatível à força do gozo como acontece com os pensamentos inconscientes do neurótico. Na neurose, os pensamentos são veículos de gozo,

pois podem carrear o gozo pulsional de determinada forma em decorrência das amarras fálicas. Já os pensamentos do delírio psicótico não são veículos do gozo pulsional, pois a contenção do gozo se encontra fora do discurso do delírio. O delírio só é resolutivo ao alcançar o nível da metáfora delirante. É a metáfora delirante que, na psicose, poderá propor uma identidade ao ser do sujeito e retirá-lo da posição de ser um objeto à mercê da vontade do Outro. No sintoma como modalidade de gozo, a interpretação não ocasiona nenhuma mudança. É quando Freud esbarrou na reação terapêutica negativa.

A diferença e o deslocamento principal que se verifica no ensino e na clínica de Lacan é aquela que vai do *ponto de basta*, dado pela metáfora paterna, ao enodoamento borromeano da topologia dos nós que poderá sustentar elementos diversos na representação da singularidade de cada sujeito.

Na segunda clínica, a função cumprida pelo conceito de enodoamento é análoga à que cumpre, na primeira clínica, o *ponto de basta*, e indica o lugar em que o enodoamento se fixa, impedindo que os registros fiquem soltos independentemente do elemento ou dos elementos que possam propiciar algum tipo de reparação *sinthomática*. Segundo Skriabine:

Assim, sob o olhar de Lacan, consiste em circunscrever o Um, o gozo, a partir dos três registros: Real, Simbólico e Imaginário, já que são fundamentalmente heterogêneos. Sem dúvida, o ser falante se sustenta nos três registros, e alguma parte do gozo se encontra aí presente, afixado, aprisionado. É para dar conta disso que Lacan tem se servido do nó borromeano, tal como o indica em seu *Seminário*: mais, ainda.²⁷¹

O ensino de Lacan, ao sofrer mudanças, a partir do desenvolvimento de sua clínica, ressalta, na primeira clínica, a clínica do desejo e do sujeito, isto é, do desejo impossível, insatisfeito, que se refere às modalidades da constituição e do funcionamento do sujeito. É a denominada clínica do Outro, uma clínica social, pois o Outro forma parte da estrutura do desejo, que é sempre desejo do desejo do Outro e o sintoma possui um sentido. O sintoma

²⁷¹ SKRIABINE, La clínica del nudo borromeo. *Estudios Psicoanalíticos - Locura: clínica y suplencia*, (2): 87. (Tradução pessoal livre do espanhol).

neurótico é a formação de compromisso em decorrência do conflito entre as exigências da realidade, do eu ou do supereu e dos desejos inconscientes e, por isso, ele expressa, com o afeto da angústia, aquilo que as fantasias representam de forma figurativa, como a satisfação da pulsão.

Colette Soler explicita:

Em termos freudianos, a decifração do sintoma revela a fantasia e a satisfação libidinal que ela engendra. A noção freudiana de formação de compromisso implica que o sintoma constitua o retorno do gozo recalçado. Não é simplesmente a memória do gozo; é o gozo presente imutável em seu cerne.²⁷²

Mazzuca, Schejtman e Zlotnik ressaltam, no entanto, que mesmo a primeira clínica de Lacan transcende à clínica do sintoma de Freud.²⁷³ Na leitura que faz de Freud, Lacan conserva as distinções clínicas da neurose, da psicose e da perversão como estruturas subjetivas ou modalidades do sujeito, com a distinção entre desejo insatisfeito, impossível — nas neuroses —, e a clínica da pergunta na oposição entre neurose e psicose — a neurose como uma pergunta e a psicose como uma resposta que chega antes da pergunta. Além disso, Lacan lembra que o obsessivo necessita fazer-se autorizar pelo Outro, o que passa a ter uma aplicação muito maior na clínica. Lembra, ainda, que outra característica da conduta do obsessivo são as proezas: há uma parte que está sobre o eixo $a - a'$, do rival imaginário, o Outro que o observa do palco. Lacan aplica, assim, suas categorias diferenciais às condutas e não apenas aos sintomas, ou então, às condutas como se fossem sintomas.

Por ser uma clínica do sujeito, das estruturas subjetivas, há a possibilidade de alguém, cuja estrutura seja psicótica, manter-se estável e nunca apresentar o desencadeamento de uma psicose, pois há mecanismos no *sinthome*, por exemplo, que operam para a manutenção da estabilidade desse sujeito na clínica da suplência, como é o caso de Joyce que fabrica um *ego*

²⁷² SOLER, *A psicanálise na civilização*, p. 17.

²⁷³ Cf. MAZZUCA, SCHEJTMAN & ZLOTNIK, *Las dos clínicas de Lacan: introducción a la clínica de los nudos*, p. 167.

de remendo com o seu *corpus textual* e espera, no seu *egotismo*, como um escabelo, ser o alvo de estudo de várias gerações de universitários e, assim, conseguir estabelecer um laço social.

A clínica dos nós está fundamentada em uma generalização do conceito de foraclusão, que corre junto à generalização dos Nomes-do-Pai. Há uma implicação na substituição do conceito geral de enodoamento, no qual o *ponto de basta* ficará incluído como um caso particular. O *ponto de basta* é um nó pelo efeito da metáfora, pois ele articula registros. E o enodoamento se refere ao fato de que os três registros – Real, Simbólico e Imaginário – podem estar enodados, enlaçados e manterem-se juntos de alguma maneira. Ambas as noções, a de *ponto de basta* e a de *enodoamento*, têm a ver com a articulação entre registros. Existem modos distintos em que se enodoam os diferentes registros. Há casos em que esse *ponto de basta* se dá pela operação da metáfora paterna, mas há casos em que se dá por outro elemento e há casos em que não se dá como no falso trevo do grude imaginário da paranóia.

Lacan, ao avançar no seu ensino, refere-se à possibilidade de cadeias se multiplicarem em formas diferentes de enodoamento e mostra a infinidade de possibilidades de constituições subjetivas. Assim, há um contínuo que vai desde o enodoamento tradicional, dado pela metáfora paterna, até o ponto de nebulosa, algo que de um modo pouco definido revela a formação de um conjunto, mas que não apresenta nenhuma articulação entre os elementos. “Por isso, em lugar de uma clínica descontinuísta, se diz que esta última clínica é gradualista, que não há uma oposição contundente, porém, muitos estados intermediários.”²⁷⁴ Nos pontos intermediários, há muitas maneiras de enodoamentos possíveis configurando cada singularidade, mesmo ao se considerar uma determinada estrutura clínica. Há assim uma infinidade possível de enodoamentos podendo variar inclusive em um determinado momento, ao depender das vicissitudes da vida do sujeito.

²⁷⁴ MAZZUCA, SCHEJTMAN & ZLOTNIK, *Las dos clínicas de Lacan: introducción a la clínica de los nudos*, p. 14. (Tradução pessoal livre do espanhol).

Na primeira clínica, a distinção entre neurose e psicose se refere ao Édipo ou ao fora do Édipo. A segunda clínica, mesmo sendo gradualista, também se refere à existência de um *ponto de basta*. Na neurose é um operador da função paterna e na psicose é outro operador que tenha a força de estabilização, ao levar em conta a história do sujeito.

Mesmo sendo gradualista, continuísta, há essa diferença fundamental: há ou não há o Nome-do-Pai, da mesma forma que no início do ensino de Lacan. O Nome-do-Pai é fundante na construção subjetiva, conforme explicitado pelos psicanalistas Roberto Mazzuca, Fabián Schejtman e Manuel Zlotnik, que deixaram claro não haver uma única passagem na obra lacaniana que destitua o pai do seu papel fundante na construção subjetiva. Segundo suas palavras: “Nossa idéia é que este continuísmo não se produza nunca entre estruturas senão dentro de cada uma delas e, em particular, não há continuísmo entre neuroses e psicoses, isto é, que a oposição neurose-psicose segue incólume no último Lacan.”²⁷⁵ França Neto ratifica, em sala de aula, a importância do pai como elemento fundante na construção subjetiva.²⁷⁶

Em *O seminário 21: les non-dupes errent*, Lacan continua utilizando o conceito de forclusão do Nome-do-Pai. Amplia a sua extensão, mas não transforma o conceito inicial. Quando o Nome-do-Pai não existe e não há metáfora paterna, o Nome-do-Pai poderá ser suprido por outro elemento, o que é diferente da pluralização dos Nomes-do-Pai. O conceito de metáfora delirante mostra como o delírio, em seu desenvolvimento, poderá produzir uma metáfora com o efeito de estabilização *fora da ordem paterna*, mesmo que se presentifique a forma de gozo do pai na construção da metáfora delirante. Há um ponto de basta que, sendo capaz de fixar o significante ao significado, estabiliza o significado e detém a produtividade delirante. Em Schreber, a metáfora “Mulher de Deus” operou o *ponto de basta* na posição de exceção como o faz o Nome-do-Pai, mas os resultados não foram os mesmos. A metáfora

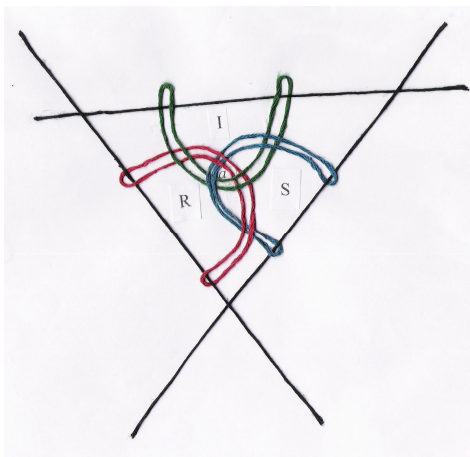
²⁷⁵ Cf. MAZZUCA, SCHEJTMAN & ZLOTNIK, *Las dos clínicas de Lacan: introducción a la clínica de los nudos*, p. 20. (Tradução pessoal livre do espanhol).

²⁷⁶ Questão explicitada por Oswaldo França Neto em aula do Curso de Mestrado em Psicologia, na Área de Concentração em Estudos Psicanalíticos, na FAFICH/UFMG, no segundo semestre de 2005.

delirante possui algo da ordem de ferro, no sentido não elástico, imóvel, fixo, por se encontrar fora da dialética dada pela função paterna. A função paterna dará como resultado a formação de um sujeito cindido, não só em decorrência da sua introdução na linguagem, mas também pela separação do gozo do Outro. Assim, o objeto *a*, heterogêneo a esse Outro, que se torna barrado, permanece velado pelo brilho fálico, porém, ainda no campo do sujeito, e lhe permite uma maior margem de manobra na construção de sua história, mesmo na presença do afeto de angústia decorrente da sua presença, ou mais precisamente, será em decorrência do que é desencadeado como o afeto da angústia no sujeito, que ele se construirá por meio do *sinthome*,²⁷⁷ a partir do seu sintoma, na essência da sua singularidade.

No final de *O seminário, livro 22: RSI*, Lacan é explícito, ao mostrar que a clínica do desejo encontra também um ponto central de sustentação na clínica borromeana, no Real do vazio do pequeno *a*, a saber:

Repito, preciso, é enquanto o Nome-do-Pai é aqui o que faz nó, e em se tratando do triskel, [...] é enquanto o triskel ex-iste que pode haver identificação [ao] que em todo nó borromeano é o coração, o centro do nó; e onde é que marquei se situar o desejo [...] que também é uma possibilidade de identificação [...] onde situei pra vocês o lugar do objeto pequeno *a*, como sendo [...] aquilo que Freud torna a terceira possibilidade de identificação, o desejo da histérica.²⁷⁸



²⁷⁷ Nas palavras de Jesús Santiago, quando o pequeno *a* presentifica-se para o sujeito, esse objeto absoluto acarreta sempre um excesso de angústia. Em *O seminário, livro 10: a angústia*, Lacan é claro ao dizer que, mesmo a angústia sendo sem objeto, não significa que ela não possua um objeto. Nesse mesmo sentido, ele se refere ao buraco que o pequeno *a* abre no sujeito quando da presença do corpo do Outro. “É o gozo que interessa, não ao Outro do significante, mas ao Outro do corpo, ao Outro do outro sexo”. Cf. *O seminário, livro 22: RSI*, lição do dia 17/12/1974. (Mimeografado).

²⁷⁸ LACAN, *O seminário, livro 22: RSI*, p. 65, lição do dia 15/04/1975. (Mimeografado).

Nas duas clínicas, a psicose está colocada como um desenodoamento e a fase de restituição ou de estabilização como um reenodoamento. A referência é explícita ao desenodoamento e entre a possibilidade de suplência para que haja o reenodoamento.

Os analistas do Instituto Clínico de Buenos Aires colocam o acento e se apóiam, para desenvolver a comparação entre um momento e outro da clínica de Lacan, não no elemento usado na operação, inclusive se é único ou se são vários, mas na operação mesma e em suas modalidades, isto é, nas distintas formas de enodoamento: se o nó é borromeano ou se ele se faz por interpenetração na continuidade entre registros como acontece na psicose.

Mazzuca, Schejtman e Zlotnik afirmam que, ao longo do seu ensino, Lacan vai desenvolvendo seus conceitos e a segunda clínica pode ser considerada um desenvolvimento da primeira, ao apresentar um sentido *distintivo*, mas não *opositivo*.²⁷⁹ No entanto, torna-se importante ressaltar que a estrutura do primeiro ensino é a simbólica, a que se refere à cadeia de significantes, e a do último ensino é a do corpo tomado como estrutura dando origem à formalização do *saber fazer* na tentativa de conter o gozo do corpo.

A afirmação de Jean-Claude Milner, em *A obra clara: Lacan, a ciência e a filosofia*, explicita ser a primeira premissa de Lacan aquela em que “o sujeito da ciência é o sujeito de um significante”, hipótese do *sujeito do significante* formulada no primeiro classicismo²⁸⁰ e mantida no segundo. A segunda premissa, a de que “o sujeito de um significante coincide com um indivíduo afetado por um inconsciente”, é a hipótese de Lacan, formulada apenas no segundo classicismo. E a premissa terceira, de que “a psicanálise em sua prática opera sobre

²⁷⁹ Cf. MAZZUCA, SCHEJTMAN & ZLOTNIK, *Las dos clínicas de Lacan: introducción a la clínica de los nudos*, p. 7.

²⁸⁰ Milner estabelece três diferentes períodos na obra de Lacan: o primeiro classicismo, o segundo classicismo e a desconstrução. O primeiro classicismo é representado pelos *Escritos*, e consiste no desenvolvimento do programa articulado no Discurso de Roma, em 1953, quando há uma ênfase na linguagem e na estrutura que se produz nesse período com as doutrinas do significante e da homofonia. Lacan produz uma *antilinguística*. O segundo classicismo inicia-se em 1970 e possui como principais representantes: *O seminário, livro 20*: mais ainda e os textos “O aturdido” e “Radiofonia” e abrange o desenvolvimento dos matemas e da teoria dos discursos. Há a produção de uma *antipolítica* e de uma *antifilosofia*. A desconstrução é o período da emergência da topologia e do nó borromeano, quando há o desvio pela letra. Há ênfase nos objetos da topologia: *toro*, *banda de Moebius* e *cross-cap* e na sua matematização. Milner considera, ainda, a obra lacaniana inacabada.

um indivíduo afetado por um inconsciente”, é a hipótese fundadora de Freud. Milner, então, conclui que a psicanálise em sua prática encontra por coincidência um sujeito.²⁸¹ O autor acrescenta, de forma ainda mais clara, reportando-se aos *Escritos* de Lacan, que a expressão “sujeito do inconsciente”²⁸² é imprópria; e que ela é apenas legitimada por sua comodidade: ela estenografa a coincidência real entre o sujeito e indivíduo, já que o indivíduo em questão é o indivíduo biológico, o inconsciente de que é dotado é, ele também, biológico. A hipótese de Lacan pode também ser enunciada da seguinte maneira: o inconsciente como entidade biológica coincide, articulação por articulação, com as cadeias significantes.²⁸³

Para que seja tentada essa correspondência será necessária a presença de um elemento articulador, que funcione como um operador em suplência — a função paterna ou um substituto, passível de articular os registros. Parece ser essa a função da topologia lacaniana, mesmo quando se reconhece a impossibilidade radical de o gozo ser formalizado integralmente no *saber fazer* com o *sinthome* a partir do sintoma.

É por isso que o objeto de pesquisa da presente dissertação tenta mostrar que, em Bispo do Rosario, as noções da clínica da suplência permitem encontrar no próprio corpo do sujeito, desde que superfície e estrutura, o ponto de sustentação para a confecção do Manto do Reconhecimento na posição de um *ego ortopédico*, pois o gozo do corpo não foi limitado por uma possível articulação entre a cadeia de significantes do sujeito com o indivíduo biológico. Assim, o Manto foi postado no centro da obra como *sinthome*, no Real, no rastro da *nomeação para* dos patronímicos de Bispo do Rosario, em um contexto místico, e carrou, junto a ele, uma historicidade e um sentido para a vida e a tentativa delirante de unificar a fragmentação interna do auto-erotismo presente na esquizofrenia-paranóide. Contudo, mesmo

²⁸¹ MILNER, *A obra clara: Lacan, a ciência e a filosofia*, p. 116.

²⁸² LACAN, *A ciência e a verdade*, p. 890.

²⁸³ MILNER, *A obra clara: Lacan, a ciência e a filosofia*, p. 127-8, em nota de rodapé n. 15. Antônio Teixeira, em sala de aula, lembra que o sujeito é afetado pela dimensão biológica do gozo. O indivíduo afetado pelo inconsciente é o sujeito de um significante, pois falar é também uma forma de gozar. É a dimensão pulsional do *parlêtre* preconizada por Lacan.

Bispo do Rosario tendo trabalhado compulsivamente na sua obra como *sinthome* na tentativa da circunscrição do gozo do Outro fora do seu ser como corpo, ele conseguiu alcançar o seu intento de forma limitada, porque surtos ocorreram e foram presentidos pelo próprio Bispo. Nesses momentos, ele pediu a sua contenção externa pelas paredes do quarto-forte: “O senhor não está vendo nada aqui em cima da minha cabeça? [...] Eu trago um deus comigo. Deus está peneirando aqui em cima, está querendo falar comigo. [...] Me prende porque eu estou me transformando em rei. Me prende que eu vou entrar em guerra.”²⁸⁴ Também no sujeito neurótico, mesmo quando há inunção da efetividade da função paterna, há momentos em que a pulsão cai sobre o corpo e nenhuma manobra fará corresponder o indivíduo biológico ao sujeito inserido na cadeia significante do Inconsciente. Haverá sempre um resto de gozo não passível de ser aprisionado, a não ser no gozo do sintoma, na verdade da estrutura do corpo, conforme nos mostra o ensino do último Lacan, que nenhum *saber fazer* abarcará.

França Neto lembra que, no final do ensino de Lacan, há a primazia da verdade do corpo considerado como estrutura no campo do gozo, que se funda sobre a verdade do espaço, enquanto a forma estaria ligada ao Simbólico, no campo do *saber fazer*.²⁸⁵ O estruturalismo se refere ao campo da consistência, do Um do significante, e a estrutura como gozo do corpo é a operação e não o resultado final, pois há uma anterioridade da estrutura em relação ao seu efeito do gozo. A estrutura, por operacionalizar a conta, ficará excluída do resultado ao permanecer estranha ao campo que a determina. Nesse sentido, França Neto complementa:

Assim, se o saber matemático se propõe a ser o que formaliza o real, o que operacionaliza esse saber, colocando-o no campo do Um (dando-lhe a forma consistente), está no campo do gozo (que tem a característica principal exatamente o fato de manter-se excluído da consistência) — a estrutura da forma é o que, de uma maneira radical, escapa à formalização.²⁸⁶

²⁸⁴ Cf. HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 25.

²⁸⁵ LACAN, *O seminário, livro 24: L'insu que sait de l'une bévue saile à mourre*, p. 37-39. (Mimeografado).

²⁸⁶ FRANÇA NETO, Considerações matemáticas sobre o gozo na neurose e na psicose, *Ágora*, II (2): 83.

Nesse sentido, compreende-se que o gozo só poderá ser apreendido pela via subtrativa:

O gozo então está correlacionado a uma operação de subtração. Sua existência como grandeza negativa é necessária para a manutenção de um nível mínimo ideal da relação consistência x inconsistência. É o significante anômalo, instituindo o gozo como instância subtrativa, que reassegura a estabilidade do campo da realidade psíquica. Se o gozo está correlacionado ao objeto *a* de Lacan, isto é, aquilo que sobra da operação da representação (separação) [...] o significante heterogêneo [...] corresponde ao A, que na cadeia, apresenta-se como A barrado (A marcado pela inconsistência).²⁸⁷

O enodoamento borromeano apresenta vantagem considerável sobre o *ponto de basta*.

Tanto no Esquema R quanto no Esquema I, a estrutura da metáfora paterna enodoa não só o Simbólico e o Imaginário, mas também o Real. Um dos efeitos metafóricos está em relação direta com o Real, coisa que podemos apreciar na definição mesma de foraclusão: o foracluído, o recusado do Simbólico, retorna no Real. Quando há foraclusão do Nome-do-Pai e, portanto, da metáfora paterna, estarão dadas as condições para o retorno no Real do fenômeno psicótico. Além disso, o efeito do retorno no Real, que faz a diferença entre a presença e a ausência da metáfora paterna, revela que os efeitos da operação metafórica do pai não incidem somente na criação de significado na significação fálica, senão que essa significação fálica tem um correlativo no gozo. A metáfora paterna, então, não só dá a chave dessa significação desconhecida do desejo da mãe, ao permitir interpretá-lo, mas também possui uma incidência libidinal, ao estabelecer uma articulação entre uma operação significante e as suas conseqüências no gozo do sujeito segundo uma *père version*. No entanto, nada é suficiente para a contenção do gozo. Cada um inventará seu modo próprio de tentar fazê-lo, seja na neurose ou na perversão, seja na psicose: pelo sintoma, pela obra como *sinthome*, no uso de amarras psicofarmacológicas ou pelos limites das paredes de um quarto ou, ainda, ou pelos limites das paredes de uma cela de contenção, quando o sujeito chega a

²⁸⁷ FRANÇA NETO, Considerações matemáticas sobre o gozo na neurose e na psicose, *Ágora*, II (2): 92.

fazer uma passagem ao ato para ser contido na impossibilidade da contenção do gozo, apelando para as instâncias judiciais, para, então, tentar fazê-lo.

A topologia dos nós inclui a possibilidade borromeana de os registros apresentarem-se enlaçados, sem interpenetração, segundo uma solução que se refere a uma pretensa normalidade sem qualquer solução *sinthomática*. Há ainda a possibilidade da reparação *sinthomática* — conservando-se o caráter borromeano do enodoamento — pela inserção do anel *sinthomático* representante do pai sintoma, que sustentará a ex-istência dos registros do Real, do Simbólico e do Imaginário, sobre o qual poderá ser representado o *sinthome*. Na falta do anel do pai-sintoma, poderá ser também representada outra solução *sinthomática*, quando, normalmente, observar-se-á o relevo dos fenômenos de retorno no Real. Há enodoamentos nos quais não se observa qualquer elemento perceptível com um enovelado confuso de voltas. Essa representação é compatível à desestruturação psicótica, quando nenhum elemento de suplência se manifestará de forma visível.

Diante de uma complexidade crescente, a topologia usada no segundo ensino de Lacan, ao permitir a representação da configuração de um determinado psiquismo humano, faz com que categorias como exterior e interior deixem de existir, une elementos diferentes de um mesmo conjunto, e, poderá representar, de forma singular, a estrutura clínica de um determinado sujeito. Nesse sentido, a visão de enodoamento também permite proporcionar modelos para fenômenos mais sutis, ao possibilitar uma visão representacional da estrutura clínica, segundo a articulação singular dos três registros na construção de cada subjetividade.

Capítulo 6

A clínica da suplência e a construção da noção de *sinthome*

Mas está claro que a arte de Joyce á alguma coisa de tão particular que o termo *sinthome* é bem o que lhe convém.

Jacques Lacan, *O seminário, livro 23: Joyce, o sinthome*, lição do dia 17/02/1976.

A retomada teórica que foi feita até aqui permite que se veja a obra como *sinthome* em Arthur Bispo do Rosario. Essa obra funcionou como exemplo patognomônico da importância do *saber fazer* com o sintoma, conforme foi descrito na clínica da suplência na psicose, pois a obra, ao se postar em substituição aos pequenos *a* como *objetos-órgãos* escópico e invocante que veiculam o gozo mortífero do Outro absoluto, permitiu que Bispo do Rosario produzisse compulsivamente e vivesse até uma idade de 80 anos na Colônia Juliano Moreira, em condições de vida, muitas vezes, sem qualidade compatível à sua conservação.

Torna-se necessário, a partir de tal constatação, o estudo da suplência na psicose, estudo que leva em conta a pertinência das construções teórico-clínicas psicanalíticas que se mostram relevantes para a compreensão da construção ou da sustentação subjetiva de um sujeito psicótico. Na psicose, mesmo quando a construção e a sustentação subjetivas possam se apresentar, na maioria das vezes, de forma precária, elas representarão a possível manutenção de uma vida. Há que se lembrar, ainda, que muitos psicóticos realizaram construções pessoais importantes para a humanidade.

Desde que considerada a criação do objeto pequeno *a* por Lacan, o estudo da clínica da suplência em psicanálise desempenha um papel essencial na compreensão da construção e sustentação de um sujeito, tendo sido estendida também à neurose e à perversão, como ação válida, além da possibilidade das outras ferramentas utilizáveis em um processo psicanalítico como a escansão, a interpretação e as construções psicanalíticas. Tal possibilidade é devida ao fato de o pequeno *a* se tornar o resto da alienação e da separação erógena do Outro, quando, então, ele se torna o resto do Outro e, em consequência, o Outro do Outro. Sob essa visão, a obra como peça avulsa poderá ser colocada na posição de um pequeno *a*, uma outra peça destacada, e é, nesse sentido, que a obra como *sinthome* será executada como o resultado de uma interação de conflitos internos presentes em um determinado sujeito. Na neurose, os conflitos serão decorrentes da interdição da lei sobre o desejo sempre ligado ao sexual infantil

indestrutível, a partir do Édipo dúplice. Na psicose, pela ausência da vida fantasmática, será a obra que poderá desempenhar o papel de anteparo e a possibilidade de construção subjetiva, mesmo que possa, à primeira vista, permitir uma sustentação instável. Além disso, a obra como *sinthome*, ao tocar o inconsciente por meio da sua aplicação sobre o gozo do sintoma — dada a consistência existente entre o sintoma e o inconsciente —, representará o cerne da atividade de uma singularidade e se mostrará, assim, segundo matizes variados, como uma possível construção subjetiva. Nesse sentido, as noções da clínica da suplência permitem ver, na neurose ou na perversão, os meios desviados para a realização da fantasia no *saber fazer inventado* pelo neurótico ou pelo perverso, a partir dos seus conflitos internos, quando poderão ser utilizados também outros recursos para a sua vivência fantasmática.

Na psicose, o objeto pequeno *a*, ao se apresentar como um verdadeiro objeto órgão ligado ao Outro, carrega uma profunda angústia ao se apresentar desgarrado de qualquer tipo de amarras fálicas e de anteparo fantasístico. O gozo, então, de que o psicótico é portador é invasivo e avassalador e a obra como *sinthome* tornar-se-á uma significativa possibilidade a ser postada na posição do pequeno *a* objeto órgão, ao permitir a circunscrição do gozo do Outro sem barra, que se faz continuamente presente frente ao sujeito, como o Outro absoluto, *das Ding*, “A Mulher” de Schreber ou o outro nome de Deus, segundo Lacan, ou a Mãe Santíssima ou o Todo Poderoso feminizado de Arthur Bispo do Rosario. Na psicose, a possibilidade do *saber fazer* com o sintoma poderá assegurar a própria existência de um sujeito ao dar sentido à sua vida. Assim, o *sinthome*, em função de suplência na psicose, revela uma assinatura e um traço de estilo e, em decorrência disso, poderá trazer uma solução ao vazio da função paterna ao fazer do pai e da sua forclusão um problema ultrapassado, nas palavras de Pommier,²⁸⁸ como Joyce o fez ao construir o seu próprio nome em substituição à demissão paterna. Em Arthur Bispo do Rosario, a obra como *sinthome* foi realizada pelo

²⁸⁸ POMMIER, *O desenlace de uma análise*, p. 213.

determinante dos seus patronímicos, em suplência à ausência da efetividade da função paterna, e foi o que deu sentido à sua vida, conforme as suas próprias palavras: “Miniaturas que permitem a minha transformação, isso tudo é material existente na terra dos homens. Minha missão é essa, conseguir isso que eu tenho, para no dia próximo eu representar a existência da Terra. É o significado da minha vida.”²⁸⁹

A clínica da suplência inicia-se em *O seminário 3: as psicoses*, em 1955-6, quando Lacan, ao se reportar a Helene Deutsch, lembra a dimensão significativa do mecanismo do *como se* na sintomatologia dos esquizofrênicos, na compensação imaginária do Édipo ausente, que poderia fornecer a virilidade a um sujeito sob a forma, não da imagem paterna, mas do Nome-do-Pai em uma nomeação capaz de se configurar numa caricatura de homem.²⁹⁰

No texto “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose”, da mesma época de 1955-56, Lacan explicita que, embora o prof. Flechsig tenha parecido, quando do deflagrar do delírio de Schreber, possuir qualidades para se colocar como uma possível suplência à ausência da figura paterna de Schreber, ele não conseguiu fazê-lo. Nas palavras de Lacan: “Não há dúvida de que a figura do prof. Flechsig, em sua gravidade de pesquisador [...] não conseguiu preencher o vazio subitamente vislumbrado da *Verwerfung* inaugural (“*Kleiner Flechsig!* Pequeno Flechsig!”, clamam as vozes)”. Na estruturação do delírio, ele foi substituído por Deus, que seria um ser compatível ao atendimento das necessidades de Schreber do empuxo-à-mulher – “Pequeno Flechsig!” A linhagem divina estaria à altura do delírio da raça de homens superiores, no rastro do desejo do ideal paterno, numa *père version*, e na vertente mais adequada à solução assintótica do tratamento do infinito, como um dos possíveis mecanismos de estabilização da psicose. Schreber foi atravessado pelo pensamento “afinal de contas, deve ser realmente muito bom ser mulher e submeter-se ao ato da cópula”. Esta idéia passará do plano Imaginário ao Real, fazendo sentido em seu próprio corpo. Em

²⁸⁹ Cf. HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 89.

²⁹⁰ LACAN, *O seminário, livro 3: as psicoses*, p. 220.

suas memórias, escreve que nervos femininos já vinham se introduzindo há muito tempo em seu corpo, denunciando assim que o processo de eviração já começara. Segundo Quinet:

São as sensações voluptuosas induzidas por esses nervos em Schreber — “volúpia d’alma” — que lhe permitem atrair os raios divinos. Essa particularidade dos raios divinos de serem, ao mesmo tempo, sexo e linguagem, denota a relação de equivalência na psicose entre o gozo e o significante. [...]. A volúpia d’alma e a idéia de eviração caracterizam em Schreber o que Lacan nomeou de o “efeito empuxo-à-mulher da psicose.”²⁹¹

Lacan, ao delimitar e definir o conceito de metáfora delirante como recurso estabilizador no delírio de Schreber, transcende o recurso do mecanismo da identificação imaginária do *como se* explicitado no *O seminário, livro 3: as psicoses*, porque marca a possibilidade de a construção da metáfora delirante tornar-se uma suplência contingente à metáfora paterna ausente. Se, mais tarde, na segunda clínica, este conceito de suplência aparece generalizado, mesmo na segunda clínica ele se encontra em plena continuidade com a primeira.²⁹²

Ao se considerar a psicose de Schreber como um sintoma puro, conforme preconiza Skriabine,²⁹³ percebe-se, na metáfora delirante, a construção de uma suplência psicótica contingente.²⁹⁴ Por meio da construção dessa metáfora, o psicótico tenta a circunscrição do gozo, ao localizá-lo no Outro, com quem é tentado um laço possível de acordo com o que possa ter sido vivenciado com as figuras parentais. Há que se acrescentar, no entanto, que a relação de Schreber com a figura materna não é conhecida do mesmo modo como aquela que o ligou ao pai, o que mereceria uma pesquisa para complementar o estudo do caso. O efeito da metáfora delirante permite, assim, a estabilização do Simbólico e do Imaginário, em uma nova correlação entre os dois registros, ao propiciar um novo sentido à vida do sujeito:

²⁹¹ QUINET, *Teoria e Clínica da Psicose*, p. 38-9.

²⁹² Cf. MAZZUCA, SCHEJTMAN & ZLOTNIK, *Las dos clínicas de Lacan: introducción a la clínica de los nudos*, p. 20.

²⁹³ Cf. SKRIABINE, La clínica del nudo borromeo, *Estudios Psicoanalíticos, Locura: clínica y suplencia*, (2):93.

²⁹⁴ Cf. SKRIABINE, La clínica del nudo borromeo, *Estudios Psicoanalíticos, Locura: clínica y suplencia*, (2):93.

É a falta do Nome-do-Pai nesse lugar que, pelo furo que abre no significado, dá início à cascata de remanejamentos do significante de onde provém o desastre crescente do imaginário, até que seja alcançado o nível em que significante e significado se estabilizam na metáfora delirante.²⁹⁵

Assim, de acordo com o preconizado por Lacan na topologia do seu ensino, na construção, por Schreber, da metáfora delirante “Mulher de Deus”, pode-se perceber: a tentativa do enodoamento do gozo no nó estrutural, graças ao sentido dado na articulação do Imaginário (ligado à imagem de Schreber frente ao espelho, como a Mulher de Deus, que usufrui do gozo do Outro), junto às sensações voluptuosas sentidas no Real do seu corpo e ao Simbólico (representado pelos significantes, quando do sentido alcançado pela metáfora delirante, em consonância com o gozo das origens, passam a carrear, em parte, o gozo vinculado ao Real do corpo). Schreber, aceitando as conseqüências decorrentes de a norma fálica estar elidida, aceita ser “A Mulher” que falta a Deus. E, ao consentir no gozo que se evoca dessa nova identidade feminina, Schreber participa da fruição de uma “volúpia da alma”, num gozo essencialmente feminino, que se espalha por toda a superfície do corpo e que não comporta nenhuma estimulação sexual ligada a um órgão específico, conforme suas palavras. É um gozo não correlato ao falo, por a mulher estar *não-toda* na norma fálica, nas palavras de Lacan. Assim, Schreber participa do gozo do Outro e tenta circunscrevê-lo, a partir da posição em que se coloca como sujeito, na tentativa de poder contê-lo para não ser invadido pelo Outro de gozo que tenta esvaziar, dentro do possível.

Cabe acrescentar que esse gozo do vazio, dessa brecha de sentido, desse furo de Deus — que é o percorrido pela sexualidade feminina na trilha de um gozo que está situado para além da dimensão fálica — é que faz com que haja na sexualidade feminina algo que a possa situar

²⁹⁵ LACAN, De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose, p. 584.

favoravelmente no seguimento da via mística.²⁹⁶ Nesse sentido, nas palavras de Quinet, em relação ao empuxo-à-mulher perceptível na eretomania de Schreber:

À medida que seu delírio vai se estabilizando graças ao efeito induzido pela metáfora delirante Mulher de Deus, os fenômenos do significante vão cedendo lugar à manifestação da ordem da eretomania, concomitante à localização do gozo no Outro. O Deus da linguagem dá lugar ao Deus do gozo que faz irrupção no real.²⁹⁷

É a construção delirante de Schreber que possibilitará a sua transformação em metáfora de maneira a possibilitar ao sujeito participar de algum grau da fruição do gozo. E esse laço só será conseguido se o gozo que a metáfora delirante veicula for compatível com a identificação que o destino tenha designado ao sujeito, no rastro do gozo vivenciado com o pai. Nesse sentido, o sujeito constrói uma posição de relação e de laço com o Outro. Essa posição servirá de âncora nesse *saber inventado delirante* da psicose e se tornará passível de permitir uma estabilização, mesmo que precária, na construção subjetiva. Assim, o psicótico, por não ter vivenciado o Édipo e a castração de forma a articular os três registros pela metáfora paterna, possui como possibilidade a substituição desta por outra metáfora ou pela metonímia, a partir de uma metáfora inventada, também segundo o que foi vivenciado na sua psicose, no *saber fazer* com o sintoma de forma a dar sustentação e sentido à sua vida. É alguma coisa que prescindem do sentido do discurso comum, em que o *saber fazer* é singular, é particular daquele sujeito, na tentativa de tornar menos insuportável o gozo decorrente da injunção do Outro.

Em Schreber, a metáfora “Mulher de Deus” — ao preencher o vazio simbólico, no lugar de exceção a ser ocupado pela metáfora paterna, no qual ocorreu a *Verwerfung* de fato pela deficiência da função paterna e pela conseqüente forclusão do Nome-do-Pai —, corresponde ao que Freud definiu como uma *peça* que se coloca na posição em que houve falha na relação do sujeito com a realidade. A possibilidade de se colocar, de forma assintótica, na posição de

²⁹⁶ LACAN, *O seminário, livro 20*: mais ainda, p. 103.

²⁹⁷ QUINET, *Teoria e Clínica da Psicose*, p. 37.

“Mulher de Deus”, estabilizou o delírio, porque o empuxo-à-mulher, presente na psicose, para Schreber é algo insuportável; a mulher é usada para abuso sexual e para ser deixada de lado. Houve necessidade, então, de todo um trabalho de reorganização do mundo, para que uma metáfora fosse construída. Lacan diz textualmente: surge uma nova relação entre significante e significado. “Mulher de Deus” surge como uma metáfora, cujo sentido é salvar o mundo, segundo um ideal de origem de acordo com o modelo paterno de juventude, que primasse pela inteligência, pela beleza, pelo ideal ariano de pureza de raça, na noção de *père version*, que, ao fazer suplência ao pai como o que nomeia, dá as coordenadas e estabiliza o trabalho delirante. É o delírio de redenção de uma raça.

Segundo Quinet, o trabalho do delírio até a construção da metáfora delirante dirige-se no sentido de produzir um substituto do falo — “A Mulher” — e um substituto da lei — a “Ordem do Mundo”. Em novembro de 1895, aos 53 anos de idade, ao chegar à idade e ao mês do falecimento do pai, quando do encontro com o significante do pai morto, todo o aparelho significante é posto em jogo e parece haver a possibilidade de uma ordenação simbólica por intermédio de um novo significante — “Mulher de Deus” — capaz de fazer valer uma lei nova em substituição àquela lei paterna que fora foracluída.²⁹⁸

Assim, a partir do seu sintoma delirante, como suplência contingente, Schreber consegue, no *sinthome*, escrever suas “Memórias” no alemão arcaico, mas ainda vigoroso, que se caracteriza principalmente por uma grande riqueza de eufemismos, ao denotar a disfunção da ordem simbólica, segundo o discurso que ex-iste no seu inconsciente. Segundo Quinet, “essa língua particular de Schreber faz valer uma relação especial entre significante e significado, o que denota a disfunção da ordem simbólica: o inconsciente está do lado de fora, ele é esta língua fundamental, o discurso de Deus — seu Outro.”²⁹⁹

²⁹⁸ QUINET, *Teoria e Clínica da Psicose*, p. 42.

²⁹⁹ QUINET, *Teoria e Clínica da Psicose*, p. 33.

Em *O seminário 22: RSI*, Lacan, possivelmente, a partir da série etiológica freudiana responsável pela formação sintomática e pela possibilidade de outras aplicações da parte da libido insatisfeita,³⁰⁰ também lembra que o sujeito é determinado pela figura do nó e pelos cruzamentos daquilo que determina os pontos triplos, e é o fato deste estreitamento do nó que estabelece o sujeito.³⁰¹ No mesmo sentido, também, nesse *Seminário*, Lacan lembra que Freud precisou do complexo de Édipo para fazer uma medida comum entre os três registros, no que ele chamou de realidade psíquica como a determinante da neurose, quando é ressaltada a importância das fantasias.³⁰² Lacan ratifica Freud, em *O seminário 22: RSI*: “Sem o complexo de Édipo, nada da maneira como ele se atém à corda do Simbólico, do Imaginário e do Real se sustenta.”³⁰³

Em 1976, no *Seminário 23: Joyce o sinthome*, Lacan, ao acrescentar ao tríptico uma quarta volta, apóia-se novamente no que Freud chama realidade psíquica e no complexo de Édipo. Na nova formulação, Lacan parece, ainda, reportar-se à fala de Freud, a partir da formação sintomática e da possibilidade da regressão da libido insatisfeita a pontos de fixação nos quais encontrou satisfação, quando a realidade do sujeito se mostra intransigente, ou em uma das organizações que já havia deixado para trás, ou em um dos objetos que havia anteriormente abandonado.

Nesse sentido, Lacan lembra a possibilidade de qualquer outro elemento ocupar uma função passível de dar consistência ao nó dos três registros RSI, em substituição à ausência ou à ineficácia da função paterna e, nesse sentido, transcende à possibilidade de criação apenas na neurose.

Freud, em 1924, já ressaltara que, tanto na neurose quanto na psicose, a fenda na realidade é então preenchida da forma que for possível, dependendo da história pessoal, por

³⁰⁰ Cf. FREUD, Os caminhos da formação dos sintomas, p. 423.

³⁰¹ LACAN, *O seminário, livro 22: RSI*, p. 50, lição do dia 18/03/1975. (Mimeografado).

³⁰² FREUD, Os caminhos da formação dos sintomas, p. 430.

³⁰³ LACAN, *O seminário, livro 22: RSI*, p. 18, lição do dia 14/01/1975. (Mimeografado).

meio de uma tentativa de restabelecimento, um processo de reconstrução, que no caso da neurose é estritamente vinculada ao Édipo.³⁰⁴ Para o psicótico será “de outra maneira, mais autocrática, pela criação de uma nova realidade que não levanta mais as mesmas objeções que a antiga, que foi abandonada.”³⁰⁵

Em *O Seminário, livro 23: Joyce, o sinthome*, Lacan, ao criar para Joyce uma quarta volta, cunhou a palavra-valise *santhome*, [*sinthome*, combinando *symptôme* e *homme*, além de aludir a *saint*], em homenagem ao *Finnegan's Wake*, ao designar o escritor por seu sintoma, sua teoria da criação, a *epifania* ou *êxtase místico*, trabalhada nos seus textos a partir do que Santo Tomás de Aquino, um *santo homem*, elaborou sobre as epifanias.³⁰⁶

A denominação epifania baseia-se no que Santo Tomás de Aquino fez a partir do estudo sobre a beleza de um objeto: a integridade do objeto, a sua simetria, a sua totalidade numa harmonia gestáltica, consubstanciando-se em esplendor.

Assim, Lacan, ao avançar no seu ensino, acaba por desembocar na topologia explicitada no *Seminário 22: RSI*, em 1974-5, e revisitada no *Seminário 23: Joyce, o sinthome*, um ano depois, com a formulação da noção de *sinthome*, parecendo varrer deste último Seminário o que havia trabalhado sobre o conceito de sublimação, um dos principais objetos de seu estudo *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*.

Lacan elaborou a noção de *sinthome* num esforço para articular a linguagem e as exigências de satisfação pulsional de um sujeito, tendo, na letra pensada em sua literalidade, o elemento principal para articular o registro do Real com o registro do Simbólico na dimensão de litoral. Esta dimensão deverá ser pensada como um contraponto entre a letra, a litura, o traço, a rasura, por um lado, e o símbolo e o significante, por outro, ao mostrar a possibilidade de o Real e de o Simbólico se encontrarem em um litoral postado entre territórios

³⁰⁴ FREUD, A perda da realidade na neurose e na psicose, p. 234.

³⁰⁵ FREUD, A perda da realidade na neurose e na psicose, p. 231.

³⁰⁶ ROUDINESCO & PLON, *Dicionário de Psicanálise*, p. 541.

heterogêneos.³⁰⁷ Lacan observou que é quando o inconsciente se enlaça ao *sinthome*, que a essência da singularidade de um sujeito se manifesta — como Joyce na sua escritura revelou-se como paradigma —, pois o *sinthome* se refere à possibilidade de um sujeito *saber fazer* com a especificidade do seu sintoma. Dessa forma, Lacan se expressa a respeito da missão de Joyce:

Este Outro de que se trata é essa alguma coisa que em Joyce se manifesta por isto: que ele é, em suma, incumbido de pai. É na medida em que esse pai, como se averigua em Ulisses, ele deve sustentá-lo para que ele subsista, que Joyce, por sua arte que [...] faz não somente subsistir sua família, se se pode dizer, e ao mesmo tempo ilustra o que chama em algum lugar “my country.” O espírito incriado de sua raça é pelo que termina o “Retrato de um artista”, aí está o que ele se dá como missão.³⁰⁸

A suplência que sustenta Joyce não é a sua escritura em si mesma, pois ela está próxima do seu sintoma psicótico. É a publicação e o reconhecimento de sua obra, seu *sinthome*, que é uma função em suplência ao Nome-do-Pai, ao promover o laço social. É o seu *ego consolidado* e por ele construído.

Ao fazer *LOM* o Um, Soler³⁰⁹ lembra que Lacan também escreve *l’hessecabeau*, jogando com a palavra escabelo, de maneira que nela aparece o *h* de *homme* — homem —, e o *beau* — belo. O escabelo, como um banco, serve para subir e aumentar a estatura de um sujeito, podendo levar alguém a *se acreditar* belo. A arte de Joyce é o seu escabelo que o transformará no Um da exceção, o que faz a função do Pai. Lacan passa a jogar com os trocadilhos e a homofonia como Joyce o faz: *Hissecroi-beau, il se croit beau*, ele se acredita belo.

Em Joyce, há um modo de pôr-se belo, que não é o banal, pois o *Imaginário* transporta algo da imagem e a maneira habitual passa pelo sentido edípico. Joyce o faz pela letra, ao

³⁰⁷ MANDIL, *Lacan leitor de Joyce: os efeitos da letra*, p. 201.

³⁰⁸ LACAN, O seminário, livro 23: Joyce, o *sinthome*, p. 17, lição do dia 18/11/1975. (Mimeografado).

³⁰⁹ SOLER, El hijo necesario, *Estudios Psicoanalíticos, Locura: clínica y suplencia*, (2): 27.

tentar fazer um *ego* consolidado. Lacan — ao dizer *ego* e não *moi* do estádio do espelho — parece dar-lhe uma maior abrangência.³¹⁰

Essa explicitação de Colette Soler foi uma das principais diretrizes a sustentar, nesta dissertação, a hipótese de que o Manto do Reconhecimento de Bispo do Rosario representa a fabricação de um *ego ortopédico* no Real, no seio da sua obra como *sinthome*, de acordo com as características da sua história pessoal e da sua psicose, no rastro dos seus patronímicos a partir da formação cultural católica na qual foi criado.

Soler acrescenta ainda que a escritura de Joyce permite-lhe fazer-se um filho sem genealogia e um filho-pai, pois ele se diz o redentor do “espírito incriado de minha raça”. Por meio de sua arte, Joyce se converteu no pai de seu povo.

Assim, Soler, ao complementar estas palavras, fala:

Se há filho redentor, é que há pai a salvar. Pode-se ver que este efeito empuxo-ao-filho, tanto aí e ainda mais que o efeito empuxo-à-mulher, é para Joyce um elemento de estabilização, ou melhor, de suplência, mais que para Schreber dado que aparentemente Joyce nunca se descompensou. Mas é um empuxo-ao-filho que se realiza sem delírio, sem o delírio de redenção. [...] Joyce, esse *filho necessário*, evoca a imaculada concepção, já que, depois de tudo, se engendra, se auto-engendra sem o relevo da carne. [...] e também sem o recurso do Pai.³¹¹

No dizer de Lacan, artesão é aquele “que, pela conjugação de dois significantes, é capaz de produzir o que há pouco chamei de objeto pequeno *a*”,³¹² que é o objeto que responde ao vazio, ao furo com o qual o ser se depara com o trauma da linguagem que o antecede. O Real, então, é aquilo quando se atinge o impossível no nível do símbolo. Segundo Mandil, “é exatamente essa circunscrição do real por meio da manipulação do simbólico que permitiu a Lacan conferir o estatuto de sintoma à obra de Joyce”³¹³.

³¹⁰ SOLER, El hijo necesario, *Estudios Psicoanalíticos, Locura: clínica y suplencia*, (2): 27.

³¹¹ SOLER, El hijo necesario, *Estudios Psicoanalíticos, Locura: clínica y suplencia*, (2): 28.

³¹² LACAN, *O seminário, livro 23: Joyce, o sinthome*, p. 18, lição do dia 18/11/1975. (Mimeografado).

³¹³ MANDIL, *Os efeitos da letra: Lacan leitor de Joyce*, p. 256.

Ao levar em consideração a recusa confessa de Joyce à psicanálise, Lacan reconhece no escritor, mais que uma posição de resistência, possivelmente a compreensão da existência dos próprios limites do processo psicanalítico.

O trato dado por Joyce à língua e o gozo auferido em seu trabalho vão na mesma direção a que uma psicanálise possa pretender no seu final: “a identificação, tomando suas garantias, uma espécie de distância, a identificação do analisando a seu sintoma”,³¹⁴ e, a partir daí, o *saber fazer* com o sintoma.

A forma pela qual Joyce mobiliza a escrita na qual a materialidade da letra, como suporte do significante, prepondera sobre o sentido das palavras, ao permitir jogos entre sons e sentidos, leva Lacan ao questionamento da relação entre o escrito e a leitura. Joyce chega ao extremo de desarticular a língua inglesa até a pura sonância de uma linguagem comum ao ser falante, na fala como aparelho de gozo, numa linguagem que aparece na criança pequena, no autista e no esquizofrênico, de maneira geral.

Possivelmente as canções e as histórias que o pai cantava e contava para Joyce, em sua infância, eram em gaélico, língua abafada pelo inglês na Irlanda. Talvez tenha sido este o fato que levou Joyce a fazer o movimento contrário ao levar o inglês à materialidade da letra e ao lixo — da *letter* ao *litter* — e à sua confluência com qualquer outra língua pelo som da fala humana, independente de fronteira ou de bandeira. Nesse sentido, Kaufmanner lembra a possibilidade de:

[...] se pronunciar os fonemas numa verdadeira *lalação*. De alguma maneira, pode-se articular *lalangue* com a noção de *sinthome*. O inconsciente é o *saber fazer* com a linguagem, e a linguagem é uma elucubração de *saber* sobre *lalangue*. De início, é o puro gozo; fala-se para gozar. O saber já é uma elaboração, uma produção, quando o diálogo torna-se um *a posteriori* em relação a esse murmúrio gozante.³¹⁵

³¹⁴ LACAN, *O seminário, livro 24: L'insu que sait de l'une bévue saile a mourre*, p. 7, lição do dia 06/11/1976. (Mimeografado).

³¹⁵ KAUFMANNER, Aula gravada sobre o tema “Empuxo-à-mulher na psicose no ensino de Jacques Lacan”, na disciplina “O feminino: um passo a ler”, do Curso de Mestrado em Psicanálise, na Área de Concentração em Estudos Psicanalíticos, da FAFICH/UFMG, no 1º semestre de 2005.

O Real do gozo antecede assim à cadeia de significantes que forma a trama do saber inconsciente. E o movimento apresentado por Joyce, em sua criação literária, é paradoxal no sentido em que ele desarticula a língua inglesa na direção de *lalangue*. Ele goza com o som sem sentido no inglês, mas, há vezes em que segura o sentido pelo som que existe em outras línguas, na busca de desarticular o inglês como o *redentor* do *espírito incriado do seu povo*.

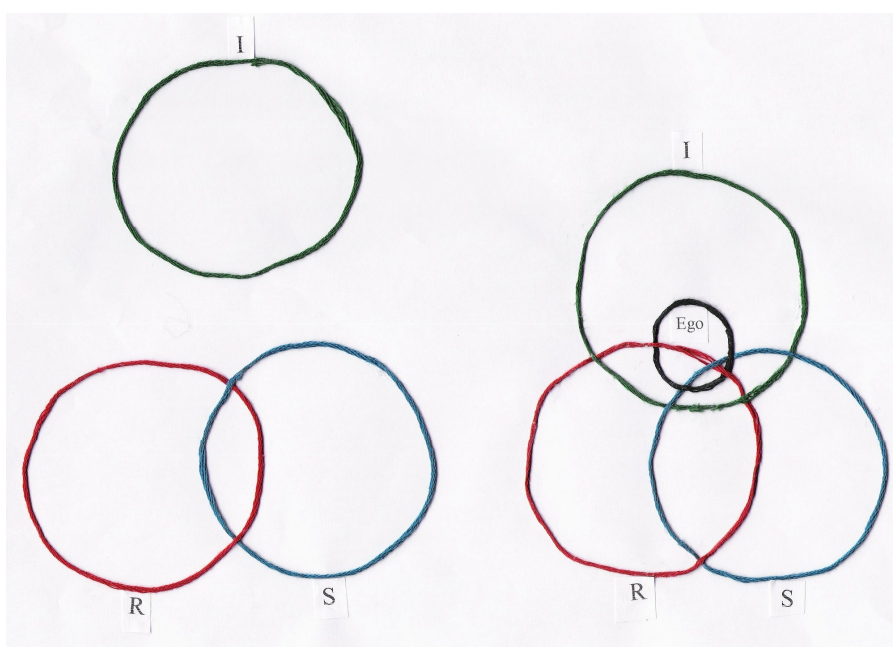
Soler ³¹⁶ explicita que ocorreu a Lacan, a partir principalmente de duas razões, ser Joyce um psicótico, mesmo levando em conta a técnica literária que o autor manobrou com mestria. A primeira é que, na sua escritura, Joyce expulsa o Imaginário do sentido e o faz por intermédio do jogo entre o Simbólico e o Real. Tornou-se clássica a definição de Lacan de que os fenômenos psicóticos são decorrentes da interseção direta do Simbólico no Real, sem a mediação do Imaginário. Segundo Soler, o ponto principal é o que Lacan considera como o *sinthome* de Joyce, a sua maneira de tratar a língua até o ponto de tornar Real o Simbólico ou de *realizar* o Simbólico. Da expulsão do sentido resta apenas um resto que é o *enigma*. Pode-se dizer que Joyce utiliza um procedimento metódico de forclusão de sentido. A segunda razão é a maneira como Joyce se relaciona com o próprio corpo, no desvanecimento de suas paixões narcisistas de ódio e amor, geralmente relacionadas com o corpo e mais geralmente com o *ego*, como a raiva que subitamente desaparece após a surra relatada no *Retrato do artista quando jovem*. ³¹⁷ Este fato torna-se mais significativo, principalmente pelo fato de ter sido relatado que Stephen foi antes amarrado por seus colegas, para receber a surra. A fruição do gozo feminino que vai além do gozo fálico decorrente dessa cena aparece como referência só no *corpus textual* e não se presentifica como fenômeno de gozo do corpo em Stephen como personagem representante de Joyce. Ambas as razões ou motivos convergem para a função do Imaginário e são índices da falta do enodoamento entre o Imaginário, por um lado, e o

³¹⁶ SOLER, El hijo necesario, *Estudios Psicoanalíticos, Locura: clínica y suplencia*, (2): 22-3.

³¹⁷ LACAN, *O seminário, livro 23: Joyce, o sinthome*, p. 205-6, lição do dia 11/05/1976. (Mimeografado).

Simbólico e o Real, por outro. O sentido se produziria na incidência do Simbólico no Imaginário.

Lacan ressalta, no *O seminário, livro 22: RSI* e no *O seminário, livro 23: Joyce, o *sinthome**, que o Imaginário é o corpo, mas há que se lembrar que o Imaginário não é irreal e que há um Real do corpo no Imaginário. Ele lembra, ainda, como suporte da estrutura psicótica em Joyce, além da presença das palavras impostas e do tema dos afetos pela desvinculação do Imaginário, como terceira possibilidade, a *suspeita* do delírio da redenção do povo irlandês, sufocado pela prevalência de outra cultura. Assim, o nó que representa Joyce não é o de três, o borromeano, pois o Imaginário fica solto, necessitando uma restauração *sinthomática*, para que Joyce possa se manter. O *ego* faltante pela ausência do Imaginário do corpo é substituído pela vontade de ser o redentor de uma raça pelo *ego-obra*, pelo reconhecimento da sua posição de escritor. Foi o que permitiu a Joyce não desencadear uma psicose.



No entanto, como obteve Joyce esse *sinthome*? Como ele pôde reparar essa falta no nó? Lacan formula uma distinção entre a forma de escrever em Joyce, que corresponde ao

sintoma gozo, e algo para o que este sintoma se converta em instrumento: o propósito de se fazer famoso, de chegar a ser o artista do século por meio de suas publicações.

Lacan distinguiu, assim, a escritura solitária, em certo sentido auto-erótica, da publicação que enlaça o Outro e torna sua escritura um laço social. Quando Joyce publica, obtém fama e se converte no artista do século, ele consegue passar do gozo da letra de escritor autista, sem enlace com o Outro, para um laço com o público por intermédio da fama. Há um engrandecimento egóico antes mesmo da publicação de seus livros. Se houve carência radical da função paterna que funcionasse como o quarto anel, Joyce mesmo, por querer fazer-se por intermédio do seu nome, foi quem fez a compensação da carência paterna.

Não poderíamos conceber dessa forma o caso de Joyce? A saber, que seu desejo de ser artista que ocuparia todo mundo — o maior número possível, em todo caso — não seria exatamente o compensatório desse fato que, seu pai jamais foi para ele um pai. Que não somente ele não lhe ensinou coisa alguma, mas que ele negligenciou mais ou menos todas as coisas, salvo se descarregar disso sobre os bons padres jesuítas, a Igreja diplomática [...] o termo *diplomático* é tomado emprestado do próprio texto de Joyce.³¹⁸

Pode-se falar que Joyce se identifica ao individual quando, ao usar a linguagem, chega ao ponto de encarnar nele mesmo o *sinthome*, frente à ilegibilidade de sua escritura, passível de ser tomada como algo tão singular que evoca a sua opacidade de sujeito.

Laia, no estudo que faz de Joyce, lembra que um psicótico dará ao pequeno *a* uma liberdade incomum que, na sua escritura, furta-se ao registro da representação e mantém uma heterogeneidade em relação ao conjunto de significantes. Assim, não se percebe, no encadeamento das palavras, a concepção da escrita como a operação de simbolização que a linguagem procura empreender sobre as coisas.³¹⁹ Pela escritura de um corpus textual, em

³¹⁸ LACAN, *O seminário, livro 23: Joyce, o sinthome*, lição do dia 10/02/1976, p. 127. (Grifo no texto mimeografado).

³¹⁹ LAIA, *Os escritos fora de si: Joyce, Lacan e a loucura*, p. 31.

Joyce, ao prevalecer a metonímia nas tramas loquazes de *lalíngua*,³²⁰ percebe-se um gozo no Real, um trajeto da letra ao lixo, de *letter* a *litter*. Assim, a letra em Joyce não é a letra como sublimação, mas é um *savoir faire*. As palavras são tratadas como os referentes exclusivos de sua tessitura, literalmente como coisas.³²¹ Em Joyce, o sintoma é elevado, assim, à potência da linguagem sem que, no entanto, nada seja analisável.

O escrito em Joyce deverá ser medido pelo que gera e não pelo que descreve, pois o seu texto é de gozo. O ajuntamento das letras numa escritura de coisas heterogêneas, que mesmo juntas não perdem sua identidade, forma uma verdadeira *assemblage*, um ajuntamento, uma bricolagem que coloca em evidência a heterogeneidade do que foi recolhido dos restos do inconsciente, ao mostrar o gozo do sem sentido como os elementos díspares de um mesmo conjunto. A sua escritura é tão singular que Lacan nos lembra que a distinção do Real em relação à realidade é alguma coisa da qual ele não está seguro de que se confunda com o próprio valor que ele dá ao termo Real: “O Real sendo desprovido de sentido, eu não estou certo de que o sentido desse Real não pudesse se esclarecer ao ser tomado por nada menos que um *sinthoma*.”³²²

Em *O seminário, livro 23*: Joyce, o *sinthome*, há certas ambigüidades no conceito de sintoma e na noção de *sinthome*, porque o *sinthome* é equivalente a esta função do quarto anel que enodoa, mas ele também designa uma função de suplência que também é cumprida pelo sintoma. No *sinthome*, porém, há uma ruptura em relação ao sintoma, pela existência de uma lógica diferente que se presentifica na essência da singularidade do *saber fazer com o sintoma*, mesmo se considerarmos sujeitos classificados numa mesma estrutura clínica.

³²⁰ LAIA, *Os escritos fora de si*: Joyce, Lacan e a loucura, p. 154.

³²¹ LAIA, *Os escritos fora de si*: Joyce, Lacan e a loucura, p. 181.

³²² LACAN, *O seminário, livro 23*: Joyce, o *sinthome*, p. 186, lição do dia 13/04/1976. (Mimeografado).

Nesse sentido, talvez se torne interessante trabalhar, além das explanações que se referem à construção do objeto *a*, certas definições de Lacan, que, se conjugadas mostram o cerne do desenvolvimento da noção de *sinthome* em sua obra.

O objeto *a* causa do desejo, conforme a vertente do Imaginário que se encontra em *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*,³²³ e segundo a vertente do Real, quando o objeto *a* se manifesta como um verdadeiro objeto órgão, conforme Lacan desenvolve e explicita em *O seminário, livro 10: a angústia*: “O *a* é o que resta de irreduzível na operação total do advento do sujeito no lugar do Outro, e é a partir daí que ele assume sua função.”³²⁴ E acrescenta: “Freud nos diz que a angústia é um fenômeno de borda, um sinal que se produz no limite do eu [moi], quando este é ameaçado por alguma coisa que não deve aparecer. Esta é o *a*, o resto, abominado pelo Outro.”³²⁵ Quanto à articulação do objeto *a*, causa do desejo, com a obra, Lacan é explícito quanto ao fato de o sujeito só se realizar em objetos que sejam da mesma série do *a*, do mesmo lugar nesta matriz.³²⁶

Em *O seminário, livro 10: a angústia*, Lacan explicita ser o sintoma um ato de gozo encoberto, da ordem daquilo que se distingue do desejo, e que se basta e se sustenta narcisicamente, que não pode ser interpretado diretamente, porque é preciso haver a transferência, a introdução do Outro para a sua interpretação e que ele vai em direção a *das Ding*, indo além do princípio do prazer — *Unlust*.³²⁷ Além dessa definição, torna-se importante lembrar a definição de sintoma, no último ensino lacaniano em que a estrutura é a verdade do corpo. É a definição já comentada em que Lacan afirma a consistência entre o sintoma e o inconsciente e que, nesse sentido, o sintoma poderá ser tomado como a forma pela qual cada um goza do seu inconsciente, já que é o inconsciente que a determina.

³²³ Cf. LACAN, *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*, p. 126.

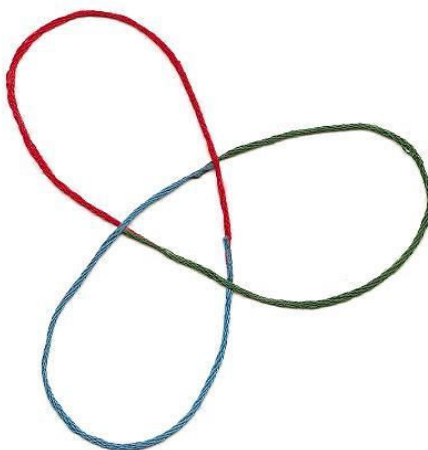
³²⁴ LACAN, *O seminário, livro 10: a angústia*, p. 179.

³²⁵ LACAN, *O seminário, livro 10: a angústia*, p. 133.

³²⁶ LACAN, *O seminário, livro 10: a angústia*, p. 344. (Grifo no texto).

³²⁷ LACAN, *O seminário, livro 10: a angústia*, p. 140.

A finalidade precípua do *sinthome*, de forma inconsciente, é cumprir a função de enodoamento dos três registros RSI, em suplência. Pode-se pensar também na tentativa de os três registros RSI serem esboçados, quando a sua continuidade ainda é prevalente no falso trevo da paranóia anterior ao início de qualquer construção subjetiva, isto é, anterior à alienação e à separação erógenas ressignificadas pela metáfora paterna.



(Figura 63, proposta em *O seminário 23*, na lição do dia 09/03/1976).

Assim, o *sinthome* em relação ao sintoma poderá ser concebido como uma cena que se desenvolve dentro de outra cena, quando o gozo está articulado na relação com o Outro primordial em consonância com o tipo da qualidade da presença ou da demissão da função paterna. Lacan deixa claro que Joyce, mesmo ao simular a desconstrução do inglês no saber fazer, “ele estava disso inconsciente. E é por esse fato que ele é um puro artífice, que ele é um homem de saber-fazer. Quer dizer, o que chamam de artista.”³²⁸

Pode-se dizer que é a partir do gozo do sintoma (segundo as várias concepções que o conceito de sintoma foi tomando na obra de Lacan — metáfora, articulação em uma cadeia significante, que não responde à estrutura de metáfora,³²⁹ núcleo de gozo indecifrável de um

³²⁸ LACAN, *O seminário, livro 23*: Joyce, o *sinthome*, p. 159, lição do dia 09/03/1976. (Mimeografado).

³²⁹ Cf. MAZZUCA, SCHEJTMAN & ZLOTNIK, *Las dos clínicas de Lacan*: introducción a la clínica de los nudos, p. 9. (Os autores se referem a um trabalho escrito sobre esta cadeia de significantes que não responde nem

sintoma somático, indo desembocar na pura letra de gozo) que cada sujeito vai *obrar* na singularidade de seu *sinthome*, em suplência, “num laço do espaço com o tempo”³³⁰, porém na essência não temporal do tempo do inconsciente, de acordo com a sua estrutura clínica. A criação da noção de *sinthome*, como suplência, ao localizar o gozo na articulação dos registros em uma determinada estrutura clínica poderá, no entanto, não impedir a doença física ou mesmo a desestabilização de um sujeito. Na possibilidade de uma circunscrição do gozo, outras variáveis poderão tornar-se intervenientes, com graus variados de influência, percebendo-se uma série possível que poderá ir — ao se considerar a própria estrutura clínica da psicose — de uma reparação *sinthomática* passível de impedir um surto psicótico, como aconteceu em Joyce, até freqüentes crises de desestabilização, conforme o relato biográfico de Bispo do Rosario, pela força do gozo passível de uma precária contenção representacional, a partir de um tipo de suplência no *saber fazer* no *sinthome*, que, no entanto, não conseguirá sustentar uma estabilização satisfatória. O grau da demissão paterna ou a diferença qualitativa da deficiência da função paterna diferem, em interação, em cada estrutura subjetiva.

Em Bispo do Rosario, é possível apontar as seguintes construções de suplência: o delírio místico de redenção, como uma metáfora sintomática contingente, no rastro dos seus patronímicos, fornecendo-lhe a possibilidade da construção subjetiva segundo a sua história particular inserida numa cultura de formação católica; a obra como *sinthome* colocada compulsivamente no lugar de objetos órgãos *a* escópico e invocante; a construção do Manto do Reconhecimento como um *ego corpóreo e idéico* na busca da unificação subjetiva em decorrência da fragmentação esquizofrênica e como um pavês de proteção, quando, na paranóia, o Outro divino onipotente, onisciente e onipresente é percebido como perseguidor no olhar que tudo vê e vigia e na voz que cobra e pune sem trégua, a não ser no sábado do

à metáfora com sentido decifrável e nem ao deslizar da metonímia da letra de gozo por si só, trabalho esse que se encontra na Biblioteca da referida instituição, desde a época da criação do Centro Experimental, que antecedeu ao surgimento do atual Instituto Clínico de Buenos Aires).

³³⁰ BADIOU, Lacan e o Real, p. 76.

descanso preconizado pelas Sagradas Escrituras; a função de *faxina* na manutenção da ordem no manicômio para estabelecer um laço com os funcionários e com os pacientes ao revelar o tipo de gozo do pai pedagogo — Bispo sempre se referiu às suas façanhas como *boxer* na Marinha Brasileira, aos prêmios conquistados nos ringues, etc.—, e, finalmente, o jogo de xadrez, construído por suas próprias mãos, sobre o qual lia nas colunas das revistas às quais tinha acesso, no qual se exercitava e jogava com alguns moradores do manicômio e com a estagiária de psicologia Rosângela Maria, que o atendeu por dois anos e em relação à qual conseguiu estabelecer um laço transferencial.

O *sinthome* poderá carrear ou ser carreado, inclusive, pela metonímia, e não só pela metáfora, ao adiar o encontro com o vazio do Real que se assemelha ao infinito da matemática,³³¹ seja na neurose ou na perversão, seja na psicose. As soluções serão sempre singulares, numa ruptura segundo uma lógica diferente daquela da passividade do sintoma, ao envolver a posição ativa de um indivíduo que busca a sua construção subjetiva, porém, sempre segundo as determinações da sua neurose, da sua perversão ou da sua psicose. É o fazer-se pelo próprio nome e pela assinatura apostos no documento em substituição ao Nome-do-Pai, passível de ser prescindido, na neurose e na perversão, ou foracluído, na psicose.

Na psicose, há a substituição do *pai sintoma* por *um* ou *mais elementos*, em suplência, ao funcionar como *operador* ou *operadores* na tentativa de estabilização, ao depender do grau e da qualidade da falência da função paterna, de maneira diversa àquela apresentada pelo nó borromeano que não implica interpenetração, pois no nó borromeano, ao se soltar o anel *sinthomático* que sustenta os anéis dos registros, esses se soltam. Em Joyce, o *sinthome* trouxe uma solução ao vazio da demissão paterna e a metáfora do delírio de redenção não é tão visível como em Bispo do Rosario; ela parece referir-se à redenção de uma nação, de uma raça incriada e aparece mais claramente em Ulisses. A pedido de Lacan, em *O seminário*,

³³¹ Cf. FRANÇA NETO, Considerações matemáticas sobre o gozo na neurose e na psicose, *Ágora*, II, (2): 84.

livro 23: Joyce, o sinthome, na aula do dia 20/01/1976, entre outras, há uma passagem sobre *Virag*, a que Jacques Aubert se refere e que menciona claramente o tema da redenção. É dessa forma que Aubert ressalta a referida fala: “Pois eu não lhes disse tudo, eu parei na citação, a famosa citação na qual se falava de *Virag*, onde se falava, onde os outros, [J. J., filho de] O’Molloy discorria a respeito de *Virag*, na página 331, em *Ulisses*”. A passagem é a que segue:

Ele se chamava Virag. Era o nome do pai que tinha se envenenado. Ele conseguiu mudar de nome por decreto, não ele, o pai.

— *Eis um novo Messias da Irlanda, diz o cidadão, a ilha dos Santos e dos Sábios!*

— *Sim, eles também, eles esperam ainda seu redentor? Diz Martin. Tanto quanto nós, em suma.*

— *Sim, diz J.J. E cada vez que eles têm uma criança do sexo masculino, eles acreditam que possa ser o Messias. E todo judeu fica, parece, em uma agitação extraordinária, até que ele saiba se ele é pai ou mãe.*³³²

E Aubert lembra que:

Era o triunfo do pai de Joyce, de John Joyce. Mas talvez justamente tenha sido nessa arte da voz, nessa arte da fonação, que ele tenha suficientemente passado algo para o filho. Portanto, *se a certeza quanto ao que se fabrica tem sempre a ver com o espelho, com os efeitos do espelho que preciso enumerar isso tem a ver também com os efeitos de voz do significante.* [...] Joyce quis dela enunciar as regras em uma ciência estética.[...] E que era justamente um saber-fazer ligado por uma prática do significante.³³³

Mesmo na psicose, torna-se possível perceber quaisquer determinações inconscientes, pois se houve ineficiência da função paterna, algum rastro sempre permanece e se torna visível no *saber fazer* com o sintoma no *sinthome*. No caso de Joyce, o tipo de gozo do pai demissionário, que não se fez o porta-voz da lei, aparece como resto, como o pequeno *a* invocante da voz paterna, que se mostrou apenas nas histórias e nas canções em gaélico na relação com o filho, bordejando a lalação de alíngua. No outro extremo, há o caso do pai que

³³² JOYCE citado por AUBERT. Cf. LACAN, *O seminário, livro 23: Joyce, o sinthome*, p. 106, lição do dia 20/01/1976. (Grifos no texto mimeografado).

³³³ Cf. LACAN, *O seminário, livro 23: Joyce, o sinthome*, p. 107-9, lição do dia 20/01/1976. (Mimeografado). Torna-se interessante ressaltar a invocação de J. Aubert ao estádio do espelho em relação à figura esmaecida paterna de Joyce, pela sua *Verwerfung* de fato, quando apenas a sonoridade da voz paterna permanece. (Grifos nossos).

ocupa o lugar da lei, como parece ter acontecido com a função paterna presente na construção subjetiva de Bispo do Rosario. Segundo a *père version* de um pai pedagogo, Bispo se colocou na posição de *faxina* ou de *boxeador*, para estabelecer um possível laço com os funcionários e com os outros internos da Colônia Juliano Moreira.

O enodoamento, que representará uma determinada estrutura subjetiva, poderá, assim, apresentar uma configuração em que os três registros e os elementos em suplência poderão tornar-se perceptíveis ou não. Além disso, a representação topológica de uma determinada estrutura subjetiva, mesmo em um dado momento de vida, não apresenta univocidade, quando poderá ser representada com alguma variação.

Na neurose, há modos distintos em que se enodoam os diferentes registros, quando a função paterna poderá ser cumprida por operadores distintos, na via da função ocupada pelo pai no discurso.³³⁴ Nesse sentido, há que se lembrar que o sintoma metáfora, na neurose, porta os conflitos — dos quais se originará o *sinthome* — que são decorrentes do recalçamento originário, com a força do contra-vestimento, e dos recalçamentos posteriores na formação das instâncias freudianas da segunda tópica: isso, eu e supereu, conforme a “geometria do saco” que se encontra também no nível da topologia.³³⁵ Na topologia da cadeia de nós geralmente são representados os registros RSI e a configuração final da sua articulação pelos Nomes-do-Pai ou pelo pai-sintoma irá depender da função paterna perceptível no *sinthome* do neurótico. Caso seja possível a representação borromeana, numa dada estrutura clínica que, miticamente, possa bordejar algo como uma pretensa normalidade, o sintoma será representado como um dos braços do Simbólico, quando aparece na configuração desse registro um desdobramento em símbolo e sintoma, formando o falso buraco do Simbólico.

³³⁴ MANDIL, *Os efeitos da letra*: Lacan leitor de Joyce, p. 90-1.

³³⁵ Cf. LACAN, *O seminário, livro 22*: RSI, p. 3, lição do dia 10/12/1974. (Mimeografado).

É porquanto o *sinthoma* faz um falso buraco com o Simbólico que há uma práxis qualquer. Quer dizer, alguma coisa que revela do dizer do que chamarei, aliás, no caso, a arte-dizer (l'art-dire), até mesmo para deslizar em direção ao ardor (ardeur).³³⁶

Em *O seminário, livro 23: Joyce, o sinthome*, Lacan define o *sinthome* como aquilo que vem reparar o lapso, o erro do enodoamento. É o remendo que se agrega na tentativa de reparar ou de remediar o lapso do nó pela ineficiência da função paterna. É a corda suplementar que *poderá* ou *não* remendar o erro do enodoamento cometido pela demissão paterna, dependendo do grau dessa demissão.

Na normalidade, o que realmente poderá sustentar os três registros de forma borromeana, sendo o quarto anel implícito, é a construção subjetiva decorrente da função paterna formada pelo desfiladeiro do amor paterno junto à lei. Nesse sentido, a obra como *sinthome* aparece num sujeito que se auto-engendrou e que, após ter se servido do Nome-do-Pai, pôde prescindir dele e se sustentar conforme o triskel explicitado por Lacan que traz na confluência dos registros o objeto pequeno *a* como causa do desejo.

Na neurose, como será trabalhado no caso do pequeno Hans, em decorrência do seu complexo edípico, o seu *sinthoma fóbico* funcionou como uma *metáfora em suplência*, ao enodoar os três registros como o quarto elemento explícito, frente à ineficiência da função paterna. A respeito dessa questão, os psicanalistas Mazzuca, Schejtman e Zlotnik esclarecem:

Na segunda metade do *Seminário IV*, no qual Lacan começa a desenvolver, em relação à fobia de Hans, as fórmulas que o conduziram, no *Seminário V*, à formulação da metáfora paterna: o objeto fóbico, em sua função significante, como um operador da metáfora suplente, simultaneamente — e constantemente, haveria que agregar —, [ele] se detém a assinalar que, como o pai simbólico não conseguiu cumprir a função paterna, requer-se que alguém esteja à frente do menino, que responda ao que aqui [Lacan] chama o pai real que joga seu jogo, por uma parte, como suporte do pai imaginário [e] proporciona um apoio representativo à castração, e, por outra, como o que detém o pênis real em relação com a mãe. Não se

³³⁶ LACAN, *O seminário, livro 23: Joyce, o sinthome*, p.159, lição do dia 09/03/1976. (Mimeografado).

trata aqui do pai portador do falo, que é o objeto imaginário, senão do pênis e do pai real. [...] é o pai real, não é o significante do Nome-do-Pai, o que ocupa a função de agente na operação da castração.³³⁷

Há que se lembrar que, a partir de Freud, o complexo de Édipo para Lacan tornou-se uma suplência *sinthomática*, a primeira suplência. No caso do pequeno Hans, por exemplo, aparece a angústia sem objeto, que irrompe num instante anterior à estruturação da fobia. Pode-se pensar, nesse caso, numa falha do Imaginário na sua função de limite do Real. O medo dos cavalos atenua a angústia e, ao fornecer-lhe um conteúdo representativo ligado ao pai, permite-lhe certa ordenação simbólica. O sintoma como uma das modalidades do Nome-do-Pai, como indica a função do significante cavalo, estabelece a ordenação lógica e amarra os registros como uma metáfora suplente.³³⁸ O medo fóbico de ser mordido, ao ficar exposto na rua ao perigo dos animais, provinha da transformação da energia libidinal das pulsões inconscientes — pulsões sádicas em relação à mãe, tendências hostis e homossexuais em relação ao pai, pulsões voyeristas-exibicionistas e pulsões fálicas na origem da masturbação —, em angústia fóbica consciente. A lei do pai de Hans não foi satisfatória, entre outros fatos, para fazer o corte do *denguinho*³³⁹ do filho com a mãe na cama do par parental, quando da ausência paterna. A outra parte da libido de Hans foi investida na criação — objeto não-sexual e global trabalhado posteriormente nos sons e na harmonia musical —, quando Hans (Herbert Graf), na idade adulta, dedica-se à música tal como seu pai, tornando-se Diretor Cênico da Ópera de Münster, numa profissão que o próprio Hans/Herbert inventou.³⁴⁰ Ao emigrar para os Estados Unidos, tornou-se também diretor titular da Metropolitan Opera de Nova York. Sua fama o levou a Salsburgo e à Itália, seu país favorito, onde realizou mais de sessenta produções, em Verona, Milão, Veneza e, em Florença, chegou a trabalhar com Maria Callas.

³³⁷ MAZZUCA, SCHEJTMAN & ZLOTNIK, *Las dos clínicas de Lacan: introducción a la clínica de los nudos*, p. 78. (Tradução pessoal livre do espanhol).

³³⁸ Cf. CESAROTTO & LEITE. *Jacques Lacan: uma biografia intelectual*, p. 77-8.

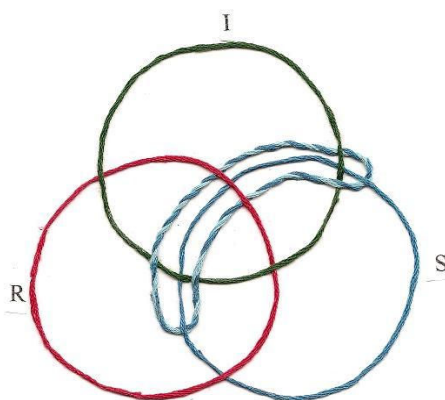
³³⁹ Cf. ROUDINESCO & PLON, *Dicionário de Psicanálise*, p. 307-312.

³⁴⁰ ROUDINESCO & PLON lembram o fato de ter sido Hans/Herbert que inventou a profissão de Diretor Cênico de Ópera. Este fato se torna interessante porque é uma profissão em que o sujeito assume a posição de portar a lei na direção da atuação artística de um grupo de ópera.

Posteriormente, assumiu a direção da Ópera de Zurique, da qual se demitiu, alegando falta de recursos para trabalhar. Em seguida, assumiu a direção do Grand Théâtre de Genebra, até sua morte, em 1973, aos 70 anos de idade.

Esses elementos permitem indagar se é possível ser estabelecida alguma relação entre a invenção e a profissão ocupada por Hans/Herbert como possível suplência à posição que seu pai efetivamente não ocupou como aquele que deveria portar e fazer valer a lei na família, ao orquestrar/barrar pulsões parciais incestuosas na relação mãe-filho. Em outras palavras, poder-se-ia supor que, da mesma forma que o sintoma fóbico fez suplência à demissão paterna, o *sinthome* do sujeito Herbert foi o *saber fazer* a partir do seu sintoma como suplência ao *Nome-do-Pai* em decorrência da falha da lei paterna junto à mulher e ao filho? Nesse sentido, Hans/Herbert, quando adulto, passaria a orquestrar/gerenciar instrumentos musicais e vozes em histórias humanas recriadas em Óperas, a partir dos próprios conflitos vivenciados na infância e por toda a sua vida?

Uma possível proposta para a representação do enodoamento do sujeito Herbert Graf poderia ser a da suplência do pai-sintoma, enodoando os três registros. O *sinthome* aparece enovelado sobre o Nome-do-Pai, na atividade do *saber-fazer* com a música, no rastro de uma *père version*, porém, na posição de direção, num outro matiz.



Apesar de seu sucesso profissional, a sua vida particular continuou balizada por sofrimentos. Hans/Herbert parece não ter se recuperado do vivenciado em sua infância: “Ao

contrário da apreciação de Freud, ele parece nunca se haver refeito por completo do choque causado pelo divórcio e pelas segundas núpcias de seus pais.”³⁴¹ Segundo Roudinesco e Plon, Herbert Graf manifestou, no ocaso de sua vida, em suas “Memórias”, um visível fervor e admiração pelo pai que impressionam ainda mais pelo fato de ele não dizer uma única palavra sobre sua mãe, no decorrer das quatro entrevistas nas quais falou de sua vida artística.³⁴²

Assim, em qualquer estrutura clínica, é o posicionamento que tem o *sinthome* como reparação, como compensação da falha do enodoamento, que permite situar no *après coup* a parte na qual se produziu o lapso do nó. O *sinthome*, desse modo, além da reparação, assinala o lugar da falha, pois ele é colocado como reparação *sinthomática*,³⁴³ e permite, no estudo de cada caso, auxiliar na compreensão do que possa ter impulsionado um determinado sujeito para a atividade da criação. A partir da passividade do seu sintoma, em ruptura, em decorrência de uma lógica diferente da generalidade do seu quadro clínico — em que pese a consideração de algo sempre pessoal na manifestação sintomática —, o sujeito mostra no *sinthome* a essência da sua singularidade na atividade do *saber fazer*.

A noção de *sinthome* transcende o conceito de sublimação. Ela concorre inclusive para a formação das cadeias colaterais do eu, ao englobar mecanismos de defesa do eu, como o da formação reativa e o da identificação ao agressor, este último mecanismo visível em Leonardo da Vinci. A noção de *sinthome* se refere, assim, à possibilidade de um sujeito auto-engendrar-se no seu *saber fazer* a partir do que possa ter vivenciado. O próprio trauma — como o que se revela na repetição em Leonardo da Vinci e em Dostoievski — poderá funcionar como neogênese num gozo que não se erradica e que o próprio sujeito, de forma inconsciente, tenderá a perpetuar numa neurose ou numa psicose. Nesse sentido, o cálculo do gozo, ao não comportar a parcela subtrativa necessária à manutenção da vida, poderá atingir uma posição

³⁴¹ ROUDINESCO & PLON, *Dicionário de Psicanálise*, p. 312.

³⁴² Cf. ROUDINESCO & PLON, *Dicionário de Psicanálise*, p. 308-12.

³⁴³ LACAN. *O seminário, livro 23: Joyce, o sinthome*, lição do dia 17/02/1975. (Mimeografado).

de risco passível de ser representada pela configuração de uma nebulosa em uma topologia onde o gozo poderá manifestar-se em um surto psicótico, em uma passagem ao ato ou até na própria morte. Há artistas que só produzem sob intensa dor e trabalham com a substância do seu próprio gozo que servirá, então, como uma verdadeira força-motriz no sentido de, por um lado, uma produção compulsiva, e, por outro lado, a possibilidade da “corporificação do gozo de forma disruptiva dentro de sua frágil construção da realidade”,³⁴⁴ agilizando o encontro prematuro com um paradoxo ou com o vazio da morte como uma das categorias do ser.

Nesse momento do seu ensino, como a idéia de *sinthome*, segundo suas palavras no *O seminário 23: Joyce, o sinthome*,³⁴⁵ referindo-se à noção do Real do gozo como um resto irreduzível na letra do sintoma, Lacan mostra a importância de se pensar os três registros como equivalentes para se trabalhar a clínica analítica sem referi-la ao Outro, sem a prevalência do Simbólico, na topologia do nó borromeano e na experiência analítica. O *saber fazer* analítico, a partir daí, implicará uma modificação no alcance do efeito de sentido, transcendendo a interpretação analítica. Ao ultrapassar a importância da palavra, tornar-se-á necessário reformular em que consistirá a *práxis* em psicanálise.

O efeito do sentido encontra-se na conjunção do Simbólico e do Imaginário e, em aparência, não tem relação com o Real com o qual mantém uma relação de exterioridade. Assim, Lacan faz a seguinte articulação: “Digo que o efeito de sentido ex-siste, e que nisso, ele é Real. Não é apolagético, é consistência, consistência Imaginária, sem dúvida, mas parece que há todo um domínio usual da função Imaginária que dura e se mantém.”³⁴⁶

Na análise, se se pode fazer que o Imaginário ex-ista, então se trata de outro Real. Lacan fala que a história humana pode demonstrar que as consistências, aparentemente mais provadas, resultam da pura imaginação e que, por isso, a imaginação não existe menos e que

³⁴⁴ FRANÇA NETO, “Considerações matemáticas sobre o gozo na neurose e na psicose”, *Ágora*, II, (2): 87.

³⁴⁵ LACAN. *O seminário, livro 23: Joyce, o sinthome*, p. 182, lição do dia 13/04/1976. (Mimeografado).

³⁴⁶ LACAN, *O seminário, livro 22: RSI*, p. 30, lição do dia 11/02/1975. (Mimeografado).

responde ao Real. Dessa afirmação, é possível deduzir uma prática útil para os analistas: “que saibam que o que trançam, que aquilo que trançam de imaginário, não existe menos”³⁴⁷, alguma coisa que vai ao sentido da “arte do bem dizer ou do bem fazer”. Embora possa parecer que seriam apenas os construtos topológicos do último Lacan, na clínica da suplência, o que passa a prevalecer, não há a desconsideração das demais tarefas que possam estar implícitas na análise. A segunda clínica lacaniana terá como objetivo propiciar a identificação do sujeito ao seu sintoma na sua reconstrução subjetiva, porém, no sentido da circunscrição do gozo pelo *saber fazer* no *sinthome* e, ao fazê-lo, o sujeito conseguirá algum grau de usufruto do gozo ao circunscrevê-lo no Outro, em função da letra que fixa o gozo no seu *saber inventado* em qualquer estrutura clínica.

Na psicose, no *saber inventado*, sempre será respeitada a possibilidade de este *saber* não ser feito pela tentativa da construção de amarras fálicas em um dado paciente, por seu psicanalista, pois será o próprio paciente que irá fazê-lo de acordo com sua história de vida, muitas vezes na recriação de uma realidade menos insuportável em relação àquela vivida.

Skriabine, ao explicitar as modalidades de fracasso e as de suplência,³⁴⁸ fala que a lei geral é que isso falha, isso falha ao fazer nó borromeano de três, pois a foraclusão é de estrutura, tanto para o neurótico, quanto para o psicótico. Se se considerar como suplência qualquer meio que mantenha enodados os três registros RSI, o nó de quatro não é mais do que uma das formas de enodoamento possível. Assim, se os três registros RSI se apresentarem fundamentalmente unidos, separados, dissociados ou se permanecem não enodados, é a loucura comum de todos os débeis.

Um enodoamento poderá constituir-se, mas é sempre necessário um quarto elemento, que é fundamentalmente o *dar nome*, a nomeação do Simbólico, que Lacan define como

³⁴⁷ LACAN, *O seminário, livro 22: RSI*, p. 30, lição do dia 11/02/1975. (Mimeografado).

³⁴⁸ Cf. SKRIABINE, *La clínica del nudo borromeo, Estudios Psicoanalíticos - Locura: clínica y suplencia*, (2): 85-99.

sintoma no nó de quatro que, em geral, suporta a neurose, podendo ser conservado o caráter borromeano, quando o anel *sinthomático* enodoa os três registros que se mantêm unidos em ex-istência, sem interpenetração. Há, ainda, a possibilidade de um quarto elemento reparar o desenodoamento no ponto mesmo da falha: RSI permanecem enodoados, mas o nó já não é borromeano. Esta é a função do *sinthome* na correção da falha, como aconteceu na representação topológica da estrutura clínica de Joyce, em que o seu *ego* construído funciona como o elemento reparador do desenodoamento do registro do Imaginário, enquanto há continuidade entre os registros do Real e do Simbólico que, então, interpenetram-se.

Por algumas formas de continuidade de RSI, o enodoamento se transforma em diversos modos de enodoamento ou desenodoamento com uma só ou com duas consistências e com possíveis reparações *sinthomáticas*.

O enodoamento borromeano de três anéis ou mesmo o enodoamento de quatro anéis com ou sem o aspecto borromeano poderão falhar por vários motivos, a saber:

- Porque um dos registros RSI se desliga, se rompe, ou o quarto elemento que fazia a interligação no nó se dissolve, como é o caso de Schreber.
- Por erros que são efeitos da demissão paterna e que se constituem no enodoamento mesmo, como aquele que Lacan evoca no caso de Joyce.
- Porque há confusão, indistinção entre os registros RSI, que se postam em continuidade, com homogeneização de duas ou três consistências, como é o caso da esquizofrenia-paranóide perceptível em Bispo do Rosario.

Estes modos de fracasso indicam, por sua vez, modos possíveis de reparação, de correção ou de reordenamento das coisas.

Em relação ao sujeito, serão produzidos também modos de suplência por intermédio de:

- Sintoma-suplência, como quarta consistência do nó, na construção subjetiva do neurótico.
- *Sinthome*, na reparação *sinthomática*, seja na neurose, seja na psicose.

- Como sutura ou continuidade, na solução paranóica.
- Como metáfora delirante, o sintoma contingente da psicose, na tentativa de localizar o gozo, ao se construir uma suplência à carência ou à demissão da função paterna, para a posterior construção do *sinthome*, como visível em Arthur Bispo do Rosario.

Em relação ao analista por intermédio do ato analítico:

- Pela interpretação que faz corte e pela escansão, no caso da neurose.
- Pela interpretação que recai sobre o equívoco e põe em jogo a estrutura moebiana da função do buraco, também na neurose.
- Pelo ato simbólico que faz sutura ou suplência.
- Pela construção, inclusive por intermédio de um enxerto do Simbólico no Real, como aquele realizado por Melanie Klein no caso chamado Dick.

Em síntese, nas intervenções topológicas por meio dos cortes, pela criação de conexões ou por suplementações, seja por intermédio do ato analítico ou pelo próprio sujeito na sua construção do *saber fazer* com o significante, podemos acercar-nos do que Lacan explicitou com os termos como sintoma, *sinthome* ou enxerto do Simbólico.³⁴⁹

Skriabine apresenta algumas articulações clínicas a partir da topologia e do nó borromeano. Entre elas destaca-se a súpula que ele faz da topologia borromeana e do processo analítico. A clínica dos nós, que se cerne ao redor do objeto *a*, ao explicitar as posições do gozo sexual mítico — proibido ao ser falante —, do gozo fálico e do sentido gozado, dá conta da estrutura da experiência analítica como um processo de esvaziamento do gozo e da explicitação de seu resto, pois o que se opera no espaço analítico é a aproximação do sujeito ao objeto *a* como resto inalisável, como resto de gozo, como letra, no seu isolamento como causa mesma do sujeito.

³⁴⁹ Cf. SKRIABINE, La clínica del nudo borromeo, *Estudios Psicoanalíticos- Locura: clínica y suplencia*, (2): 85-99.

A partir da alienação do sujeito na sua relação com o A barrado e com o objeto *a* como resto desta operação explicitada na topologia dos nós, há a generalização da forclusão como um fato de estrutura e, nesse sentido, há uma compreensão da neurose e da psicose e do que poderá representar a função de suplência como correlativa ao cerceamento do gozo numa nova clínica diferencial.

Estritamente falando, não há psicanálise no psicótico, pois a psicose poderá ser definida como uma recusa do inconsciente, desde que nela há falhas no processo de recalçamento a partir do recalçamento originário. Nesse sentido, na psicose não há um gozo cifrado passível de ser interpretado, decifrado. É por esta razão que, segundo Gallano: “ao psicanalista caberá a posição de escora [...] de se colocar como o limite que o psicótico tenta colocar a esse gozo que o faz sucumbir como sujeito.”³⁵⁰

Arthur Bispo do Rosario conseguiu realizar o que um processo analítico permite em seu final, quando o analisando se identifica ao seu sintoma, na sua construção subjetiva, principalmente se for considerado o fato de Bispo ter sido diagnosticado como um esquizofrênico-paranóide. Bispo construiu a sua posição de sujeito por meio de várias iniciativas, em tentativas reiteradas de circunscrever o gozo do Outro sem barra, conseguindo uma possível estabilização, mesmo que precária. Entre essas iniciativas, destaca-se a sua obra como *sinthome* e, nela, a posição central ocupada pelo Manto do Reconhecimento como um *ego ortopédico*. Esse *ego ortopédico* representa, sustenta, protege e contém o seu ser de sujeito no Real como corpo. A forma assintótica de sempre postergar o encontro com o Outro, na sua presumível *passagem*, representa, ainda, uma forma considerável na possibilidade da sua estabilização. Tudo isso se mostra no trabalho com as séries e nos retoques do seu Manto do Reconhecimento, sendo que Bispo nunca considerou como concluída a sua obra, percebida aqui como *sinthome* na reconstrução do mundo.

³⁵⁰ GALLANO, ¿Qué puede esperar un psicótico de un psicoanalista? *Estudios Psicoanalíticos - Locura: clínica y suplencia*, (2): 116. (Tradução pessoal livre do espanhol).

Capítulo 7

A obra como *sinthome* em Arthur Bispo do Rosario

Se o psicanalista estiver atento ao saber que o psicótico inventa, estará talvez em condições de valorizar o que foi construído pelo sujeito e que poderá funcionar para ele como a suplência de um sintoma.

Carmen Gallano, ¿Que puede esperar un psicótico de un psicoanalista?, p. 116.

A partir do trabalho desenvolvido por Lacan em *O seminário, livro 23: Joyce, o sinthome*, temos tentado, nesta dissertação, fazer uma articulação daquelas construções pertinentes para o estudo da obra como *sinthome* em Arthur Bispo do Rosario, como uma das possíveis suplências à falha da função paterna no Real, na sua construção subjetiva.

Há que se lembrar que a singularidade de cada sujeito é a tônica da segunda clínica lacaniana, a clínica do *um a um*,³⁵¹ mesmo quando se considera sujeitos que, porventura, possam ser classificados em uma mesma estrutura clínica.

Dessa maneira, não só o que foi trabalhado por Lacan em Joyce, mas também em outros seminários, é o que permitirá articulações à clínica da suplência, especificamente na psicose e, nesta, o papel desempenhado pelo *sinthome*. Com essas noções em mente, podemos cotejar aquilo que for pertinente com os dados biográficos de Bispo, aos quais se pôde ter acesso.

Como já comentado, a significação do patronímico — “Bispo” e “do Rosario” —, na força da *nomeação para*, distinto da comunicação, parece funcionar como uma nomeação que se ata a algo do Real, quando o nome parece “se colar à coisa.”³⁵² Lacan, então, explicita: “[...] reduzo o Nome-do-Pai à sua função radical que é dar nome às coisas, com todas as conseqüências que isto comporta [...]. Até o gozar, sobretudo, como indiquei ainda há pouco.”

³⁵³ A partir dessa assertiva de Lacan, torna-se possível inferir a posição dos patronímicos de Bispo do Rosario como uma das possíveis suplências à função paterna, como um traço unário a partir do qual um sujeito poderá se construir, mesmo que de forma delirante. O delírio místico de redenção de Bispo do Rosario — sintoma psicótico em suplência contingente —

³⁵¹ Questão explicitada por Oswaldo França Neto em aula do Curso de Mestrado em Psicologia, na Área de Concentração em Estudos Psicanalíticos, na FAFICH/UFMG, no segundo semestre de 2005.

³⁵² Cf. LACAN, *O seminário, livro 22*: RSI, p. 46, lição do dia 11/03/1975. (Mimeografado).

³⁵³ LACAN, *O seminário, livro 22*: RSI, p. 46, lição do dia 11/03/1975. (Mimeografado).

passa a lhe fornecer uma estabilização, mesmo que precária, a partir da própria psicose, considerada, então, como um puro sintoma.³⁵⁴ Nesse sentido, França Neto, ainda, lembra que,

A construção delirante do psicótico tem que se manter o máximo possível consistente, protegida dos paradoxos. Se o psicótico se deparar com um paradoxo, automaticamente terá que se haver com o gozo a que este remete. Como o gozo se lhe apresenta de forma não regrada, seu surgimento em estado bruto tem um efeito avassalador sobre a realidade delirante que lhe serve de sustentação.³⁵⁵

Em um determinado momento, Bispo recebe “a ordem do além”, por intermédio de uma voz feminina em consonância com seu delírio místico, para inventariar o mundo com o objetivo de assegurar sua reprodução num outro mundo feito de ouro e prata, sem doenças, sem montanhas ou abismos, numa clara elisão do falo. Ele inicia, então, na sua obra como *sinthome*, a construção compulsiva das suas miniaturas, estandartes, *assemblages* ou “vitrines”, segundo as suas próprias palavras, mostras e fardões, no Real, tendo como peça central o Manto do Reconhecimento, semelhante a um paramento usado pelo clero nas funções sagradas da Santa Madre Igreja Católica, na esteira da sua formação religiosa.

Esses aspectos confirmam a reflexão de Skriabine, segundo a qual, “ao identificar-se com seu sintoma, o sujeito se constitui como resposta do real. O sintoma, como real, é uma suplência.”³⁵⁶

Bispo trabalhou compulsivamente, no rastro de um Deus que delegou a ele a tarefa de artífice, nas várias séries de objetos, representados em três dimensões, ou nos *panôs* e estandartes bordados e, posteriormente, em escritos, quando Bispo foi sofrendo a perda da visão, em decorrência da idade. Destaca-se, na sua obra como *sinthome*, a réplica de uma série de embarcações, motivada pela profissão de marinheiro, exercida por um período importante da sua vida.

³⁵⁴ SKRIABINE, La clínica del nudo borromeano, *Estudios Psicoanalíticos - Locura: clínica y suplencia*, (2): 93.

³⁵⁵ FRANÇA NETO, Considerações matemáticas sobre o gozo na neurose e na psicose, *Ágora*, II (2): 84.

³⁵⁶ SKRIABINE, La clínica del nudo borromeano, *Estudios Psicoanalíticos - Locura: clínica y suplencia*, (2): 93. (Tradução pessoal livre do espanhol).



É dessa época, que Bispo aprendeu a arte de *boxer*, registrada também na construção de um ringue e de um pequeno saco para seu treino de pugilista: “saco de pancadas”, palavras bordadas por Bispo na peça.³⁵⁷ O desempenho de pugilista, mesmo fora dos ringues, foi muito importante na sua vida, ao permitir-lhe uma significativa sustentação subjetiva por meio da exibição da sua força bruta e do reconhecimento do seu valor, no dia-a-dia do hospital psiquiátrico, entre os funcionários e entre os outros internos.

Quinet faz uma referência especial à obra como *sinthome* em Bispo, referindo-se à série de embarcações de todos os tipos: armadas de guerra com torpedeiros, porta-aviões, encouraçados, fragatas, barcos de passageiros, veleiros, caravelas e barquinhos a vela.

O barco parece, com efeito, a própria materialização do oco que desenhou em um *panô* com o bordado para constituir um lugar vazio no mar do simbólico. O barco é propriamente o lugar do passageiro, daquele que efetua a passagem: lugar da obra que Bispo inventou para não naufragar no gozo mortífero que o invadia.³⁵⁸

É perceptível, nos dados biográficos de Bispo do Rosario, a presença do que Lacan denominou “gozo avassalador do objeto-órgão *a* invocante”³⁵⁹ na voz feminina de *das Ding*

³⁵⁷ Cf. HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 79.

³⁵⁸ QUINET, *Teoria e Clínica da Psicose*, p. 228.

³⁵⁹ LACAN, *O seminário, livro 10: a angústia*, p. 321.

— na maior parte das vezes Bispo relata ouvir uma voz feminina — e no seu olhar que tudo vê e controla. Nesse objeto *a* escópico se manifesta a potência no Outro.³⁶⁰ Esse Outro lhe ordena trabalhar sem cessar, como um supereu feroz e obsceno presente nas origens do sujeito psíquico e que se manifesta no “empuxo-à-mulher” visível na psicose. Há, assim, a anomia da lei de um Pai Glorificado feminizado. Segundo Quinet, “o sujeito é perseguido pelo supereu personificado.”³⁶¹

Lacan lembra que “a paranóia é um grude imaginário. É a voz que sonoriza, o olhar que é prevalente, é um caso de congelamento de um desejo,”³⁶² porque, em Bispo do Rosario, o desejo prevalente é o desejo do Outro divino.

Como Lacan mostrou em seu último ensino, a loucura é a base da construção subjetiva de qualquer indivíduo e, nesse sentido, a figura do supereu arcaico é aquela idealizada, sem falta, cruel e perseguidora, como a “Mãe Santíssima” presente na vida de Bispo do Rosario. Assim, a voz feminina é audível, desde os seis anos de idade, conforme depoimento do próprio Bispo, colhido dos seus dados biográficos, e que se torna, então, mentora de toda a sua obra como *sinthome*. É nesse rastro de idealização que Bispo do Rosario elege a estagiária de psicologia — Rosângela Maria — após conhecê-la, como a diretora de toda a sua obra: “Rosângela Maria. Diretora de tudo. Eu tenho”.

Por outro lado, para Bispo do Rosario a grandiosidade de *das Ding* é sempre fascinante e, por isso mesmo, profundamente temida, ao tocar o horror da própria morte e representar este vazio primordial, ratificado por toda a sua vida, que não foi passível de ser trabalhado por um operador paterno efetivo. Na psicose, há a ausência do amor do pai desejante que também porta a lei no exercício da função paterna, conforme Lacan se referia ao “conflito fecundo” presente no pai-sintoma. Bispo, assim, prepara-se para morrer a cada dia, mas, nesse preparo,

³⁶⁰ LACAN, *O seminário, livro 10: a angústia*, p. 318.

³⁶¹ QUINET, *Teoria e Clínica da Psicose*, p. 31.

³⁶² LACAN, *O seminário, livro 22: RSI*, p. 57, lição de 08/04/1975. (Mimeografado).

adia a sua morte ao tentar vencê-la. Nunca considera a sua tarefa cumprida para a *passagem* e, mesmo quando essa acontecer, a sua vida estará assegurada no Real de um além de um mundo delirantemente perfeito, na materialidade da prevalência da função materna como diretriz da sua reconstrução do mundo. Nesse sentido, torna-se possível a articulação com a fala de Freud, já comentada anteriormente, quanto à forma autocrática da criação de uma nova realidade diferente da que foi abandonada e que continha aspectos recusados pelo psicótico.³⁶³

É por isso que França Neto, mais de uma vez, refere-se à necessidade de se evitar qualquer paradoxo na psicose, na reconstrução delirante do novo mundo, a partir do que poderia ser dialetizável, ao se considerar a existência das possíveis falhas lógicas, ratificando a necessidade da reconstrução de uma materialidade consistente:

Ao mesmo tempo em que está imerso no gozo, o psicótico tem que manter sua construção da realidade o mais possível protegida deste. Face à possibilidade de gozo, evidenciada pelos paradoxos, cuidados especiais devem ser constituídos. O sistema delirante do psicótico deve preservar-se ao máximo no campo da consistência.³⁶⁴

Para isso, o delírio deverá possuir limites no sentido de seus elementos não serem verificáveis, para que o sistema não se torne inconsistente. Nesse sentido, a solução assintótica de um projeto de consecução pessoal é um dos possíveis elementos de manutenção da estabilidade subjetiva na psicose, mesmo que o seja de forma precária. Na procrastinação constante, há o impedimento de que o psicótico se depare com o vazio do Real, profundamente angustiante para um sujeito destituído das amarras fálicas. Freud, no estudo que fez de Schreber, quanto à solução assintótica que lhe permite uma sustentação subjetiva, a partir do seu delírio místico, lembra que:

O senso de realidade do paciente, contudo, que nesse meio tempo tornara-se mais forte, compelia-o a adiar a solução do presente para o futuro remoto, e a contentar-se com o que poderia ser descrito como

³⁶³ FREUD, A perda da realidade na neurose e na psicose, p. 231.

³⁶⁴ FRANÇA NETO, Considerações matemáticas sobre o gozo na neurose e na psicose, *Ágora*, II (2): 84.

uma realização de desejo assintótica. A qualquer momento, previa ele, sua transformação em mulher ocorreria; até então, a personalidade do Dr. Schreber permaneceria indestrutível.³⁶⁵

França Neto ratifica que a noção de infinito é uma noção criada pelo homem, sendo uma abstração, um delírio, pois não existe senão na nossa apreensão da natureza. Assim, há uma aproximação do infinito da matemática com o Real de Lacan. Como o paradoxo remete ao infinito, o tratamento do infinito é fundamental na psicose como uma constante procrastinação. Ao defrontar-se com o infinito como paradoxal, o psicótico será invadido pelo gozo sem controle e disruptivo, da mesma forma que o confronto com qualquer elemento errôneo e verificável poderá desestabilizar seu sistema delirante.³⁶⁶ É comum o sujeito apresentar um surto psicótico, ao conseguir finalizar um projeto aparentemente buscado. A solução assintótica torna-se, assim, uma considerável possibilidade de sustentação subjetiva na psicose. Nesse sentido, a obra como *sinthome* em Arthur Bispo do Rosario, ao se tornar infundável, revelou-se como um considerável recurso para a sua sustentação subjetiva. A escolha da reconstrução do mundo, em miniaturas, mostra, no seu bojo e no seu horizonte, a possibilidade dessa solução, pois há uma impossibilidade implícita na sua própria conclusão, permitindo a manutenção de um *saber fazer* que forneça um sentido à sua vida, mesmo se for considerada a qualidade de vida dentro de um manicômio. França Neto lembra que:

[...] se pode deduzir a necessidade, e não a contingência, da realidade do psicótico muitas vezes ter que se mostrar como sendo assintótica. Ao se deparar com um paradoxo (que é a forma com que, em termos matemáticos, o infinito se presentifica), o psicótico pode ter dificuldades na constituição do instrumento necessário (a apresentação de um representante) para lidar com o gozo (que no psíquico é a corporificação do infinito). Ao não viabilizar no seu campo representantes (ou separadores) do infinito, o paciente teria que lidar com este último “em si”, sem mediação, sem condições de dialetizá-lo. Para evitar esse confronto, que seria para o psicótico devastador, ele remete os pontos de ancoragem de seu delírio,

³⁶⁵ FREUD, Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paranoides), p. 68.

³⁶⁶ FRANÇA NETO, Considerações matemáticas sobre o gozo na neurose e na psicose, *Ágora*, II, (2): 84.

pontos onde o encontro com o Outro se presentificaria, para uma data sempre a ser atingida, mesmo que próxima, porém nunca concretamente alcançada.³⁶⁷

Nesse sentido, em resposta a uma pergunta iniciada por Denizart, Bispo falou:

[Durmo] pouco, porque eu vou me deitar e fico escutando a voz: você fez isso, já fez aquilo. E assim eu passo as noites, né? [...] Lá na Praia Vermelha eu só dormia aos sábados, no sábado eu descansava. Trabalhava o dia todinho, vigiava os cubículos. Os funcionários iam descansar, deitavam, e eu ficava olhando os cubículos, de um lado a outro, de um lado a outro. No sábado eu descansava um pouquinho porque no sábado eu gosto de tranquilidade.³⁶⁸

A obra bruta de Arthur Bispo do Rosario como *sinthome*, sob a prevalência da concreitude da ordem matriarcal do originário, mostra a ausência do brilho fálico, vigente em nossa cultura, e a sua tentativa delirante de colocá-la, como suplência, na posição em que ela possa ser o objeto de gozo do Outro. Ao fazê-lo, Bispo se esquivava e pode investir na sua construção subjetiva, mesmo que seja de forma delirante. Tenta assim proteger-se da alteridade gozosa e absoluta, circunscrever o gozo invasivo de *das Ding*. Trabalha compulsivamente e coloca cada série da sua obra em posição de substituição ao objeto *a* escópico e/ou invocante, ao objetivar o desvio do olhar e da voz do Outro divino, e, ao mesmo tempo, buscar sair da posição de objeto órgão que carrega um gozo massivo. Isto parece cumprir aquilo que Lacan descreve como “a função do objeto cedível como pedaço separável, e que veicula, primitivamente, algo da identidade do corpo, antecedendo ao próprio corpo quanto à constituição do sujeito.”³⁶⁹ Nesse sentido, “o *a* [...] é o suplente do sujeito — e suplente na posição de precedente.”³⁷⁰ A formulação de Lacan sobre esses aspectos é fundamental para esclarecer que:

³⁶⁷ FRANÇA NETO, Considerações matemáticas sobre o gozo na neurose e na psicose, *Ágora*, II, (2): 89.

³⁶⁸ HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 141-142.

³⁶⁹ LACAN, *O seminário, livro 10: a angústia*, p. 341.

³⁷⁰ LACAN, *O seminário, livro 10: a angústia*, p. 341.

É um mito personalista articular o ato no campo da realização subjetiva, fugindo à prioridade do *a*. O *a* inaugura o campo da realização do sujeito e nele conserva, portanto, seu privilégio, de modo que o sujeito como tal só se realiza em objetos que sejam da mesma série do *a*, do mesmo lugar nesta matriz. Eles são sempre objetos cedíveis, e é a isso que há muito tempo chamamos *obras*, com todo o sentido que tem esse termo, inclusive no campo da teologia moral.³⁷¹

Nesse sentido, a obra como *sinthome* na psicose de Bispo funciona como o pensar sem parar de Schreber “para não parecer idiota”³⁷² e o cultivo da voluptuosidade feminina, ao visar a manter a proximidade de Deus e participar, de alguma maneira, da fruição do gozo.³⁷³ Nessa fruição, Schreber tenta também circunscrever o gozo do Outro e impedir a sua mistura massiva com esse Outro abusivo, ao se colocar como “A Mulher de Deus”. De acordo com o explicitado por Quinet, referindo-se a Schreber:

A alternância aproximação/afastamento de Deus reproduz o FORT-DA da simbolização primordial, demonstrando que Deus para Schreber vem ocupar o lugar inicialmente ocupado pela mãe. A metáfora delirante tem por meta estabilizar essa oscilação divina, dado que é Schreber quem, de alguma forma, regula o vaivém.³⁷⁴

Bispo realiza o mesmo movimento de um típico *Fort-Da*, no Real, daquilo que foi foracluído do Simbólico, em toda a sua obra como *sinthome*. Cada série fabricada, cada *assemblage*, cada fardão, cada iniciativa tomada é feita para afastar-se desse Outro e proteger-se do seu gozo invasivo. Bispo tenta continuamente circunscrever o gozo mortífero na distância que busca manter, ao colocar o objeto fabricado na posição do objeto *a* escópico ou invocante do Outro, objetos *a* que se mantiveram, pela vida a fora, como verdadeiros órgãos, por não terem sido afastados pelo anteparo fantasístico em decorrência da *Verwerfung* de fato.

³⁷¹ LACAN, *O seminário, livro 10: a angústia*, p. 344. (Grifo no texto).

³⁷² FREUD, Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paranoides), p. 42.

³⁷³ FREUD, Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paranoides), p. 47.

³⁷⁴ QUINET, *Teoria e Clínica da Psicose*, p. 42.

Da mesma forma, semelhante a esse *vaivém*, Bispo colocou Rosângela Maria assentada na cadeira de rodas de madeira, afastando-a e aproximando-a de si, num espaço de tempo em que tenta elaborar, no Real, o luto da partida da estagiária, como o brinquedo do carretel do neto de Freud, por não possuir condições para fazê-lo no Simbólico. Rosario tenta, assim, *realizar* a alienação e a separação do Outro, operações que não foram ressignificadas e reinscritas pela deficiência da função paterna. Nesse mesmo sentido, ao insistir na condição “imaculada” de Rosângela Maria, negando o seu casamento e a maternidade da estagiária, Bispo a aproxima de uma figura celestial de uma “rainha pura”, de *das Ding*, intocada pelo pai sintoma, pelo pai desejante. Talvez tenha sido esse o motivo do amor de transferência idealizado que conseguiu estabelecer com Rosângela, permitindo a ela entrar no seu mundo de miniaturas e na sua vida.

O claro empuxo-à-mulher, em decorrência dos impasses na partilha sexual presentes na psicose pela não-vivência efetiva do complexo edipiano, parece ter sido o que levou Bispo do Rosario a escolher a peça *Romeu e Julieta*, de Shakespeare, para ser representada por ele e por Rosângela Maria, *parceiro-sinthoma* ideal para o encontro amoroso a ocorrer apenas na morte. A encenação da peça serviria também como um possível trabalho de luto, na separação de Bispo do Rosario do objeto do seu amor, quando ele, como *Romeu*, vivenciaria, mais uma vez, o encontro amoroso apenas na morte, com a sua *Julieta*, em uma metonímia de *das Ding*, A Mulher que não ex-iste e que é um outro nome de Deus.³⁷⁵ Isso se assemelha ao que Lacan descreve sobre Schreber: “O que dá a medida da própria verdade, a saber, o que demonstra, afinal, a paranóia do Presidente Schreber é que só há relação sexual com Deus. E é o que põe em questão a ex-istência de Deus,”³⁷⁶ pois, para Lacan, não há proporção na relação sexual, quando a relação sexual só acontece a partir do sintoma do sujeito, no espaço e no atemporal do seu inconsciente, e, nesse sentido, apenas com o seu *parceiro-sinthoma*. Nas palavras de

³⁷⁵ LACAN, *O seminário, livro 23: Joyce, o sinthome*, p. 6, lição do dia 18/11/1975. (Mimeografado).

³⁷⁶ LACAN, *O seminário, livro 22: RSI*, p. 57, lição do dia 08/04/1975. (Mimeografado).

Lacan: “Isso não é aquilo *com* que o homem faz amor, quer dizer, afinal de contas, com seu inconsciente, e nada mais.”³⁷⁷

Arthur Bispo do Rosario, ao tentar circunscrever o gozo, coloca-se como artífice do mundo, em mistura com esse Deus Pai Glorificado ignorante que, mesmo tendo sido o criador do mundo, não o conhecia. Além disso, ao refazer o mundo em miniaturas, para apresentá-lo a Deus Todo-Poderoso, no dia do Juízo Final, Bispo busca garantir sua presença em carne e osso, no Real da estrutura do corpo, conforme a última visada da clínica lacaniana, num novo planeta de perfeição. Ratifica nessa decisão, mais uma vez, a necessidade da sua construção subjetiva delirante. Possivelmente, o nascimento de Arthur Bispo do Rosario não foi calcado em um espaço garantido pelo desejo dos seus pais. Nesse sentido, há que se lembrar das próprias palavras de Bispo: “Um dia eu simplesmente apareci no mundo.”

No seu auto-engendramento como sujeito, por intermédio de uma metáfora onipotente de redenção — como um Jesus Cristo especial, já que marcado com uma cruz de luz nas suas costas —, toma como missão reconstruir o planeta pela sua arte bruta como *sinthome*. Na suplência à ausência do amor e da lei paternos, os psicanalistas Mazzuca, Schejtmán e Zlotnik lembram que “reiteradamente Lacan volta sobre a relação entre amor e o Nome-do-Pai. É uma constante de seu ensino, sobretudo com respeito ao amor entre os sexos”. Segundo Lacan:³⁷⁸

Posição-limite, que nos permite perceber que o homem só pode esboçar sua situação num campo que seria de conhecimento reencontrado, se tiver antes preenchido o limite em que, como desejo, ele se acha acorrentado. O amor, cujo rebaixamento pareceu aos olhos de algum que nós havíamos procedido, só pode se colocar nesse mais-além, onde, primeiro, ele renuncia a seu objeto. Também está aí o que nos permite compreender que qualquer abrigo onde pudesse instituir-se uma relação vivível, temperada de um sexo ao outro, necessita a intervenção — é o que ensina a psicanálise — desse médium que é a metáfora paterna.³⁷⁹

³⁷⁷ LACAN, *O seminário, livro 23: Joyce, o sinthome*, p. 173, lição do dia 16/03/1976. (Grifo no texto mimeografado).

³⁷⁸ MAZZUCA, SCHEJTMAN & ZLOTNIK, *Las dos clínicas de Lacan: introducción a la clínica de los nudos*, p. 107.

³⁷⁹ LACAN, *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, p. 260.

A partir do que foi desenvolvido em *O seminário, livro 23: Joyce o sinthome*, quando há a prevalência da relação dual, Lacan, ao trabalhar especificamente a psicose paranóica, lembra a solução do falso trevo que a representa e no qual há uma indistinção entre os três registros RSI. Ele, em 1955-6, já havia comentado a presença do que ele chama de *grude imaginário no seu gume mortal* do estádio do espelho. Lacan é explícito, ao referir-se à fala de Schreber quando ele se compara a “um cadáver leproso conduzindo outro cadáver leproso”:

[...] descrição brilhantíssima, convenhamos, de uma identidade reduzida ao confronto com seu duplo psíquico, mas que, além disso, deixa patente a regressão do sujeito, não genética, mas tópica, ao estádio do espelho, na medida em que a relação com o outro especular reduz-se aí a seu gume mortal.³⁸⁰

Bispo do Rosario apresenta uma fala que se assemelha à de Schreber, perceptível na esquizofrenia-paranóide: “Segundo a reza do clero, os vivos e os mortos, *o louco é um homem vivo guiado por um espírito morto*”³⁸¹, quando faz a sua própria nosologia psiquiátrica. É, por isso que:

Na paranóia, há a construção de uma imagem, de uma figuração por intermédio de uma hiperplasia imaginária de uma infinitude no espelho. É a multiplicação de um espelho dentro de outro, indefinidamente. A paranóia é, assim, a psicose da construção da imagem, por excelência.³⁸²

No mesmo sentido, segundo as palavras de Quinet, Bispo se prepara para um puro dar-se a ver para o Outro. Ele será o próprio objeto escópico do Outro, no seu brilho resplandecente, e ele, por intermédio do seu próprio corpo, fará parte da sua obra como *sinthome* na mostra para o Outro divino:

³⁸⁰ LACAN, De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose, p. 574.

³⁸¹ Cf. HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 138. (Grifo nosso).

³⁸² KAUFMANNER, Aula gravada: “O empuxo-à-mulher nas psicoses no ensino de Jacques Lacan”, em 23/06/2005, no Curso de Mestrado em Psicologia – Área de Concentração: Estudos Psicanalíticos, FAFICH/UFMG.

O que o Outro vê e o que Bispo dá a ver são uma só e mesma coisa, pois o Pai não conhece nada do mundo a não ser pela representação que lhe será dada a conhecer pelo escolhido para a tarefa. O ver (de Deus) e o ser visto (de Bispo) é um só: trata-se aí de um mesmo objeto: o olhar. Esse Outro que o observa sem trégua, mandando-o trabalhar, está constantemente de olho nele e através de Bispo que Deus vê. Ele é o olhar do Outro.³⁸³

A posição subjetiva de Bispo é, nesse sentido, o postar-se na posição do objeto de gozo escópico do Outro divino e absoluto, num verdadeiro *altar de sacrificio* — como um *Agnus Dei* —, ao se colocar como o Filho Redentor vestido com o Manto do Reconhecimento, um Cordeiro de Deus, porém, glorificado, pois ele e o Criador são uma só entidade.³⁸⁴ Nessa flagrante mistura, a onipotência de Bispo do Rosario, por meio da sua identificação a Jesus Cristo, filho unigênito de Deus e de Maria Santíssima, vai levá-lo a portar uma aura iluminada que o identifica como um ser especial. Assim, o termo resplendor, segundo Quinet,³⁸⁵ é usado por Bispo em suas várias acepções desde brilho intenso, fulgor, esplendor, glória, celebridade e a auréola como a que é representada sobre a cabeça das imagens de santos da Igreja Católica: “Ao ascender, Bispo acenderá.”³⁸⁶ Quinet faz outro relato, em relação ao valor do objeto *a* escópico na obra como *sinthome* em Bispo do Rosario:

Há também um outro fardão em que ele se refere à visão que teve em 1938, e, em uma das mangas, há a inscrição de uma tabela de cores que ele chama de *semblantes*. Semblante ou aura era um fenômeno do âmbito escópico que o acometia — uma irradiação de luz que dizia emanar de seu corpo — constituindo uma marca de sua identidade que só era visível para quem o reconhecesse como Jesus Cristo. “Qual a cor da minha aura?”³⁸⁷

³⁸³ QUINET, *Teoria e Clínica da Psicose*, p. 233.

³⁸⁴ Devemos a Antônio Teixeira o contato com a teoria do sacrificio visível na vida e na obra de Arthur Bispo do Rosario. Ao tentarmos uma articulação da tese de Baas com a obra como *sinthome* em Bispo do Rosario, citamos algumas aproximações do mesmo capítulo: “O sacrificio e a lei”, inserido no livro *O desejo puro*: “O sacrificio é, com efeito, esta espécie de *cálculo*, de *subterfúgio*, onde a divisão subjetiva apresenta-se na dualidade do sacrificante e do sacrificado.”, p. 102 e “É em que o sacrificio poderia ser concebido segundo uma lógica da sublimidade, pois ele passa o *mais próximo* possível do gozo, toca *no limite* do gozo impossível.”, p. 103. Ainda: “Não é de se surpreender que a operação do sacrificio ocorresse precisamente neste espaço atópico da Cidade, neste lugar extimo do político que é a *Hestia*. Este lugar ao mesmo tempo interno e externo ao espaço comunitário é o que designava, em alemão antigo, o termo de ‘*das Ding*’.”, p. 109. (Grifos no texto).

³⁸⁵ QUINET, *Teoria e Clínica da Psicose*, p. 233.

³⁸⁶ QUINET, *Teoria e Clínica da Psicose*, p. 233.

³⁸⁷ QUINET, *Teoria e Clínica da Psicose*, p. 226-7.

Ele será carregado, com honra e glória, por sete anjos para a sua *apresentação*, na sua possível passagem, sempre numa procrastinação assintótica, quando o mundo que deixar atrás de si for arrasado pelo fogo. Nesse sentido, Quinet explicita: “Assim, como Bispo o mundo acenderá. Um com resplendor, o outro com fogo. O brilho lampejante de um põe fogo no Outro. Ardência do olhar; gozo incandescente”.³⁸⁸

A visão da aura que irradiava do seu corpo foi uma das “verdades” mantidas por toda a sua vida e funcionou como uma verdadeira senha. A cor da sua aura, se reconhecida e verbalizada, permitia ou não a entrada dos visitantes no seu mundo delirante, reconstruído no labirinto de formas e de cores nos objetos, os mais variados, na feitura do universo em miniaturas. Bispo abriu mão do uso dessa senha poucas vezes e para pessoas especiais, como para Rosângela Maria que, reiteradamente, afirmou não ver nada, tendo conseguido mesmo assim entrar no mundo delirante, na vida e na alma de Arthur Bispo do Rosario.

Arthur Bispo do Rosario, portador de tamanha onipotência e resplendor, com sua obra como *sinthome* tenta transformar o objeto *a* de dejetivo em objeto *a* de mais-de-gozar e, para isso, utiliza os restos de lixo de um manicômio que passa a limpo para tentar elevá-los à dignidade de *das Ding*, da Coisa freudiana, de forma a delimitá-la, a barrá-la no seu gozo mortífero e tentar se sustentar, ainda que precariamente. Ele eleva à dignidade de *das Ding* objetos rudimentares do cotidiano, como a referência de Lacan às caixas de fósforo vazias, dispostas de uma forma harmoniosa, que se encaixavam umas nas outras na sua multiplicidade como numa cópula *incestuosa* e *continuada* com o Outro primordial, até a formação de uma fita que, disposta de forma ornamental, enfeitava uma lareira, como um falo gigantesco em consonância com a imponência da Coisa freudiana.³⁸⁹ Assim, na sua obra como *sinthome*, Bispo do Rosario reciclou os restos de um Hospital Psiquiátrico, alguns retirados do monte de lixo dos pertences dos outros internos, varridos de debaixo da cama — o

³⁸⁸ QUINET, *Teoria e Clínica da Psicose*, p. 233.

³⁸⁹ LACAN, *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*, p. 143-4.

armário pessoal disponível para cada interno —, antes que fossem queimados na fogueira única feita pelos funcionários da limpeza, de tempos em tempos, para compor as séries de suas coleções, as *assemblages* ou vitrines. De *litter* a *letter*, de lixo a letra — num movimento contrário ao de Joyce que o fez de *letter* a *litter*, ao decompor a língua inglesa até reduzi-la a restos da pura sonância da voz paterna, no gaélico, no sonho de liberdade de uma *raça incriada* —, Bispo do Rosario compôs um verdadeiro universo de miniaturas, numa mitificação de Deus artífice, ao tentar segurar os seus restos de objeto *a*, para não deixá-los cair como pedaços do Real, e, ao tentar transformá-los, significantiza-os e os resgata de tudo aquilo que fora foracluído do Simbólico.



Torna-se importante explicitar que, em decorrência de sua própria estrutura clínica, ao tentar elevar à dignidade de *das Ding* não só objetos encontrados no dia-a-dia do hospital, mas outros retirados da sua loucura, Bispo realiza uma construção que não configura uma totalidade, pois na esquizofrenia-paranóide a fragmentação interna é o solo em que se sustenta qualquer iniciativa. Daí, as séries que se sucedem, as *assemblages*, as mostras de objetos organizados segundo uma orientação particular.

Objetos revestidos com fio azul – ORFA:



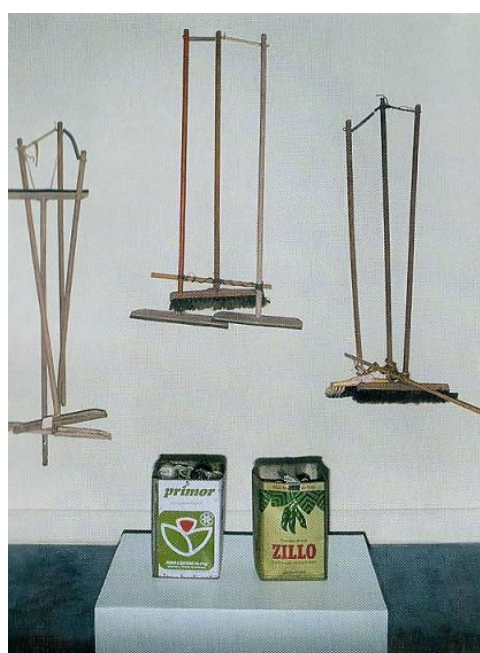
Jogo de Xadrez:



Assemblage de canecas:



Assemblage de vassouras e rodos:



Faixas das missas:



Mostra de etiquetas:



Receita de como construir um muro no Real:



Roda da fortuna:



Dessa forma, na reconstrução de sua identidade pessoal e de um mundo que rejeitou, desde que percebido como desfavorável, Bispo do Rosario colocou-se como o artífice delirante de um outro, com o qual sonhava, um verdadeiro paraíso que só possuiria árvores frutíferas e com caroço pequeno: “No meu novo mundo só vai ter macieira, pereira. Mangueira, não. Manga é fruta bruta, olha o tamanho do caroço.”³⁹⁰ Segundo Quinet,

Ele significantiza com agulha e linha o real para alinhavá-lo no simbólico. Etiqueta os objetos conferindo-lhes um nome por meio de procedimento, digamos, hegeliano, na medida em que a “palavra é a morte da coisa”. Ao nomear o objeto ele aprisiona a Coisa. [...] A arte de Bispo é bruta de gozo, e virgem de endereçamento. [...] Aliás, podemos supor que a arte como sintoma, no caso da psicose, não visa o endereçamento ao Outro da cultura e sim ao tratamento do gozo para enquadrá-lo e atenuá-lo.³⁹¹

Na tentativa de melhor compreensão da compulsão de Bispo do Rosario de bordar e posteriormente escrever sua história, à medida que sentiu sua vista cansada, é possível encontrar na obra lacaniana a sustentação teórica da letra como suporte para carrear o gozo que invade um psicótico. Assim, na ordem da linguagem, a letra pensada como distinta do significante, seria o que poderia permitir a circulação dessa substância, dessa materialidade à qual Lacan gradativamente associa o gozo.³⁹² No processo das elaborações de Lacan, a conjugação entre Simbólico e Real se dá à medida que esse último é concebido como resíduo ou dejetos que o primeiro expelle de seus domínios. A dimensão litoral da letra é o lugar também de resíduos.³⁹³ Ela carrega o gozo inútil em termos de resíduo, de lixo, de *litter*.

A escrita de Bispo do Rosario, nas cadeias-de-ferro substantivadas, acerca-se desses restos no estatuto de letra ao tentar aproximar-se da Coisa freudiana, ao carrear esse excesso de gozo, mas que se revela como uma necessidade vital como sua sustentação subjetiva, tendo ocupado uma posição importante em sua obra como *sinthome*. Nesse sentido, sua escritura se

³⁹⁰ Cf. HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 66.

³⁹¹ QUINET, *Teoria e Clínica da Psicose*, p. 234-5.

³⁹² MANDIL, *Os efeitos da letra: Lacan leitor de Joyce*, p. 46-7.

³⁹³ MANDIL, *Os efeitos da letra: Lacan leitor de Joyce*, p. 55.

posta literalmente num litoral, e serve também ao Simbólico, pois carrega em si um sentido. Tornam-se perceptíveis em vários escritos de Bispo do Rosario, mesmo no deslizamento das palavras e frases, no automatismo do inconsciente, a presença de um objetivo concreto de registro de sua passagem pela terra. É o próprio Bispo do Rosario quem necessita fazer suas escrituras e desenha/borda os mapas dos lugares por onde passou, com destaque para o dia da revelação da missão que deu sentido à sua vida. É como seu novo registro de nascimento, numa reinvenção constante de sua identidade de ser especial, tornando-se responsável pela sua própria salvação na sua construção subjetiva neste e no outro mundo.

Bispo do Rosario se martirizou por constantes jejuns de comida, de cama e de coberta, na exacerbação do gozo do Real que comporta aquilo de que Freud se apercebeu como masoquismo erógeno feminino, presente em todos nós, desde as nossas origens,³⁹⁴ e que Lacan ratifica nas seguintes palavras: “O masoquismo que é o mais importante do Gozo que o Real dá, ele [Freud] o descobriu, ele não o tinha imediatamente previsto”³⁹⁵. Torna-se possível articular esse gozo de Bispo ao visível empuxo-à-mulher na psicose, numa flagrante contradição, já que, por outro lado, apresentava-se sempre *brilhoso* e protegido com o Manto do Reconhecimento. O Manto, como uma bela *peça destacável* de sua obra como *sinthome*, permite a Bispo, na posição de uma *girl-phallus*,³⁹⁶ colocar-se na posição para ser mirado e admirado neste e no outro mundo que ele reconstruirá.

É sobre esse eixo que será trabalhado o próximo capítulo, que sustentou e forneceu o nome a todo o trabalho de pesquisa aqui realizado.

³⁹⁴ Cf. FREUD, O problema econômico do masoquismo, p. 203.

³⁹⁵ LACAN, *O seminário, livro 23*: Joyce, o *sinthome*, p. 113, lição do dia 10/02/1976. (Mimeografado).

³⁹⁶ Cf. QUINET, *Teoria e Clínica da Psicose*, p. 228; 236. Quinet lembra que o mundo de Bispo é visto pela ótica das balizas das *misses* e que, com a sua arte virgem em que há a elisão do falo, Bispo promove o empuxo-à-mulher, sinal patognomônico da psicose. E, ao se postar para ser admirado como objeto de desejo do desejo do Outro divino, torna-se uma *girl-phallus*, de forma semelhante às *misses*, numa passarela. O seu Deus feminizado fala-lhe, quase sempre, com voz de mulher. “Eu sou guiado por uma mulher. Ela me guia. Conforme ela manda, aqui eu executo. É assim.”

Capítulo 8

A função do Manto do Reconhecimento na obra como *sinthome* em Arthur Bispo do Rosario

Na clínica das psicoses pode-se verificar que o delírio às vezes consegue provocar certo grau de estabilização com o conseqüente efeito terapêutico de apaziguamento, mais ou menos duradouro, se ele conseguir alcançar um significante que pode — ao ocupar a posição do significante fálico elidido — veicular um gozo com o qual o sujeito consentirá por intermédio da construção de uma imagem que poderá servir-lhe como um envoltório.

Carmen Gallano, ¿Que puede esperar un psicótico de un psicoanalista?, p. 112.

Em Lacan, a promoção da letra, em detrimento do significante, vem indicar que este, por si só, não responde por tudo que possa estar em jogo na experiência da linguagem. Assim, não há possibilidade da passagem de um campo a outro sem descontinuidade, sem um furo:

A borda do furo no saber, não é isso que ela desenha? E como é que a psicanálise, se justamente o que a letra diz por sua boca ao “pé da letra” não lhe conveio desconhecer, como poderia a psicanálise negar que ele existe, esse furo, posto que, para preenchê-lo, ela recorre a invocar nele o gozo?³⁹⁷

Poder-se-ia afirmar que a *escritura* de Bispo, na qual prevalece a concretude dos substantivos com uma quase ausência de verbos e de conectivos, funcionaria como letra condensadora de gozo ao fazer o “ponto de furo que faz a borda, o litoral entre o Simbólico e o Real.”³⁹⁸ ?

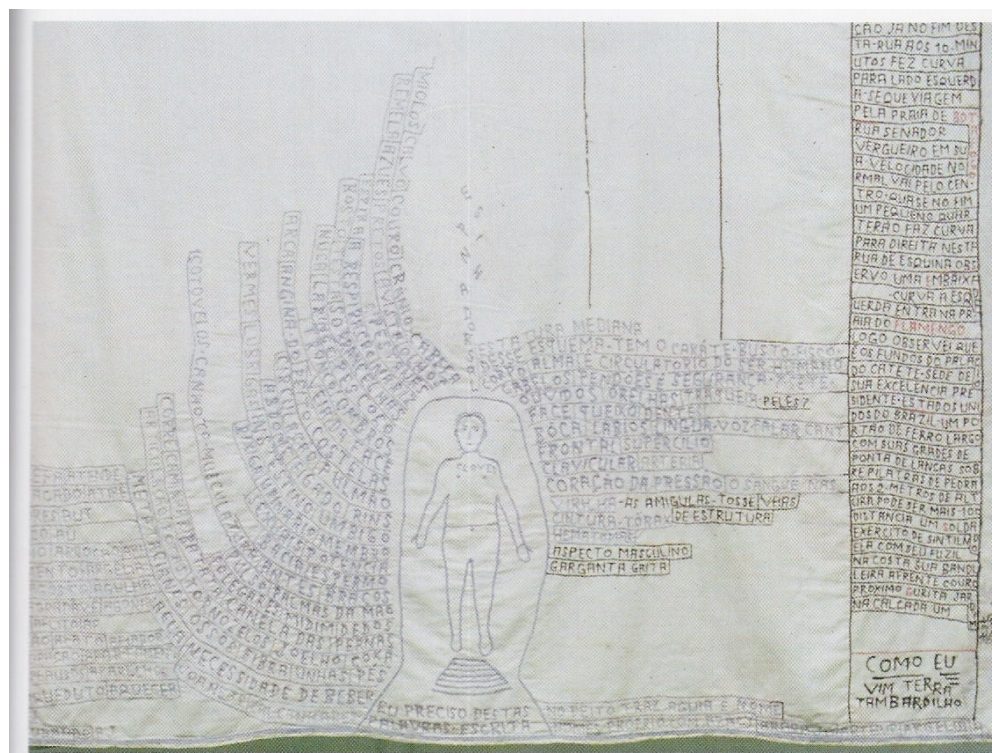
É nessa hiância da cadeia, nesses continuados pontos de furo, que surge o sujeito na busca de se auto-engendrar. Nesse sentido, torna-se mais compreensível a urgência de Bispo do Rosario na sua escritura substantivada, na sua tentativa de se constituir como sujeito de desejo: “EU PRECISO DESTAS PALAVRAS. ESCRITA” escreve Bispo num estandarte, abaixo de um corpo de “ASPECTO MASCULINO”³⁹⁹ colocado solto, sem sustentação, sobre uma base, dentro de um envoltório – que lembra uma bolsa amniótica. Esse envoltório, ao se mostrar circundado por palavras que se referem a uma anatomia singular, demonstra e carrega uma profunda angústia, e, no mesmo sentido, ratifica o empuxo-à-mulher na linguagem configurada numa substantivação, em cadeias-de-ferro.⁴⁰⁰ Essas se justapõem sem a dialetização dada pela articulação do discurso de semblante e deslizam por não se apresentarem com uma conclusão em decorrência do *ponto de basta* dado pelo Nome-do-Pai.

³⁹⁷ LACAN, Lituraterra, p. 18.

³⁹⁸ CASTELLO BRANCO, Loucuraturas, p. 81.

³⁹⁹ BISPO DO ROSARIO, em um fragmento de um dos seus estandartes numa escrita bordada.

⁴⁰⁰ Cf. MAZZUCA, SCHEJTMAN & ZLOTNIK, *Las dos clínicas de Lacan: introducción a la clínica de los nudos*, p. 108.



Segundo Quinet, torna-se importante articular esse oco protetor com o oco existente nas embarcações que se colocam sobre a água, e, nesse sentido, com um ambiente similar à cavidade do ventre materno na geração de um novo ser: “O barco parece, com efeito, a própria materialização do oco que desenhou em um *panô* com o bordado para constituir um lugar vazio no mar do simbólico.”⁴⁰¹ Há uma ratificação na voz do próprio Bispo: “Homem algum pode viver sem um barco... o homem que não tiver um barco está perdido.”⁴⁰²

Lacan, ao se referir a uma *père version*, lembra que ela se presentifica no mesmo tipo de gozo do pai mesmo na psicose. Poder-se-ia afirmar que o personagem dentro do envoltório com o nome “CLOVES”, bordado no peito da figura, cujas duas primeiras letras correspondem ao nome do pai de Arthur Bispo do Rosario, CLAUDINO, revelam uma possível entrada, porém, uma *precária conexão da lei paterna e do desejo*, num pacto edípico

⁴⁰¹ QUINET, *Teoria e Clínica da Psicose*, p. 228.

⁴⁰² Cf. QUINET, *Teoria e Clínica da Psicose*, p. 236.

⁴⁰³ que *claudicou*? Nesse sentido, a interferência precária da função paterna na construção subjetiva de Bispo do Rosario estaria refletida em um “percurso claudicante de um sujeito-objeto em sua errância pelo simbólico” ⁴⁰⁴?

Na mesma linha de raciocínio, pode-se perceber a presença da *nomeação para*, em suplência, também no rastro das duas letras iniciais CL do nome do pai real de Bispo, que se revela na sua conduta pela presença de um *esboço* da função paterna, quando há a prevalência do “pai portador da lei”. Foi pelas mãos paternas que Bispo foi levado à Escola de Grumetes em Japarutuba, para depois desembarcar no Rio de Janeiro e ingressar na Marinha, como fuzileiro naval, desenvolvendo-se na arte de *boxer*. Foi por intermédio da sua atuação como boxeador na Marinha e na função de *faxina* que exerceu no Hospício — no uso de uma toalha molhada enrolada na mão, num soco inglês improvisado, para sedar os loucos furiosos, como mantenedor da ordem, ao revelar o *pai pedagogo* do tipo presente na construção subjetiva de um psicótico —, que Bispo conseguiu estabelecer um significativo laço social, com a população dos doentes e dos funcionários do hospital psiquiátrico, onde passou cerca de cinqüenta anos de sua vida.

As palavras “ASPECTO MASCULINO”, presentes nas cadeias-de-ferro substantivadas, bordadas no estandarte no qual aparece o personagem Cloves, mostram o empuxo-à-mulher perceptível na psicose, por não ter havido em Bispo do Rosario a ação de um operador paterno efetivo, que lhe permitisse o posicionamento na ordem simbólica e na partilha dos sexos. Assim, o pai não atuou de forma efetiva como transmissor da linguagem na interdição do gozo primordial —, e que é representado, em termos freudianos, como a perda do gozo mítico do corpo da mãe. Nos termos lacanianos, “O sujeito passa da posição de ser o falo a uma posição de falta-a-ser, entrando na dialética do ter ou não ter.” ⁴⁰⁵

⁴⁰³ Cf. PELLEGRINO, Pacto edípico e pacto social, p. 200.

⁴⁰⁴ CASTELLO BRANCO, Em nome do Pai, em nome do Filho, p. 133.

⁴⁰⁵ QUINET, *Teoria e Clínica da Psicose*, p. 12.

Será possível perguntar se o envoltório ao redor do nome “CLOVES” precede ou é efeito daquilo que levou Bispo do Rosario à confecção do Manto do Reconhecimento? Nesse sentido, o envoltório também poderia funcionar como uma instância que, ao protegê-lo como um limite no Real, permitiria a Bispo o relacionamento com o mundo circundante?

Na referência às inscrições que se encontram à frente do Manto, Quinet comenta a deficiência paterna na inserção de Bispo do Rosario no Simbólico e no sistema de linguagem, embora haja um precário esboço de sua entrada:

Vemos aí registrada a criação por Bispo dos pares de oposição significante: *voz e criad*; céu e trevas. E o que sustenta essas oposições é o Pai em sua função de juiz, mostrando-nos que é a função paterna que estabelece a oposição significante que se encontra na base da linguagem, a estrutura mínima do sistema simbólico.⁴⁰⁶

É nesse sentido que o Manto do Reconhecimento poderá funcionar como um pavês para Arthur Bispo do Rosario, pela elisão de uma fala paterna que não lhe deu abrigo, proteção e segurança. Na busca de fundamentar essa afirmação, será lembrada, inicialmente, a afirmativa de Freud, segundo a qual Deus é considerado como o pai glorificado do neurótico: “A psicanálise tornou conhecida a íntima conexão existente entre o complexo do pai e a crença em Deus. Fez-nos ver que um Deus pessoal nada mais é, psicologicamente, do que uma exaltação do pai [...]”.⁴⁰⁷ Ao se tentar a articulação dessa constatação freudiana àquela de Lacan sobre a cadeia-de-ferro, construção da fala psicótica, pela ausência da elasticidade dialética do discurso dada pela baliza da função paterna, pode-se considerar o Manto do Reconhecimento também como um pavês construído no sentido de um *mecanismo de defesa*, no Real, em substituição à ausência do pavês ordenado pela palavra do pai, como escudo e segurança do crente. Não sem razão, Freud formula, em relação ao papel da figura de Deus, na neurose, uma função ligada ao pai. Já na segunda clínica lacaniana, Deus, no sentido

⁴⁰⁶ QUINET, *Teoria e Clínica da Psicose*, p. 230-1.

⁴⁰⁷ FREUD, Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância, p. 112-3.

explicitado pela posição do pai sintoma, não se aproximaria do Deus feminizado de Schreber, como “A Mulher” ou como Maria Santíssima de Bispo do Rosario. Esse pai sintoma, com seu amor e com sua lei, faz de “uma” mulher o seu *sinthoma* ao “situá-la nessa articulação no ponto em que o gozo fálico como tal é igualmente negócio dela”,⁴⁰⁸ e a separa do filho, em decorrência do conflito fecundo visível na função paterna. Sua palavra é o pavês que protege o filho de todos os perigos, inclusive da possibilidade de uma simbiose mortífera com o Outro primordial.⁴⁰⁹

Na psicose, pela falta da proteção desse pai sintoma, a linguagem perde o jogo dialético visível também na poética do Salmo 91 e se apresenta como as cadeias-de-ferro que se repetem e que circundam o envoltório dentro do qual se encontra o personagem Cloves.

Nesse sentido, na psicose, na ausência da palavra paterna como pavês, há que ser construída outra suplência no *sinthome*, que possa funcionar como um escudo, para impedir a invasão do Deus feminizado que tudo vê, invade e pune com suas palavras que vociferam. Torna-se importante lembrar Quinet, quando ele se refere às letras e às inscrições bordadas sobre o Manto e ao oco protetor que a peça representa para Bispo do Rosario:

⁴⁰⁸ LACAN, *O seminário, livro 22*: RSI, p. 24, lição do dia 21/01/1975. (Mimeografado).

⁴⁰⁹ No Salmo 91 da Bíblia Sagrada, aparece ainda a referência a anjos, que dão ordens a respeito da proteção do crente, e a solução da procrastinação da morte é também assegurada:

Sob a sombra do Altíssimo

O que habita no esconderijo do Altíssimo e descansa à sombra do Onipotente diz ao SENHOR:

Meu refúgio e meu baluarte, Deus meu, em quem confio.

Pois ele te livrará do laço do passarinho e da peste perniciososa.

Cobrir-te-á com as suas penas, e, sob suas asas, estarás seguro; a sua verdade é pavês e escudo.

Não te assustarás do terror noturno, nem da seta que voa de dia, nem da peste que se propaga nas trevas, nem da mortandade que assola ao meio-dia.

Caiam mil ao teu lado, e dez mil, à tua direita; tu não serás atingindo.

Somente com os teus olhos contemplarás verás o castigo dos ímpios.

Pois disseste: *O Senhor é o meu refúgio.*

Fizeste do Altíssimo a tua morada.

Nenhum mal te sucederá, praga nenhuma chegará à tua tenda.

Porque aos seus anjos dará ordens a teu respeito, para que te guardem em todos os teus caminhos.

Eles te sustentarão nas suas mãos, para que não tropeçares nalguma pedra.

Pisarás o leão e a áspide, calcarás aos pés o leãozinho e a serpente.

Porque a mim se apegou com amor, eu o livrarei; pô-lo-ei a salvo, porque conhece o meu nome.

Ele me invocará, e eu lhe responderei; na sua angústia eu estarei com ele, livrá-lo-ei e o glorificarei.

Saciá-lo-ei com longevidade e lhe mostrarei a minha salvação. (Grifos nossos, exceto o grifo do título e também o destaque usado na palavra SENHOR).

O “manto do reconhecimento” que Bispo preparou para o encontro com o Outro, é repleto de escrita e inscrições significantes bordadas. É o manto por meio do qual Deus o reconhecerá: ele corresponde, portanto, a um significante mestre que representa Bispo como sujeito para o Outro divino.⁴¹⁰ Assim paramentado pelo manto que é uma metonímia de sua obra, Bispo encontra um oco protetor constituindo um vazio onde instala seu ser como corpo.⁴¹¹

No mesmo sentido do envoltório que circunda o personagem Cloves, o Manto do Reconhecimento parece funcionar como uma proteção originária como o útero — ao permitir a construção de um novo ser, porém, numa união íntima com o interior do corpo da mãe —, e, ao mesmo tempo, ele representa a tentativa delirante da separação no Real da figura materna, o que não ocorreu pela *Verwerfung* de fato na construção subjetiva de Bispo do Rosario.

O tratamento especial dado por Bispo do Rosario ao Manto do Reconhecimento mostra que a peça, possivelmente, representa a essência de sua identificação imaginária no Real do seu corpo e da sua pele escura. Assim, o manto poderia revelar a tentativa delirante da construção no Real, pelas mãos de artífice de Bispo do Rosario, de um *ego ortopédico* como defesa frente à ação dos objetos-órgãos *a* — o olhar que tudo vigia e a voz que vocifera sempre cobrando e punindo o sujeito — na psicose. Lacan explicita algo que poderá sustentar a presente hipótese deste trabalho: “Em outras palavras, o que se deve dizer não é que os objetos são invasivos na psicose. O que constitui seu perigo para o eu? É a própria estrutura desses objetos, que os torna impróprios para a ‘egoização’.”⁴¹²

Segundo Freud: “O ego é, primeiro e acima de tudo, um ego corporal; não é simplesmente uma entidade de superfície, mas é, ele próprio, a projeção de uma superfície”⁴¹³. Freud acrescenta que, além da influência do sistema *Pcpt.* — percepto-consciência —, o próprio corpo de uma pessoa e, acima de tudo, a sua superfície, de onde podem originar-se sensações, tanto externas quanto internas, parecem desempenhar um papel importante na

⁴¹⁰ QUINET, *Teoria e Clínica da Psicose*, p. 230.

⁴¹¹ QUINET, *Teoria e Clínica da Psicose*, p. 231.

⁴¹² LACAN, *O seminário, livro 10: a angústia*, p. 134.

⁴¹³ FREUD, *O ego e o id*, p. 40.

formação do ego e na sua diferenciação a partir do id. Lembra, então, que o corpo, apesar de ser visto como qualquer objeto, por intermédio do tato, produz duas espécies de sensações, uma das quais pode ser equivalente a uma percepção interna. Em síntese, o ego deriva das sensações corporais, principalmente das que se originam da superfície do corpo. Ele poderá ser encarado como uma projeção mental da superfície do corpo, além de representar as superfícies do aparelho mental.⁴¹⁴

Ao tentar fazer uma articulação entre estas assertivas de Freud e o elaborado por Lacan na clínica dos nós e no estudo que fez de Joyce, mostrando que o escritor construiu um *ego consolidado* para a sua reparação *sinthomática*, torna-se importante lembrar que o Manto do Reconhecimento foi a única peça da qual Bispo do Rosario nunca se separou durante sua vida.

É presumível que a sua confecção tenha coincidido com o próprio início da obra de Bispo como *sinthome*, pelo fato de ser o Manto a peça que melhor representa Bispo, uma holófrase, numa situação limite, numa zona ambígua entre o Imaginário, o Real e o Simbólico. Sob o ponto de vista da segunda clínica lacaniana, o Manto do Reconhecimento seria uma peça destacável — *pièce détachée* —, representando o próprio Bispo do Rosario que busca, então, sobrestá-la, em substituição a si mesmo, na posição de *objeto-órgão a* do Outro divino e absoluto, como uma peça construída na conjunção de um S1 com o S2, desde que houve a *Verwerfung* de fato. Em conseqüência, a significação fálica estaria elidida e o Outro se apresentaria sem a barra, impedindo a instalação do discurso dialético orquestrado pela função paterna. Assim, o Manto do Reconhecimento representa o primeiro eu corpóreo, num monólito, bem como a síntese da sua missão de Redentor, conforme relatado pela escritura de Bispo na parte externa da peça, em consonância com o sentido delirante possivelmente deflagrado pela significação do seu patronímico “Bispo do Rosario”, como um rito de

⁴¹⁴ FREUD, *O ego e o id*, p. 39-40.

passagem, que culminaria na fabricação de um novo ser, a partir da sua condição de artista.⁴¹⁵ O auto-reconhecimento pelo nome próprio insere-se no contexto daquilo a que Lacan se refere como modos de designação do ser, quando o indivíduo se reconhece por meio da linguagem.

Lacan, em *O seminário, livro 23: Joyce, o sinthome*, diz que a pulsão é “o eco no corpo do fato de haver um dizer, [...]”⁴¹⁶ Ao fazer articular essa fala lacaniana, com o primeiro traço que vem do Outro, o S1, o traço unário, como a marca inicial sobre a qual o sujeito se constrói, torna-se possível indagar sobre a força dos patronímicos de Bispo do Rosario no engendramento da sua psicose. Assim, é possível perguntar se essa nomeação, ao representar a síntese de todas as propriedades e qualidades atribuídas a alguém, vindas do Outro, poderia ser considerada também como traço unário pelo seu sentido sustentado sobre o Real. Essa nomeação poderia confundir-se no grude do falso trevo da paranóia — o nó que representa a estrutura clínica de Bispo do Rosario —, conforme lembra Lacan —, quando “o Imaginário, o Simbólico e o Real são uma só e mesma consistência e é nisso que consiste a psicose paranóica.”⁴¹⁷

Nesse sentido, importa a lembrança de outra fala de Lacan:

Mas refiram-se a termos como os que Freud adiantou, concernindo ao que ele chama de identificação. [...] se há um Outro Real, não está senão no próprio nó e é por isso que não há Outro do Outro. [...] Identifiquem-se com o Simbólico do Outro Real, terão então essa identificação que especifiquei como *Einzigiger Zug*, como traço unário.⁴¹⁸

Em psicanálise, o conceito de identificação aborda tanto aspectos imaginários, relacionados às imagens que alguém possa fazer de si mesmo, como simbólicos, pelos quais o

⁴¹⁵ Cf. MANDIL, *Os efeitos da letra: Lacan leitor de Joyce*, p. 186.

⁴¹⁶ LACAN, *O seminário, livro 23: Joyce, o sinthome*, p. 12, lição do dia 18/11/1975. (Mimeografado).

⁴¹⁷ LACAN, *O seminário, livro 23: Joyce, o sinthome*, p. 49, lição do dia 16/12/1975. (Mimeografado).

⁴¹⁸ LACAN, *O seminário, livro 22: RSI*, p.53, lição do dia 18/03/1975. (Mimeografado).

sujeito encontra seus traços de identificação por meio inclusive do nome que o antecede e o ultrapassa, ou por aspectos dos pedaços do Real, das insígnias provenientes do Outro.⁴¹⁹

Pode-se pensar que o sentido do par parental místico “Bispo” e “do Rosario” é o de recobrir, a partir do seu processo de identificação delirante, a tentativa de circunscrição do gozo no Deus personificado na voz de *das Ding*. Bispo rejeita reiteradamente a possibilidade de ser filho de uma mulher negra e sexuada. À medida que sua metáfora delirante é estruturada, ele desconhece a sua origem terrena. Da mesma forma, desconheceu reiteradamente o fato de a estagiária de psicologia Rosangela Maria Magalhães Gomy ser casada e mãe de um filho. Para Bispo do Rosario, a figura feminina e a maternal serão sempre puras, virgens, com medidas perfeitas e, se possível, celestiais: “Sonhei que uma rainha caminhava linda e pura, pelo teto do meu quarto.”⁴²⁰ A implicância com as enfermeiras namoradeiras e não virgens da Clínica Amiu, em Botafogo, onde trabalhou, acabou por impedir Bispo do Rosario de lá permanecer, mesmo sendo um serviçal diligente, “um pau pra toda obra”, sem ordenado estipulado. Certo dia, muito incomodado com os modos das enfermeiras, Bispo se dirigiu ao médico Dr. Bonfim, um dos diretores da Clínica: “Mestre, quero ter uma conversa muito séria com o senhor. Essas mulheres têm de ser postas para fora daqui. [...] Minha mãe me disse que elas são umas perdidas, não podem pôr as mãos em crianças inocentes.”⁴²¹ O tumulto que Bispo do Rosario acabou criando fez com que fosse definitivamente removido para a Colônia Juliano Moreira, onde permaneceu até morrer. Nessa articulação de vários componentes que se sobredeterminam é possível, mais uma vez, o acercar-se da série etiológica não só em relação à estrutura clínica de Arthur Bispo do Rosario, como em relação à função do Manto do Reconhecimento no bojo da sua obra como *sinthome*.

⁴¹⁹ MANDIL, *Os efeitos da letra*: Lacan leitor de Joyce, p. 180.

⁴²⁰ Cf. HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 100.

⁴²¹ Cf. HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 80-1.

Segundo os depoimentos colhidos por Hidalgo, Bispo buscava manter-se à margem da sexualidade, à flor da pele dos internos de um manicômio. Toda a infância de Bispo do Rosario foi vivida num contexto de cultura eminentemente católica, na Missão Católica de Japarutuba, conforme o mesmo sintagma que aparece em um dos seus *panôs*. A repressão sexual é um dos dez mandamentos da conduta do católico: “Não pecar contra a castidade”.

O Manto do Reconhecimento, apesar de mostrar insígnias da Marinha e de outros momentos da vida de Bispo, apresenta substancial semelhança com o *paramento* usado por padres, bispos, cardeais ou, mesmo, pelo papa, como representantes de Jesus Cristo. Nas cerimônias da Igreja Católica Apostólica Romana a *pompa e a circunstância* imperam e se tornam propícias para a sustentação dos objetos pequenos *a* escópicos e invocantes, na psicose principalmente, porque os pequenos objetos *a* na psicose presentificam-se no Real ao não portarem o anteparo das amarras fálicas. A presença da autoridade máxima de Deus, no Imaginário religioso, é glorificada no ambiente das igrejas, geralmente rico, e cercado pelos hinos religiosos no momento em que ocorrem as cerimônias.

Mandil, ao se reportar a uma pergunta de Stephen, no capítulo nove de *Ulisses*: “O que há em um nome? Isso é o que nós nos perguntamos na infância quando escrevemos esse nome que nos ensinam ser o nosso”, explicita:

[O nome é] Uma distinção, uma marca, um emblema que nos é legado pela herança simbólica. Todavia [...] o fato de “ser ensinado” revela sua natureza exterior, ressaltando não apenas sua contingência, mas também seu caráter de ficção de linguagem. Nessa perspectiva, um nome pode tanto ser carregado como um bem, ostentado como algo precioso, quanto suportado como um fardo [...].⁴²²

Na formulação de Mandil, “o nome que lhe é próprio, é isso que ele valoriza em detrimento do pai. É a esse nome que ele quis que fosse rendida a homenagem que ele próprio recusou a quem quer que fosse.”⁴²³

⁴²² MANDIL, *Os efeitos da letra*: Lacan leitor de Joyce, p. 191.

⁴²³ LACAN, *O seminário, livro 23*: Joyce, o *sinthome*, p.127, lição do dia 10/02/1976. (Mimeografado).

No caso de Bispo do Rosario, seu nome deu significado à sua vida, tendo sido o seu bem mais precioso, ao levá-lo a se colocar como artífice de um novo mundo, numa mistura clara com Deus, o primeiro artífice na construção do Universo a partir do Verbo. Bispo, no entanto, em decorrência da *Verwerfung* de fato da função paterna, com implicações na sua capacidade de simbolização, usou as mãos de artífice na construção no Real de sua obra como *sinthome* e, assim, *realizou* o objeto *a* na conjunção dos dois significantes S1 e S2, a partir do S1 do seu patronímico, e confeccionou o Manto do Reconhecimento como um *ego ortopédico* em substituição ao que não foi possível de ser construído pela palavra paterna portadora do amor e da lei na efetividade da função paterna.

Como já vimos, no estudo que fez de Joyce, Lacan privilegiou a posição que a obra joyceana ocupou na vida do autor, ao ultrapassar o lugar do seu patronímico, pois, ao permitir-lhe a construção de seu próprio nome, por meio de um *ego* consolidado, Joyce tornou-se um escritor lido e discutido por muitas gerações de universitários: “quero que os universitários se ocupem de mim durante trezentos anos”.⁴²⁴

Deus é o primeiro artífice da cultura cristã.⁴²⁵ O lugar de Deus-artífice será inclusive o parâmetro que Bispo adotará na relação com sua obra bruta sem a significação fálica. Assim, no Manto do Reconhecimento se encontra explicitada a missão de Arthur Bispo do Rosario, como Filho de Deus. Nesse sentido, Quinet descreve com minúcias as inscrições do Manto do Reconhecimento:

Na frente do manto do reconhecimento vê-se delimitado um plastrão com inscrições que poderiam ser lidas como se lê um rébus ou carta enigmática a partir do seu delírio. Na parte superior temos FIO HOM ♥ UNIVERSO, que arriscamos ler: *Bispo, que se diz Jesus Cristo, o filho de homem ama o universo ou Bispo tem no coração o universo*. Trata-se de Bispo se apresentando ao outro para ser reconhecido. Logo abaixo se lê, repartido em três colunas: na coluna do meio há uma balança com a inscrição PAI acima dela; e, na coluna da direita, CRIAD e TREVAS. Em suma, de um lado da balança temos a voz que lhe

⁴²⁴ Cf. LACAN, *O seminário, livro 23: Joyce, o sinthome*, p. 9, lição do dia 18/11/1975. (Mimeografado).

⁴²⁵ MANDIL, *Os efeitos da letra: Lacan leitor de Joyce*, p. 112.

ordena criar, a voz de Deus, e o céu, e, do outro lado, o que é criado e as trevas. No meio está o Pai, aquele que pesa a balança. Quem julga, portanto, é o Pai. A balança parece pesar do lado da voz e do céu, pois, as letras que compõem a palavra TREVAS estão desordenadas e parecem cair. E na terceira linha, logo abaixo da balança, está escrito: EM MEU NOM. O que nos permite compor a frase: *o Pai pesa na balança o céu e as trevas em meu nome*, ou ainda, *o Pai julga em meu nome*.⁴²⁶

Para corroborar a hipótese de trabalho de ser o Manto do Reconhecimento a construção mais adequada à representação do *ego* de Bispo do Rosario no Real, toma-se aqui emprestada a formulação de Lacan em *O seminário, livro 22*: RSI, sobre a origem do eu:

É no saco do corpo que se encontra figurado o eu, o que, aliás, o induz a especificar esse eu, alguma coisa que faria buraco aí, por deixar entrar o mundo por aí, por necessitar que esse saco fosse, de alguma forma fechado pela percepção; é enquanto tal que Freud não designa mas trai não ser o eu mais do que buraco.⁴²⁷

O *ego* é antes de tudo falacioso e, em Bispo, era algo que transcendia ao eu de um simples mortal. Seu *ego ortopédico idéico realizado*, em metonímia, só poderia ser um *Manto do Reconhecimento*, constantemente trabalhado e retrabalhado, ao representar a sua posição de *ser* privilegiado na sua mistura com Deus, com *das Ding*. As palavras de Hidalgo, na pesquisa realizada e relatada sobre a vida de Bispo, confirmam a sua onipotência:

Rosângela ouviu de Bispo o emaranhado de elucubrações místicas sobre a obra. Ele lhe contou que era um enviado de Deus, que deveria reconstruir o mundo em miniatura para apresentar no dia do Juízo Final. Chegou a descrever a visão dos anjos encomendando-lhe a missão. [...] Para a querida psicóloga, Arthur Bispo do Rosario traçou o perfil de onipotente. Ele era bom em tudo. Era Cristo, o melhor dos pugilistas da Marinha, o *xerife* do pavilhão. Um ser especial.⁴²⁸

Na elaboração da topologia borromeana, a partir do *O seminário 22* e do *O seminário 23*, torna-se necessário lembrar que a definição de *ego* proposta por Lacan é sobre a construção de uma idéia. Essa construção “idéica” encontra um lugar privilegiado, além da

⁴²⁶ QUINET, *Teoria e Clínica da Psicose*, p. 230.

⁴²⁷ LACAN, *O seminário, livro 22*: RSI, p. 12, lição do dia 17/12/1974. (Mimeografado).

⁴²⁸ HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 161.

imagem especular, no sentido construído e produzido pela articulação do Imaginário com o Simbólico, enodados sobre o Real do nó. Essa articulação entre os registros é, assim, estendida ao Real do corpo, conforme o que se encontra trabalhado em *O seminário 24*, quando o corpo é a estrutura como primazia que se funda sobre a verdade do espaço.⁴²⁹

Ao se tentar aproximar das indicações de Lacan, a particularidade do *ego* construído reside na sua aptidão para ser uma *função reparadora* para o psicótico. À diferença do eu, preconizado como a instância psíquica da segunda tópica freudiana, o *ego* talvez possa manter juntas as consistências precisamente em razão do seu caráter idéico, mesmo que delirante. Como no caso de Bispo os anéis não se separaram e formaram o grude imaginário prevalente na solução reparadora da esquizofrenia-paranóide, em decorrência da fragmentação interna do auto-erotismo, a força de reparação do *ego* segue o mesmo raciocínio de invólucro que sustenta e unifica a fragmentação de forma ortopédica. Lacan lembra que essa consistência reside apenas no fato de se poder fazer um nó dos três registros, com ou sem suplência. Lacan é claro ao dizer que o efeito de sentido depende do nó como um todo. As afirmações lacanianas permitem entender que o Imaginário está relacionado primordialmente com os objetos *a* como consistência corporal, que também se articulam ao espelho, como o resto da sonoridade da voz do pai de Joyce, como objeto *a* invocante, que permaneceu no rastro de uma *père version* no *corpus textual* da obra e na construção do seu *ego* consolidado.

O gozo em Bispo incide diretamente no seu corpo, tanto a partir das ordens verbais, *objeto órgão invocante*, como dos olhares que o vigiam e o punem, quando o olhar se torna *objeto órgão escópico*, aos quais, ele responde, não só com o cuidado com a obra como *sinthome*, mas com a manutenção do corpo sempre limpo, pelo uso de uma toalha molhada, e constantemente hidratado com óleo, e pelo delírio do esplendor de luz que emana da superfície da pele e do seu corpo: “Eu tenho uma ação brilhosa, de um metro e meio, que eu já

⁴²⁹ LACAN, *seminário, livro 24*: L’insu que sait de l’une bévue s’aile à mourre, p. 38-40, lição do dia 21/12/1977. (Mimeografado).

tive umas duas ou três vezes transformando. E fico assim de ouro, prata e brilhante, assim no comprido, na cabeça.”⁴³⁰

Se é a consistência imaginária o que se fabrica e o que se inventa,⁴³¹ que, então, torna-se o Real, o Manto do Reconhecimento é, em metonímia, um *ego* ortopédico *idéico* inventado e fabricado por Bispo do Rosario, como projeção da superfície e representante do seu ser de corpo, como o diz explicitamente Freud. Ele representa a tentativa de uma construção subjetiva delirante possível, em decorrência da forclusão primordial. É por isto que Bispo utiliza um pedaço do Real, um pedaço de tecido da cor marrom-avermelhada semelhante à cor da sua pele, para se representar.

O Manto do Reconhecimento representa, no Real, a superfície de um *tecido marrom-avermelhado*, segundo a reprodução imaginária delirante de Bispo, em *metonímia*, do *saco de pele marrom-avermelhado do seu epitélio*, no qual permanecem as marcas mnêmicas como traços cutâneos de um verdadeiro palimpsesto.⁴³²



Bispo do Rosario bordou sobre o Manto do Reconhecimento parte das inscrições que marcaram a sua pele e se presentificaram durante toda a sua vida, quando a peça foi

⁴³⁰ HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 133-143.

⁴³¹ LACAN, *O seminário, livro 22: RSI*, p. 30, lição do dia 11/02/1975. (Mimeografado).

⁴³² ANZIEU, *O Eu-pele*, p. 138.

trabalhada como um canteiro de tatuagens, insígnias e signos desenhados sobre uma segunda pele. No Manto do Reconhecimento há a representação de objetos do cotidiano e de alguns que se referem à sua infância e à sua vida, de maneira geral. Segundo a descrição de Quinet,

No lado externo, esse manto de fundo marrom-avermelhado é repleto de galões, cordas e fitas que, com o colorido de suas inscrições (em amarelo, branco, vermelho e azul), lhe conferem um aspecto festivo e alegre. Podem-se ver nessa face externa muitos números, em algarismos tanto arábicos quanto romanos, insígnias e bandeiras da marinha assim como a representação de inúmeros objetos: pá, cadeira, barco, dado, dominó, ancinho, carrinho de bebê, carrinho de supermercado, bolsa, colher, bicicleta, sofá, mesa de sinuca, piano de cauda, mesa de pingue-pongue, gramofone, globo terrestre, cavalinho de pau, rede de pescador, cadeado, pipa, fogão, pião, uma longa estrada de ferro, uma enorme roda dos ventos etc.⁴³³

Ao se tomar emprestada a linguagem lacaniana de *Lituraterra*, poder-se-ia dizer que os bordados funcionariam como verdadeiras letras, lituras, sulcos e rasuras de traço, porém, colocados como no litoral postado entre dois campos estrangeiros a ponto de não serem recíprocos. No caso de Bispo, parece haver um furo entre letras e significantes, onde perpassa o gozo, mas, nessa passagem o Simbólico se *realiza*, pois o litoral *une* coisas heterogêneas e ambos permanecem incrustados no Imaginário, na mistura da sua obra como *sinthome*.

Entre os vários usos que Bispo deu ao Manto do Reconhecimento, cabe ressaltar a sua intenção de usá-lo na representação da peça de *Romeu e Julieta*. Para atender a esta finalidade, o Manto do Reconhecimento foi colocado — junto à camisola que Rosangela deveria usar —, sobre a cama preparada de maneira especial, na ocasião, para a representação da peça do encontro amoroso com a estagiária, que o assistiu num atendimento psicológico que durou dois anos. Lacan, em *O seminário, livro 23: Joyce, o sinthome*, esclarece:

[...] o que está indicado, figurado, é a relação do Simbólico com o Real, porquanto que dela sai o gozo dito do falo, que não é certamente, em si mesmo, o gozo como tal peniano, mas que, se considerarmos o que advém do ponto de vista do Imaginário, quer dizer, do gozo do duplo, da imagem especular, do gozo

⁴³³ QUINET, *Teoria e Clínica da Psicose*, p. 230.

do corpo enquanto [como] que Imaginário, ele é o suporte de certo número de hiências, e que ele constitui propriamente os diferentes objetos que o ocupam.⁴³⁴

Como a estagiária não se prestou a tal encenação, Bispo descartou este intento inicial.

É importante ressaltar que o Manto do Reconhecimento, ao representar o próprio Bispo do Rosario — S1/S2, na posição no Real de um *ego* ortopédico construído, deveria participar do encontro amoroso, já que ele é impossível. E o Manto do Reconhecimento foi fabricado a partir daquilo que Lacan descreve como a verdade do espaço que é aquela do corpo⁴³⁵, da mesma forma como o é fabricado o *ego* inicial alicerçado na verdade do Real da pele e do corpo. No encontro com Rosângela Maria, a amante para sempre virgem, o *contato sexual* deveria mesmo ser é com o *ego* narcísico delirante de Bispo do Rosario, em metonímia, como seu pavês e envelope narcísico, o Manto do Reconhecimento, o representante mais próximo do próprio Bispo do Rosario, pois ele se presta a ser “o seu *ego* como corretor dessa relação faltante, disso que não se enodoa borromeamente àquilo que faz nó de Real e de Inconsciente, como no caso de Joyce.”⁴³⁶

É apenas na morte que Bispo irá encontrar-se com A Mulher, com Deus, segundo Lacan. Por isso a sua escolha para a representação da peça *Romeu e Julieta*, na qual Shakespeare tece também, em linguagem *poética*, o desencontro amoroso, como Lacan o explicita no *O seminário 20*: “Do parceiro, o amor só pode realizar o que chamei, por uma espécie de poesia, para me fazer entender, a coragem, em vista desse destino fatal.”⁴³⁷

O leito nupcial, para a encenação da peça *Romeu e Julieta*, de Bispo do Rosario e Rosângela Maria, cujos significantes dos nomes também remetem à Igreja Católica, anjo e Virgem Maria, é transformado em *cama-nave*, após a partida da Rosângela, para levar Bispo

⁴³⁴ LACAN, *O seminário, livro 23*: Joyce, o *sinthome*, p. 51, lição do dia 16/12/1975. (Mimeografado).

⁴³⁵ LACAN, *O seminário, livro 24*: L’insu que sait de l’une bève s’aile à mourre, p. 38, lição do dia 21/12/1977. (Mimeografado).

⁴³⁶ LACAN, *O seminário, livro 23*: Joyce, o *sinthome*, p. 210, lição do dia 11/05/1976. (Mimeografado).

⁴³⁷ LACAN, *O seminário, livro 20*: mais ainda, p. 197.

do Rosario na *passagem* para o além, devidamente paramentado com o Manto do Reconhecimento.⁴³⁸ Ao lado da cama nupcial, que se transformou em *cama-nave* para a morte, foi colocado um baú de roupas íntimas femininas, num novo empuxo-à-mulher reduplicado pelo oco do baú — continente e conteúdo do feminino.

Bispo do Rosario não vestiu simplesmente o seu sintoma, porém, tentou auto-engendrar-se, a partir do seu próprio sintoma, numa posição *essencialmente ativa*, como lembra Pommier,⁴³⁹ mesmo que tenha sido de forma delirante. Também buscou construir o seu “aspecto masculino”, e não manifestar uma transexualidade tão evidente quanto à manifestada por Schreber. No caso de Bispo, o empuxo-à-mulher apenas lembra aquele que leva Schreber a se postar como A Mulher de Deus, em pessoa, e, ataviado no dorso nu, apresentar-se no altar do *Deus obscuro*, quando há busca do testemunho da presença do *Desejo do Outro* no objeto de desejo.⁴⁴⁰

Segundo Quinet, o empuxo-à-mulher na transexualidade de Bispo, situa-se do lado do Outro, do locutor-guia que lhe ordena fazer as peças para que lhe sejam mostradas no dia do Juízo Final, e do lado do mundo por intermédio das *misses* todas virgens. A sua arte é virgem, fora da norma fálica: “Venham as virgens em cardumes...”⁴⁴¹ segundo as palavras de Bispo cravadas em bordados, em um de seus *panôs*.

Em relação à Rosângela Maria, A Mulher/Deus, Bispo do Rosario se expressou: “Você deve ter mãe e pai. Você deve ter outras pessoas. Mas marido e filho eu sei que você não tem porque você é virgem.”⁴⁴²

Bispo do Rosario precisa construir o Manto do Reconhecimento para se unificar na sua fragmentação e se proteger, já que seu corpo é seu próprio anteparo. Conforme o relato de

⁴³⁸ Cf. HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 185.

⁴³⁹ POMMIER, *O desenlace de uma análise*, p. 195.

⁴⁴⁰ LACAN, *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, p. 259.

⁴⁴¹ QUINET, *Teoria e Clínica da Psicose*, p. 236.

⁴⁴² Cf. HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 163.

Bispo: “Os doentes mentais são como beija-flores: nunca pousam, ficam a dois metros do chão.”⁴⁴³ Além da desestabilização das vivências do despedaçamento e da queda na esquizofrenia, pode-se considerar ainda a onipotência do Outro visível na paranóia, a partir da permanência do supereu obscuro e feroz das origens do sujeito psíquico. Nesse sentido, assim se expressa Bispo do Rosario: “Se eu desobedecer, me pega, me enrola lá em cima, em sonho assim, eu caio no chão, ele me suspende, eu fico descontrolado, eu vou ficando torto, qualquer coisa me pega em sonho e faz de bola, bola, bola...”⁴⁴⁴ Em consonância com essas afirmações, Quinet afirma: “Não é por prazer, nem em busca de um suposto reconhecimento como artista, que Bispo faz as peças que serão admiradas no mundo inteiro. É por obediência às vozes e pelas conseqüências que poderia acarretar se ele a elas desobedecesse [...]”⁴⁴⁵

Bispo do Rosario conseguiu, em suplência à função paterna claudicante, esvaziar o gozo de *das Ding*, compulsivamente, na realização como artífice das suas séries infundáveis, e no rastro do seu destino de gozo, fabricar e vestir o Manto do Reconhecimento como um envoltório defensivo e como o principal representante de si, um *ego* fabricado como *sinthome*, no Real. Dessa maneira, passou a participar de forma ativa do gozo, agora atenuado e temperado diante do reconhecimento desse Outro não barrado, ao tornar-se o próprio dar-se a ver num objeto escópico fulgurante. Bispo minimiza o poder do Outro, constrói a sua identidade e usa o Manto narcisicamente como um pavês. Segundo o seu delírio místico, no rastro da história da Paixão e da Redenção dos homens e das mulheres de boa vontade, cujos nomes ele guardou no seu coração e bordou carinhosamente no interior do seu *ego pele-corpo ortopédico*, ele também busca salvá-los. No mesmo sentido, Quinet ressalta ainda que:

Há uma diferença fundamental entre o artista da arte cultural regida pelo Nome-do-Pai que utiliza o simbólico para visar a acercar-se da Coisa e o artista da arte virgem ou bruta. Este utiliza o simbólico, a

⁴⁴³ Cf. HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 44.

⁴⁴⁴ Cf. HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 140.

⁴⁴⁵ QUINET, *Teoria e Clínica da Psicose*, p. 229.

partir de seu sintoma, para domesticar o gozo da Coisa e tentar cavar aí um furo no lugar da falta, em que possa alojar seu ser.⁴⁴⁶

Por meio dele, Bispo tenta se construir como sujeito numa unificação, mesmo que precária, tentando *paramentar-se* e proteger-se, ao estabelecer um possível laço com o Outro — não um laço social, e sim um laço propício à circunscrição do gozo no Outro, na busca de participar de algum grau da fruição do gozo no *altar do sacrifício* —, ao se colocar dentro de um pavês de beleza sedutora, numa arte bruta, e exibir-se diante do gume mortífero do espelho de *das Ding*, tal como fez Schreber. Ao ratificar a veracidade desta hipótese, lembramos mais uma vez que os nomes de todas as pessoas que lhe são caras estão bordados apenas no interior do Manto do Reconhecimento, num resguardo *preciso e precioso*. Segundo Quinet: “Do lado interno, o manto é coberto por nomes de pessoas que conheceu e queria levar consigo para apresentar ao Outro, como sendo o seu povo. São as pessoas escolhidas por ele para constituírem, na vida após a passagem, um novo mundo, em uma nova Terra.”⁴⁴⁷

É interessante notar que Bispo do Rosario é o próprio dar-se a ver, mas, ao mesmo tempo se resguarda desse dar-se a ver, numa posição essencialmente feminina.

No caso de Bispo, ele se exhibe para *das Ding* na construção de um Manto do Reconhecimento trabalhado e retrabalhado que o recobre — numa percepção de um *si mesmo*, em metonímia a um *ego* corpóreo narcísico —, colocado sobre sua pele *brilhosa* pela hidratação com óleo, mas se resguarda, ao mesmo tempo, do objeto *a* escópico do Outro invasor, para o qual se exhibe. É um constante se exhibir e se esconder, conforme explicita Riviere em *A feminilidade como máscara*.⁴⁴⁸ É mais uma constatação do empuxo-à-mulher em Bispo do Rosario, num disfarce construído no Real, pelas suas mãos de artífice, na peça

⁴⁴⁶ QUINET, *Teoria e Clínica da Psicose*, p. 229.

⁴⁴⁷ QUINET, *Teoria e Clínica da Psicose*, p. 230.

⁴⁴⁸ RIVIERE, *A feminilidade como máscara*, *PSYCHÉ*, IX (16): 22.

que o representa para o seu Deus e, ao mesmo tempo, o protege de qualquer tipo de invasão, a ele e às pessoas que guardou no coração e no interior do Manto do Reconhecimento.

Em termos teórico-clínicos, após a construção da metáfora delirante mística que forneceu a substância necessária ao seu posicionamento como sujeito vinculado a uma história, Bispo do Rosario pôde construir/inventar um *ego idéico ortopédico*, patognomônico da psicose, na busca da construção subjetiva delirante. Por meio do Manto do Reconhecimento, Bispo do Rosario conseguiu — junto a todo o corpo da sua obra como *sinthome* —, um laço com o Outro, embora ele, não tenha visado o endereçamento ao Outro da cultura e sim ao tratamento do gozo do Outro divino para enquadrá-lo e atenuá-lo ⁴⁴⁹ e dele participar de algum grau de fruição possível.

Nesse sentido, o Manto do Reconhecimento ultrapassa a posição proposta por Quinet como uma *peça do enxoval* de Arthur Bispo do Rosario, “esse manto do reconhecimento faz parte do “enxoval” que Bispo preparou para, um dia, deparar-se com esse Outro que, através das vozes, não cessa de lhe dizer para trabalhar e recompor o mundo nas miniaturas de seus objetos.” ⁴⁵⁰

Ao buscar material na topologia do último ensino de Lacan, vê-se como foi complementado o nó, e o modo como ele esboça uma representação da estrutura clínica de Arthur Bispo do Rosario, cerceado pelos objetos órgãos *a*. Torna-se importante lembrar, mais uma vez, que a representação de uma determinada estrutura clínica não é unívoca. No presente caso, representa apenas um primeiro esboço, que poderá ser modificado a partir de novas pesquisas.

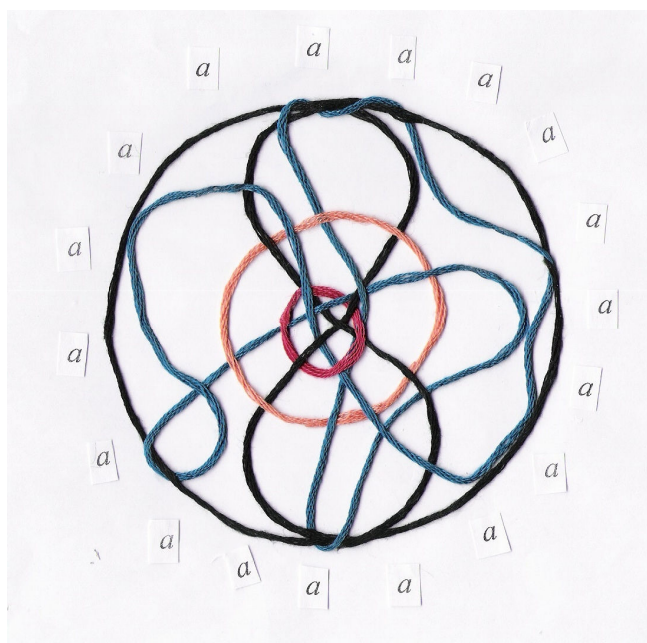
No centro da representação, encontra-se a cor vermelha representando o Manto do Reconhecimento como um verdadeiro *ego ortopédico*. Torna-se perceptível a sua posição de elemento central e unificador. Ele se posta intercalando-se ao nó rosa, que representa a obra

⁴⁴⁹ QUINET, *Teoria e Clínica da Psicose*, p. 234-5.

⁴⁵⁰ QUINET, *Teoria e Clínica da Psicose*, p. 231.

como *sinthome*, e também é tocado pela cor azul, que simboliza a metáfora delirante mística da qual Arthur Bispo do Rosario retira a substância para a sua construção de artífice. O anel vermelho na posição do Manto do Reconhecimento faz suplência unindo o centro do oito circundado, equivalente ao falso trevo que representa a estrutura do grude da paranóia.⁴⁵¹

A metáfora delirante de Arthur Bispo do Rosario, a obra como *sinthome* e o Manto do Reconhecimento representam tentativas da sua construção subjetiva e, nesse sentido, a busca compulsiva de um esboço dos registros RSI, embora o faça de forma precária. Podem-se aproximar os dois círculos que fazem o oito do registro Simbólico e do registro Real como dois territórios estrangeiros que se colocam dos dois lados de um mesmo litoral, e o círculo maior externo o grude do Imaginário que abarca o esboço dos registros Real e Simbólico. Quanto maior a desestabilização, maior a necessidade de elementos que sirvam como suplência. A estrutura circular do nó da paranóia encontra uma sustentação precária, no seu exterior, na contenção efetuada pelo cordão azul representativo da metáfora delirante mística. Durante a vida de Arthur Bispo do Rosario aconteceram vários surtos e neles o delírio místico ainda se fez presente.



⁴⁵¹ Cf. a equivalência explicitada na p. 109 desta dissertação entre o oito circundado e o falso trevo da paranóia.

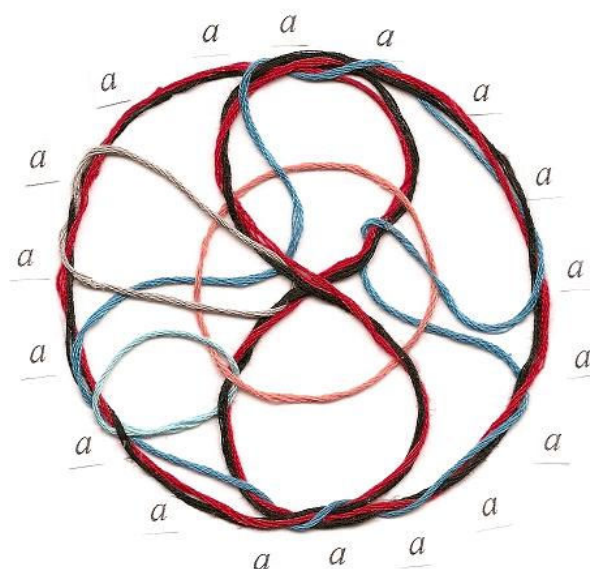
“Bispo veste seu sintoma para fazer sua passagem pela Terra.”, afirmou A. Quinet.⁴⁵² O posicionamento adotado neste trabalho de pesquisa acompanha o de Quinet apenas quando ele se refere à possibilidade de Bispo vestir o sintoma puro da psicose. “Ninguém é louco porque quer”, já o dizia Jacques Lacan. Na construção do sintoma contingente da metáfora delirante mística, de acordo com a singularidade da sua história de vida e na busca da sua sustentação subjetiva, Arthur Bispo do Rosario retirou, no entanto, de forma ativa, a substância necessária do seu sintoma puro — a sua psicose. Com esses significantes construiu um sintoma contingente, segundo a sua psicose — o delírio místico de redenção — e, na sua construção subjetiva, afunilando cada vez mais a sua singularidade, numa outra lógica pela ruptura da cena *sinthomática* a partir do seu sintoma puro, no rastro de uma *nominação para*, construiu uma obra com cerca de quase mil peças, e no centro dela, ou *a partir dela*, o seu *ego ortopédico unificador* no *saber inventado* psicótico no Real — o Manto do Reconhecimento, como um *ego ortopédico* na posição de *sinthome* em suplência. Bispo mostra-se ainda fixado à primazia da estrutura do corpo na sua obra como *sinthome realizado*. É por isso que, em não havendo distinção dos registros RSI no falso trevo da psicose paranóica, é o mesmo cordão que dá voltas.

Segundo o último ensino de Lacan, pode-se ainda perguntar se o Manto do Reconhecimento do artista brasileiro da arte bruta, Arthur Bispo do Rosario, não é o exemplo *par excellence* no Real do *savoir faire avec le sinthome*, na construção possível de um *ego* arcaico *realizado* e unificador que se confunde com a própria solução do nó do falso trevo da paranóia. Esta foi a proposta fundada por Lacan no *O seminário, livro 23: Joyce, o sinthome*, na lição do dia 16/12/1975. Assim, segundo as palavras de Lacan, “Enquanto que um sujeito enodoa, a três, o Imaginário, o Simbólico e o Real, ele não é suportado senão pela sua

⁴⁵² QUINET, *Teoria e Clínica da Psicose*, p. 237.

continuidade. O Imaginário, o Simbólico e o Real são uma só e mesma consistência e é nisso que consiste a psicose paranóica.”⁴⁵³

Para Skriabine,⁴⁵⁴ a suplência na paranóia seria também a solução da sutura ou da continuidade, que, a nosso ver, é aquela representada pelo Manto do Reconhecimento. Assim, outra configuração topológica que também poderia representar a estrutura clínica de Arthur Bispo do Rosario, a partir ainda da união das figuras 57 e 61, do *Seminário 23*, equivalentes ao falso trevo da paranóia,⁴⁵⁵ com as demais suplências mostradas por Bispo, poderia mostrar a seguinte configuração:



O vermelho, representando o Manto do Reconhecimento, acompanha o movimento do oito circundado pelo anel exterior, em equivalência ao falso trevo da paranóia. Parte do Manto do Reconhecimento está inserida dentro da representação da obra como *sinthome* na cor rosa e grande parte do Manto extrapola a obra como *sinthome*, ao se postar como um *ego ortopédico realizado* e um pavês que impede a invasão dos objetos órgãos *a* escópicos e invocantes. As demais suplências também estão representadas: a função de *faxina*, que permitiu a Bispo um significativo laço social no manicômio, representada na cor cinza, liga-se

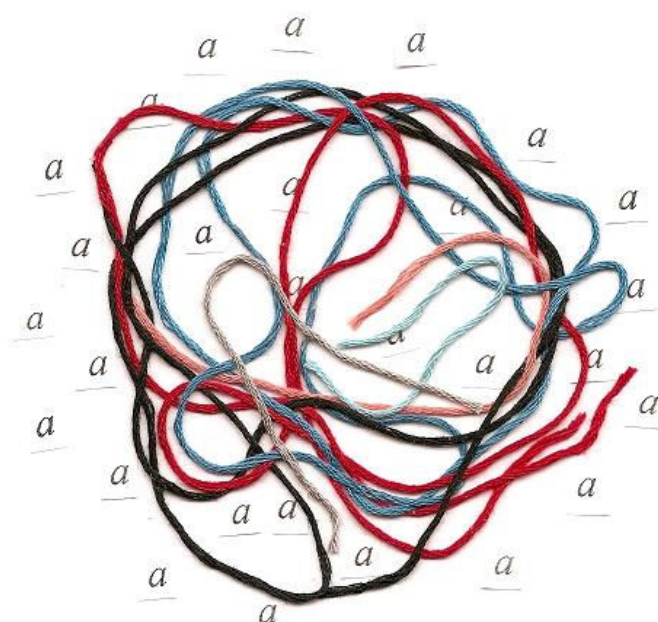
⁴⁵³ LACAN. *O seminário, livro 23*: Joyce, o *sinthome*, p. 49, lição do dia 16/12/1975. (Mimeografado).

⁴⁵⁴ SKRIABINE, La clínica del nudo borromeo, *Estudios Psicoanalíticos - Locura: clínica y suplencia*, (2): 91.

⁴⁵⁵ Cf. p. 109 desta dissertação.

apenas à representação da estrutura equivalente ao falso trevo (parte interior e exterior da cor negra). O jogo de xadrez, que compõe a série dos objetos revestidos de fio azul – ORFA, na cor azul claro, liga-se à obra como *sinthome* e à estrutura externa do falso trevo, tendo permitido a Bispo o estabelecimento de um laço social.

Durante o surto psicótico, mantém-se o delírio místico, representado pelo enovelado azul misturado às linhas dos anéis das suplências que, então, se desfizeram frente à força do gozo invasivo do Outro primordial, com quem Bispo se mistura. Nesse sentido, os objetos órgãos *a* se mostram no interior da nebulosa decorrente do desenodoamento. O Manto do Reconhecimento, como seu *ego construído* no Real, já não consegue exercer a função de um pavês. É quando Bispo pedia a sua contenção pelas paredes do quarto-forte: “Me prende porque eu estou me transformando em rei. Me prende que eu vou entrar em guerra.[...] Eu sou o rei dos reis”⁴⁵⁶



É possível entender que mesmo o sintoma contingente da psicose, consubstanciado na metáfora delirante, envolve a atividade do sujeito na construção de “uma imagem que sirva de envoltório e que possa veicular o gozo e produzir um relativo efeito de estabilização e

⁴⁵⁶ Cf. HIDALGO, *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*, p. 25.

apaziguamento, ao ocupar o lugar do significante fálico elidido”, conforme nos brinda a epígrafe da psicanalista Carmen Gallano utilizada na entrada do capítulo que deu nome à presente dissertação de mestrado. Assim, o psicótico termina por construir a posição sintomática que lhe permite certo alento no cerceamento do gozo, enquanto o neurótico sente o sintoma como um corpo estranho. Essa é a razão que leva o neurótico a buscar uma psicanálise, quando o sintoma, ao consubstanciar o desejo incestuoso indestrutível e a sua interdição pela lei paterna, acaba por incomodá-lo e por causar-lhe um sofrimento desconhecido, em decorrência do recalçamento. Na psicose, o gozo encontra-se inteiramente no campo do Outro absoluto que, sem nenhum limite, invade, assola, e coloca o sujeito como um *agnus dei* no altar do sacrifício. Há que se construir pavês, como Arthur Bispo do Rosario o fez na tentativa de construção de uma vida digna de ser vivida. Nesse sentido, Bispo do Rosario também forneceu elementos para mostrar o valor da teoria e da clínica psicanalíticas e a importância de se debruçar sobre a sua *práxis* na tentativa de aplicação das devidas construções teórico-clínicas no atendimento a determinado sujeito, desde que observado o diagnóstico como balizamento para os procedimentos pertinentes a cada estrutura clínica.

Considerações finais

“Pensar a loucura” obriga a verificar até que ponto a psicanálise, sua prática e sua formulação teórica se constituem em um pensamento capaz de alcançar à subjetividade contemporânea em seu ser.

Jorge Alemán e Francisco Pereña, Presentación. In: *Locura: clínica y suplencia*, p. 10.

Cada época define de uma forma singular a loucura que a atravessa. Na Idade Média, a loucura entrava em cena sob uma vestimenta demoníaca, quando, em contrapartida, o aceitável socialmente era o êxtase místico dos religiosos, no qual, era sempre o feminino da alma — nos santos e nas santas — que se elevava a Deus, em confissões manifestas de um gozo indescritível, alicerçado num vazio central do ser.

Com o avanço do conhecimento científico, permanece a unilateralidade da visão da doença, muitas vezes com um cunho essencialmente somático, no uso indiscriminado de medicação, segundo o posicionamento de se colocar fora do psiquismo a origem de grande parte das doenças psíquicas. Os medicamentos, ao atuarem sobre o corpo, minimizam a avalanche do gozo, mas não fazem surgir o sujeito e não modificam a sua relação com o Outro. A construção do sujeito é precisamente o que busca o psicanalista que atende o psicótico: “Ao falar de sua história o sujeito se faz protagonista de sua relação com o Outro e terá a chance de articular o atual com o passado, presentificando na fala as cenas de fixação de seu gozo onde se condensa seu sintoma.”⁴⁵⁷

Ribeiro sustenta que a Reforma Psiquiátrica no Brasil tenta colocar em questão essa verdade tão aparentemente absoluta da loucura como doença. Isso implica “a sustentação da idéia de que há uma pessoa a ser tratada e não uma doença, ou seja, em uma mudança de foco. O paciente pode ser considerado como protagonista de seu tratamento, que é pessoal, particular e intransferível.”⁴⁵⁸ Nesse sentido, lembra que existem pontos de consonância e proximidade entre a Reforma Psiquiátrica e a psicanálise, pois:

[...] ambas partem do pressuposto ético de que o louco é um indivíduo com voz, capaz de dizer sobre si mesmo, de produzir “obra”, e sua loucura, portanto, não é doença a ser tratada, e conseqüentemente curada, mas uma produção plena de sentidos que deve ganhar, no âmbito do sujeito, lugar de existência

⁴⁵⁷ QUINET, *Teoria e Clínica da Psicose*, p. IX.

⁴⁵⁸ RIBEIRO, O lugar do psicanalista em uma clínica das psicoses: algumas reflexões, *PSYCHÊ*, IX (16): 169.

subjetiva e territorial, contorno, amarrações que viabilizem uma localização — inscrição — desse ser no mundo em que vive.⁴⁵⁹

Torna-se relevante retornar à questão de Arthur Bispo do Rosario e à necessidade pessoal da criação da sua obra como *sinthome* e nela a *realização* do seu *ego ortopédico*, em função de suplência. O estudo do seu caso revela, de forma paradigmática, a necessidade vital da construção subjetiva de um psicótico, como um mecanismo de estabilização, ainda que precário, para a manutenção da vida, sobretudo em condições tão adversas como aquelas vivenciadas na Colônia Juliano Moreira. Em primeiro lugar, há a estruturação de um sintoma contingente na metáfora delirante de redenção, na “forma de criação de um lugar de existência, de uma versão de si e de sua história.”⁴⁶⁰ Em seguida, por meio de recursos nem sempre facilmente disponíveis, o próprio Bispo precisou inventar, segundo as diretrizes fornecidas pelo delírio místico, no rastro de sua psicose, o material para a obra que deu sentido à sua vida. Quando necessário, desfiou seu próprio uniforme azul, para bordar e revestir objetos que compuseram parte das séries necessárias à construção de um novo mundo, delirantemente perfeito. Nesse sentido, torna-se importante ressaltar que Bispo do Rosario conseguiu, nesse movimento, ao criar sua obra como *sinthome*, com seus próprios recursos, o que o processo psicanalítico se propõe alcançar no atendimento a psicóticos: a reconstrução de uma nova posição que dê sentido e valor à vida. Esta é a posição a ser assumida por um psicanalista que, na esteira da fala de Freud, deverá manter-se ao lado do sujeito, num acolhimento respeitoso e ético, ao permitir-lhe transformar a realidade que ele recusou peremptoriamente com,

[...] os precipitados psíquicos das antigas relações com ela — isto é, sobre os traços de memória, as idéias e os julgamentos anteriormente derivados da realidade e através dos quais a realidade foi representada na mente. Essa relação, porém, jamais foi uma relação fechada; era continuamente enriquecida e alterada por novas percepções. Assim, a psicose também depara com a tarefa de conseguir para si própria as

⁴⁵⁹ RIBEIRO, O lugar do psicanalista em uma clínica das psicoses: algumas reflexões, *PSYCHÊ*, IX (16): 170.

⁴⁶⁰ RIBEIRO, O lugar do psicanalista em uma clínica das psicoses: algumas reflexões, *PSYCHÊ*, IX (16): 171.

percepções de um tipo que corresponda à nova realidade, e isso muito radicalmente se efetua mediante a alucinação.⁴⁶¹

Ribeiro afirma, então, que múltiplos recursos de tratamento terão que ser disponibilizados nas instituições, para que um paciente possa criar o seu percurso particular, no qual construirá condições de maior autonomia. “Tal postura aproxima-se do que se encontra em um enfoque analítico a respeito do humano, e conseqüentemente a respeito da loucura.”⁴⁶²

Nesse sentido, a psicanálise, desde as primeiras descobertas de Freud com as históricas, busca, no centro do psiquismo, qualquer proposta clínica que pretenda respeitar a subjetividade e a singularidade de um indivíduo. Freud, ao reportar-se à Idade Média, afirma que, para ele, as possessões demoníacas correspondem às neuroses estruturadas a partir da correspondência interna entre os demônios que são nossos desejos reprovados, não aceitos e filhos de nossas moções pulsionais descartadas e recalçadas. Da mesma forma, as doenças dos tempos modernos, colocadas sob o rótulo de doenças somáticas, aparecem sob uma vestimenta hipocondríaca e disfarçadas em doenças orgânicas. Freud lembra, então, que as neuroses do tempo da infância nos permitem apreender sem grande esforço, praticamente a olho nu, o que mais tarde só poderá ser compreendido numa pesquisa mais aprofundada, e correlaciona essa afirmação à facilidade de se compreender as afecções nervosas dos séculos passados, mesmo que as encontremos sob outros rótulos, que nos remetem facilmente às etiquetas das neuroses de hoje. Ele compara a teoria “demonológica” dos tempos primevos às concepções somáticas do período das ciências modernas, quando há a tendência a se colocar fora do psiquismo a origem das manifestações nervosas. Freud conclui, então, que a teoria demonológica daquelas épocas sombrias ainda consegue levar a melhor sobre todas as visões somáticas do período científico. Enquanto as ciências atuais buscam fora do psiquismo as

⁴⁶¹ FREUD, A perda da realidade na neurose e na psicose, p. 232.

⁴⁶² RIBEIRO, O lugar do psicanalista em uma clínica das psicoses: algumas reflexões, *PSYCHÊ*, IX (16): 169.

causas das doenças somáticas, sabemos que as neuroses nascem no nosso interior pela força dos poderes psíquicos de forma semelhante à crença que vigorava na Idade Média, quando se atribuía às entidades anímicas o aparecimento das manifestações nervosas. Aos olhos da psicanálise, “os demônios são desejos maus e repreensíveis, derivados de impulsos instintuais [moções pulsionais] que foram repudiados e reprimidos [repudiadas e recalçadas]” e fazem a sua morada no interior do nosso psiquismo.⁴⁶³

Freud, indiscutivelmente, avançou ao mostrar a importância da defesa na etiologia da doença psíquica, ao considerar a composição da série etiológica, em qualquer paciente, minimizando a prevalência de uma possível degenerescência orgânica, como vigorava no saber psiquiátrico da sua época. Como nos lembra Ribeiro, “Desde Freud, e isso não parece ter se modificado, sabemos que o ser humano sofre e adocece de motivos que desconhece. Sabemos pouco de nós mesmos, e mesmo aquilo que desconhecemos existe e atua em nós.”

464

Freud revelou a força da pulsão pela incidência da sexualidade da grande sedutora sobre o corpo da criança, no auto-erotismo, e pelo eco da interdição paterna no sentido do que este gozo primordial tem de impossível. Ele marcou assim o lugar do pai e de uma nova ordem na organização social, a da paternidade. Desse modo, para Freud, a causa de grande parte das doenças depende do jogo dinâmico, econômico e tópico da força das pulsões, em um determinado psiquismo, quando se leva em conta o que se refere à disposição devida à fixação da libido, em decorrência da constituição sexual e das vicissitudes do que possa ter sido vivenciado pelo sujeito em relação ao seu complexo edípico, acrescido do evento traumático atual desencadeador da crise. No modelo freudiano, a construção subjetiva dependerá assim de uma organização central egóica decorrente desse jogo pulsional, das exigências da realidade, em consonância com a regulação do supereu, como herdeiro do complexo de

⁴⁶³ Cf. FREUD, Uma neurose demoníaca do século XVII, p. 91.

⁴⁶⁴ RIBEIRO, O lugar do psicanalista em uma clínica das psicoses: algumas reflexões, *PSYCHÊ*, IX (16): 177.

Édipo, tendo como resultado o sintoma como uma identidade singular, mesmo considerada a sua inserção em uma determinada estrutura clínica. Mandil lembra que o mito da pulsão necessariamente complementa os “romances da perda de gozo”, indicando que esse “romance” não se detém sobre um lamento, mas prossegue sob a forma insuspeitável do sintoma.⁴⁶⁵ Nesse sentido, a psicose representa uma organização defensiva que se articula contra as falhas extremamente precoces e diz respeito à constituição do ego que não vivenciou o complexo de Édipo. É por isto que, segundo Ribeiro,

[...] a retomada das contribuições psicanalíticas para o entendimento das psicoses revela-se enriquecedora para a construção não apenas de um saber diferenciado sobre a psicose, mas de um campo de intervenção que não descarte o potencial da aposta nos sujeitos singulares para a construção de seus lugares.⁴⁶⁶

Na *mitologia das pulsões*, Freud reconheceu a *loucura* que bordeja a sua própria construção teórica, ao equipará-la à construção dos raios de Schreber que fazem sua morada no interior de qualquer psiquismo:

Os ‘raios de Deus’ de Schreber, que se constituíam de uma condensação de raios de Sol, fibras nervosas e espermatozóides, nada mais são, na realidade, que uma representação concreta e uma projeção para o exterior de catexias libidinais, e emprestam assim a seus delírios uma conformidade marcante com nossa teoria.⁴⁶⁷

Para Freud, Schreber é falado pelo seu inconsciente. Assim, se cada época define de uma forma singular a loucura que a atravessa, não só a psicanálise freudiana, mas também a lacaniana, mostram que a loucura está em dependência direta da relação do gozo do vivente com o Outro da linguagem.

A psicanálise freudiana, ao operar com o mito edípico da lei que instaura no inconsciente a interdição do gozo ao ser falante, colocou a castração como a principal referência do sujeito. A castração significa que, do inconsciente, o sujeito só obtém uma

⁴⁶⁵ MANDIL, *Os efeitos da letra*: Lacan leitor de Joyce, p. 91.

⁴⁶⁶ RIBEIRO, O lugar do psicanalista em uma clínica das psicoses: algumas reflexões, *PSYCHÊ*, IX (16): 175.

⁴⁶⁷ FREUD, Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (Dementia paranoides), p. 103-4.

referência negativa: o que lhe falta é equivalente a um gozo que no inconsciente só poderá ser indicado como o não realizado. O objeto definido por Freud sobre o qual vem depositar-se a libido — pessoa ou coisa — é constituído como aquele ou aquilo que ocupa o lugar do que falta ao sujeito. Nesse sentido, o objeto torna-se o eco da falta ao sujeito. Assim, a tese freudiana da libido objetal não poderá ser compreendida sem a referência à castração como estruturação do inconsciente. Freud, ao questionar a existência da libido objetal na psicose, não questionou concomitantemente a existência de inconsciente no psicótico. Da mesma forma, Freud não questionou se o psicótico acede à significação da castração. No estudo que fez do caso Schreber, pode-se perceber que, para Freud, há recalçamento, e que o psicótico é sujeito de um inconsciente. Ele buscou nas formações delirantes de Schreber a possibilidade de deciframento do inconsciente na psicose. A tese freudiana foi a de que as formações delirantes revelam a tentativa de o inconsciente levar a libido até o objeto, ou, então, transformar parte da libido narcísica — que infla o eu na psicose — em libido objetal.

Lacan, psiquiatra de formação, relata que seu interesse por Freud iniciou-se a partir do caso *princeps* de sua tese de doutorado, o famoso caso *Aimée*, que lhe permitiu perceber que o *saber se inventa*. A preocupação constante de Lacan foi conceber uma teoria que desse lugar à compreensão da estrutura da psicose e da maneira como o psicanalista poderia acercar-se do sujeito psicótico, pois a libido retirada dos objetos do mundo exterior, ao inflar o eu, interfere na possibilidade de transferência necessária ao processo analítico.

Lacan lembra que a topologia psíquica por Freud inaugurada é um *saber inventado*, pois ela é totalmente distinta daquela provável a partir de um paralelismo imediato entre a forma dos fenômenos e suas vias de condução no neuro-eixo. Freud, por intermédio dos sonhos, abriu o campo do inconsciente e se preocupou em descrever sua dinâmica sem se sentir acorrentado a qualquer preocupação de localização cerebral.

Lacan fala, então, que o perigo de delirar como Schreber, não o intimida como não intimidou Freud, ao reconhecer que no drama da loucura, o que se encontra em pauta, é a relação do homem com o significante. Assim, é necessário escutar aquele que fala “quando se trata de uma mensagem que não provém de um sujeito para-além da linguagem, mas de uma fala para-além do sujeito.”⁴⁶⁸

Lacan ratificou a idéia freudiana da existência do inconsciente na psicose, porém, sob o prisma da teoria da forclusão. Para ele,

O psicótico defende-se do lugar em que foi colocado por meio da forclusão. Esta funciona como um ponto de partida para a criação de uma prótese para algo que não aconteceu: a amarração em torno de uma organização central que organize o sujeito como tal, a função paterna. Daí a errância e a impossibilidade de se referenciar, o que faz com que o psicótico tenha que conhecer tudo para se localizar, perdendo-se logo a seguir. [...] Sua defesa é a criação de uma metáfora, de algo que vá além do mero pedaço de carne, que o torne mais do que isso — uma defesa contra ser destinado a ser coisa. É a possibilidade de *autoria, de falar em nome próprio*. O sujeito é interpelado pelo mundo a se posicionar e movimenta-se de sua errância para a construção de um saber de si e do mundo [...] com as singularidades de um saber psicótico.⁴⁶⁹

Contudo, Lacan vai separar-se de Freud ao dizer que o trabalho do delírio e a estrutura que ele traz à luz não são os mesmos do Inconsciente. Para Lacan, o psicótico se prende ao saber do delírio, às suas construções delirantes com uma convicção que se baseia em algo impossível de demonstrar — em um Real que é a ancoragem de um ponto de certeza que serve como partida para o esforço de elaboração de um saber. “No psicótico, não há passado, nem história, e ele necessita de um saber totalizante, absoluto, sem margem para dúvidas. O delírio surge como a criação que substitui aquilo que ele não tem e referencia sua existência.”⁴⁷⁰

Nesse sentido, Joyce é um desabonado do inconsciente, pois sua escritura se dá num estatuto de letra de gozo, em que os elementos apresentam uma literalidade que é a própria Coisa e que não existem sob a chancela do Simbólico no Inconsciente. Lacan aproximará o

⁴⁶⁸ LACAN, De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose, p. 581.

⁴⁶⁹ RIBEIRO, O lugar do psicanalista em uma clínica das psicoses: algumas reflexões, *PSYCHÊ*, IX (16): 174.

⁴⁷⁰ RIBEIRO, O lugar do psicanalista em uma clínica das psicoses: algumas reflexões, *PSYCHÊ*, IX, (16): 174.

estatuto do delírio na psicose do estatuto que tem o fantasma nas neuroses. O delírio, como o fantasma, é um *saber inventado* com uma significação fixa. Para Lacan, o fantasma na neurose é pura ficção, porque se tece de um tramado, por intermédio do Simbólico e do Imaginário, para ignorar e envolver o Real. Já na psicose, o delírio não ignora o Real, pois parte do Real que se impõe e não é ficção para alojar uma verdade. É um *saber inventado* para alojar, no Simbólico e no Imaginário, aquilo que no Real não cessa de se fazer presente, de demonstrar-se incessantemente. Para Ribeiro: “O delírio pode ser aproximado do sintoma, posto que revela e é fruto da intrincada organização psicótica, uma construção que busca remendar o que não foi inscrito, possibilidade de comunicação de uma verdade.”⁴⁷¹

Ao contrário do neurótico que, na análise, busca saber o que os seus sintomas querem dizer, o psicótico sabe o que dizem os fenômenos que lhe acometem e sofre por não poder subtrair-se ao que lhe é imposto na dimensão da certeza. Enquanto o neurótico possui como ponto de partida na transferência a referência ao Outro — O que sou? O que quer o Outro de mim? O que quer o Outro que eu seja? —, o psicótico produz uma resposta sobre o seu ser que considera inaceitável, na injúria de sua designação como resto de gozo do Outro.

O inconsciente se mostra como verdade na falha de um saber no Simbólico. Lacan diz que o inconsciente é o Real no ponto em que não há um saber, naquilo que o saber é impossível, já que o Simbólico não consegue abarcar este saber impossível, seja qual for a estrutura clínica. Assim, o conceito de inconsciente como detendo um saber capaz de responder ao efeito de sentido, já não consegue prevalecer como uma verdade inquestionável para Lacan, como o foi para ele na época do estruturalismo, quando se referia à cadeia de significantes que se posicionavam na construção de um sentido ao redor de um vazio, como ponto de sutura da linguagem. Há algo que foge ao sentido e que possui uma força visível no gozo do sintoma. Assim, o sintoma poderá desdobrar-se de uma metáfora, cujo sentido poderá

⁴⁷¹ RIBEIRO, O lugar do psicanalista em uma clínica das psicoses: algumas reflexões, *PSYCHÊ*, IX, (16): 174-5.

ser perscrutado e desvendado, até o sintoma somático e auto-erótico, que não porta um sentido e que se mostra autista e não social, podendo chegar ao estatuto da letra de gozo carregada pelo pulsional de uma metonímia célere, que se mostra em um *saber fazer* compulsivo, numa mistura de elementos heteróclitos, que, no entanto, poderá assegurar o sentido da vida para um sujeito, conforme é possível ver em Arthur Bispo do Rosario.

A clínica da suplência foi desenvolvida por Lacan, para atender ao seu pedido feito aos demais psicanalistas no sentido de não recuarem diante da psicose. Corresponderia exclusivamente ao trabalho da psicose como resposta à forclusão do Nome-do-Pai. Ao se aproximar dos textos de Joyce, Lacan levou em consideração a psicanálise como prática indissociável de sua teoria e buscou um suporte para a renovação do conceito psicanalítico de sintoma e do Real do gozo da letra, na tentativa de chegar aos limites da prática psicanalítica, “uma vez que o escritor, no rigor de seu trato com a língua e com a satisfação a ela atrelada, vai, a seu modo, na mesma direção do que de melhor uma psicanálise pode almejar em seu fim.”⁴⁷²

A extensão da clínica da suplência à neurose dependeu da construção lacaniana do objeto *a*, resto irreduzível à simbolização. O objeto *a*, ao não pertencer à cadeia significante, corresponde a uma perda no Real do ser vivente, quando da sua entrada na linguagem. O objetivo da cura passa a ir além da operação sobre o Simbólico num processo de pacificação, pois irá também aplicar-se sobre o Um do gozo de forma subtrativa, quando a obra será sobrestada na posição do objeto *a*. Esta possibilidade implica, inclusive, a sua invenção por meio de um artifício que seria a nomeação do Simbólico, artifício que, na topologia lacaniana, corresponderia ao quarto anel, o sintoma, que endoa os três registros: o Real, o Simbólico e o Imaginário, podendo, a partir dele, ser construído o *sinthome*.⁴⁷³

⁴⁷² MANDIL, *Os efeitos da letra: Lacan leitor de Joyce*, p. 19.

⁴⁷³ ALEMÁN & PEREÑA, Presentación, *Estudios Psicoanalíticos - Locura: clínica y suplencia*, (2): 10.

Lacan mostrou que, antes da introdução do complexo de Édipo na construção subjetiva, há as extrações do objeto *a*, como resultado das diversas formas de separações erógenas, em relação à satisfação pulsional. Assim, ficaria difícil supor a anterioridade da função paterna em relação à pulsão. Isso implica assumir o caráter primordial do gozo na constituição do sujeito, que sendo puramente auto-erótico, é anterior à elucubração sobre a relação entre a lei e o desejo no complexo de Édipo.

Assim, a função paterna, a partir do conflito fecundo, em conjunção com os demais componentes da série etiológica, configurará a construção do sintoma neurótico, a partir do mesmo, a possibilidade do *saber fazer* com o *sinthome*, numa outra lógica em que a essência e a evidência de uma singularidade se mostram proporcionais à opacidade cada vez maior daquilo passível de ser construído. Dessa maneira, a suplência não é algo dado e sim passível de ser construído por cada sujeito, numa posição essencialmente ativa, a partir das vivências e dos conflitos interiores, quando a magnitude do pulsional torna-se um dos fatores mais relevantes para a consideração dessa dinâmica. Freud, ao se referir à introdução do fator econômico na série etiológica, em 1916-17, nas suas *Conferências introdutórias sobre psicanálise* fala: “Pode-se mesmo supor que a disposição de todos os seres humanos é qualitativamente semelhante e apenas difere em virtude dessas condições quantitativas.”⁴⁷⁴

A clínica da suplência alcança uma extensão maior, não só pelo fato de se entender à neurose, mas também pela possibilidade de revelar que o próprio enodoamento que representa uma determinada estrutura clínica possa vir a desenodoar-se. Uma estrutura psicótica, porém, mesmo sem desestabilizar-se, como é o caso de Joyce, poderá ser representada topologicamente, mostrando a suplência que a sustenta. Naqueles casos em que possa ocorrer uma desestabilização, as suturas, que sustentaram uma estrutura clínica até a ocorrência do

⁴⁷⁴ FREUD, Os caminhos da formação dos sintomas, p. 437.

surto, poderão ser inferidas, no *après coup*, a partir das causas traumáticas atuais desencadeantes, conforme a série etiológica singular daquele sujeito.

No nó borromeano não há prevalência do registro Simbólico, e sim suplência, seja do sintoma como o quarto nó que enodoa os registros, seja na solução paranóica do falso trevo pelo grude imaginário, seja na construção do *sinthome*, a partir do sintoma na reparação sinthomática do erro ou dos erros de enodoamento, em uma determinada estrutura clínica.

Lalíngua, no ensino final lacaniano, ao não abarcar um conjunto de representações, permite pensar o Simbólico além da supremacia do significante, ao introduzir a estrutura da marca, do traço, da letra e da insígnia. Assim, o gozo é o limite da cadeia significante, mas é o sem sentido. O gozo limite não é, a princípio, passível de enodoamento. Como não tem regulação natural, pois é o pulsional puro, poderá chegar a arrasar e destruir o ser vivente.

França Neto lembra que a existência do gozo só é concebível em relação à linguagem de forma subtrativa, pois se o gozo for atingido no seu cerne, deixaríamos de ser seres de linguagem. O gozo, como “grandeza negativa”, estrutura o campo da realidade e a forma como ele vai ser convertido em saber, determinando a estrutura clínica do sujeito: “A inconsistência, que se corporifica no gozo, é aquilo que desconstitui a consistência da linguagem. O indecível não necessariamente destrói a consistência do sistema, apenas a deixa em suspenso”⁴⁷⁵

Na tentativa de cercear esse gozo, o psicanalista deverá procurar assistir ao psicótico na sua reconstrução subjetiva, de tal forma que ele consiga se postar como sujeito, inclusive no delírio inventado que possa dar-lhe um sentido na vida. O psicanalista, para conseguir alcançar este intento, só poderá intervir no lugar do Outro que aloja o sujeito, mas não lhe dá consistência, ao se oferecer na posição do Outro como um lugar vazio. O psicótico estará só

⁴⁷⁵ FRANÇA NETO, Considerações matemáticas sobre o gozo na neurose e na psicose, *Ágora*, II (2): 92-3.

para inventar um saber que faça suplência ao buraco formado pela forclusão do Nome-do-Pai, mesmo tendo ao seu lado o psicanalista. Nesse sentido Ribeiro lembra que:

O analista abre-se à escuta, busca encontrar sentidos, construir significações. Sustenta com seu corpo e sua presença a possibilidade de um tratamento, a disposição de estar junto e a abertura para viver experiências que ajudem o paciente a colocar-se em movimento. Mantém-se reservado, não se mostrando mais do que o necessário para que o outro saiba que está acompanhado de alguém, de um ser existente.⁴⁷⁶

A função do sujeito não se define na psicanálise apenas com a significação fálica da falta, mas se define estruturalmente como a separação entre o gozo do sujeito e o Outro. A psicanálise, então, deverá ser levada até esse limite, quer no atendimento a neuróticos ou a psicóticos, ao acompanhá-los na reconstrução de uma posição de sujeito nesse *saber inventado*, ao visar a cercear o gozo na construção e na sustentação subjetivas possíveis.

No caso da psicose, se o psicanalista estiver atento ao saber que o psicótico inventa, estará em condições de acolher a construção do sujeito que poderá, então, funcionar para ele como suplência, como um sintoma. Assim, o sintoma na psicose, ao permitir um posicionamento do sujeito, quer como acontecimento quer como história, numa metáfora delirante, permitirá a construção de um psiquismo pelo qual o sujeito poderá movimentar-se na possibilidade de existir e de criar no *sinthome*. É por esta razão que, para Ribeiro, “Quando um psicótico produz um delírio, apresenta a substância com a qual é possível iniciar um novo jogo: aquele da articulação entre essa sua história delirante tão singular, cheia de certezas e de convicções isoladas e a história do mundo.”⁴⁷⁷

Em decorrência da tese freudiana do retorno da libido sobre o eu na psicose, ou, então, pela reformulação feita por Lacan de que o psicótico se coloca como objeto *a*, dejetado do Outro presentificado por inteiro no Real, não se pode esperar que o psicótico coloque o analista na posição de sujeito suposto saber. O psicótico não espera que o psicanalista seja intérprete de

⁴⁷⁶ RIBEIRO, O lugar do psicanalista em uma clínica das psicoses: algumas reflexões. *PSYCHÉ*, IX (16): 178.

⁴⁷⁷ RIBEIRO, O lugar do psicanalista em uma clínica das psicoses: algumas reflexões. *PSYCHÉ*, IX (16): 179.

uma verdade por vir no saber, como depositário do secreto sentido de seu ser para o Outro. No desencadeamento da psicose, a única verdade é aquela que se impõe ao sujeito, absoluta, revelada abruptamente, numa ruptura da cadeia discursiva que, antes do surto, ainda se presentificava na sua mente. O psicótico vê seu mundo pessoal sacudido pelo retorno do foracluído do Simbólico no Real. A identificação que acreditava possuir, que o sustentava no desempenho da função assumida na relação com os outros, se vê subitamente ameaçada. A sua inserção no Simbólico revela-se precária na cadeia que antes assegurou sua representação de sujeito no Simbólico. Nesse sentido, Gallano ratifica: “Irrompe um significante que não remete a outro significante, que remete a um Real.”⁴⁷⁸ E ainda, para a psicanalista: “Esses significantes, presentes nos fenômenos elementares, deixam o sujeito suspenso em um indecível vazio, na borda do buraco que se abre em seu mundo, no lugar onde antes habitava o sentido.”⁴⁷⁹ Para se proteger do perigo que o ameaça — o seu aniquilamento como sujeito — o psicótico haverá de restaurar no Outro a ordem que limitará o gozo pelo qual o Outro não responde.⁴⁸⁰ No psicótico, não há significante que possa referendá-lo, não há verbo que a ele se refira e que possa se fazer carne. O significante, na rede do discurso, ao não anunciar nada do sentido da vida, só fala da morte do sujeito. Assim, Gallano complementa: “Na psicose, o significante, ao deixar intacto o gozo, ao não barrá-lo do mundo do discurso, não deixa intacto o sujeito, que não encontrará, então, sua equivalência de vivo no simbólico.”⁴⁸¹ Há uma irrupção das palavras e dos significantes que caem sobre o psicótico, ameaçando-o na iminência de um gozo mortífero que ele não consegue expressar na sua perplexidade, gozo ao qual assiste atônito, numa vivência de catástrofe subjetiva. Há, assim, o retorno, no Real,

⁴⁷⁸ GALLANO, ¿Que puede esperar un psicótico de un psicoanalista? *Estudios psicoanalíticos – Locura: clínica y suplencia* (2): 108. (Tradução pessoal livre do espanhol).

⁴⁷⁹ GALLANO, ¿Que puede esperar un psicótico de un psicoanalista? *Estudios psicoanalíticos – Locura: clínica y suplencia* (2): 108. (Tradução pessoal livre do espanhol).

⁴⁸⁰ Cf. GALLANO, ¿Que puede esperar un psicótico de un psicoanalista? *Estudios psicoanalíticos – Locura: clínica y suplencia* (2): 107.

⁴⁸¹ GALLANO, ¿Que puede esperar un psicótico de un psicoanalista? *Estudios psicoanalíticos – Locura: clínica y suplencia* (2): 107. (Tradução pessoal livre do espanhol).

do significante que atenta para o seu ser de vivente, segundo uma norma de mortificação por intermédio do significante. Schreber dá o testemunho de que sua morte está anunciada no significante, nos noticiários dos jornais, e crê nesta verdade com um gozo insuportável e não simbolizável. No momento em que se desencadeia o surto, o sujeito se vê confrontado com esse vazio da ausência da função paterna, quando o Nome-do-Pai não foi eficaz para sustentar a sua posição de sujeito em relação ao lugar ocupado pelo Outro. Esta se transformará na principal dificuldade a ser vencida pelo psicanalista, pois para o psicótico, o Outro é absoluto e detém o conhecimento da verdade sobre ele. É necessário que o psicanalista se coloque ao lado do psicótico, procure compreender seu esforço na tentativa delirante de construir uma identidade — único sustento momentâneo de sua existência — e não se colocar em oposição ao sujeito, do lado do Outro, perigoso e perseguidor, que mortifica o ser. Nesse sentido, segundo Gallano, “Podemos falar do esforço saudável não só nos casos de delírio de redenção, pois sejam quais forem os tipos de delírio, no horizonte está a esperada salvação, o ser, à espera de uma realização.”⁴⁸² A estabilização que o psicótico busca numa psicanálise dependerá, assim, não só da localização do gozo num *saber inventado*, mas também de encontrar um nome que seja digno de seu ser de sujeito. Para isso, o psicanalista lhe dará liberdade para elaborar os fenômenos que se presentificam na sua psicose no sentido de desenvolver com rigor o saber com que ele possa relacionar-se como sujeito. Segundo as palavras de Badiou: “Para se aceder ao amor do saber, único a romper com a paixão da ignorância, é preciso renunciar a todo amor da verdade.”⁴⁸³ E França Neto as complementa, “[...] se quisermos trabalhar com a hipótese de um sujeito na psicose, o tratamento tem que se propor a resgatar para dentro do campo os efeitos da inconsistência, por mais perigosos que sejam estes

⁴⁸² GALLANO, ¿Que puede esperar un psicótico de un psicoanalista? *Estudios psicoanalíticos – Locura: clínica y suplencia* (2): 108. (Tradução pessoal livre do espanhol).

⁴⁸³ BADIOU, A. Lacan e a filosofia, p. 66.

efeitos.”⁴⁸⁴ O psicanalista, ao não se oferecer como terapeuta, intervém para que o sujeito se comprometa com o que poderá ser chamado de autoterapia numa posição em que será o próprio sujeito que poderá construir algo para cercear o gozo. Contudo, mesmo sendo um *saber inventado*, o delírio permite perceber qual é a estrutura do sujeito no rastro de uma *père version* do gozo do pai, pois ele se sustenta sobre vivências anteriores de uma história rejeitada e que deverá ser reconstruída. A estabilização pelo delírio tem a ver com a posição que ocupa o sujeito na sua relação com o ser de gozo que o *saber inventado* constrói, conforme o que possa ser alojado no Outro. O trabalho delirante é, assim, a tentativa de limitar a enfermidade incurável do gozo que não encontrou limite no Outro e, nesse sentido, há também, por seu intermédio, a tentativa de se fazer um laço com o Outro. Em contrapartida, a posição a ser ocupada pelo analista estará em consonância com as significações delirantes, pois o psicótico vai demandá-lo da mesma maneira que chama as instâncias que considera capazes de garantir a ordem que constitui a sua preocupação. Assim, o analista, ao acolher o psicótico, ficará no lugar do que responde à ordem que falta ao Outro. Como o psicótico permanece na posição em que acolhe o saber proferido sobre seu ser, no momento do desencadeamento da crise espera que o psicanalista venha em seu auxílio. Da mesma forma, convoca o analista quando o delírio que tenta construir não consegue sustentá-lo, ao fracassarem as significações delirantes, ou quando a inércia do seu ser de gozo o confronta com a falha de sua existência. Nesse sentido, Gallano lembra: “O psicótico chama o psicanalista em uma transferência delirante que o convoca como Outro, não barrado, que encarnaria todo o poder de um significante ou todo saber do discurso.”⁴⁸⁵ A posição do psicanalista é a de não contradizer ou confirmar o delírio. Caso responda dando consistência ao lugar desse grande Outro, ele estará dando corpo à impostura de deter a verdade que daria

⁴⁸⁴ FRANÇA NETO, Considerações matemáticas sobre o gozo na neurose e na psicose. *Ágora*, II (2): 94.

⁴⁸⁵ GALLANO, ¿Que puede esperar un psicótico de un psicoanalista? *Estudios psicoanalíticos – Locura: clínica y suplencia* (2): 112. (Tradução pessoal livre do espanhol).

a razão de ser do sujeito psicótico. É sua função acolher o delírio, porém, abstendo-se de interpretar e de ocupar o lugar do poder ou do saber absoluto. O psicanalista sabe por sua própria análise que o significante não domina o gozo e que não elimina os perigos do Real. Deve lembrar-se também de que as identificações que poderão servir de abrigo ao sujeito psicótico, foi o sujeito mesmo que as encontrou, por invenção ou pela nomeação do Outro materno e que representam o seu suporte. Cabe ao psicanalista provocar o trabalho da psicose na transferência, sem interferir no trabalho do delírio. É importante também tomar uma posição no cerceamento do gozo e ser firme com um “não” a qualquer tentativa de passagem ao ato pelo seu paciente, segundo o gozo explicitado no delírio.

Assim, o psicótico deverá chegar à posição da qual parte o neurótico que porta um sintoma que o faz sofrer, porque nele está manifesto um gozo que não é do seu agrado, que o mantém sob amarras, mas que, paradoxalmente, lhe dá uma sustentação como sujeito. “O delírio é paradoxal: encarcera e possibilita o movimento.”⁴⁸⁶

Em decorrência do exposto, na psicose, a importância da clínica da suplência mostra-se de forma mais radical, pois o sujeito, na tentativa de modelar o vazio sobre o qual tenta se sustentar sem o apoio da função paterna, terá no criacionismo da obra como *sinthome*, a própria possibilidade de sua existência, ao buscar dar forma a algo que dê sentido à sua vida, na tentativa de circunscrever o gozo avassalador do Outro absoluto, que poderá destruí-lo.

É por isso que a clínica precisa ser mais responsável pelo diagnóstico, porque, se sobram buracos, o sujeito psicótico assintomático precisa possuir condições para se segurar e o psicanalista tem que ter cuidado para não desconsiderar a solução que o sujeito construiu — o seu *sinthome*. É nesse acolher e fazer circular, nesse circunscrever que se pode operar certo tratamento do gozo, ao se tentar tornar menos insuportável o que cada sujeito poderá fazer a partir da sua história de vida.

⁴⁸⁶ RIBEIRO, O lugar do psicanalista em uma clínica das psicoses: algumas reflexões. *PSYCHÊ*, IX (16): 175.

Na contemporaneidade, Lacan estende a forclusão, como sinal patognomônico da psicose, como retorno do Nome-do-Pai no Real, também ao social, como um adendo da primeira clínica, a das estruturas subjetivas, à clínica do Real do gozo:

É bem estranho que aqui o social tome um predomínio de nó, e que literalmente produza a trama de tantas existências. Ele detém esse poder do “nomear para” ao ponto de que, depois de tudo, se restitua com isso uma ordem que é de ferro; que essa marca apareça como o retorno do Nome-do-Pai no Real, que é precisamente por estar o Nome-do-Pai *verworfen*, forcluído, rechaçado. É com esse título que se designa essa forclusão, a partir da qual se diz o princípio da loucura mesma. Acaso esse “nomear para” não é o signo de uma degenerescência catastrófica?⁴⁸⁷

Assim, a não efetividade da função paterna poderá ser suprida também por outra solução na função social do *nomear para*, no sentido em que se outorga uma tarefa, a encomenda de um projeto para alguém. É a estrutura do desejo sempre definido como o desejo do Outro, e será a mãe, muitas vezes, que passará a ocupar o vazio ou a demissão paterna para o sujeito. É uma ordem restitutiva, em suplência à ausência da ordem instituída pela função paterna, e, nesse sentido, acarreta os resultados da falta de dialetização, dos significados plenos, das significações inefáveis do campo do Imaginário. Esta é a marca do retorno do Nome-do-Pai no Real. Assim, a *nomeação como* artista, como magistrado, como policial, e tantas outras nomeações são o que, muitas vezes, poderão sustentar psicóticos, no campo do social. Assim, não basta apenas o sujeito escrever, mesmo que a própria narrativa seja suficiente para alguma contenção do gozo do objeto órgão *a* não velado pelo brilho fálico. Para alguns sujeitos, é necessário que haja essa *nomeação para*, esse posicionamento construído como um possível laço com o Outro, na circunscrição do gozo, que suporte o posicionamento do sujeito no mundo.

A última visada lacaniana da topologia permitirá o desenho de um contínuo de possíveis representações de enodoamentos, conforme o saber inventado singular de cada sujeito,

⁴⁸⁷ LACAN, *O seminário, livro 21: les non-dupes errent*, lição 10, do dia 19/03/1974. (Tradução livre do espanhol do CD *El seminário de Jacques Lacan*).

premissa básica da psicanálise que se aplica também às formações do inconsciente, porém, sempre alicerçada na consistência de uma teoria geral rigorosa, formalizada e fundamentada sob uma *práxis* que lhe é peculiar e que difere de qualquer outro discurso do universo humano. Nas próprias palavras de Lacan, a psicanálise busca, ao respeitar a divisão do sujeito, não tamponar essa divisão, mas alicerçá-lo para que ele encontre a solução singular, na sua reconstrução de *parlêtre*:

É pela restituição enquanto tal do sujeito, enquanto ele próprio não pode ser senão dividido pela própria operação da linguagem, que a análise encontra sua difusão. Ela encontra sua difusão no fato de que coloca em questão a ciência como tal, ciência na medida em que ela faz de um objeto um sujeito, sendo que é o sujeito que é dele mesmo dividido.⁴⁸⁸

Todas essas considerações nos mostram, afinal, que a obra como *sinthome* em Bispo do Rosario é o exemplo da importância do *saber fazer com o sintoma puro* da psicose. A partir da metáfora delirante de redenção na *nomeação* de seu patronímico, ele construiu um sintoma na incipiência de um psiquismo pelo qual pôde movimentar-se e conquistar a sua possibilidade de existir. Bispo do Rosario vinculou-se a uma história, construiu uma obra como cerca de mil peças, tendo ao centro o Manto do Reconhecimento como um *ego* no Real e o principal representante de si mesmo, dentro do qual ele se protegeu como um pavês, em suplência à ausência da palavra do pai glorificado, a ser formado pelas identificações edípicas presentes no eu como instância psíquica. Ao conseguir dar sentido à sua vida, Arthur Bispo do Rosario pôde movimentar-se pelo mundo, posicionar-se frente aos outros e viver até os 80 anos de idade. Tomando emprestadas as palavras de Ribeiro, que as empregou em outro lugar, poderíamos dizer que o Manto do Reconhecimento é, afinal, “a criação de um conteúdo em um lugar anteriormente vazio, ou em um lugar atravancado de coisas em desordem.”⁴⁸⁹

⁴⁸⁸ LACAN, *O seminário, livro 23: Joyce, o sinthome*, p. 28-9, lição do dia 09/12/1975. (Mimeografado).

⁴⁸⁹ RIBEIRO, O lugar do psicanalista em uma clínica das psicoses: algumas reflexões. *PSYCHÊ*, IX (16): 179.

Referências bibliográficas

- A Bíblia Sagrada. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- ALEMÁN, J. & PEREÑA, F. Presentación. In: ALEMÁN, J. & PEREÑA, F. *Locura: clínica y suplencia*. Publicación Anual de Estudios Psicoanalíticos. Escuela Europea de Psicoanálisis. Madrid: DOR S.L., 1994, v. 2. (Campo Freudiano).
- ANZIEU, D. *O Eu-pele*. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.
- BAAS, B. O sacrificio e a lei. In: BAAS, B. *O desejo puro*. Rio de Janeiro: Revinter, s./d. (Coleção Freudiana).
- BADIOU, A. Lacan e a filosofia. In: *Conferências de Alain Badiou no Brasil*. Belo Horizonte, 1999. (Apresentação e organização: Célio Garcia).
- BADIOU, A. Lacan e o Real. In: *Conferências de Alain Badiou no Brasil*. Belo Horizonte, 1999. (Apresentação e organização: Célio Garcia).
- CARVALHO, A. C. Editorial. In: *Psychê*. São Paulo. IX (16): 9-10, jul-dez/2005.
- CASTELLO BRANCO, L. Loucuraturas. In: CASTELLO BRANCO, L. (Org.). *Coisa de louco*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- CASTELLO BRANCO, L. Em nome do Pai, em nome do Filho. In: CASTELLO BRANCO, L. (Org.). *Coisa de louco*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- CESAROTTO, O. e LEITE, M. P. S. *Jacques Lacan: uma biografia intelectual*. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 2001.
- CHEMAMA, R. *Dicionário de psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- CHORNE, M. L., Una clínica de las suplencias: renovación del problema de la transmisión de la psicosis. In: ALEMÁN, J. & PEREÑA, F. *Locura: clínica y suplencia*. Publicación Anual

de Estudios Psicoanalíticos. Escuela Europea de Psicoanálisis. Madrid: DOR S.L., 1994, v. 2. (Campo Freudiano).

FRANÇA NETO, O. Considerações matemáticas sobre o gozo na neurose e na psicose. In *Ágora*. Rio de Janeiro: Contra Capa, II (2): 81-94, jul-dez/ 1999.

FERREIRA, A. B. H. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FREUD, A. *O ego e os mecanismos de defesa*. Rio de Janeiro: Biblioteca Universal Popular, 1968.

FREUD, S. (1950[1895]). Projeto para uma psicologia científica. 2. ed. In: FREUD, S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1987, vol. I.

FREUD, S. (1896). Rascunho K. In: FREUD, S. Obras completas. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987, vol. I.

FREUD, S. (1896). Carta 52. In: FREUD, S. Obras completas. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987, vol. I.

FREUD, S. (1897). Carta 61. In: FREUD, S. Obras completas. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987, vol. I.

FREUD, S. (1897). Carta 69. In: FREUD, S. Obras completas. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987, vol. I.

FREUD, S. (1897). Rascunho L. In: FREUD, S. Obras completas. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987, vol. I.

FREUD, S. (1897) Rascunho M. In: FREUD, S. Obras completas. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987, vol. I.

FREUD, S. (1895). *A psicoterapia da histeria*. In: FREUD, S. Obras completas. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1988, vol. II.

- FREUD, S. (1896). Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa. In: FREUD, S. Obras completas. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987, vol. III.
- FREUD, S. (1900-1901) *A interpretação de sonhos*. In: FREUD, S. Obras completas. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987, vol. V.
- FREUD, S. (1905 [1901]) *Fragmento da análise de um caso de histeria*. In: FREUD, S. Obras completas. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1989, vol. VII.
- FREUD, S. (1905) *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. In: FREUD, S. Obras completas. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1989, vol. VII.
- FREUD, S. (1905). *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. In: FREUD, S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1977, vol. VIII.
- FREUD, S. (1907[1906]). Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen. In: FREUD, S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976, vol. IX.
- FREUD, S. (1908[1907]). Escritores criativos e devaneios. In: FREUD, S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976, vol. IX.
- FREUD, S. (1908). Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna. In: FREUD, S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976, vol. IX.
- FREUD, S. (1910[1909]). *Cinco lições de psicanálise*. In: FREUD, S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1970, vol. XI.
- FREUD, S. (1910) Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância. In: FREUD, S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1970, vol. XI.
- FREUD, S. (1912) Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (Contribuições à psicologia do amor II). In: FREUD, S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1970, vol. XI.

FREUD, S. (1911). Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (Dementia Paranoides). In: FREUD, S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1969, vol. XII.

FREUD, S. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: FREUD, S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1974, vol. XIV.

FREUD, S. (1915 a). Os instintos e suas vicissitudes. In: FREUD, S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1974, vol. XIV.

FREUD, S. (1915 b) Repressão. In: FREUD, S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1974, vol. XIV.

FREUD, S. (1915) O inconsciente. In: FREUD, S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1974, vol. XIV.

FREUD, S. (1916-1917 [1915-1917]). *Conferências introdutórias sobre psicanálise* (parte III) - Conferência XXII: Algumas idéias sobre desenvolvimento e regressão – etiologia. In: FREUD, S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. XVI.

FREUD, S. (1916-1917 [1915-1917]). *Conferências introdutórias sobre psicanálise* (parte III) - Conferência XXIII: Os caminhos da formação dos sintomas In: FREUD, S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. XVI.

FREUD, S. (1920). *Além do princípio de prazer*. In: FREUD, S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976, vol. XVIII.

FREUD, S. (1923). *O ego e o id*. In: FREUD, S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976, vol. XIX.

FREUD, S. (1923 [1922]). Uma neurose demoníaca do século XVII. In: FREUD, S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976, vol. XIX.

FREUD, S. (1924). A perda da realidade na neurose e na psicose. In: FREUD, S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976, vol. XIX.

- FREUD, S. (1925). *Inibições, sintomas e ansiedade*. In: FREUD, S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976, vol. XX.
- FREUD, S. (1928 [1927]). Dostoievski e o parricídio. In: FREUD, S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1974, vol. XXI.
- FREUD, S. (1929). *O mal-estar na civilização*. In: FREUD, S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1974, vol. XXI.
- FREUD, S. (1937 a). Construções em análise. In: FREUD, S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1975, vol. XXIII.
- FREUD, S. (1937 b) Análise terminável e interminável. In: FREUD, S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1975, vol. XXIII.
- FREUD, S. (1938). *Esboço de psicanálise*. In: FREUD, S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1975, vol. XXIII.
- GALLANO, C. ¿Que puede esperar un psicótico de un psicoanalista? In: ALEMÁN, J. & PEREÑA, F. *Locura: clínica y suplencia*. Publicación Anual de Estudios Psicoanalíticos. Escuela Europea de Psicoanálisis. Madrid: DOR S.L., 1994, v. 2. (Campo Freudiano).
- GARCIA-ROZA, L. A. Pesquisa de tipo teórico. In: *Psicanálise e Universidade - Atas do 1º Encontro de pesquisa acadêmica em psicanálise*, n.º 1, fevereiro de 1994.
- GARCIA-ROZA, L. A. *Introdução à metapsicologia freudiana*, v. 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.
- HIDALGO, L. *Arthur Bispo do Rosário: o senhor do labirinto*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- KAUFMANNER, H. Aula gravada: O empuxo-à-mulher no ensino de J.Lacan, no Curso de Mestrado em Psicologia, Área de Concentração em Estudos Psicanalíticos da FAFICH/UFGM, em 23/06/2005.
- KLEIN, M. (1923). *Análisis infantil*. In: KLEIN, M. Obras completas. Buenos Aires: Paidós-Horme, 1978, vol. 2.

- KLEIN, M. (1930). *La importancia de la formación de símbolos em el desarrollo del yo*. In: KLEIN, M. Obras completas. Buenos Aires: Paidós-Horme, 1978, vol. 2.
- KLEIN, M. (1934). *Una contribución a la psicogénesis de los estados maníacos depresivos*. In: KLEIN, M. Obras completas. Buenos Aires: Paidós-Horme, 1978, vol. 2.
- LACAN, J. (1949). O estágio do espelho como formador da função do eu. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- LACAN, J. (1955-56). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- LACAN, J. (1960, retomado em 1964). Posição do inconsciente. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- LACAN, J. (1971). Lituraterra. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- LACAN, J. (1953) Discurso de Roma. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- LACAN, J. (1969). A lógica da fantasia. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- LACAN, J. (1967). O engano do sujeito suposto saber. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- LACAN, J. (1972). O aturrito. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- LACAN, J. (1975). Joyce, o Sintoma. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- LACAN, J. (1953-1954). *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (1954-1955). *O seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.
- LACAN, J. (1955-1956). *O seminário, livro 3: as psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

LACAN, J. (1956-1957). *O seminário, livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

LACAN, J. (1957-1958) *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

LACAN, J. (1959-1960) *O seminário, livro 7: a ética a psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

LACAN, J. (1960-1961) *O seminário, livro 8: a transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

LACAN, J. (1962-1963) *O seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

LACAN, J. (1964-1964) *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

LACAN, J. (1969-1970) *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, J. (1972-1973) *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

LACAN, J. (1973-1974) *O seminário, livro 21: les non-dupes errent*. CD *El seminario de Jacques Lacan*.

LACAN, J. (1974-1975) *O seminário, livro 22: R.S.I*. Rio de Janeiro: Contra Capa, s./d.

LACAN, J. (1975-1976) *O seminário, livro 23: o sintoma*. Mimeografado.

LACAN, J. (1976-1977) *O seminário, livro 24: l'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*. Mimeografado.

LACAN, J. *Nomes-do-Pai* (1973-1974). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

LAIA, S. *Os escritos fora de si: Joyce, Lacan e a loucura*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LAPLANCHE, J. *Problemáticas III: a sublimação*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

- LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.-B. *Vocabulário da Psicanálise*. 10^a. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- MANDIL, R. *Os efeitos da letra: Lacan leitor de Joyce*. Rio de Janeiro / Belo Horizonte: Contra Capa Livraria, Faculdade de Letras UFMG, 2003.
- MARSÁ, V. *Gran Diccionario: español português, português espanhol*. Madrid: Editorial Espasa Calpe, S. A., 2001.
- MAZZUCA, R., SCHEJTMAN, F. & ZLOTNIK, M. *Las dos clínicas de Lacan*. Buenos Aires: Tres Haches, 2000.
- MEZAN, R. Sobre a pesquisa em psicanálise. In: *Psychê*. São Paulo. II (2): 87-98, 1998.
- MEZAN, R. Psicanálise na pós-graduação. In: *Suplemento do Jornal do Psicólogo*, CRP-04, 18 (66): 3-4, mar/2000.
- MILNER, J.-C. *A obra clara: Lacan, a ciência, a filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.
- MORAIS, F. “Uma biografia em curso”, *Catálogo da exposição “Registros de minha passagem pela Terra”*, Museu de Arte de Belo Horizonte, julho/agosto de 1990.
- PELLEGRINO, H. Pacto edípico e pacto social. In: PY, L.A. *Grupo sobre grupo*, Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- PINTO, J. M. A instituição acadêmica e a legitimação de vocação científica da psicanálise. In: *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, 1999, v. 12, n. 3, p 681-695.
- POMMIER, G. *O desenlace de uma análise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.
- QUINET, A. *Teoria e Clínica da Psicose*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- ROUDINESCO, E. & PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

SANTIAGO, J. Aula gravada da disciplina Psicanálise e Psicopatologia – A angústia – Parte II, sobre *O seminário, livro 10: a angústia*, de J. Lacan, no Curso de Mestrado em Psicologia, da FAFICH/UFMG, em 11/08/2005.

SKRIABINE, P. La clínica del nudo borromeo. In: ALEMÁN, J. & PEREÑA, F. *Locura: clínica y suplencia*. Publicación Anual de Estudios Psicoanalíticos. Escuela Europea de Psicoanálisis. Madrid: DOR S. L., 1994, v. 2. (Campo Freudiano).

SOLER, C. El hijo necesario. In: ALEMÁN, J. & PEREÑA, F. *Locura: clínica y suplencia*. Publicación Anual de Estudios Psicoanalíticos. Escuela Europea de Psicoanálisis. Madrid: DOR S.L., 1994, v. 2. (Campo Freudiano).

SOLER, C. *A psicanálise na civilização*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1998.

RIBEIRO, A. M. O lugar do psicanalista em uma clínica das psicoses: algumas reflexões. In: *Psychê*. São Paulo. IX (16): 165-182, jul.-dez./2005.

RIVIERE, J. A feminilidade como máscara. In: *Psychê*. São Paulo. IX (16): 13-24, jul.-dez./2005.

TEIXEIRA, A. Forclusão generalizada: como é possível não ser louco? In: *Curinga*. Belo Horizonte. (14): 60-65, abr./2000. (Escola Brasileira de Psicanálise-MG).